



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF JOSÉ ALOÍSIO CAMPOS  
PROGRAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

RODRIGO OLIVEIRA BONFIM

NORMALIZAÇÃO DO BULLYING COMO RITUAL DE INTERAÇÃO  
ENTRE JOVENS NAS ESCOLAS PÚBLICAS

São

Cristóvão/SE

2022

RODRIGO OLIVEIRA BONFIM

NORMALIZAÇÃO DO BULLYING COMO RITUAL DE INTERAÇÃO ENTRE  
JOVENS NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Ivan Fontes Barbosa

São Cristóvão (SE)

2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

B713n Bonfim, Rodrigo Oliveira  
Normalização do bullying como ritual de interação entre  
jovens nas escolas públicas / Rodrigo Oliveira Bonfim ;  
orientador Ivan Fontes Barbosa. – São Cristóvão, SE, 2022.  
312 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade  
Federal de Sergipe, 2022.

1. Sociologia. 2. Assédio nas escolas. 3. Interacionismo  
simbólico. 4. Jovens e violência. 5. Sociologia educacional. 6.  
Escolas públicas. I. Barbosa, Ivan Fontes, orient. II. Título.

CDU 316.346.32-053.6

RODRIGO OLIVEIRA BONFIM

NORMALIZAÇÃO DO BULLYING COMO RITUAL DE INTERAÇÃO ENTRE  
JOVENS NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Ivan Fontes Barbosa

Banca Examinadora

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Ivan Fontes Barbosa (Orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Geovânia da Silva Toscano (DCS/UFPB)

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Marcelo Aláριο Ennes (PPGS/UFS)

## Dedicatória

Dedico esse trabalho ao meu pai Raimundo Correia Bonfim, paladim, *in memoria*, que sempre acreditou em mim e fez o possível e impossível para que eu tivesse acesso aos estudos, ainda que diante de todas as diversidades que enfrentávamos cotidianamente. Esse trabalho é TODO dedica ao senhor.

## Agradecimentos

Agradeço ao meu pai Raimundo Correia Bonfim, à minha namorada Joana A. Farias Souza, Jozinha, pela paciência e apoio nos momentos mais difíceis desde 2004. Agradeço ao professor Doutor Marcelo Ennes pela atenção, inspiração, sem o seu trabalho jamais cogitaria seguir o campo da Sociologia. Agradeço ao professor Doutor Mário César Pereira Oliveira, pelas aulas de Antropologia e pelo apoio quanto professor e amigo. Agradeço especialmente a meu orientador Doutor Ivan Fontes Barbosa pela paciência, compreensão de minhas limitações, pelo apoio todo esse trabalho, pela disponibilidade quando estava inseguro, pela preocupação de alcançar os melhores autores, autoras e metodologias possíveis para o desenvolvimento e conclusão dessa dissertação. Agradeço a Kathleen Pimentel dos Santos pelas conversas, apoio e ajuda na correção. Agradeço ao diretor Wagner pelo carinho e disposição em receber a pesquisa, agradeço à diretora Rejane, pela educação e compreensão quanto as adversidades. Agradeço ao secretário municipal de educação de Lagarto Magson Vinícius de Santana Almeida pelo apoio rápido e cortês. Agradeço à Universidade Federal de Sergipe por disponibilizar o ensino público e de qualidade ainda que sob os mais diversos problemas.

“Os sociólogos tem sido relutantes em fazer o exame atento do que se encontra debaixo dos seus narizes”.

Howard Becker

## Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar as relações micro interacionistas dos estudantes do ensino público que tem como principal ritual normalizado o bullying. Além de entender como são produzidos símbolos que são tidos como importantes para a manutenção do ritual de dominação. Analisar também a importância da atuação desses os atores e atrizes envolvidas nessa interação simbólica que tem como principal característica a dominação de um indivíduo sobre o outro. Como métodos de aferição de dados foram utilizadas ferramentas quantitativas e qualitativas para que houvesse uma maior abrangência quanto ao fenômeno social, já que este é uma construção social dinâmica e requer uma maior proximidade quanto aos atores e atrizes presentes na micro situação. Como ferramenta quantitativa foi utilizado o questionário, como principal norteador da percepção dos estudantes quanto ao fenômeno estudado, já que a perspectiva destes se torna cabal para que o trabalho, já que serviu para entender qual a profundidade no conhecimento do bullying destes estudantes e destas estudantes. Para a ferramenta qualitativa, foram utilizadas duas espécies de métodos: o grupo focal e a entrevista face a face. Através da formação de grupos focais, foi permitida uma maior abrangência quanto aos símbolos encontrados diante do ritual, quais são as perspectivas das vítimas e dos espectadores e espectadoras quanto a micro situação em que estavam estes e estas inseridos. A entrevista face a face foi de grande valia porque trouxe uma contribuição mais intimista graças ao segredo em que se encontrava o pesquisador e o entrevistados ou entrevistada. Durante estas foram colhidos diversos aspectos interessantes, dentre estes alguns depoimentos em que os entrevistados ou entrevistadas se demonstrava no papel de agressor ou agressora, ingrediente importante para a compreensão da situação e de seus indivíduos envolvidos. Esta dissertação trouxe uma proposta ligada à sociologia micro interacionista, cujo foco se direciona às micro interações e seus rituais. A proposta estabelecida por esse trabalho acadêmico se dá no campo em que símbolos são construídos socialmente em forma redes de rituais de interação, procurando perceber o bullying dentro do espaço escolar, seus atores e atrizes, seus símbolos contidos nesses rituais que se transformam em principais ferramentas de dominação diante do ambiente micro situacional, e como resultado percebeu-se que a principal forma de dominação dentro dos rituais de bullying se dá por símbolos transmitidos por outras redes de rituais de interação.

Palavras chaves: Bullying-Ritual-Atores-Micro sociologia-Juventude

## Abstract

This study aimed to analyze the micro-interactionist relationships of public school students whose main normalized ritual is bullying. In addition to understanding how symbols that are considered important for the maintenance of the domination ritual are produced. Also analyze the importance of the performance of these actors and actresses involved in this symbolic interaction whose main characteristic is the domination of one individual over the other. As methods of measuring data, quantitative and qualitative tools were used so that there was a greater coverage of the social phenomenon, since this is a dynamic social construction and requires greater proximity to the actors and actresses present in the micro situation. As a quantitative tool, the questionnaire was used, as the main guide of the students' perception of the phenomenon studied, since their perspective becomes complete for the work, since it served to understand the depth of knowledge of the bullying of these students and these students. For the qualitative tool, two kinds of methods were used: the focus group and the face-to-face interview. Through the formation of focus groups, a greater scope was allowed regarding the symbols found in the ritual, what are the perspectives of the victims and the spectators regarding the micro situation in which they were inserted. The face-to-face interview was of great value because it brought a more intimate contribution thanks to the secrecy in which the researcher and the interviewee were. During these several interesting aspects were collected, among these some testimonies in which the interviewees showed themselves in the role of aggressor or aggressor, an important ingredient for understanding the situation and the individuals involved. This dissertation brought a proposal linked to micro interactionist sociology, whose focus is directed to micro interactions and their rituals. The proposal established by this academic work takes place in the field in which symbols are socially constructed in the form of networks of interaction rituals, seeking to perceive bullying within the school space, its actors and actresses, its symbols contained in these rituals that become the main tools. of domination in the face of the micro situational environment, it was noticed that the main form of domination within the bullying rituals. And as a result it was noticed that the main form of domination within the bullying rituals is given by symbols transmitted by other networks of interaction rituals.

**Keywords:** Bullying-Ritual-Actors-Micro sociology-Youth

**Lista de gráficos**

Tabela 1 Grupos focais por raça	p.99
Tabela 2 Grupos focais por sexo	p.100
Tabela 3 Grupo Focal Adelina Maria de Santana de Souza por idade	p.100
Tabela 4 Grupo Focal Manuel de Paula Menezes Lima por idade	p.101
Tabela 5 Questionário por sexo	p.102
Tabela 6 Questionário por idade	p.102
Tabela 7 Questionário por raça	p.103
Tabela 8 Entrevista por sexo	p.104
Tabela 9 Entrevista por raça	p.104
Tabela 10 Entrevista por idade	p.105

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>21</b>
1.1 A percepção sociológica do interacionismo: um olhar sobre rituais de violência e dominação .....	21
1.2 Bullying como um ritual .....	52
1.3 Bullying: a natureza e história do bullying .....	60
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>82</b>
2.1 Corpo, raça, gênero, classe social, geração, qual é a identidade desses atores e atrizes no bullying?.....	82
2.2 Tipos de Bullying, idiosincrasias do ritual simbólico de dominação situacional .	106
2.3 Atores na micro situação .....	123
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIA.....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>171</b>

## Introdução

A literatura sociológica possui um grande acervo quando nos deparamos com a escola como campo de pesquisas sociológicas, Emile Durkheim(2012, 2014), Pierre Bourdieu(2004), Bernard Charlot(1979), Ione Valle(2014), Basil Bernstein (1996), Michael Young (2007) Michael Apple (1989), Thomas Popkewitz (2010), no entanto eu trarei um olhar da sociologia para os atores e as atrizes sociais que estão em uma micro escala, e estou convencido de que o estudo do bullying é de grande valia para o enriquecimento da sociologia da educação, para que entendamos em uma proposta micro sociológica como são construídas as realidades sociais em que três papeis, agressores ou agressoras, vítimas e espectadores ou espectadoras, fundamentais se interagem de forma simbólica e constroem um fenômeno de forma contínua e mutável.

A principal questão norteadora dessa dissertação foi se a situações presentes em rede de rituais de interação determinariam a atuação de atores e atrizes sociais na execução de símbolos que constroem o fenômeno bullying e o quanto esse fenômeno parece normalizado nos espaços escolares o que acabou gerando o recorte do título: a normalização do bullying como ritual de interação de jovens nas escolas públicas. Pois o objetivo se deu em perceber o quanto essa rede poderia interferir na atuação desses atores e atrizes e também auferir o quanto esse fenômeno é percebido como normal e pertencente ao cotidiano escolar.

O bullying possui tamanho impacto no ambiente escolar que de acordo com dados de um relatório do programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa) há duas realidades alarmantes, na primeira é visto que “um em cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying” (CALDAS, 2017), e na segunda informação consta que “17,5% dos alunos brasileiros, na faixa dos 15 anos, sofreram algum tipo de bullying “pelo menos algumas vezes no mês”. O que demonstra que a violência do bullying escolar está mais presente do que imaginamos.

Recentemente um caso internacional ganhou repercussão e foi publicado pela Folha de São Paulo no dia 12 de fevereiro de 2022. Uma menina de 11 anos chamada Embla foi obrigada a estudar em ambiente separado dos demais estudantes e das estudantes graças a um boicote feito pelos pais e mães dos demais estudantes, como Embla possui síndrome de Down, um grupo de pais dos colegas e das colegas estavam alegando que seus filhos

e filhas estavam sendo vítimas das agressividades da menina. O caso tomou tanta proporção que o presidente do país, Macedônia do Norte, resolveu acompanhar a estudante para seu dia de retorno as aulas, já que devido às péssimas condições do ambiente em que estava tendo aula separadamente da turma, como baixa temperatura e sem companhia, levaram-na a desistir de frequentar a escola. Stevo Pendarovski, visitou a família e resolveu acompanhar Embla ao seu retorno para as aulas, como forma de conscientização, “somos todos iguais nessa sociedade, vim aqui dar meu apoio e conscientizar que a inclusão é um princípio básico”, ressaltou o presidente durante a matéria.

Em um artigo publicado por André Faro, Jackeline Silva e Joilson Silva intitulado “Bullying e homofobia aproximações teóricas”, revelou-se que a homofobia é uma das ferramentas de dominação mais utilizadas dentro do microambiente do bullying. Tais sinais se apresentam como a segunda causa de violência verbal entre os meninos. No grupo onde a pesquisa foi feita em Aracaju com 808 jovens na faixa etária de 12 a 18 anos, se apresentaram quatro tipos de atores situacionais: “alvo (32%), autor (12%), alvo/autor (22%) e testemunha (34%)” (FARO et al. 2015).

A recorrência entre os insultos está caracterizada mais entre os meninos. Dentre estes meninos observados pela pesquisa, 12 se auto declararam homossexuais, a estes foi percebido o papel de alvo de homofobia, chegando a ser 58%, maior do que os alvos no grupo geral de meninos que alcançou 25%, isto é, as discriminações por orientação sexual são maiores em porcentagem que as discriminações mais gerais desse público masculino (Não foi apresentado nenhum resultado quanto a homofobia em relação as lésbicas, já que nenhuma das participantes se declarou homossexual). No entanto, “a aparência física continua sendo a motivação mais frequente para o bullying, com discriminações ligadas ao corpo, pele, cabelos, dentes, olhos, etc. Contudo, entre os meninos a segunda opção mais recorrente foram as ofensas de cunho homofóbico (20%), não sendo esse preconceito comum entre as meninas (2%)” (FARO et al, 2015).

Um dos problemas que colabora para a proliferação do bullying e que concomitantemente se permite que o fenômeno seja naturalizado e não tão quantificado e percebido como deveria ser, se dá no medo de falar sobre o acontecido por parte de algumas vítimas e também por pouco acesso aos casos, já que “existem 30% de crianças e adolescentes que asseguram que não contaram aos seus pais que sofrem esse maltrato e inclusive 10% não comunicaram a ninguém que sofre esse problema” (MEDINA, 2016).

Tal atitude impede que muitos casos cheguem a ser debatidos e, devido a internalização de tamanho sofrimento, as interações sociais que a vítima possa atuar, serão de modo cabal, prejudicadas, e isso pode levar ao triste nível do suicídio, como acontecido “em 1982, na Noruega, um jornal publicou o suicídio de 3 (três) crianças, com idades entre 10 e 14 anos, que foi provocado por situações graves de Bullying” (COURA, 2017, p.13).

O bullying é um fato social que ainda tem muita relevância e que já transpassa os limites dos rituais de interação presenciais, tamanha força se mostra quando nos deparamos com um artigo publicado pelo site Jornal Tribuna, em 24 de setembro de 2021, chamado “Brasil é o 2º país com mais casos de cyberbullying no mundo”. De acordo com a matéria, isto é, ainda que o ensino presencial tenha sido afetado devido a pandemia COVID-19, a prática de violência que se apresentam no ambiente micro situacional do bullying, tendo como parâmetro uma óptica sociológica, de atores e atrizes sobre as vítimas, no ambiente escolar, não perdeu sua força, mas se adaptou e transpassou para o ambiente agora virtual.

Em uma outra pesquisa realizada pela ONU na qual foram reunidas 100 mil crianças de 18 países foi constatado um dado preocupante “metade deles sofreu algum tipo de bullying por razões como aparência física, gênero, orientação sexual, etnia ou país de origem” (ONU, 2017). Não há distinção quanto ao desenvolvimento de cada país pois os índices são aproximados tanto em países desenvolvidos quanto os que estão em desenvolvimento, no Brasil chegou durante o ano da reportagem à 43%, na Argentina 47,8%, no Chile 33,2%, no Uruguay 36,7%, na Colômbia 43,5%, na Alemanha 47,8%, na Noruega 40,4%, na Espanha 39,8%. Índices apresentados pelo artigo nos mostra que o fenômeno se encontra ainda presente e persistente em diversas partes do mundo.

Em 06 de Agosto de 2014, durante seu noticiário, a Tv Sergipe trouxe em uma matéria três casos filmados que foram enviados ao aplicativo do canal televisivo, onde acontecem os conflitos. Ouve-se gritos de incentivos durante as agressões, em um dos casos onde uma menina de 12 anos é agredida por outra na frente do colégio Estadual Zumbi dos Palmares, a mãe da agredida diz que os estudantes filmam as agressões porque “todos querem bater nela ‘pra fazerem vídeo’ e postar na internet” (entrevista com a mãe da vítima, Sergipe) esses vídeos são mostrados como “se fossem um troféu”, afirma a psicopedagoga Janice Domingues, que aparece durante a reportagem, para afirmar seu ego. O que se mostra interessante é o que os conflitos acontecem nos intervalos entre as aulas e nas saídas, em uma microssituação determinada, construindo um ambiente com

hierarquias próprias, aquém do controle adulto, o que suscita uma característica situacional propícia a estudo dessa interação ocasional.

No dia 08 de Fevereiro de 2018 o Bom dia Sergipe exibiu um caso onde um estudante da Escola Estadual Senador Leite Neto, no bairro Grageru em Aracaju SE, desferiu golpe de arma branca em um outro estudante do mesmo colégio, no braço, durante uma discussão, o que motivou ao crime foi que o agressor havia sendo vítima de bullying pelo estudante ferido, ambos os estudantes eram adolescentes, o que chama a atenção, também, é que o estudante que deferiu golpes de arma branca não possuía histórico de violência dentro da instituição. Elisa Meirelles (2011) escreveu um artigo para a revista Nova Escola, sobre um vídeo que trazia o caso Casey Heynes, um adolescente australiano que sofria agressão por parte de seus colegas de escola, durante uma dessas agressões, ele reage e começa a agredir seus agressores de outrora, como o fenômeno estava sendo filmado devido ao acesso atual de tecnologia, após ser “subido” (enviado para a internet) ao mundo virtual, tornou-se viral.

Percebemos então que esse fato social existe e está presente, apresenta exterioridade, coercitividade e generalidade (DURKHEIM, 2008), contudo o bullying não se apresenta de modo estático, ele é também é construído constante, isto é apresenta-se como uma construção prática (GARFINKEL, 2018), confeccionada por um conjunto de símbolos pertencentes a interação de seus atores (BLUMMER, 1969) o que me permite utilizar o interacionismo de Randall Collins (2003, 2008) como ferramenta importante para o desenvolvimento dessa dissertação, e tentar perceber se o bullying é construído como um ato de dominação situacional, onde um ator ou atriz exerce domínio sobre a vítima com base em valores provindos de outras redes de rituais de interação.

Em virtude dos limites de uma pesquisa de campo mais calcada em ambientes micro situacionais resolvi me concentrar nos limites do município onde resido, opção também dialogada como meu orientador, Lagarto Sergipe, pois tenho maior conhecimento da cidade e me propôs maior possibilidade em atingir os objetivos da pesquisa de campo e seus métodos utilizados, visto que meu interesse foi alcançar o maior público possível para maior diversidade de informações e contribuições para a construção desse trabalho científico. Os colégios colaboradores para a pesquisa de campo foram Escola Municipal Adelina Maria de Santana e Escola Municipal Manuel de Paula Menezes Lima, nos quais o primeiro contribuiu com a formação de grupos focais e aplicação do questionário e o segundo contribuiu em igual valor com a formação de grupos focais.

Como métodos de pesquisa utilizei a junção de métodos quantitativos e qualitativos, como método quantitativo utilizei um questionário com fundamentação teórica baseada em um artigo de Izabele Parizot (2015), pois gostaria de perceber, anteriormente às entrevistas e formações de grupos focais, o perfil desse universo e o quanto o público discente estava ciente do fenômeno bullying, do quanto estudantes estavam desempenhando seus papéis dentro do bullying, e assim mapear as possíveis existências de colaboração, atuação e percepção geral dos estudantes e das estudantes.

O questionário em si aproxima a dimensão presente no discurso dos estudantes e das estudantes por ele respondido. Para haver uma tabulação mais próxima da realidade do fenômeno, já que é “incorreto calcular porcentagens para um conjunto inferior a 100 pessoas” (PARIZOT, 2015, p.86), foram selecionadas três turmas com cerca de 50 estudantes de duas escolas públicas da rede municipal de Lagarto, no entanto devido às limitações apresentada pela pandemia COVID-19, apenas 71 estudantes se disponibilizaram a responder os questionários, foram estas a Escola Municipal Manuel de Paula Menezes Lima e a Escola Municipal Adelina Maria Santana de Souza, ambas localizadas na zona urbana da cidade, a fim de otimizar tempo e gastos monetários que por ventura poderiam influenciar determinadamente na execução das ações, algo inconcebível diante das limitações acarretadas pela pandemia.

O tempo necessário para o preenchimento do questionário está entre 4 à 5 minutos, devido a linguagem mais simples e direta em contrapartida com uma quantidade de 40 questões. A linguagem simples e direta foi utilizada como forma de o respondente ter maior compreensão e segurança na hora de responder, evitando assim dissonâncias, digressões e o questionário se apresenta como fechado para evitar que se possa “interrogar todos os pesquisados sobre um tema que só diria a respeito de uma parte deles” (PARIZOT, 2015, p.92), já que o principal objetivo deste é a captação do quão profunda é a concepção dos estudantes respondentes sobre o bullying, e assim dar uma maior orientação quanto ao desenvolvimento da pesquisa e suas limitações.

Já em relação aos métodos qualitativos optei por uma união tanto da entrevista face a face quanto da formação de grupos focais, este segundo foi uma colaboração de meu orientador Drº Ivan Fontes Barbosa, que além desta, possuiu grande importância na colaboração para a construção dessa dissertação. Após reunião com meu orientador, entramos em acordo quanto a aplicação de métodos que envolvessem além de segurança mútua, uma maior aferição dos dados, de forma a aproximar com a tradição sociológica

apontada pela dissertação.

Tendo em conta que a pandemia dificultou uma boa parte dos esforços em adquirir dados na pesquisa de campo, uma das modalidades de aferição de dados mais próxima da realidade foi a entrevista. Foram selecionadas 10 pessoas, que estudaram nos anos 1990, a fim de fazer um paralelo com as situações dos estudantes dos dias atuais e perceber se houve continuidade, aumento ou decréscimo do fenômeno estudado. Por meio de perguntas, que foram elaboradas a priori para o questionário, os entrevistados e entrevistadas puderam trazer sua percepção do que viria a ser bullying. Suas vivências foram importantes, tanto para a elaboração da dissertação quanto para um possível desabafo daqueles e daquelas que foram vítimas durante seus tempos de estudos. Suas frustrações, limitações, indignações e principalmente atuações diante da micro situação foram cabais para uma compreensão do fenômeno.

Durante a entrevista foi apresentada sempre uma postura construída, pelo que chama Janine Barbot (2015) como uma forma de “espelho verbal”, permitindo que o entrevistado ou entrevistada se sentisse destemido ou destemida para maior fluência da entrevista, o que aconteceu em todas as ocasiões proporcionadas para a entrevista. Sempre evidenciei a possibilidade de “o pesquisador deverá organizar, o mais frequentemente no espaço de um único encontro, a coleta do material mais denso” (BARBOT, 2015, p. 103), já que além das coletas de dados como objetivo, estava ciente constantemente de que em um universo adulto, quaisquer oportunidades que envolvam disponibilidade de tempo são escassas tanto dos indivíduos citadinos quanto dos indivíduos moradores do campo.

Devido os intemperes provocados pela pandemia optei pelo questionário virtual e por entrevistas e pela formação de pequenos grupos focais. Esse conjunto de métodos se apresenta como forma de compensação a ideia inicial de observação sistemática, como maior aproximação dos ambientes escolares e inquerir de uma forma mais direta e prática sobre como esses estudantes e essas estudantes entendem o fenômeno bullying.

Para o uso do grupo focal utilizei o livro Grupos Focais nas pesquisas sociais da autora Bernadetti Gatti (2005). Como esta pesquisa de mestrado se trata de uma percepção sociológica sobre o fenômeno bullying, “os grupos focais são particularmente úteis nos estudos em que há diferença de poder entre os participantes e decisores ou especialistas” (GATTI, 2005, p. 10), além disso dadas as circunstâncias pelas quais transitamos no momento, a aplicação de uma observação sistemática seria inviável, em contrapartida o “grupo focal permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informação em um

período de tempo mais curto” (GATTI, 2005, p.09). “grupo focal permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informação em um período de tempo mais curto” (GATTI, 2005, p.09).

A escolha desse método também parte de uma perspectiva que traz importância na construção do conhecimento por parte do grupo estudado, por “ser empregados em processos de pesquisa social ou em processos de avaliação” (GATTI, 2005, p. 11), esse tipo de ferramenta de pesquisa depreende cada experiência pertencente aos estudantes e as estudantes colabora de forma avultada para o desenvolvimento da pesquisa e também para contestação ou anuência da pesquisa de campo, a principal pretensão do grupo focal é de que “os participantes devem ter alguma vivência com o tema escolhido de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas” (GATTI, 2005, p.07), sendo assim a participação deste se torna mais voltada a cooperação na construção da análise do ritual e como consequência a fundamentação da hipótese.

No primeiro capítulo apresentamos a fundamentação teórica e o conceito de bullying como ele se encaixa como um fato social. Em seguida irei trazer os conceitos da lente sociológica utilizada, nesse caso o interacionismo, através de alguns autores, dentre eles Randall Collins (2003, 2008), Erving Goffman (2012, 2021). Por fim abordarei o bullying como ritual a fim de delimitar o universo conceitual e micro sociológico de estudo da sociologia sobre esse fenômeno.

No segundo capítulo apresentarei algumas considerações sobre juventude e identidade a fim de trazer o público alvo de estudo para um maior entendimento. Depois trarei os tipos de bullying realizados e percebidos dentro do espaço escolar em sua forma empírica, nesse momento irei apresentar além da tipificação uma ligação entre os traços de identidade do indivíduo e seus relação com os bullyings cometidos, por fim trarei observações feitas sobre as atuações desses atores e atrizes que estão no fenômeno bullying e o quão são importantes para esse ritual de interação. Em sequência apresentarei minhas considerações finais sobre as pesquisas de campo encerrando essa dissertação.

Por fim, o objetivo desta dissertação de mestrado foi analisar a normalização do bullying como ritual de interação entre os jovens da escola pública, por meio do interacionismo simbólico, para que desta lente sociológica, com base também nos textos de Randall Collins, possa atingir uma compreensão do fenômeno Bullying, como por exemplo a exclusão por meio do comportamento de um ator que se mostra isolado na rede e é estigmatizado, com base no conceitos oferecidos por Erving Goffman, de estranho por

conta de seu comportamento, por conta de sua cor, por conta de sua identidade de gênero. Logo o objetivo dessa dissertação foi estudar o porquê na interação da qual os indivíduos fazem parte uns discriminam outros por conta da estigmatização do estranho, do diferente, daquele que não se adequa a padrões pré-estabelecidos por seus agressores e agressoras.

Antes de dar prosseguimento ao primeiro capítulo, gostaria de chamar a atenção e trazer uma explicação sobre um código adotado trazido por mim ao lado dos nomes fictícios presentes nessa dissertação, em virtude de uma aproximação com o leitor ou leitora da dissertação. Esse código se oferece como uma ferramenta identificadora para que a fala possa ser associada ao falante, tal sistema possua três variáveis: alfabeto, número indo arábico e algarismo romano que em posições reflete a localidade, o método de pesquisa de campo e o depoente.

Dado o código, VV01MPHT GFII201MP

VV = Refere-se ao primeiro método de pesquisa escolhido, vis a vis o método face a face onde estiveram presentes o entrevistador e as entrevistadas e os entrevistados

GFI = Refere-se ao segundo método de pesquisa escolhido, Grupo Focal, o algarismo romano se refere a qual grupo focal pertence o depoimento, nesse caso o primeiro referente, nesse caso será referente ao colégio Manuel de Paula Menezes Lima

GFII = Refere-se ao segundo método de pesquisa escolhido, Grupo Focal, o algarismo romano se refere a qual grupo focal pertence o depoimento, consequentemente referente a Escola Municipal Adelina Maria de Santana

2 = algarismo indo arábico que se sucede ao algarismo romano será o identificador do grupo em questão, por exemplo GFI2 será a segunda reunião do grupo focal na primeira escola, haverá uma variação de 1 à 3 indicando do 1º grupo focal feito na primeira escola até o 3º grupo focal feito na primeira escola. Caso apresente GFII3 será então o terceiro grupo focal formado na segunda escola.

01 = número que caracteriza o estudante ou a estudante cujo depoimento fora gravado. Possui apenas a função de indicação diante do local da entrevista.

M = Refere-se ao sexo do depoente ou da depoente, M para masculino e F para Feminino

P = Refere-se a cor/raça do depoente ou da depoente, N para negras/pretas/afrodescendentes, negros/pretos/afrodescendentes, P para pardos e pardas e

B para brancos e brancas/caucasianos e caucasianas.

HT = Devido a idade dos estudantes e das estudantes presentes nos grupos focais ficou ofuscada a identificação com gênero/orientação sexual, já que eles se declaravam como hetero em sua totalidade. Tal variável aparece apenas nos códigos referentes as entrevistas vis a vis. HT = heterossexual, HM = homossexual, BI = Bissexual. Demais classificações de orientação sexual estavam à preferência do entrevistado ou entrevistada, em se auto definir. Diante da pesquisa dessa dissertação, infelizmente, apenas as três variáveis foram alcançadas, dado ao fato que diversos intemperes provocaram a limitação do alcance do trabalho acadêmico, devido à tanto a pandemia quanto a disponibilidade dos entrevistados e entrevistadas.

Por conseguinte, a leitura do código VV01MPHT seria a seguinte: VV, Entrevista vis a vis. 01 identificador do entrevistado. M, masculino, P, pardo, HT, heterossexual

Assim como, GFII105FN seria grupo focal na segunda escola, 1, seria o primeiro grupo focal formado, seria 05, estudante cinco, F feminino, N afrodescendente.

Já ciente do código, a navegação pelo entendimento do depoente e sua situação se tornaram ricas em significado, pois cada característica trazida pelo código trará intrinsecamente o lugar de fala desse ator ou atriz, o que servirá para entendermos como se localiza esse ator ou atriz diante da micro situação bullying, cuja dissertação traz à tona pela perspectiva sociológica do interacionismo.

## Capítulo 01

### **1.1 A percepção sociológica do interacionismo: um olhar sobre rituais de violência e dominação**

Para o tipo de fenômeno social que vai ser estudado será baseado na interação desses indivíduos, e uma tradição sociológica que pode chegar mais próximo dessa categoria de violência é o interacionismo simbólico, já que essa tradição se destaca por valorizar está muito presente no ambiente micro social, em micro situações e interações de indivíduos apresentando um olhar especial sobre o fato social graças a sua análise quanto aos indivíduos que interagem. Dentre os diversos tipos de violência presente na escola o bullying salienta os “símbolos criados pela interação entre indivíduos” (DIEHL, 2015, p. 90). Nesse caso, o bullying com os estudantes que possuem o estigma de ser diferentes, e por meio do interacionismo vamos buscar a compreensão a partir de símbolos e elos construídos através da interação social dos atores sociais” (DIEHL, 2015, p.91) na escola em questão.

Dadas as argumentações acima, estamos verdadeiramente cômicos de que a violência escolar é um fato social relevante, e que se fazem necessárias a observação e imaginação sociológica a fim de “compreender um cenário mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para carreira exterior de inúmeros indivíduos” (Wright Mills, 1982. P. 11) e já que quaisquer interações sociais tem um poder determinante nas vidas de indivíduos, pertencentes a seus meios, meios estes macro ou micro, e os resultados dessas influências são os principais motivos que nos leva a estudar sobre o fenômeno. Como todo estudo sociológico necessita de um recorte, aqui está proposto como a naturalização da violência entre jovens no espaço escolar, no entanto além do ambiente de estudo também se faz necessária a escolha de uma ferramenta que possibilite ao trabalho uma melhor forma de aquisição de conhecimento quanto ao fato social estudado. Devido a seu caráter micro situacional e a orientações do Drº Ivan Barbosa, resolvi optar pela lente da tradição sociológica do interacionismo simbólico, já que o fato social acontece em um ambiente muito específico e requer um olhar micro sociológico quanto seu campo de ação, que se mostra esporádico e situacional.

Antes de adentrarmos no universo da pesquisa gostaria de mostrar para o leitor ou leitora um importante debate que é apresentado pela sociologia da educação. Como visto

previamente, mais precisamente na introdução, a sociologia da educação teve seu pé inicial com a obra Educação e Sociologia do sociólogo Emile Durkheim, contudo evolução dessa sociologia culminou com a origem de um grande debate sobre como a escola está propagando esse conhecimento e qual seu impacto na sociedade.

Existem diversos fatores que pairam sobre o universo macro social que influenciam diretamente nos sistemas de dominação, sejam estes os padrões morais apresentados por valores transmitidos pela educação, seja também a introdução ao tecnicismo por meio da educação, como traz o debate proposto por Paulo Freire, que legitimam a permanência dos estudantes e das estudantes na classe que possa apenas oferecer uma mão de obra qualificada, embora haja pensamentos que entendam a educação como “o conhecimento” por meio de “uma proposta universalista como promotora do conhecimento científico e humanista” (BARBOSA, 2012, p.09).

Para entender a sociologia da educação há uma grande literatura, dentre eles Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1967), Basil Bernstein (1996), Bernard Charlot (2002), Paulo Freire (1987), Michael Apple (2006), Michael Young (2010), Ione Valle (2014), Alain Coulon (2017), Thomas Popkewitz (2010). Contudo, me concentrarei em abordar duas visões importantes trazidas pelo artigo de Ivan Barbosa, cuja contida pesquisa acurada, acaba por exemplificar mais profundamente os pensamentos que representam esse debate. Em resumo abordarei as visões de Michael Young e Thomas Popkewitz que trazem o conflito entre uma educação que oferece uma ferramenta de emancipação do indivíduo, habilitando-o às adversidades apresentadas pelas dominações legais e tradicionais impostas por meio de um conhecimento poderoso e outro lado uma educação que domina, submete ao explorável e legitima as mais variadas formas de poder dominantes, em uma espécie de controle social.

Começando por Michael Young, o autor encontra-se na posição de discordância do pensamento trazido pelo movimento estruturalista e pós estruturalista, e argumenta que é de grande valia o conhecimento que se aprende em ambiente escolar, como forma de resistência, mobilidade e autonomia. Situado na contra mão da virada cultural, Michael Young apresenta sua contribuição como um pensamento a parte de uma “triquetra” cognitiva:

Alguns sucessores dos hegelianos da direita, atualmente considerados tecnocratas, querem parar a História; alguns, como os hegelianos da esquerda, invocam as vozes populares como as expressões das contradições sociais; e outros afirmam que não existe uma solução racional aos problemas, mas

somente existe o poder. Eu acho que estou tentando buscar um caminho entre os dois primeiros. YOUNG, 2010, p.35.

Para o autor o homem tem a oportunidade de aproveitar o conhecimento que tem acesso e se reformular constantemente e construir seu conhecimento, algo que indica a possibilidade de que seja real “a promessa da modernidade de construir um homem capaz de, constituindo a si mesmo e ao mundo, chegar à autonomia, à liberdade e à justiça, gerou a articulação de ações políticas com vistas à efetivação desses valores” (BARBOSA, 2012, p. 09). Perspectiva que repele quaisquer possibilidades de assimilação de uma escola associada “a hospital, prisões e asilos e detectar nelas formas de vigilância e controle” (BARBOSA, 2012, p.10)

Michael Young entendia que o conhecimento da educação era originado de uma grande disputa entre duas grandes tensões. A primeira se deu pela disputa entre a emancipação e dominação, pois a escola “permitiu e permite a mobilidade e autonomia mesmo em detrimento de ser um mecanismo de seleção, controle e adestramento” (BARBOSA, 2012, p.10), enquanto a segunda em quem deveria beber dessa fonte de conhecimento e o que lhe seria útil para se aplicar em seu ambiente social, além de trazer “segunda tensão diz respeito, primeiro, ao fato de que ela vai ser encarada como uma necessidade histórica que deve ser espalhada e, segundo, que os conhecimentos que devem ser fornecidos são os científicos” (BARBOSA, 2012, p.10).

Tensões importantes na construção do conhecimento, que contribuem mais para o alcance do que seja esta verdade científica, em um campo realista e objetivo, do que favorecer conflitos, como traz a observação sobre o autor de Ivan Barbosa, 2012:

A condição social e histórica da ciência não constitui razão para inquirir acerca de sua verdade e objetividade ou para tomar o currículo como uma mera política expressa através de outros meios. Sua postura socio realista do conhecimento remete justamente a este caráter social da reflexão científica e enfatiza que é ele que dá subsídios e fornece as bases da sua objetividade e das suas alegações de verdade. P.11

Côncio com Randall Collins, Basil Bernstein e Ernst Cassirer no alcance da proposta resgate da verdade moderna apresentada pela ciência (BARBOSA, 2012, p.12), para Michael Young “as escolas são instituições cujo propósito é a promoção da aquisição desse conhecimento. São agências de transmissão cultural e de saberes” (BARBOSA, 2012, p.12), contudo uma boa parte desse conhecimento transmitido encontra referência

em vivências e realidades que se encontram aquém das vivências do público discente. Tal aspecto é entendido pelo autor, que argumenta “independente do contexto ou conhecimento teórico, que são planejados para fornecer generalizações com dimensões e alcance universais” (YOUNG, 2007, p. 1296. Apud BARBOSA, 2012, p.12), o que indica que, para esse tipo de modalidade de ensino, não se faz obrigatório, para aquisição de um conhecimento poderoso, o conhecimento de vivência e saberes locais, pois essa construção de conhecimento deve “envolver questões relativas aos conhecimentos científicos e seus domínios e as diferenças entre essa forma de conhecimento e o conhecimento que aprendemos de maneira habitual” (BARBOSA, 2012, p.12).

Por fim, Michael Young oferece argumentos para que entendamos que a educação para se tornar um instrumento poderoso precisa apresentar direções que são inusuais aos estudantes em seu cotidiano, para que, como forma de especialização, possam ser autônomos, “existe uma ligação entre as expectativas emancipatórias associadas à expansão da escolaridade e a oportunidade que as escolas dão ao aluno de adquirir conhecimento poderoso, ao qual raramente eles têm acesso em casa” (YOUNG, 2007, p. 1299. Apud BARBOSA, 2012). Somente dessa forma, o estudante terá como se livrar das dominações que lhes são impostas com a aquisição de perspectiva social histórica da ciência, pois “o conhecimento educacional tem a incumbência de fornecer generalizações e informações que permitam os alunos transcenderem os limites impostos pelas suas trajetórias e experiências” (BARBOSA, 2012, p. 13).

Reversamente proporcional a Michael Young, Thomas Popkewitz desacredita na proposta trazida pela ciência moderna, pois encontra subjacentes correntes de dominações que legitimam grandes formas de poder e micro poderes em sua transmissão, cuja intenção se dá unicamente pelo carácter de regulação social. Ainda que haja a transmissão de conhecimento, esse conhecimento serve ao propósito de propagar saberes e manifestações de poder.

Como forma de entender a razão moderna, Thomas Popkewitz, defende que esta é “a grande e alçoz ilusão dos terríveis desastres cometidos em nome da ciência e do progresso” (BARBOSA, 2012, p.13). Pois são perceptíveis, de acordo com o autor, nuances que trazem o conhecimento interrelacionado com manifestações de poder que tem como um pilar de dominação as produções que este mesmo conhecimento está. O autor não entende a educação como algo propagador de autonomia a se acrescentar, mas sim como algo que limita, e serve de amparo ao sistema cultural dominante vigente.

Nessa percepção da sociologia do currículo, “o conhecimento é uma violação das coisas a conhecer e não a percepção, reconhecimento delas ou com elas” (BARBOSA, 2012, p.14). Há uma observação de que todo o conjunto do porquê, contido no que ofertado de saberes e conhecimentos disponíveis na escola, esteja intrinsecamente ligado a noção do epicentro das relações de poder. Isto é, nada que esteja diretamente ligado ao saber repousará somente nas perspectivas científicas, e sim como uma função de aparelho de” manutenção” das ideias dominante e suas formas de poder.

Dentre as suas colaborações para a sociologia do currículo, estão dois apontamentos importantes para o debate sobre como se tornam os conhecimentos escolares[...] primeiro se dá na forma de “explicar os princípios que organizam e legitimam determinado a áreas do saber” (BARBOSA, 2012, p.14), como forma de aproximar um corpo de conhecimento constituído por saberes que gozam de privilégios dentro do espaço escolar e sua articulação com as instituições sociais [...] Por segundo, entender como esses saberes tem como objetivo “buscar explicar o aparecimento dos saberes a partir das condições de possibilidade externas aos próprios saberes ou como estes saberes estão estrategicamente articulados a luta, disputas e relações de poder” (BARBOSA, 2012, p.14). Toda constituição, organização e proposta desse currículo correspondem a posições articuladas que transformam sua transmissão de saberes em formas de poder.

A regulação social é subjacente ao conhecimento contido no currículo escolar, esta é denunciada em duas formas: “1) está atrelada ao fato que ele elege e impõe certas definições do que deve ser conhecido” (BARBOSA, 2012, p.16). Aqui percebemos que o conhecimento colhido pelos estudantes em sala de aula é selecionado de forma que não haja uma oportunidade de reflexão fora da zona de domínio, cada passo de descoberta é regulado a ponto de que o estudante ou a estudante se torne limitado. “2) a escolha do conhecimento não significa apenas a seleção de informações, mas regras e padrões que guiam os indivíduos na construção de seu conhecimento sobre o mundo” (BARBOSA, 2012, p.16).

O currículo é mais do que aparenta ser, não apenas um conjunto de conhecimentos que funcionam para educar dentro do mundo científico, como explanado pelo autor:

O currículo é uma coleção de sistemas de pensamentos que incorporam regras e padrões através dos quais a razão e a individualidade são construídas. As regras e padrões produzem tecnologias sociais cujas consequências são regulatórias. A regulação envolve não apenas aquilo que é cognitivamente compreendido, mas também como a cognição produz sensibilidades,

disposições e consequências do mundo social. POPKEWITZ, 2010 Apud BARBOSA, 2012, p.16

Em conclusão, “A escola assume a condição de mecanismo orquestrado pelo estado” (BARBOSA, 2012, p. 16) organizando o que o público discente tem que aprender. Sendo assim, esse currículo passa a “conceituar e organizar um grande e contínuo programa de pacificação, disciplina e treinamento, responsáveis pelas capacidades políticas e sociais do cidadão moderno” (POPKEWITZ, 2004, p.110 apud BARBOSA, 2012, p.16). O que acaba por comprovar sua função como Louis Althusser (1970) traz em suas reflexões como aparelho ideológico do estado, a educação insere diretamente nos modos de pensar, de enxergar o mundo em que a cultura dominante tem como modelo, “domando” quaisquer espírito revolucionário que atentem contra o *ethos* do poder vigente.

Essas duas posições conflitantes compõem o interior de um grande debate que é a sociologia do currículo, perspectivas que se diferem quanto a possibilidade de autonomia ou a legitimação de relações de poder. Sendo que uma defende que através do conhecimento escolar o indivíduo adquire conhecimento para que se tenha uma mobilidade e independência diante do seu meio social. Enquanto a segunda corrente de pensamento intensifica que não há conhecimento que não esteja, diretamente ligado, aos mecanismos de regulação social, já que “a administração social da alma é personificada de forma mais profunda na pedagogia escola” (BARBOSA, 2012, p.16), estruturando o pensamento e comportamento a fim de pacificar e domar em suas relações de poder.

Se prestarmos atenção ao nosso redor nem sempre temos observações fáceis, espontâneas, ou até mesmo claras que nos mostre o quanto complexa é nossa sociedade e todo o emaranhado de redes que estão em uma realidade que a todo momento está se relacionando, se construindo, se destruindo, se modificando, isto é, a realidade social não é uma pintura de imediata interpretação, a cada olhar surgem as mais diversas compreensões e perspectivas que em muitas vezes se contrapõem. “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles à medida que forma um mundo coerente” (BERGER. LUCKMANN, 1985, p.35). Isso nos dá uma certa dimensão de que a realidade é uma hidra que se apresenta não como uma forma física de fácil compreensão, mas sim de uma forma em que cada indivíduo a enxergue de forma pessoal, carregada com todas as suas experiências pessoais e sociais, sobre uma forma em que pode de certa forma apresentar semelhanças com outros atores, mas que possui uma gama maior de partes pessoais e, até

certo ponto únicas. Logo há dimensões dessa realidade que são expostas diante de um circuito restrito de interação, rede que possui suas próprias regras, “moedas” de comunicação e valores, como o circuito de Zelizer<sup>1</sup>, que Randall Collins (2003) apresenta em seu texto estratificação situacional, argumento que define o caráter multifacetado da realidade em que vivemos que vivenciamos, realidade esta, munida de diversos *selves (eus)* (SANDSTROM et al, 2016) que se apresentam nos mais variáveis micro ambientes.

Apresentada essa visão sobre a nossa possível realidade, caberia uma tradição sociológica que pudesse atender esses ambientes mais “palpáveis” perante os atores e suas interações, qual das orientações sociológicas poderia acompanhar essa rede de interações de tal forma que pudesse entender a dinâmica proposta por cada microsituação? Essa rede de trocas rituais que se apresentam de formas bem temporárias e situacionais, e continuam durante essas interações e suas redes, surgem símbolos que são determinantes para que essas interações ocorram, símbolos estes que preenchem um enorme catálogo de possibilidade que se tornaria muito impreciso se os observássemos apenas pelo olhar macro sociológico. Quando um estudante se relaciona com o outro a priori se apresentam fachadas (GOFFMANN, 2011) que são importantes para o momento de interação primário, onde se busca uma conversação, ainda que não sejam estas fachadas formadas de modo intencional, a fim de estabelecer um diálogo, uma convivência, uma interação, afinal “a sociedade é composta por pessoas envolvidas em uma interação simbólica” (SANDSTROM et al, 2016, p.30). Ainda sobre as possibilidades de interpretação da realidade social, da vivência de nossa sociedade será que estaríamos aptos à “enquadrá-la” e explica-la através de uma única moldura? Será que poderíamos absorver as suas dimensões necessárias através de uma única cor e apresenta-la através dessa mesma cor por meio de um único pincel? Uma escultura apresentada apenas de uma específica forma? “Será que essa imagem de uma hierarquia fixa e objetiva dá conta das realidades da experiência vivida?” (COLLINS, 2003, p.01).

A realidade certamente se apresenta como uma madeira esculpida por diversos formões de diversos artesão em diversas situações, sejam elas macro sociais ou micro sociais, e todas as formas de se aprender sobre uma escultura são apresentadas e aprendidas nas formas de rituais simbólicos com um alto e consensual poder de

---

<sup>1</sup> Circuito específico que apresenta uma “variedade de moedas que, na prática, são restritas a determinadas vantagens sociais e materiais de determinados circuitos de troca” (COLLINS, 2003, p.260), *grosso modo* uma rede que apresenta um determinado valor simbólico, pertencente as pessoas que participam do circuito. Conceito elaborado pela socióloga Viviane Zelizer em seu livro o significado social do dinheiro (2000).

significação.

Quando estamos diante um debate político, apresentam-se visões de mundo bem distintas e em muitas vezes discrepantes, quem se interessa por política irá escolher uma narrativa e carregará consigo para possíveis debates nas mesa de bar, nos almoços com os parentes distantes, nas rodas de conversa de amigos ou conhecidos, colegas de escola, mas esses discursos são carregados de símbolos importantes para cada uma visão de mundo, o que caracteriza que não podemos albergar a sociedade em sua totalidade através de formas simetricamente construídas, existem, certamente, interações que escapam ao discursos promovidos pelos políticos em debate, ou então estes oferecem idealizações que estão limitadas ao modo com que se fazem suas ações políticas e ideológicas, relações cujas interpretações se tornam elusivas tamanha diferença com a situação que foram oriundas.

O ponto de partida de uma concepção de uma sociedade se passa por eventos que são tão cotidianos e triviais que à alguns olhos se passam despercebidos, dados detalhes tão gritantes que se tornam ofuscados graças as predisposições a absorver conjuntos complexos e externos as interações simbólicas que nos estão presentes e “desafiam as visões de mundo mecanicistas e dualistas do raciocínio clássico” (SANDSTROM et al, 2016, p.16), já que em boa parte das perspectivas que se pode ter sobre uma sociedade é que ela se baseia em conflitos permanentes entre grupos, e isso pode ser interpretado como uma forte convicção, não que esta esteja errada ou longe de alguns aspectos da sociedade, mas assim como as demais correntes de pensamento, “a ‘veracidade’ de uma ideia ou crença resiste apenas na medida em que permite que nos adaptemos com eficácia às nossas circunstâncias” (SANDSTROM et al, 2016, p.19). Logo, a perspectiva adotada terá que passar pelo crivo do ambiente situacional, se levarmos em conta sua importância micro sociológica, para ter uma possibilidade de atender as questões que levem a realidade desta para seus atores. E isso define ao ambiente situacional da micro sociologia um caráter bastante relevante e necessário para um estudo com mais foco no fato social em determinado espaço tempo, afinal de contas esta está expressa em cada detalhe de sua manifestação em situação concreta, já que a “sociedade e suas estruturas são produtos humanos; elas estão enraizadas nas ações conjuntas nas quais nos envolvemos uns com os outros” (SANDSTROM et al; 2016, p.31).

“Dados micro situacionais tem prioridade conceitual” (COLLINS, 2003, p.03). Não podemos ter uma concepção da realidade estudada em relação a um fato social se antes

ter relatos e conceitos que se apliquem a esta concepção sem antes nos atermos aos dados oferecidos pelo ambiente e pelos atores, e porque não os observadores que estavam presentes na situação? Pois, “a situação pode ser dividida em três partes: orador/ espectadores a qual a fala é dirigida/ espectadores as quais a fala não é dirigida.” (COLLINS, 2017, p.237) E isso podemos aplicar também à uma situação onde se há algo em que se apresente espectadores, a exemplo de uma ação de bullying onde um valentão ou valentona discute antes da prática da violência diante de estudantes presentes, a ação não é exclusivamente, caso haja a presença, dos atores envolvidos, mas também dos demais que estão ao redor e que são partes na situação, é como se ele servisse para reforçar nos outros, através de um bode expiatório, as diferenças (carregadas de distribuição desigual de reconhecimento, respeito e, as vezes, privilégios). E nesse acontecimento haverá uma construção dessa realidade micro situacional formada por atores e espectadores, que em seu espaço tempo será carregada de significados e interpretações concomitantes e ábsonas ou cônsonas dos envolvidos, ao mesmo modo que a ciência que o estiver estudando, seja ela sociologia, antropologia, política, mas “a ciência, como todas as outras coisas, é socialmente produzida por pessoas que anunciam afirmações interpretativas que posteriormente se transformam em um conhecimento supostamente objetivo” (COLLINS, 2017, p.231). E sem o devido cuidado ao examinar o fato social, esta produção interacional estará refém do *bias*<sup>2</sup> (GOLDENBERG, 2004, p.47) do grupo ou observador/observadora que esteja em campo, algo que será analisado excessivamente à exaustão, para garantir a ciência por trás do trabalho.

A escola “possui”, para seu funcionamento regular e essencial, pessoas que desempenham papéis sociais distintos, que possuem uma função, e a educação se forma com a presença desses atores, pois sem tal, a educação jamais existiria da forma a qual concebemos hoje, tal interação acontece em um determinado ambiente, situação, por exemplo após terminar o expediente o professor deixará de ser professor e assumirá um outro papel social, o de pai, o de filho, ou o de estudante do conteúdo que estava lecionando outrora, ele não é professor por todo o seu tempo em um dia, há momentos, situações em que seu papel social, sua atuação irá assumir um outro personagem, uma outra trama, um outro self, um outro enredo diante da sociedade em que vive . Então nesse olhar, “defende-se aqui uma sociologia das ocasiões. A organização social é o tema central, mas aquilo que é organizado é a mescla entre pessoas e as atividades interacionais

---

<sup>2</sup> Distorção do julgamento de um observador por estar ele intimamente envolvido com o objeto de sua observação.

temporárias que podem surgir a partir disso.” (GOFFMAN, 2011, p.11) Sendo assim a sociedade é composta por várias redes que se interagem concomitantemente e se mudam de papéis por todo o dia e todo momento, a exemplo dois policiais, um possui uma patente superior à do outro, quando estão em um quartel um exerce seu poder D<sup>3</sup> (COLLINS, 2003), isto é o poder de deferência sobre o outro, mas caso o soldado inferior possua uma outra profissão que venha a oferecer uma hierarquia que o seu superior não possua conhecimento para equalizar, o policial de hierarquia superior assumirá o papel de deferência ao seu subordinado de forma que se invertam os papéis, o que nos dá uma ideia de que até os cargos de poder possuem um circuito para que se tornem efetivos, circuito esse que é situacional, isto é, dependente do ritual de interação ocasional.

Em nosso dia a dia caso saíamos para um simples passeio, uma ida necessária ao supermercado, um pagamento de contas, o trabalho, os estudos e demais situações em que a sociedade tem como palco, seja este virtual ou real, nos interagimos com outras pessoas, em um grau menor do que vemos, mas de certa forma interdependentes ao município que vivemos, ainda que estas pessoas venham apenas para trabalhar e retornem ao término do dia para seus municípios, elas ainda exercem importância em nossa sociedade. No entanto “a realidade da vida cotidiana é partilhada com os outros” (BERGER & LUCKMANN, 2020, p.46), e essa partilha se dá de diversas formas diretas e indiretas que é estabelecida por diversas formas de experiências, contudo darei maior ênfase as situações “face a face” que é exemplificada através de uma situação, pois, onde “o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois. [...] no mesmo vívido presente que sou apreendido por ele” (BERGER & LUCKMANN, 2020, p.46). Havendo então uma colisão entre o “aqui e agora” dele, carregado de significados e vivências junto com a minha mesma carga, um intercâmbio no qual há uma captação de expressividade pertencente a ele e a mim. O que gera algo que se chama de interação social, algo plenamente real que constitui uma parte que junto com as demais formam uma realidade global da vida cotidiana.

Identidades sociais reais e virtuais, fachadas, estigmas, informações sociais são os principais ingredientes pertencentes a realidade social, no caso deste trabalho o bullying contra estranhos, e dessas formas serão apontados e trabalhados a fim de trazer à luz do interacionismo as principais ferramentas de discriminação que tem como objetivo

---

<sup>3</sup> O poder D, poder de deferência, se dá na forma como um indivíduo se porta diante de um outro pelo qual tem deferência, como por exemplo durante um atendimento em um restaurante, os atendentes ou as atendentes demonstram deferência ao cliente ou a cliente, o mesmo acontece quando um estudante cumpre rituais diante de um professor que tem muita admiração.

a manutenção desse meio de interação violenta, de seus atores, ao cenário e suas perspectivas micro situacionais.

Embora não tenha sido abordada em sua origem uma perspectiva de fatores tais como político, classista e econômico em tamanha profundidade quanto os teóricos da sociologia da Teoria do conflito, no entanto assuntos como racismo, feminismo, classicismo estão sendo apresentadas dentro das análises de alguns interacionistas simbólicos, “em geral, os interacionistas tem recorrido à Teoria Feminista, estendendo-a, por meio de suas análises sobre como as pessoas ‘representam o gênero’” (SANDSTROM et al, 2016, p.64), entendendo assim as formas de poder que são apresentadas por meio da relação de gênero entre os atores do meio social. Quanto as formas como se analisa as questões de compreensão das formas de poder, “nas últimas três décadas, os interacionistas têm explorado uma série de temas ligados ao poder e à economia, tais como desigualdade, ideologia a atuação, a ação coletiva e a formação da consciência” (SANDSTROM, 2016, p. 67), entendendo então essa relação a partir de uma ótica que permeia os conflitos sociais como aparece no livro “Explicação e emancipação no Marxismo e Feminismo” de Erik Olin Wright.

A sociedade é formada por indivíduos que influenciam constantemente na formação desta, “o interacionismo simbólico é uma perspectiva que coloca a ação humana no centro da compreensão da vida social” (SANDSTROM et al, 2016, p.16), o que de fato transfere a observação para as micro relações que se formam conforma a rede que estão subordinadas e moldadas a seus atores. Para se analisar a naturalização do bullying se faz necessário analisar seus atores, seus rituais e sua rede de existência, e para observar essa rede a tradição micro interacionista ou interação simbólica se torna eficaz, pois aqui a sociedade não é “uma entidade que existe independente de seus indivíduos”, para haver o bullying se fazem necessários diversos papéis para sua existência, há um ator que está localizado no final da rede na forma, de isolado, de interação que sofre ações de um outro ator que está com o poder de provocar violência, um detentor da ferramenta de poder, seja ela uma atitude uma expressão que lhe dê um poder situacional sobre o outro.

Por fim, seria complicado uma argumentação sobre o interacionismo simbólico sem levar em conta as premissas, largamente conhecidas pelos sociólogos e sociólogas que utilizam as ferramentas do interacionismo simbólico, ou que são amadores ou ainda que estudaram essa tradição sociológica, criadas por Herbert Blumer. São elas Três, a primeira “estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se no

significado que este lhes oferece” (BLUMER, 1980, p.119). Torna-se quase impossível não interagirmos como seres humanos com outros sem um sistema de signos e símbolos que sejam consonantes entre os envolvidos na interação, e isso se torna fundamental para a comunicação e representação de nosso campo de significados sociais. A segunda premissa consiste no “fato de os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mante com as pessoas” (BLUMER, 1980, p.119). A escola é um ambiente assim como toda a sociedade em que se socializa conhecimentos pertencentes a cultura, e possui a linguagem como uma das formas determinantes nessa socialização e que é uma das formas que é concebida graças a interação social, sem essa interação social não haveria, provavelmente, possibilidades de se ter a educação e sua gama de produções. A terceira, e última premissa, é que “tais significados são manipulados por um processo interpretativo utilizado por pessoas ao se relacionar com os elementos que entra em contato” (BLUMER, 1980, p.119).

Em uma acritica às teorias de Weber sobre compreensão atual e compreensão pelos motivos, Alfred Schütz traz uma elaborada concepção sobre quais são as principais motivações para a agencia de um indivíduo. Para Weber motivo viria a ser “um contexto de sentido que, ao próprio agente ou ao observador, surge como fundamento significativo de um comportamento” (WEBER, Apud SCHÜTZ, 2018, p. 59). E com base nesse conceito sobre o que vem a ser motivo dentro da sociologia, Alfred Schütz traz dois importantes fundamentos que podem justificar um comportamento de um agente, o primeiro um fundamento significativo de comportamento que tem como base um resultado uma consequência futura, que é quando “surtem em mim como fundamento significativo de comportamento, uma série de expectativas relativas a um acontecimento futuro que ocorrerá como resultado de meu comportamento” (SCHÜTZ, 2018, p. 59), quando um valentão ou uma valentona comete bullying será que poderemos analisar suas ações como uma possível expectativa sobre algo que estes tenham em mente? O segundo fundamento baseia-se em uma premissa de que a motivação seja provinda de uma experiência passada, onde para mim, como um agente “surte a mim, como fundamento de meu comportamento, vivências minhas decorridas que me levaram a realizar esse comportamento específico” (SCHÜTZ, 2018, p.53). O que poderia, no passado do praticante de bullying, socialização primária/raça/classe/status/gênero, ter como “gatilho” o favorecimento de uma atitude violenta para com seus colegas de escola? Seria um motivo o comportamento violento em sua família, seja de algum membro que ocupe uma situação de poder, sua mãe, seu pai, sua madrasta, seu padrasto, como uma demonstração de poder independente do gênero ou sexo? Seria um passado em que este ou esta estaria

no lugar isolado de uma outra rede de violência? Ou até mesmo em uma situação semelhante a essa?

Além de entrevistarmos e tentar entender os acontecimentos através das palavras dos atores, também se faz necessária a compreensão do ambiente em que esses atores vivem, pois através de suas vivências poderemos compreender o porquê de suas condutas e comportamentos, pois cada um traz uma espécie de compreensão do que venha a se a realidade do que ele presencia, “os agentes, interpretam, portanto, suas vivências de mundo; eles as concebem sob esquemas de interpretação” (SCHÜTZ, 2018, p. 59). E nessa visão de mundo pode estar a motivo pelo qual seu comportamento está justificado, por qual interpretação se tornam válidos seus valores pessoais e sociais que florescem durante sua participação no ritual de interação, como sua vivência contribui para que sua conduta encontre justificativas que sirvam para atender suas expectativas e para permanecer na relação com os demais atores sociais em sua forma de condução.

Uma das contribuições importantes dadas por Alfred Schütz se dá na pertinente posição do cientista social que está diante de um agente pertencente ao fenômeno cujo estudo se faz presente, “fica a cabo do observador – seja este parceiro de interação no mundo social ou o sociólogo – fixar, por iniciativa própria, os pontos inicial e final do agir alheio cujo sentido visado constitui objeto do inquirir” (SCHÜTZ, 2018, p.99), delineando um percurso importante ao estudo que se pretende elaborar, “visto que o curso objetivo não oferece nenhum critério para a delimitação da ação ‘unitária’” (SCHÜTZ, 2018, p.99). Recaindo então, por conseguinte, na responsabilidade de seu observador.

Ao levarmos em conta as caracterizações que as pessoas tem em definir que elas conhecem tem uma pessoa há definições que se apresentam como primárias, essas definições são embasadas em uma possível fachada, uma espécie de primeira impressão criada para ser apresentada para uma conversa, que se apresentam além da sua evidência corporal, pois “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 2008, p.11), isso tudo é sintetizado no termo “identidade social”.

Quando um garoto ou uma garota se apresentam como violentos, há uma certa caracterização de todos que estão a sua volta, pois sua identidade social foi formada através de suas atitudes, e estas acabaram por criar o estigma de valentão/valentona. Esse termo de estigma “será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo,

mas que é preciso, na realidade, uma linguagem de relações e não de atributos” (GOFFMAN, 2008, p.13). Já que sua “fama” vai acompanhar o estigmatizado por um longo período de tempo ou enquanto durar sua interação com a rede em que está interagindo, já que, esta pertence à um atributo de sua personalidade.

Ao mesmo tempo em que há uma estigmatização para o outro ator social envolvida na situação, geralmente de cor, raça, gênero, físico, das vítimas em questão. Como por exemplo as formas de apelidos que em sua maioria são direcionadas ao estigma imputado à vítima. E isso nos dá uma forma de nomear e situar um objeto social, possivelmente uma identidade social “é uma categoria mental que utilizamos para localizar uma pessoa em relação as outras, destacando o modo que ela se assemelha” (SANDSTROM et al, 2016, p.98) ou se distinguem da outras. Reforçando que há estigmatização de todos atores sociais ou todas atrizes sociais envolvidas na situação de poder presente na atuação do bullying.

Ainda quando falamos de identidade social ainda há um conceito semelhante que fora trazido pelo jornalista e comentarista político chamado Walter Lippman, este termo nos dá uma segurança e conveniência em generalizar, antecipar ações e planejar e evita uma avaliação detalhada por cada pessoa que pessoa que há uma interação, no entanto este também possui limitações perigosas quando nos deparamos como indivíduos que desconhecemos, embora seja uma ferramenta útil para uma possível proteção e antecipação de uma possível fuga, elas podem oferecer uma espécie de retorno perigoso e imprudente, pois os estereótipos “distorcem, negligenciam ou desconsideram informações significativas sobre o outro” (SANDSTROM et al, 2016, p.96). Ao mesmo tempo que se torna confortável e viável uma generalização, ela omite, apaga e ofusca características singulares pertencentes ao outro. Trazendo cargas que não correspondem ao indivíduo em que se está forjando uma identidade social virtual, tece-se sobre um conjunto de característica que estão presentes em um outro indivíduo, geralmente um que possua atitudes nocivas ou que desconsideram um *ethos* originado de alguns grupos ou até mesmo uma sociedade de uma época, não nos esqueçamos que a manutenção dos estereótipos pode conduzir a diversas redes de significados que incubem de adjetivos preteríveis à pessoas, o que na verdade extravia uma avaliação significativa e segura diante de um indivíduo. Pois por mais que seja possível seu uso e nos permita “lidar com as ‘realidades’ ambíguas das pessoas que encontramos, eles podem também nos levar a ignorar características essências” (SANDSTROM et al, 2016, p.96), já que estes “cegam e limitam” (SANDSTROM et al, 2016, p.97) inegavelmente nossas percepções como

pesquisadores ou pesquisadoras sociais ou cientistas sociais, nos condicionando a simplificar algo tão complexo e passível de estudo sério quanto a sociedade e seus fatos sociais.

O estereótipo é “uma imagem mental que atribui um conjunto de características comuns a membros de um determinado grupo ou categoria social” (SANDSTROM et al, 2016. P. 95). Aqui Kent Sandstrom apresenta um conceito bem próximo do termo estigma deferido por Goffman. Um dos exemplos da nocividade dos estereótipos podemos trazer o exemplo da etnia, estes “variam drasticamente através das culturas e periódicos históricos” (SANDSTROM et al, 2016, p.101), e se tornam absurdamente nocivas socialmente, pois interfere negativamente na interação de indivíduos perante ao seu papel social, ceifando categoricamente cada oportunidade em que este indivíduo possui devido a sua origem étnica, tem-se como exemplo os casos de discriminação contra os afrodescendentes devido a sua cor de pele, durante muito tempo a discriminação foi permitida e reforçada perante o ambiente social, isso pode ser percebido graças a movimentos sociais, exemplo Black Lives Matters, os Panteras Negras, que lutam ou lutaram por direitos iguais e respeito para esse público, com personalidades como Martin Luther King para que se pudesse atacar as noções de estigmatização, estereótipos, (aqui mais uma razão para que observações estereotipadas necessitem de forma cabal serem reavaliadas permanentemente devido a sua flutuação perante as noções de fato social).

A identidade do estudante transgressor se apresentará além do estigma de agressor ou agressora, sob duas formas, a forma verdadeira que constitui atributos pertinentes aos seus comportamentos, sejam estes bons ou maus, que se apresentara na forma de identidade social real, além dessa identidade ele apresentará uma outra que corresponderá a concepção originada dos outros que vêm ou ouvem falar, “não mexa com ele, ele parece que matou um rapaz durante uma discussão,” “ele bateu na namorada”, “ela matou o marido com agua fervente no ouvido,” comentários que nos direcionam ao filme As dez coisas que eu odeio em você, Things I hate about you (Julger/1999), um romance “teen” que mistura a ambiência do ensino médio dos Estados Unidos com características do romance A Megera de William Shakespeare, onde ao redor do casal protagonista aparecem uma fama que beira a criminalidade.

Ainda que observemos os agentes da interação bullying, haverá diversas interpretações quanto ao papel social destes, cada um apresentará sua forma de percepção social coletivamente partilhada, que está diretamente ligada a sua vivência, a sua concepção do que venha a ser o mundo social, a sua realidade social. E isso irá interferir

diretamente sobre a ótica apresentada pelo cientista social presente no fatos social, e isso nos leva a ter um extremo cuidado para que o micro ambiente não seja “poluído” nem a interpretação de seus pertencentes, não se pode dar uma informação de que o agente se enquadra em um determinado ponto nessa rede sem antes examinar o fato e também examinar o ator, já que “o indivíduo em particular é um objeto um tanto diferente para diferentes observadores. Essas observações que os observadores fazem de uma pessoa são relativas à relação que mantem com ela” (SANDSTROM et al, 2016, p.107). O que de fato nos condiciona a ter muito mais conhecimento sobre os indivíduos e grupos a serem estudados, quem são esses atores? Quais percepções de realidade eles possuem? Sendo assim também deve-se levar em conta as redes que este indivíduo participa para além do fato micro social estudado, toda “a ‘realidade’ do indivíduo não é inerente a suas características e comportamentos, mas, antes, emerge da natureza de suas interações com os outros” (SANDSTROM et al, 2016, p.107). Além dessas interações também é importante se atentar as emoções produzidas por essas conexões, “embora nossas emoções possuam tais aspectos e implicações biológicos, é importante salientar que, em última análise, elas se baseiam em realidades sociais, e não fisiológicas, e são motivadas por essas realidades” (SANDSTROM et al, 2016, p.109). Assim como a emoção foi importante no livro de Norbert Elias, o processo civilizador (1990) aqui elas possuirão um fator captável, mas não fora do que se está interligado, já que estas emoções fazem parte do bullying.

Para SANDSTROM et al (2016) o significado de estigma se caracteriza por “um atributo de descrédito, ou marca de desgraça, que leva os outros a nos ver como indignos de confiança[...] com base comum a deformidades físicas e falhas no caráter” (p.298). Além disso em um tempo remoto essa estigmatização foi trazida para os homossexuais, o que está muito presente através dos relatos apresentados no livro Estigma de Erving Goffman, já que na época de sua publicação a homossexualidade era tratada como uma espécie de desvio de caráter. O praticante de bullying se reserva a ter “as mesmas crenças sobre identidade que nós temos e isso é um fato central” (GOFFMAN, 2008, p.16), ao mesmo tempo em que o indivíduo se negue a crer que sua atitude venha a ser algo errado, ou até mesmo há a possibilidade de que ele “percebe que um de seus atributos é impuro e impuro e pode imaginar-se como não portador dele” (GOFFMAN, 2008, p.17), entrando em um processo de negação para com seu estigma.

No caso que se pretende estudar, é o estigma do estudante que é caracterizado como estranho, o diferente, aquele que não está dentro dos padrões a ser digno de compreensão

e respeito diante da rede a qual participa em posição isolada, que não apresenta prestígio, um status, para os demais que cooperam para que o valentão ou valentona possa praticar bullying, e esse pode ser por conta da cor, do comportamento, da identidade de gênero que se encontra em possível posição de diferença diante daquele que se tem como desviante.

Quando se trata de trazer a oportunidade de se estudar o público desviante de um ato social temos em mente a possibilidade, se tivermos como ponto de partida uma perspectiva interacionista simbólica, a utilização do livro *outsiders* de Howard Becker, seja por sua grande contribuição para olhar sobre o público desviantes, no caso se valendo de uma posição fora da lei adotada por alguns atores e sua importância na teoria da rotulação. “Mas uma pessoa assim rotulada pode ter uma opinião diferente sobre a questão” (BECKER, 2008, p.15), talvez o papel, construído socialmente, que o ator ou atora se apresenta como praticante de bullying, o valentão, possua uma perspectiva com base em valores, que entendam a raça, o gênero, as marcas no corpo como desvios, que valide sua ação e que sirvam de algo para sua própria negação quanto a legitimidade daqueles que sustentam ou elaboram as regras.

Dadas as dimensões de onde a violência pode se apresentar, resolvi trazer um recorte mais específico que tenha como parâmetro uma abordagem mais direcionada a um ambiente micro sociológico e micro interacionista onde se possa estudar uma rede constituída por atores específicos em um determinado espaço micro situacional. Tentar entender como a relação dessa rede que também possa envolver uma “interação entre os que são acusados de estarem envolvidos na transgressão e os que fazem essa acusação” (BECKER, 2008, p.179), e se os acusados de bullying não se sentirem desviantes e considerar seus juízes *outsiders*? (BECKER, 2008). Como esta pode se manter como um fenômeno ainda que seus atores se modificam constantemente, originando novos atores em novas situações para um mesmo fenômeno? A teoria da rotulação está embasada em uma possível “concepção do desvio como uma ação coletiva” (BECKER, 2008, p.179). Aqui se reforça que para a prática de um ato “fora da lei” se faz na presença de uma equipe, de um grupo, que pode variar sua participação tendo em consideração vários fatores, já que o caráter do desvio, construído numa relação de poder durante o bullying, é “a imposição de definições por aqueles poderosos o bastante ou legitimados o bastante para tanto” (BECKER, 2008, p.206).

Quando temos a teoria da rotulação como ponto de partida para uma observação quanto os atores do bullying, nesse caso os praticantes, percebemos que as identidades

sociais atribuídas aos desviantes por empreendedores morais, colocam “o ator em circunstâncias que torna mais difícil para ele levar a diante a rotina normais da vida cotidiana, incitando-o a ações ‘anormais’” (BECKER, 2008, p.181). No simples ato de rotular o agressor como um ser essencialmente desviante acaba-se por ceifar as possibilidades dentro da rede de interação do qual o mesmo é pertencente de uma outra ação que não envolva o “papel social” do qual este ou esta outsider está estigmatizado. O que vem a definir muitas vezes a provável desistência do desviante de seguir um caminho distinto do ritual de agredir outro estudante pode ser dar, aliado aos valores legitimadores de suas ações, à desvalorização daqueles ou daquelas que são contra suas atividades já “não encaram aqueles que a julgam (a regra) competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo” (BECKER, 2008. P 15).

Uma ação desviante está formada graças à um conjunto de regras pré-estabelecido por sujeitos que possuem legitimação, pelo menos da maioria das pessoas que vivem em sociedade, legitimação está tão subordinada à um poder de eficácia determinado por um conjunto de leis que são elaborados por um extenso processo histórico de erros e acertos, ou por uma imediata colaboração de pessoas para uma convivência, já que é de uma micro situação de que se pretende relatar o presente texto.

O estigma é inerente a ação do bullying quando temos em mente os atos violentos praticado pelos valentões ou valentonas da escola podemos classifica-los como atos de desvio, assim como traços pertencentes às vítimas, os comportamentos, timidez, isolamento e marcadores sociais, de raça, gênero, de localidade domiciliar, origem, assim como suas características físicas, e que além de serem relativos as regras da instituição escolar não possuem consenso dos que estão envolvidos, já que quem sofre não está se sentindo livre para optar, ao contrário do uso da maconha que é algo proibido legalmente, mas as pessoas que possuem o uso da cannabis sativa como algo em comum estão em absoluto acordo, isso é há uma divisão entre regras formais e regras informais, enquanto as regras formais são estabelecidas por lei as informais são estabelecidas por grupos sociais menores “que criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui o desvio” (BECKER apud SANDSTROM, 2016. P.261). No entanto há ressalvas na abordagem de uma teoria como esta, a criação do desvio não se mostra tão simples assim, já que é construído por uma série de “processos sociais complexos e interdependentes” (SANDSTROM et al, 2016. 261).

Essa teoria do desvio abordada por Howard Becker (2008) e por outros interacionistas contém observações que “prestam atenção a forma como os atores sociais

se definem uns aos outros” (BECKER, 2008, p.204), e a partir daí também prestam atenção a “diferenciais no poder de definir.” Já que o que se tem como atitude de desvio em uma sociedade pode ser absurdamente contrária em uma outra, como por exemplo o ato de mulher administrar cultos religiosos, o ato de fumar cannabis sativa, o ato até de beber café, podem ser classificados como desvio para umas sociedade no entanto para outras isso é absolutamente normal, quando olhamos para a nossa própria sociedade temos uma divergência do quanto é um ato de desvio, a exemplo se levarmos em consideração a opinião de um adepto ao uso de cigarro de maconha e um religioso, ambos terão uma opinião bem distinta do que venha a ser o ato de desvio diante do uso do tetrahydrocannabinol para fins recreativos. Por fim Howard Becker (2008) ressalta que a “abordagem interacionista do desvio serviu para elucidar os fenômenos que foram convencionalmente estudados sobre essa rubrica, mas também para complicar a visão moral que temos deles” (p. 206).

No caso do bullying compreendeu-se, por meio da formação de grupos focais e entrevistas face a face, que os valores quanto a raça, o padrão de comportamento, são apresentados como um totem importante e sagrado para os agressores e agressoras. Estes e estas se tornam empreendedores morais quanto a micro situação, determinando e “interessado em impor sua própria moral aos outros” (BECKER, 2019, p.155), determinando quem “merecerá” ser dominado quanto sua regra, já que esse assume o papel de impositor de regras (BECKER, 2019, p.155). Já que graças a relação de poder existente no bullying, são construídas socialmente noções de padrão de conduta que tornam estigma tudo que estiver fora do alcance desses empreendedores morais, que atuam como agressores e agressoras. Regras essas lidadas ao microambiente situacional da escola.

Como dentro do ambiente micro social do bullying eu trabalho com o termo dominação, estou convencido de que as contribuições de Max Weber são essenciais para a compreender o conceito de dominação, estas apontam que o macro social apresenta influências no ambiente micro situacional, diante dos símbolos reproduzido em suas micro interações. Contudo tenho como direcionamento o ponto de chegada dessas contribuições. Quando evocado, o conceito de dominação é compreendido, em meu trabalho, como uma dominação situacional, que embora seja também ancorada nesses valores macros sociais, está ligado, de fato, “à presença efetiva de alguém mandando eficazmente em outros, mas não necessariamente à existência de um quadro administrativo nem à de uma associação (WEBER, 2015, p.33), isto é há uma deferência

por parte dos que ali estão em se disponibilizarem aos comandos independentemente de quaisquer ligação hierárquica institucional, “porém certamente - pelo menos em todos os casos normais - à existência de um dos dois” (WEBER, 2015, p.33).

Para Max Weber (2003),

A dominação, ou seja, a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato, pode fundar-se em diversos motivos de submissão. Pode depender diretamente de uma constelação de interesses, ou seja, de considerações utilitárias de vantagens e inconvenientes por parte daquele que obedece. Pode também depender de mero “costume”, do hábito cego de um comportamento inveterado. Ou pode fundar-se, finalmente, no puro afeto, na mera inclinação pessoal do súdito. Não obstante, a dominação que repousasse apenas nesses fundamentos seria relativamente instável. P.128

Dentre essa definição em seu livro *Economia e sociedade* (2015) ele explica sobre os tipos de dominação

Há três tipos puros de dominação legítima. A vigência de sua legitimidade pode ser, primordialmente.

1. de caráter racional: baseada na crença na legitimidade das ordens estabelecidas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação (dominação legal), ou

2. de caráter tradicional: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional ou, por fim,

3. de caráter carismático: baseada na veneração extra cotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática). P.144

Começamos pela dominação legal. Esta corresponde a legitimidade de um poder quando se dá por meio de eleição ou nomeação. “Seu tipo mais puro é a dominação burocrática. Sua ideia básica é: qualquer direito pode ser criado e modificado mediante um estatuto sancionado corretamente quanto à forma” (WEBER, 2015, p. 128). Nesta o ou a líder ou o ou a chefe, tem por obrigação também seguir um conjunto de regras, pois tanto ele ou ela quanto seus subordinados ou suas subordinadas, respondem à um estatuto criado previamente. Aqui esses todos os membros tem por obrigação respeitar um

conjunto de regras, e sendo assim “obedece-se não à pessoa em virtude de seu direito próprio, mas à regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a quem e em que medida se deve obedecer” (WEBER, 2015, p. 129).

Nesse tipo de dominação a objetividade é o que regulamenta todo esse poder atribuído. Nenhuma emoção, capricho ou vontade deve ser motivos de qualquer ação de quem estiver no cargo.

Seu ideal é: proceder *sine ira et studio*, ou seja, sem a menor influência de motivos pessoais e sem influências sentimentais de espécie alguma, livre de arbítrio e capricho e, particularmente, “sem consideração da pessoa”, de modo estritamente formal segundo regras racionais ou, quando elas falham, segundo pontos de vista de conveniência “objetiva” WEBER, 2015, p. 130

Esta é uma dominação percebida tanto no estado moderno, assim como em uma empresa privada. Contudo há uma diferenciação importante quanto aos campos sociais destas, quando no âmbito da política, enquanto as associações das políticas modernas “constituem os representantes mais conspícuos do tipo. Sem dúvida a dominação da empresa capitalista moderna é em parte heterônoma: sua ordenação acha-se parcialmente prescrita pelo Estado” (WEBER, 2015, p. 130).

Weber (2015) no aponta três observações importantes dentro da dominação legal 1) como citado previamente está presente tanto na empresa capitalista quanto nas administrações promovidas pelo Estado. 2) “A burocracia constitui o tipo tecnicamente mais puro da dominação legal” (WEBER, 2015, 130). Embora nem todo tipo de dominação legal deva apresentar características burocráticas, esse tipo de dominação em seu carácter burocrático está presente em boa parte da dominação legal, quando se observa tanto no âmbito da administração política quanto empresarial. E, por fim, 3) “A burocracia não é o único tipo de dominação legal” (WEBER, 2015, p. 130). Na fundação do estado moderno percebeu-se que os colegiados exerceram um papel importante na construção dessa dominação legal.

A dominação tradicional, será a segunda a ser abordada. Esta consiste em uma dominação com base na “crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito existentes. Seu tipo mais puro é o da dominação patriarcal. A associação dominante é o de carácter comunitário” (WEBER, 2015, p. 131). Uma das questões que legitimam esse poder se dá no âmbito da fidelidade. Essa característica se aplica na relação de senhor ou senhora e seus súditos e súditas. Há uma “áurea” de santidade que se fixa pela tradição do povo ali pertencente, sua forma de dominação geralmente é

calcada em dogmas antigos ou religiosos em uma associação de aspecto comunitário.

Nesse tipo de domínio é notado duas características trazidas por Weber (2015):

1) A estrutura puramente patriarcal de administração: os servidores são recrutados em completa dependência pessoal do senhor, seja sob a forma puramente patrimonial (escravos, servos, eunucos) ou extrapatrimonial, de camadas não totalmente desprovidas de direitos (favoritos, plebeus). P.132

Pode-se ter como exemplo o sultanato, um regime de total dominação centralizado no sultão, e todos os regimes despóticos. Onde há uma dominação em que não se passa por uma escolha, já que seu arbítrio é enorme em qualquer parte e não aceita objeções por parte dos seus subordinados e suas subordinadas. Todas as decisões passam pelo crivo da vontade e capricho de seu detentor.

Segunda característica:

2) A estrutura estamental: os servidores não o são pessoalmente do senhor, e sim pessoas independentes, de posição própria que lhes angaria proeminência social. Estão investidos em seus cargos (de modo efetivo ou conforme a ficção de legitimidade) por privilégio ou concessão do senhor, ou possuem, em virtude de um negócio jurídico (compra, penhora ou arrendamento) um direito próprio do cargo, do qual não se pode despojá-los sem mais. P.132

Nessa característica se assume o aspecto do privilégio de um quadro administrativo e o senhor, o que apresenta a ausência de algo como a disciplina e a substituição por competição entre os titulares do cargo, ferindo constantemente a articulação hierárquica. Como define Weber “As relações gerais são reguladas pela tradição, pelo privilégio, pelas relações de fidelidade feudais ou patrimoniais, pela honra estamental e pela ‘boa vontade’” (WEBER, 2015, p. 132), configurando também em muitas vezes o caráter “estereotipado” no tipo de administração.

Dentro desse seguimento da dominação tradicional encontra-se um tipo interessante quando se analisa os chefes de parentelas, os ditos soberanos, é a dominação patriarcal. Nessa relação de domínio toda a base para sua legitimação se situa nos valores tradicionais onde o pai ou o avô determina sua forma de poder sobre sua família e trabalhadores dentro de seu domicílio, dentro de seus patrimônios. Todo o ambiente é regido pelo patriarca. Assim como exemplifica Max weber:

A fidelidade inculcada pela educação e pelo hábito nas relações da criança com o chefe de família constitui o contraste mais típico com a posição

do trabalhador ligado por contrato a uma empresa, de um lado, e com a relação religiosa emocional do membro de uma comunidade com relação a um profeta, por outro. E efetivamente, a associação doméstica constitui uma célula reprodutora das relações tradicionais de domínio. Os “funcionários” típicos do Estado patrimonial e feudal são empregados domésticos inicialmente encarregados de tarefas afetas puramente à administração doméstica (senescal, camareiro, escanção, mordomo). WEBER, 2015, p.133.

O tipo de dominação carismática se apresenta em “em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória” (WEBER, 2015, p.135). Nessa classificação é conspícuo a associação com os grandes líderes religiosos, os grandes políticos demagogos e os grandes heróis, já que as emoções, o extraordinário, uma verdade conveniente a ser ouvida no momento. A relação existente é de um líder ou uma líder dominante e os apóstolos ou apóstolas dominados ou dominadas, já que quem domina apresenta uma qualidade excepcional. Como apresenta WEBER (2015)

O quadro administrativo é escolhido segundo carisma e vocação pessoais, e não devido à sua qualificação profissional (como o funcionário), à sua posição (como no quadro administrativo estamental) ou à sua dependência pessoal, de caráter doméstico ou outro (como é o caso do quadro administrativo patriarcal). P.135

Além do apresentado Weber trouxe mais três aspectos dessa dominação carismática, uma delas o autor buscou no livro Direito eclesiástico para a antiga comunidade cristã de R. Sohm, obra que conta que representações de poderes anteriores, nesse livro, “o passado antigo somente conhece, ao lado de tentativas insignificantes de domínio ‘estatuído’, que sem dúvida não faltam, totalmente, a divisão do conjunto de todas as relações de dominação em tradição e carisma” (WEBER, 2015, p.136), para diferenciarmos a tipologia da dominação apresentada por Weber temos que entender que eventualmente estas se intersectam, como por exemplo a carismática que contém elementos provindos da tradicional. Por segundo Weber trouxe o aspecto da dominação carismática que apresenta uma “‘crença’ no profeta ou no ‘reconhecimento’ que encontram pessoalmente o herói guerreiro, o herói da rua e o demagogo, e com eles cai [...] a fé e o reconhecimento são considerados um dever” (WEBER, 2015, p.136). Uma idiocracia presente também em líderes autoritários e forças revolucionárias na história. E por fim, o sociólogo apresenta o terceiro aspecto inerente a dominação carismática: “é

evidente que a expressão ‘carisma’ é empregada aqui num sentido plenamente livre de juízos de valor” (WEBER, 2015, p. 136), pois esse senhor carismático tem o dever de se fazer acreditar para seus apóstolos que é um agraciado pelos deuses, pela ideia, pela mudança, pelo resgate.

Concluindo a dominação carismática, Weber chama a atenção para a manutenção contínua por parte do profeta ou líder carismático (WEBER, 2015).

Contudo, para a subsistência continuada da submissão efetiva dos dominados, é de suma importância em todas as relações de domínio o fato primordial da existência do quadro administrativo e de sua atuação ininterrupta no sentido da execução das ordenações e de assegurar (direta ou indiretamente) a submissão a elas. P.137

Esse foi um breve texto sobre conceito de dominação apresentado por Max Weber, suas especificidades explanam como a sociologia pode observar as relações de dominação e poder presentes no cotidiano. Contudo chamo a atenção, por meio dessa recapitulação, para o leitor ou leitora que entenda que a dominação, presente nessa dissertação, se apresenta em carácter situacional, pois o bullying é algo que se apresenta em uma micro situação que apresenta idiocrasia distinta das grandes mobilizações sociais, o intuito é apresentar como a dominação pode ser percebida em suas escalas.

Para se ter uma observação do que venha a ser essa violência o autor Randall Collins define que “a violência é um conjunto de caminhos em torno da tensão e do medo do confronto” (2008, p.08). O que de certa forma contraria a ideia de que a violência é algo fácil e que se forma naturalmente, ela precisa de um conjunto de possibilidade para acontecer e para que haja bullying se faz necessário esse agrupamento de possibilidade e situação para que de fato haja violência, caso um professor apareça no início do bullying, a probabilidade deste acontecer, acaba diminuindo, já que o papel social do professor apresenta um poder de deferência diante da situação. Ainda que não seja o professor, mas que apareça um servidor que pertence a equipe técnica da instituição escolar, haverá a possibilidade de redução ou ruptura do bullying, já que a presença deste também interferirá de forma importante. Ainda em relação ao bullying se um dos atores não estiver presente na micro situação, dificilmente haverá o fato social, e caso a ausência seja do “desviante” originador de todo o ritual de violência a existência será praticamente nula. O que nos leva a perceber esse tipo de ritual como algo excepcionalmente situacional.

No entanto, esse texto se predispõe a apresentar alguns dados da atualidade, fazendo um recorte destinado a trazer uma das modalidades de violência na escola por um olhar interacionista de Randall Collins sobre esta violência na forma de bullying, e sua significância quanto a possíveis estudos sociológicos, que se propõem a analisar uma interação violenta, repetitiva de agressores, que tem como atuação “ mexer com isolados da rede, que estão nos níveis mais baixos da hierarquia de status de grupo, que não tem amigos e aliados e não tem energia emocional para se defender”(COLLINS, 2011), pois o bullying é entendido nos termos aqui sociologicamente propostos, como um fenômeno pertencente a uma rede constituída por jovens um ambiente situacional permissivo, no caso o ambiente escolar, onde a violência “passa por um filtro de ritualização para ser um dispositivo eficaz para a dominação situacional” (COLLINS, 2003, p.32).

Esse tipo de violência escolar tem como característica “uma relação repetitiva e desigual entre os indivíduos, em que os agressores distintos têm como alvo isolados de baixo status, tem uma estrutura e causalidade muito diferente das brigas bilaterais” (COLLINS, 2011). Isso é, o bullying está um ambiente micro situacional onde haja uma desigualdade entre os atores, agressores e as vítimas, o que se difere de competições de honra individuais, luta entre grupos, este último irá desenvolver-se a categoria de bullying quando houver uma desigualdade situacional para um dos grupos e um caráter repetitivos de sua atuação. Um dos tipos de violência mais recorrentes é onde a vítima caracteriza-se sendo é lugar mais fraco da rede “é provavelmente o bullying. Isso é mais comum entre crianças e diminui com a idade, exceto no total de instituições que tratam seus internos como crianças” (COLLINS, 2008, p.156).

Uma das características importantes do autor escolhido, Randall Collins, se dá a sua sociologia, onde “a posição de que a verdade é uma questão de foro social ele arrola alguns mecanismos sociológicos que conformam escolas e estilos de pensamento” (BARBOSA, 2015, p.02). Cada fato social observado carrega um conjunto de características que serão vistas de acordo com os pensamentos, perspectivas refletidos no conjunto de possibilidades sociológicas trazido pelo autor, como vemos que para Ivan Barbosa (2015, p.02) “a perspectiva deste autor, com forte orientação interacionista, alarga o leque de possibilidades de explicação dos processos de ideação e/ou culturais e seus mecanismos de validação e mudança,” o que terá enorme valor quanto ao ambiente micro sociológico estudado do bullying, dada a tais possibilidades presentes na rede de interação que constituem os atores desse tipo de violência escolar, sendo o texto supracitado uma justificativa que embasa a escolha do autor como principal norteador da

dissertação.

Em observações e consultas ao outro autor, no caso Hubert Montagner (1988), Randall Collins (2008) trouxe cinco características interessantes sobre as atuações situacionais do bullying, no comportamento de crianças. Em uma pesquisa feita nas creches da França com crianças de um grupo de faixa etária de três a trinta e seis meses e um outro grupo em um jardim de infância, e uma faixa etária de dois a seis anos, e durante as gravações feitas dessas crianças, foram diagnosticados alguns comportamentos e dentre estes cinco receberam uma maior atenção e se tornaram principais:

1. Dominantes populares: essas crianças são sociáveis, mas também ameaçadoras e apaziguadoras. Sempre interagindo com outras crianças, eles são felizes e brincalhões, mas também competem com os outros. Eles tiram os brinquedos de outras crianças, mas depois os devolvem: como se fosse apenas para mostrar que eles podem fazer isso, como se estivessem iniciando pequenas disputas apenas por diversão. Depois de vencerem, eles são amigáveis.
2. Sociável e apaziguador: crianças que são amigáveis, mas não competitivas; quando outra criança tenta tirar um brinquedo delas, elas desistem. Os laços de rede dessas crianças são com os dominantes populares (1).
3. Agressivo: crianças que estão constantemente competindo com outras crianças e tentando dominá-las; eles tiram seus brinquedos, fazem-nos chorar, guardam os brinquedos apenas para mostrar que os possuem e os jogam fora quando outras crianças não tentam mais pegá-los. Esses pequenos valentões se associam principalmente uns com os outros, em pequenas gangues de valentões. Eles não agredem contra os dominantes sociáveis (1), entretanto, ou seus amigos complacentes (2); os dominantes ganham qualquer disputa com os agressores.
4. Vítimas com medo: essas crianças são tímidas e choram com facilidade. Eles são os alvos favoritos dos agressores (3). Eles também são seguidores; na medida em que brincam com ou perto de outras crianças, são os valentões que eles seguem.
5. Agressivo e dominado. Essas crianças geralmente são dominadas, mas tornam-se intermitentemente agressivas. Eles são normalmente isolados de rede. (p.156 - 157)

Houve, além destas descritas acima, a constatação de mais dois tipos de comportamentos, que são os flutuantes, que assumem um papel de todos relatados acima e inclinam-se em associação aos agressores, e os isolados, que não se apresentam de forma a sociáveis e nem assumem nenhum dos comportamentos, “normalmente, esses são os

filhos mais novos, mas podem manter seu estilo de personalidade até os três ou quatro anos, altura em que se enquadram em um dos tipos estáveis” (COLLINS, 2008, p.158). Aqui já se percebe que algumas crianças desenvolvem desde cedo certos tipos de comportamentos quando interagem com outras crianças de faixa etária semelhante a suas e por meio dessas observações Randall Collins (2008) constatou que, como uma possível análise paralela à esta idade inicial, “podemos pensar nos adolescentes do ensino médio que rejeitam todo o sistema de status e se tornam rebeldes, malucos, adeptos de estilos intelectuais ou culturais distintos” (p.158), percebendo então que certas características presentes nessas interações se reverberam e assumem importâncias em ritos pertencentes as mais variadas micro situações de bullying.

Os agressores e agressoras observadas pela dissertação se assemelham em comportamento às crianças dominantes apresentado por Randall Collins, no sentido de que, ambos são competitivos e dominadores, e também tentam se conectar com os outros, “eles diferem no fato de que os dominantes também são mais amigáveis e usam sua agressividade principalmente como um ritual para estabelecer associação para aqueles que jogarão com eles em uma posição subordinada” (COLLINS, 2008, p.158).

No entanto, parece não haver uma espécie de recompensa para essa atuação das crianças agressivas, no caso o terceiro tipo diagnosticado pelas gravações na creche e jardim de infância, quando se trata de ser associado com uma criança dominantes em uma micro situação, já que estes ou estas “estão nas classificações intermediárias do sistema de status” (COLLINS, 2008, p. 158), o que nos apresenta uma percepção de que estes ou estas agressoras não dispõem de um prestígio diante das demais redes de interações fora da micro situação. “Eles não fazem parte da rede dos dominantes e seus seguidores; eles criam sua própria rede, tanto entre si quanto com as vítimas temerosas que estão nas últimas posições” (COLLINS, 2008, p.158). Isto é há uma formação de rede que independe de outras redes de dominação exercida pelas crianças dominantes, uma micro situação que cria essa rede independentemente de possíveis recompensas em status pelas crianças agressivas, dando origem a rede do bullying, uma rede a parte da que é originada pelas crianças dominantes com as crianças sociáveis e apaziguadoras que tem como característica não oferecerem resistência.

Randall Collins em seu livro *Violência: uma teoria micro sociológica* (2008) apresenta três formas importantes de captar a situação em sua essência: “gravações, reconstruções e observações. Elas são mais uteis quando utilizadas em combinação”

(COLLINS, 2008, p.07), que servem para que cerquemos o fenômeno e o tornemos passível de estudo. Para uma sociologia interacionista, pode-se utilizar a essa dissertação duas dessas, a gravação e a observação, no entanto devido às questões sanitárias já levantadas previamente, apenas as gravações, tendo como base o tripé oferecido por Randall Collins, foram utilizadas como método de captação de dados. Os grupos focais e as entrevistas foram transcritos para suprir as necessidades de se observar as práticas de bullying, que por si só se apresentam difíceis de serem registradas graças as habilidades de seus ou de suas praticantes de atuarem quando a situação é propícia a não interferência de profissionais da escola, como técnicos e técnicas, professores e professoras, porteiros, etc.

Todos os elementos presentes na interação social são de extrema importância para a análise do acontecido, trazendo uma sociologia que possa oferecer questões importantes sobre a interação dos estudantes diante do fato social bullying, e para isso é necessário que tenhamos em mente a importância de cada pedaço presente na rede de acontecimentos, já que para George Simmel a sociologia é um acontecimento entre indivíduos, “a sociedade [...] é um acontecer que tem uma função pela qual cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma forma” (SIMMEL, 2006, p.18). Quando temos uma maior compreensão dos “micros detalhes” (COLLINS, 2008) que circundam a naturalização do bullying, pois estes são fragmentos “importantes dos confrontos violentos, tornamo-nos melhores em interrogar nossa própria experiência e em pedir aos observadores retrospectivos os tipos de detalhes que gostaríamos de saber sobre seus encontros com a violência” (COLLINS, 2008, p.07).

Aqui percebe-se que os valores contidos no bullying, e que legitimam a trama, são baseados em regras criadas socialmente pelos empreendedores morais (BECKER, 2019), agressor ou agressora, que se baseia em marcadores sociais, entendidos como estigmas (GOFFMAN, 2012), nas vítimas, regras estas oriundas de vivências em redes de rituais de interação (COLLINS, 2003) prévias. O que explica a reprodução de comportamentos e valores provindos de ambientes familiares, como agressões e dominação, assim como a preferência por utilizar de característica corpóreas como forma de violência através da discriminação, refletida em uma relação de dominação situacional do agressor ou agressora, para com a vítima incentivada pelos espectadores e espectadoras que testemunham o fenômeno do bullying.

Após essa longa trajetória pelo campo sociológico do interacionismo simbólico,

vou trazer um outro autor importante, cuja concordância está presente em grande parte de meu trabalho, Alain Coulon, o interacionismo simbólico foi uma ferramenta utilizada nessa dissertação por ser uma percepção valiosa quando o campo é uma micro situação. Isso se deve porque “o interacionismo simbólico defende que os atores elaboram do mundo social constitui, em última análise, o objeto essencial da investigação sociológica” (COULON, 2017, p.72).

Tal pensamento acaba por formar uma ecologia social, “um tratamento ecológico da sociologia” (COULON, 2017, p.74), isto é, dar importância no papel criativo desempenhado pelos atores e atrizes envolvidas na construção social do seu cotidiano assim como os detalhes que são dotados de significados inerentes à essa construção. (COULON, 2017, p.74), pois os símbolos também são construídos na situação e isso se dá de forma muitas vezes constantes e mutáveis, o que requer para o pesquisador ou pesquisadora social imergir ao mundo micro situacional a fim de entender como essas interações são, já que o interacionismo considera que aos atores e atrizes formulam realidades que são subjacentes ao mundo macro e possivelmente não “pegáveis” pelas suas ferramentas.

A escolha dessa ferramenta interacionista se mostrou eficiente no ambiente da educação para um grande sociólogo chamado Willard Waller (COULON, 2017, p.77), para este, compreender cientificamente a escola e pensar em ingredientes necessários para uma melhor contribuição do professor para o ensinamento foram dois objetivos que culminaram na captação de mecanismos. Contudo, minha posição de estudos se aproxima dos objetivos de Erving Goffman e Randall Collins, já que essa dissertação se concentrou em entender as interações apontadas quanto ao bullying.

Existem quatro razões importantes para que se possa entender de perto um fenômeno social tal qual o bullying, segundo Alain Coulon (2017), contudo a observação feita pelo autor se dá em problemas educativos, em contrapartida, a importância pôde ser migrada para essa dissertação de forma eficaz e satisfatória:

Teórico: a gênese dos problemas sociais da escola não pode ser descoberta pelos estudos clássicos da sociologia da educação que tem o projeto de atualizar a estrutura social que os gera, mas que não explica nem como esses processos se desenrolam, nem como eles são produzidos pelos atores no ato educativo. A abordagem etnográfica. Seja ela ligada à tradição interacionista ou à etnometodologia, permite, pelo contrário, desmontar, por exemplo, os processos do fracasso escolar, da orientação ou da seleção, enquanto a

sociologia positivista da educação limita-se a identificar os efeitos.

Metodológico: a abordagem da Sociologia convencional está calcada em aspectos importantes que compõem todas as etapas de sua construção “científica”, quer consideremos as hipóteses, as entrevistas, os questionários, as práticas de codificação ou emprego de testes estatísticos. A Sociologia interacionista utiliza, pelo contrário, a observação participante para alcançar diretamente os fenômenos que ela quer estudar.

Prático: o conhecimento de conjuntos sociais restritos é mais facilmente apreensível pela etnografia; um investigador isolado pode realizar o estudo sem necessitar de uma equipe numerosa nem de muitos meios.

Existencial: enfim, os indivíduos vivem em “grupos sociais naturais”, e é nesse ambiente que é necessário observar e compreender como organizam a sua vida em comum, como a ordem social é internacionalmente construída e como se perpetua. (p.94)

Dados as observações supracitadas, o universo micro das interações simbólicas pode ser perceptível no fenômeno social do bullying, embora ingredientes pertencentes ao universo macro, tais quais racismo, sexismo, homofobia, aporofobia, etc., possam seus reflexos serem captados neste micro ambiente, somente por meio de uma sociologia micro interacionista com seus *know-how*, ferramentas se pode alcançar satisfatoriamente essas micro relações. Outra característica importante, se dá ao seu acontecimento situacional, o que a torna ainda mais imperceptível para outros tipos de ferramentas sociológicas de escala macro, o que justifica o porquê fora anteposta para a pesquisa de campo.

## 1.2 bullying como ritual

Quanto nos atentamos para o bullying percebemos que dentro desse fenômeno estão presentes aspectos que nos remetem a muitas outras formas de interação. Pois possui características que estão implícitas e explícitas quando se há uma interação de seus atores e atrizes. Esses aspectos acabam por formar uma espécie de ritual durante a micro situação, cada um dos pertencentes assume um papel e atuam diante de “regras”, comportamentos, atos gerados pela própria situação, embora possam ter características oriundas de outras redes de rituais de interação, como na esfera doméstica por exemplo.

Para se tentar observar o bullying como algo distinto dos conceitos mais focados na psicologia e na pedagogia, pretendo dar uma dimensão para esse fenômeno micro social como uma espécie de ritual presente nas escolas, um fenômeno que tenha como perspectiva um conceito procedente no campo da sociologia, esta que envolve atores e atrizes sendo estes e estas adolescentes, jovens, que em muitas vezes demonstram uma forma de coerção, de poder, de dominação de violência em uma espécie de “ritual de passagem” que pode encontrado nas mais diversas mídias, sejam elas desenhos animados como em *Padrinhos Mágicos* (Hartman/2001), filmes como em *Te Pego Lá Fora* (Joanou/1987), séries como *Todo Mundo Odeia o Chris* (Orenstein/2005). Outro personagem importante da cultura popular, pelo menos nos nichos dos “nerd”, “geek”, cinéfilos e cinéfilas é o personagem Flash Thompson pertencente a mitologia do herói homem aranha. Esse personagem personifica o comportamento agressivo dentro do ambiente situacional, e o personagem Peter Parker representa o papel da vítima, enquanto os demais estudantes que legitimam a ação violenta compõem o papel de espectadores e espectadoras, que compreende a dominação como um espetáculo.

Uma sensação espontânea se dá é que esse fenômeno aparenta ser intrínseco ao ambiente escolar, parece ser o principal ritual que, de uma forma ou de outra, estará presente na vivência dos estudantes, um drama que está cravado em uma memória estudantil de uma boa parte dos estudantes do ensino fundamental e médio das escolas, sejam estas públicas ou privadas, através de três formas de atuação: o agressor ou agressora, a vítima, e os espectadores ou espectadoras.

A seguir pretendo apresentar de forma absolutamente sintética, uma tabela com conceitos de ritual de alguns autores e autoras para que associemos o bullying à um ritual micro situacional.

Conceitos de Ritual	
Pensadora ou pensador	Conceito
Emile David Durkheim (1996, p.19)	Modos de ação determinados mais a crença, o que forma o culto
Carlos Alberto Batista Maciel (2001)	um conjunto de “valores, comportamentos, normas, crenças ou outros elementos constitutivos”
Erving Goffman (2011, p.27)	Conjunto de atos em que o ator, através do componente simbólico desses atos, mostra o quão digno ele é de respeito ou o quão dignos ele sente que os outros são de respeito
Mariza Peirano (2003)	“um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo.”
Stanley Tambiah (1985)	O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios.
Randall Collins (2003)	um mecanismo de emoção e atenção mutuamente focadas, produzindo uma realidade momentânea compartilhada, que, assim, gera solidariedade e símbolos de pertencimento ao grupo.

Dentre as formas supracitadas de ritual, optei por trabalhar o conceito de Randall Collins (2003) graças a proximidade com meu objeto de estudo. Por meio de seu conceito, é possível entender como o bullying, em sua forma micro situacional, captada pela pesquisa, apresenta sua prática cerimonial calcada em códigos, cuja subordinação se dá a um conjunto de regras pré-estabelecidas e bastante precisas, isto é o seu rito idiossincrático.

Antes de mais nada, concordo quando Mariza Peirano define que devemos evitar “uma definição rígida e absoluta” (2003, p.09), já que nas mais diversas formas, o ritual acaba por incorporar significados e atos que são singulares e pertencentes à situação de onde estão. Quando olhamos o bullying, temos atos e símbolos únicos, o agressor ou agressora assume uma postura característica, onde em nenhum momento há empatia para o tipo de sofrimento causado, sua ferramenta de dominação apresenta uma auto afirmação, um domínio territorial em que a vítima é utilizada como, além de alvo, uma demonstração de força, de poder tomando assim a dominação como um símbolo de grande valor situacional.

A vítima assume seu papel na situação quando permanece não reativa. Seu lugar na hierarquia de interação do bullying se dá como aquele ou aquela que está dominado, seu status é dotado de humilhação, impotência e tristeza, embora em alguns casos, o ator ou atriz presente na situação não se sinta humilhado, assumindo então o papel de humilhação

de forma natural, resignada. Já que seu papel se resume à uma deferência não voluntária ao poder do agressor ou agressora, já que a teia de interação não há uma outra maneira em que a vítima encontre situacionalmente para atenuar seu sofrimento, algumas assumem um papel participativo a fim de que seus castigos se tornem menores e que possa ter a oportunidade de ora atuar na forma de agressor ou agressora com a permissão do agressor ou agressora “maior” ou ora assumir o papel de espectador ou espectadora no espetáculo promovido pelo bullying.

O conjunto de atos, valores e significações pertencentes aos seus atores e atrizes situacionais correspondem à deferência ao poder em questão do agressor ou agressora, e assim “essas marcas de devoção representam formas pelas quais um ator celebra e confirma sua relação com um receptor” (GOFFMAN, 2012, p.59) no caso a vítima. No momento em que houver uma ruptura, ou uma reação ao poder imposto, a vítima ela pode mudar os polos da interação e assumir a principal ferramenta deste ritual, a violência, como nova atuação e assim, situacionalmente reverter sua posição hierárquica. No entanto o ritual continuará incólume, isto é a violência ainda passará “por um filtro de ritualização para ser um dispositivo eficaz para a dominação situacional,” (COLLINS, 2003, p.32) e esse filtro não é nada mais nada menos que a permanência do ritual.

O bullying é uma ordem micro social bem estabelecida (PEIRANO, 2003, p.28), carregado de significados e regras subjacentemente implícitas, ainda que os atores e atrizes transitem por entre as posições de dominação situacionais, continuarão a legitimar atos, componentes símbolos e valores e continuarão cuja continuidade estará intrínseca aos ritos. Ainda haverá algum ator ou atriz que se aproprie de dispositivos de dominação para que seus valores sejam impostos e perpetrados para com as vítimas.

É muito comum que os agressores ou agressoras assumam posturas que indiquem dominação, como voz alta, interrupção de atos ou falas dos espectadores ou vítimas a fim de demonstrar que sua atitude é que demonstrará o que se seguirá na situação. Dificilmente um agressor ou agressora será bem humorado ou humorada quando estiver em atuação. São características semelhantes ao ritual interacional de um assalto onde o desviante se apossará de mecanismo que tragam medo ao assaltado ou assaltada, pois o ator ou atriz desviante precisa incorporar elementos à sua atuação que demonstre disposição a utilização de mecanismos violentos, visto que se a vítima não entender que está dominada, a intimidação será desfeita miseravelmente, e não obterá sucesso em realizar o crime. Assim como o assaltante, o agressor ou agressora precisa assumir uma postura agressiva, isto é uma intimidação, a fim de impor medo pela deferência

involuntária, através do poder-D, “uma pessoa dá ordens, em casos extremos com um tom e comportamentos impetuosos” (COLLINS, 2003, p.284) para a realização do bullying.

Quanto a vítima, seus atos quanto ao ritual dependem de suas atitudes que mesmo involuntariamente colaboram para que a situação se prolongue, o que se leva em conta aqui não se dá na esfera de julgamento de valores, quem está certo ou quem está errado, e sim nos atos e símbolos que são compartilhados, para que a manutenção do conjunto de caminhos que ao redor da confrontação situacional e medo (COLLINS, 2008, p.08) pertencentes ao ritual do bullying. O olhar desanimado, a não disposição de resistência para os atos de violência, o silêncio, a falta de compartilhamento e o isolamento acabam favorecendo a proliferação de atitudes dominadoras do agressor ou agressora, em outros casos o apoio aos atos, valorizando as atuações do agressor ou agressora, caso seja uma vítima temerosa e sociável.

Já o espectador ou espectadora, quando está disposta a manter o ritual de dominação, apresenta-se como incentivadora das ações do agressor ou agressora, ora porque não gosta da vítima por diversos motivos ou motivações provindas de rituais de interação anteriores ou por pré-noções provindas também de outras redes de rituais de interação, (possivelmente bullying moral, preconceituoso) ora como apreciador ou apreciadora dos espetáculos do bullying. Em atos como estes, os espectadores ou espectadoras reúnem-se ao redor do bullying, geralmente quando este é físico, ou olham atentamente para a situação sem se distraírem, ora rindo, torcendo, ora estáticos ou estáticas. Quando um ou uma desses espectadores ou espectadoras ou até mesmo funcionários ou funcionárias da instituição resolvem interferir e terminar com a atuação, acabam por terminar o ritual. Ocasionalmente um afastamento imediato das pessoas que são pertencentes ao bullying em seus diversos papéis, logo um término do ritual. Embora não seja uma parte obrigatória do bullying, ela pode se apresentar como um ingrediente atuante, seja passivamente através da observação da situação, ou como incentivadora através de palavras e expressões que incitem e reforcem o ritual de dominação quando presente.

Para entendermos o bullying como um ritual presente no ambiente escolar precisamos nos atentar a cinco características trazidas por Mariza Peirano que o entendem como tal. Primeiro, se faz necessário que evitemos “uma definição rígida e absoluta” (PEIRANO, 2003, p.09). Embora a autora proponha uma análise etnográfica, isto é “aprendida pelo pesquisador em campo” (PEIRANO, 2003, p.09), resolvi desenvolver tal habilidade por meio da formação de grupos focais, e foi percebido por meio destes uma

consideração “especial” por todos atores e atrizes envolvidos. Tanto para os agressores e agressoras há uma demarcação de território, um espaço destinado ao exercício do poder. Enquanto para as vítimas envolvidas nessa situação, não resta, isso quando a vítima não se torna um agressor ou agressora, outra alternativa senão ser violada.

Em uma segunda característica está na “forma específica” (PEIRANO, 2003, p.09), sua natureza “não está em questão” (PEIRANO, 2003, p.09), sendo ele um fenômeno restrito à um grupo (agressores, agressoras, vítimas, espectadores, espectadoras), em um determinado espaço (escola) que o reforça por símbolos, (valores que legitimam a dominação por meio de violência) que terminantemente são imputados pelos agressores e agressoras. Em terceiro esse ritual “não se caracteriza pela ausência de aparente racionalidade ou pela falta de uma relação entre meios e fins” (PEIRANO, 2003, p.10), há uma ode à dominação em que os agressores e agressoras tem como regra, como valores explícitos.

Em quarta característica, servem para “o que se encontra no ritual está presente no dia-a-dia” (PEIRANO, 2003, p.10), valores como dominação física, discriminação por características identitárias<sup>4</sup> (raça, gênero, etnia, classe, orientação sexual, local de moradia, ...), que são “representações e valores de uma sociedade” (PEIRANO, 2003, p.10), isto é, símbolos macro interferem, por meio de suas grandes representações, em escala micro. E por fim, a quinta característica, como “vivemos em sociedade, tudo aquilo que fazemos tem um elemento comunicativo” (PEIRANO, 2003, p.10), essa demonstração de poder presente no bullying é uma ação social, é um reflexo de um modo de agir, pensar que torna legítima, para os agressores e agressoras, sua atuação.

Uma contribuição importante também é trazida por uma leitura de Randall Collins (2003) sobre os trabalhos do autor Erving Goffman, para o autor “o ritual toma lugar na condição de copresença situacional” (COLLINS, 2003, p.23). O bullying apresenta sua característica de ritual de dominação, somente quando se fazem presente indivíduos que formem uma situação. Ainda que seja cibernético, graças aos avanços tecnológicos atuais, serão representadas virtualmente versões, perfis, avatares dos envolvidos no ritual.

Além da copresença situacional, a ação e os símbolos precisam ser presentes além de uma interação que envolva as partes. “Copresença física se converte em um encontro em larga-escala por se tornar uma interação focada” (COLLINS, 2003, p.23), os atores e

---

<sup>4</sup> Que serão abordadas no capítulo juventude

e atrizes precisam estar envolvidos na trama situacional, caso contrário não haverá a execução do ritual. “Há uma pressão para manter uma solidariedade social” (COLLINS, 2003, p.25), essa pressão se dá por um empreendedor moral presente na microssituação, nesse caso o agressor ou agressora. No primeiro momento alguns atores ou atrizes, no papel de vítima, não se solidariza com a execução do ritual, no entanto a coação promovida a obriga a permanecer na situação, e esta, em alguns casos como posteriormente apontados, reproduz o ritual em outras vítimas ou ainda revida as atuações de seu agressor ou agressora.

Contudo, para que esse ritual se torne “justificado”, se faz necessária a presença de valores, símbolos que guiem, primeiramente, o ator ou atriz que efetue a dominação para os demais, no caso as vítimas e os espectadores que compartilhem e se solidarizem, “o ritual faz jus ao que é socialmente valorizado, o que Durkheim chama de objetos sagrados” (COLLINS, 2003, p.25). Recapitulando, esses símbolos, encontrados na micro situação, são reproduzidos e reforçados pelos agressores e agressoras. Valores estes que tem origem em redes de rituais de interação prévias, assim como são construídos situacionalmente, pois “rituais são nós de estrutura social, e é no ritual que o grupo cria seus símbolos” (COLLINS, 2003, p.26).

Por último, a característica final captada por Randall Collins de suas interpretações sobre os trabalhos de Erving Goffman se dá da seguinte forma, “quando as propriedades do ritual são quebradas, as pessoas que estão presentes” (COLLINS, 2003, p.25). Caso as vítimas de bullying apresentem resistência, encontrem meios de romper, ou sejam ajudadas a se desvencilhar quanto ao ritual de dominação, este se decompõe e pois não há interação ou imposição de interação suficiente para sua existência.

Em uma outra leitura feita dos textos de Emile Durkheim no livro *Formas elementares da Vida Religiosa* (1965), Randall Collins aponta dois aspectos importantes para a manutenção do ritual, 1) ação e consciências compartilhadas (COLLINS, 2003, p.35) e 2) emoções compartilhadas (COLLINS, 2003, p.35), para Randall Collins a contribuição de Emile Durkheim é válida porque “propõe que a estrutura de ideias varia com a estrutura do grupo” (COLLINS, 2003, p.26). O que o levou a trazer esses aspectos como alicerces fundamentais para a construção social do ritual, já que este apresenta uma coesão social.

Para Randall Collins, a consciência e as ações são ingredientes fundamentais para a interação, “se deixadas a si mesmas, as consciências individuais são fechadas umas às outras; eles podem se comunicar apenas por meio de signos que expressam seus estados

internos” (DUKHEIM, 1965, p.262-63. Apud COLLINS, 2003, p.35). Tais consciências se materializam por meio das ações que fazem do ritual algo coletivo. No caso do bullying, a união de consciência e ação de seus atores e atrizes se dá por meio da intimidação, todos os atores e atrizes envolvidos estão cientes, embora de perspectivas diferentes.

Assim como as ações e consciências, são também importantes as emoções compartilhadas e os valores encontrados na situação, apresentados no ritual, são fatores primordiais para o *continuum* do fenômeno, “além disso, sem símbolos, os sentimentos sociais só poderiam ter uma existência precária” (DURKHEIM, 1965, p. 165 Apud COLLINS, 2003, p.35). As energias emocionais envolvida na micro situação são mantidas graças aos símbolos legitimadores.

Uma observação importante quanto a esse tipo de ritual, se dá ao modo em que é construído, o que Randall Collins trata como um ritual forçado, já que diante da interação dos atores e/ou atrizes envolvidos/envolvidas se dá por meio da solidariedade presente nos demais rituais. Isso influencia diretamente no tempo de existência desse ritual, isto é, quando sofre interferências de atores ou atrizes externos a situação – professores, professoras, técnicos, técnicas, diretor, diretoras, etc. -, essa interação pode ser interrompida, já que a energia emocional dedicada ao ritual não é de mesma intensidade graças as consequências dos envolvidos na trama.

Entendo o bullying como um ritual, embora forçado para o outro extremo da hierarquia na interação, porque “a sociologia do ritual é assim uma sociologia da união – de multidões, conjuntos, congregações, plateias” (COLLINS, 2003, p.34). No caso do ritual forçado, um dos aspectos, além da ausência de solidariedade de todos os atores e atrizes envolvidos se dá que “o ritual forçado difere do ritual de interação bem-sucedido precisamente por ter um foco mútuo e emocional não natural, excessivamente autoconsciente” (COLLINS, 2003, p.53), valores e símbolos são divergentes perante a situação. Ideia reforçada quando cada membro do ritual expõe sua impressão da situação.

Caracterizado então o tipo de ritual apresentado nessa dissertação, entende-se que os atos, símbolos, comportamentos, valores pertencentes ao bullying o tornam um ritual, símbolos estes reprodutores de desigualdades, que são perpetrados diante da interação micro situacional. Este situacionalmente é produtor por si, de um conjunto de significados que é compartilhado por seus e suas participantes de forma que há uma solidariedade por seus pertencentes por ritos de dominação, ritos que embora não sejam aceitos pela maioria

de seus membros da atuação, são mantidos.

Como exemplo dessa interação, imaginemos um ator ou atriz que utiliza de sua dominação situacional. O principal rito se dará quando este ou esta assumir uma postura intimidadora, com sua face de configuração raivosa, para que haja uma obediência mais satisfatória. Em segundo a principal ferramenta de dominação é exposta, seja por meio da comparação construída como superior, demonstração de maior desenvoltura com as palavras, através de depreciações que seja legitimada pelos observadores ou pelas observadoras, maior habilidade em ferir por meio da força, aumento da voz, com conteúdo intimidador, aprovação daqueles que o cercam ou a cercam, etc.

Tal situação cria um ideal de grupo, isto é, constrói-se situacionalmente a ideia de que o agressor ou agressora é mais forte, mais inteligente, originando um símbolo do dominador ou dominadora que é compartilhado pelos presentes, tanto os espectadores e espectadoras quanto pelas vítimas. Tal símbolo possui tamanha importância, que por si só coage as vítimas, espectadores e espectadoras, de tal forma que é refletido no silêncio das vítimas para que não haja interferência de atores ou atrizes externos que venha a romper com o ritual.

## 1.3 Bullying

### A natureza e história do bullying

O fenômeno social a ser estudado por essa dissertação é o bullying, essa palavra bullying até pouco tempo atrás era pouco conhecida do grande público, tamanha é a importância desse tipo de violência no cenário contemporâneo, que no dia 05 de novembro a ONU criou o dia internacional de combate à violência e ao bullying, de acordo com um artigo do site Viver Bem da UOL, publicado em 05 de novembro de 2020. O conceito sobre esse tipo de violência foi trazido por Daw Olweus em 1978 (SANTOS JUNIOR, 2017, p. 08) e caracteriza-se quando um estudante “está sendo intimidado ou vitimado, quando ele ou ela é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais outros alunos” (OLWEUS, 1997, p. 496), mas para haver o fenômeno bullying de fato se faz necessária uma assimetria de poder, isto é, “também deve haver um desequilíbrio na força” (OLWEUS, 1997, p.496), quando há uma disputa em termos de igualdade não se caracteriza bullying. No entanto esse fenômeno não é exclusividade da atualidade, ele era apenas percebido como algo comum, como consta um artigo publicado no site Eye of Sociology pelo sociólogo Randall Collins (2011) que “os administradores de escolas do século XIX viam esse sistema como uma forma salutar para os meninos aprenderem a disciplina” (COLLINS, 2011). Apesar de ser uma atitude violenta e constante, a prática de bullying era percebida como uma parte permitida na fase do aprendizado, contribuindo para a construção da personalidade de um estudante “calouro” em um estudante veterano, esse fenômeno também não é exclusividade das escolas “ele surge em instituições totais como prisões, internatos ou acampamentos” (COLLINS, 2011).

De origem inglesa, a expressão bullying “é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas” (SILVA, 2015, p.13), uma espécie de dominação, previamente explorado no primeiro capítulo, que visa violentar suas vítimas individuais ou em grupo, temos como características desse fenômeno uma interação entre indivíduos onde há uma imposição de poder, em uma relação que possui como principais ferramentas a humilhação (agressão psicológica) e o conflito (agressão física), como exemplo temos “agressões, assédio e ações desrespeitosas” (SILVA, 2015, p. 13), onde o principal objetivo da interação

aparentemente é “maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas.” (SILVA, 2015, p. 13). Mas para ser caracterizado como bullying também precisa ser “intencional e repetitivo” (SILVA, 2015, p. 14). Para Dan Olweus, primeiro psicólogo a trabalhar com esse se faz necessário a apresentação de mais três critérios: (a) um característico comportamento agressivo ou ofensa intencional; (b) que são realizadas de forma 'repetidas e ao longo do tempo' e (c) em relacionamento interpessoal caracterizado por desequilíbrio de poder (OLWEUS, 1997, p. 196).

Além de ter definido pelo prisma psicológico o que seria bullying, Dan Olweus trouxe quatro tipos de fatores que contribuem para o desenvolvimento de padrões de reação agressivos: 1) atitude básica dos membros que tomam de conta da criança quando pequena, geralmente as mães; 2) permissão aos comportamentos agressivos das crianças; 3) o uso de métodos com poder assertivo de criação dos filhos e das filhas com punições físicas e violentas explosões emocionais; e por fim, 4) o temperamento da criança que em partes é herdado (OLWEUS, 1997, p. 501). Os dados apresentados pelo autor Dan Olweus, durante seu artigo, foram baseados em um programa de intervenção desenvolvido por um grupo de instituições, a Delegação sueca de pesquisas sociais, o ministério da educação da Noruega, Conselho de Educação da Noruega, com doações da fundação Willian T. Grant, em 42 escolas por um período de 2 anos.

Diante desse fenômeno eu trouxe dois modelos de explicação duas propostas de explicação, uma de acordo com uma socióloga política a Camila Betoni e uma segunda de acordo com dois sociólogos estadunidenses Charles Deber e Yale Magrass. A primeira de Camila (BETONI, S/D) aponta que “esse desequilíbrio geralmente surge das diferenças entre raças, classes sociais, credos religiosos, gênero ou orientação sexual e aparência física,” quando a criança ou adolescente não entende que há uma diversidade e começa a interagir de forma violenta com o que lhe é estranho, diferente. Já para Charles Deber e Yale Magrass ressaltam que a origem se dá em “como as desigualdades de poder, o militarismo e o capitalismo agressivo tornam tanto o bullying pessoal como o institucional um lugar-comum” (PARANÁ, 2017), pois essas crianças ou adolescentes de certa forma, constituem grupos “que assimilaram, de maneira crua e não mediada, algumas das características centrais de um sistema cada vez mais reduzido à luta de todos contra todos” (PARANÁ, 2017), transformando então um comportamento comum ao sistema socioeconômico, de uma perspectiva macro social, em um comportamento expressivo de um indivíduo pertencente a esse sistema, internalizando e socializando essa forma agressiva de interação como vivência em um ambiente escolar ou fora dele.

Dentre suas formas, Ana Beatriz D. Silva (2015) traz quatro classificações que ajudam a compreender a dimensão das manifestações de possibilidades de possíveis ações de bullying, são elas: verbal, física, psicológica e sexual. Na agressão verbal são pertencentes os xingamentos, as ofensas, os insultos, as gozações, os apelidos pejorativos, as piadas ofensivas, as zoações. Na forma Físico material estão o espancamento, os golpes de pés e mãos, empurrões, roubos, furtos, destruição dos pertencentes das vítimas, atirar objetos nos intuitos de ferir ou ridicularizar. Psicológico e moral, nessa classificação se apresentam as irritações, humilhações, ridicularizações, exclusões, apagamentos, menosprezo para o que a vítima fala, desprezo, discriminações, difamações, perseguições, dominação, tyrannizar, reprodução de desenhos ofensivos com o intuito de associar a vítima, fazer fofocas, intrigas e isolamento. Por fim, e não menos nocivo, a autora traz a classificação sexual, abusos, assédios, violações e insinuações. Todas essas formas caracterizam-se por constituir um conjunto de atitudes que constituem o bullying, estas aparecem nas mais variadas formas de interações que possuam a violência entre os membros dessa rede como microambiente.

Há também uma grande importância quanto o ambiente, devido ao local as características a serem estudadas se apresentam como situacionais, embora devamos também entender que há um fenômeno chamado cyberbullying, onde o espaço da interação se dá nas plataformas virtuais e podem se tornar como um alongamento das práticas de violentas, como sendo um reflexo das práticas na escola, claro isso como possibilidade, seja estas plataformas acessadas por telefone, notebook dentro ou fora da sala, ou por computador do domicílio ou da própria instituição educacional. É de extrema importância frisar que o bullying extrapola os limites de idade, do local e da instituição social pública, a própria autora Ana Beatriz D. Silva (2015) fala sobre bullying estar presente em ambientes profissionais, familiares, em ambientes em que a extorsão, coação, corrupção. Igualmente transpassando os lugares escolares, Randall Collins (2008) afirma também que o bullying está nas escolas militares e nas prisões, e pode aparecer também nas mais diversas “relações interpessoais” (SILVA, 2015, p. 14). No entanto, essa pesquisa pretende se ater aos domínios da instituição escolar.

Como exemplo importante de bullying, apresento o caso trazido por Ana Beatriz D. Silva (2015) que revela o quanto foi perturbador para um estudante chamado Felipe:

Certa vez, o garoto foi agarrado e agredido fisicamente no banheiro da escola. Imobilizado e com a boca tapada, levou vários chutes no estômago e nas pernas, o que foi testemunhado por muitos colegas. Seus agressores impuseram

silêncio: “Fique quieto, senão a gente arranca a tua língua”, disse o mais valentão. Quem assistiu a tudo nada fez. Quem viu fingiu não ver. Felipe, por algum tempo, ficou ali, estirado no chão, indefeso, desmoralizado, sem poder contar com o apoio e a solidariedade de ninguém. (p.13)

Com o tempo o garoto começou a matar aula, ir ao shopping, inventar doenças, pedir aos pais que o mudasse de colégio, a vida escolar era um inferno. Sentia-se abandonado, sozinho, desamparado e incapaz de reverter essa situação, cada dia dentro do espaço escolar era dividido em fugas, medo e estratégias para não estar desatento, para não “vacilar”, onde as únicas interações que se apresentavam diante dele eram o fantasma da insegurança e os seus agressores, uma eterna sensação de perseguição. A diretora, os professores da escola e os pais da vítima Felipe fizeram várias reuniões. “Ninguém chegou a nenhuma conclusão plausível: os pais acusavam a instituição, e esta jogava toda a responsabilidade sobre a cabeça do adolescente e de seus familiares” (SILVA, 2015, p.12). O que estava alimentado por essa interação não se apresentava de forma clara perante os membros da família e ou membros da instituição, mas o bullying estava presente sem nenhuma ressalva e se mostrava inabalável diante da relação entre a vítima e seus agressores. O que o levou a encarar uma vida futura cheia de traumas e inseguranças com suas interações sociais que foram forjadas em medo, traumas e desconfianças, que estão sendo depositadas em terapias (SILVA, 2015, p. 12).

Os efeitos de uma exposição à violência do bullying podem ser devastadores, suas consequências se apresentam tanto na forma psicológica quanto na forma física, são eles “cefaleia, cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de nó na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular e formigamentos” (SILVA, 2015, p. 17). O que nos leva a encarar esse fenômeno social também como um fenômeno de saúde, (mas que não avançaremos por motivos óbvios a essa seara), também apresentados casos em que o indivíduo desenvolve síndrome do pânico como os sintomas de “taquicardia, calafrios, boca seca, dilatação da pupila, suores etc., sem razão aparente” (SILVA, 2015, p. 17).

Além dessas síndromes as apresentam duas que interferirão significativamente no processo de socialização dessas vítimas, pois a fobia escolar e a fobia social, isto é, suas interações sociais passarão potencialmente por um pavor dentro e fora do ambiente escolar, ceifarão suas possibilidades de relação saudável com a sociedade em que vive. A fobia escolar primeiramente ferirá as oportunidades de adquirir ferramentas

qualificadoras de uma futura profissão que dependa de seu capital cultural, pois sem esse importante vínculo, “quem desiste precocemente da escola perde a oportunidade de construir uma base sólida para a descoberta e o desenvolvimento de seus talentos essenciais, alterando a rota de seus propósitos existenciais e sociais” (SILVA, 2015, p. 18). Se tem uma formação educacional precarizada isso pode remeter à uma patologia conhecida como timidez patológica, ou em outras palavras fobia social, essa se caracteriza por aversão a qualquer tipo de interação social por medo de represálias e julgamentos negativos, levando o indivíduo a negar qualquer participação em eventos sociais e desenvolve sempre oportunidades de não estar presente, “para determinados fóbicos sociais, tomar um simples cafezinho ou assinar um cheque na frente de alguém pode ser uma tarefa impossível de ser cumprida” (SILVA, 2015, p.18), prejudicando consideravelmente sua vida afetiva, social, acadêmica e profissional.

Pode ser gerado também mais outras doenças psicológicas dentre estas Transtorno de ansiedade generalizada onde o indivíduo apresenta que possui medo e insegurança que não são passíveis de controlar assim como “insônia, irritabilidade” (SILVA, 2015, p. 17). Depressão, onde o indivíduo se isola e não consegue apresentar manter uma interação satisfatória para si com ninguém, onde se impera uma tristeza, fraqueza, baixa autoestima, “sentimento de culpa, inutilidade desamparo, [...] fadiga sensação de desânimo, dificuldade em concentração e de tomar decisões, perdas de interesse em atividades que anteriormente despertava prazer, ideias ou tentativas de suicídio” (SILVA, 2015, p. 17). Isso é uma profunda sequela quanto ao estado psicológico da criança ou do adolescente que potencialmente influenciará negativamente nas suas relações com todas as instituições sociais da qual ele ou ela participe. Em 2014 foi divulgada uma pesquisa com os estudantes pela ONU, onde “8 milhões de jovens de até 17 anos sofrendo de depressão por razões distintas” (SILVA, 2015, p. 20) e isso pode ser algo alarmante se olharmos para as interações desses jovens no ambiente escolar, em concorrência com drogas, relacionamentos amorosos, companhias que não trazem benefícios “não devemos descartar que comportamentos relacionados ao fenômeno bullying podem estar por trás disso” (SILVA, 2015, p.20).

Os quadros de doença são os mais variados em pessoas que sofreram bullying, dentre estes podem se apresentar também pessoas que possuem esquizofrenia, transtorno obsessivo compulsivo, estresse pós traumático ou cometeram suicídio ou homicídio. Tudo isso alinhado à interação que viveram em sua fase infantil ou adolescente, propagando uma corrente de sofrimento que atinge principalmente sua primeira

instituição social que é a família. Com graves feridas que talvez não sejam curadas para que esse indivíduo esteja socializado e possa integrar seu papel de agente nas próximas interações, e todo tormento causado pelas terríveis experiências como vítima de bullying seja seu principal motivo de isolamento social.

Dadas as contribuições do campo da psicologia, agora apresentarei o bullying via lente sociológica. Trarei um debate que mostre como esse fenômeno pode ser percebido pela sociologia e por suas ferramentas do campo do interacionismo. A estrutura dessa interação denominada bullying, em sua forma micro situacional, é formada por vítima ou vítimas, agressor, agressores ou agressora/agressoras e os espectadores (COLLINS, 2017, p.237). Ao se formar, essa interação apresenta papéis distintos onde se há uma demonstração de poder de uns atores os agressores sobre os demais que são as vítimas, e durante o ambiente micro situacional há, em ambientes muito movimentados e propícios a fama do agressor, um ator em destaque que observa o ato e se torna a terceira parte da interação o espectador, durante a microssituação os papéis normalmente não se alteram, mas é provável que em situações distintas haja uma troca de papéis, onde o espectador possa interferir no fenômeno, há outra situação em que a vítima pode tornar o agressor, havendo uma inversão de papéis na interação, como se apresentou o protagonista do filme Sete minutos depois da meia noite (2017) chamado Conor, em um lapso de raiva agride um dos valentões que praticava bullying com o mesmo, filme baseado na obra de Patrick Ness (2011) O Chamado do Monstro.

O bullying embora também tenha sido percebido pela psicologia e foi diagnosticado e conceituado por esse campo da ciência, também fora percebido pela literatura, pela pedagogia e pela sociologia. “A violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que, estas sim, são novas” (CHARLOT, 2002), isso é perceptivo quando a quantidade de bullyings que se apresentam no meio virtual aumentou, - embora entendamos que a causa também é amplificada graças ao isolamento devido à pandemia COVID-19 – em uma pesquisa feita de outubro 2019 a março de 2020 feita pela TIC Kid Online 2019, na faixa etária “entre os 9 e 17 anos utiliza a internet, 61% dos entrevistados disse que veem discriminação na internet mais de uma vez por dia de acordo com o uso de redes sociais” (OLIVEIRA, 2021), algo que reforça o que fora apontado pelo autor Bernard Charlot.

Ainda em seu artigo Bernard Charlot traz características do que foi caracterizado pelos pesquisadores franceses, como “incivilidade” (CHARLOT, 2002)<sup>5</sup>

comportamentos como “desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataque quotidiano - e com frequência repetido - ao direito de cada um (professor, funcionários, aluno) ver respeitada sua pessoa” (CHARLOT, 2002). Aspectos que se encaixam perfeitamente no conceito de bullying, já que são violências que são frequentemente repetidas, e tais exerce domínio sobre a vítima.

Quando se trata de violência na escola, as atitudes de bullying apresentam considerações menores que outros tipos de violências como os golpes, a extorsão, furtos, depredação de propriedade pública, isto é, “os fenômenos mais midiaticizados” que mais frequentemente são invocados (CHARLOT, 2002), contudo uma parte significativa do fenômeno bullying, como “os ataques à pessoa ou a seus bens na vida quotidiana inclusive o racismo, que as instituições escolares e seus agentes seguidamente deixam passar em silêncio quando se fala de violência na escola” (CHARLOT, 2002).

Dentre as dificuldades de se trabalhar sobre a violência na escola se dá no fato de que em alguns casos há uma dificuldade em se entender o que vem realmente a ser o bullying. Ainda que haja racismo, sexismo, etnocentrismo, aporofobia, não deixará de ter sua importância examinar o bullying, pois o bullying é a caracterização, uma forma, um veículo da violência, mas em hipótese nenhuma haverá uma “disputa de valores” com outros tipos como os supracitados (racismo, sexismo, etc.). Como analogia, posso trazer o exemplo do latrocínio, há uma junção de crimes, roubo seguido de homicídio, ambos são crimes e o fato de aparecerem juntos não desclassifica um em detrimento do outro.

Bernard Charlot (2002) trouxe duas questões importantes quando se analisou a violência na escola em seu artigo:

Com toda a neutralidade científica, o pesquisador pode apenas constatar esse continuum e recusar-se a definir limites ou fronteiras. Mas isso traz dificuldades. De uma parte, induz um efeito ideológico: a ideia de que se passaria insensivelmente da pequena incivilidade (o empurrão) ao crime mais grave (o homicídio ou o roubo); a neutralidade científica tende, assim, para deduções ideológicas... De outra parte, o sociólogo se acha confrontado a atores da vida social (juizes, médicos ou, muito simplesmente, dirigentes de estabelecimento escolar) que têm necessidade de normas e não podem aceitar a ideia de um continuum da violência. É difícil falar da violência, sem fixar normas. Mas parece impossível falar dela rigorosamente, fixando normas...

---

<sup>5</sup> Dedução que é comprovada sua veracidade quando se lê no prefácio, feito por Bernard Charlot, do livro de Mirian Abramovay cotidiano das escolas entre violências (2005) na página 21 “a incivilidade que se pode incluir uma forma particular de incivilidade, chamada de *bullying*.”

Para enxergarmos a violência escola, temos que ter ciência de que existem três tipos de violência na escola: Violência da escola; Violência dentro a escola e violência na escola, apresentado por Bernard Charlot e Mirian Abramovay (2005), nesse caso o bullying, aqui estudado, se enquadra como um “fenômeno ligado às especificidades da escola” (CHARLOT, 2005 Apud ABRAMOVAY, 2005, p.20). O bullying é uma violência de carácter simbólico “a violência simbólica nem sempre é uma violência institucional; o insulto racista por um aluno para outro aluno é uma violência simbólica” (CHARLOT, 2005. Apud ABRAMOVAY, 2005, p. 20) e esse tipo de violência para ser estudado pela sociologia se apresenta, também, por ter “fontes nas estruturas sociais, ou pelo contrário, que se enraíza nas interações e situações contextualizadas” (CHARLOT, 2005. Apud ABRAMOVAY, 2005, p. 20).

Embora tenha sido observado de perto pela psicologia na década de 1970, o bullying não é um fenômeno tão novo assim, do mesmo modo que a violência escolar também não o é, há registros de casos datados de 1857, como presente na clássico romance: Dias na escola de Tom Brown (COLLINS, 2008, p.159), em que um dos personagens chamado Flashman. Uma descrição que data “1830, mas é similar aos padrões reportados nos internatos britânicos no final da década de 1960 até o início da década de 1990” (COLLINS, 2008, p.159). Tamanha a similaridade com os eventos estudados na atualidade, nos quais “o ritual dos garotos incluía pendurar suas vítimas de cabeça para baixo nas janelas; já o bullying das garotas era mais psicológico” (COLLINS, 2008, p.159).

No romance supracitado, trazido por Randall Collins (2008), o personagem, chamado *Flashman*, apresenta uma descrição que condiz com conjunto de características presentes, em sua maioria, no perfil dos atores sociais praticantes de bullying:

é grande, áspero, um farrapo que se junta ostensivamente em todas as ocasiões de alvoroço e diversão; ele e os outros valentões fazem parte do jogo e bebem, mas encontram seu nicho especial em liderar a diversão contra os meninos mais novos. Eles aterrorizam os meninos menores nos dormitórios no toque de recolher, jogando-os no ar em um cobertor, uma espécie de provação lúdica em um espírito de diversão bem-humorada, mas tendo um prazer especial em bater com eles no teto ou jogá-los no chão. P.159

Tal comportamento era apoiado por administradores de escolas do século XIX estes “viam esse sistema como uma forma salutar para os meninos aprenderem a disciplina; mas muitas vezes se intensificou em maldade, abuso físico e roubar as posses do menino mais novo” (COLLINS, 2011). Tamanha permissão das administrações desses

internatos desenvolveu uma espécie de poder situacional, legitimando práticas de dominação entre colegas, e “alguns meninos se tornaram valentões da escola” (COLLINS, 2011). E por meio desse assumir de papéis, vítimas e agressores, os internatos do século XIX teciam o enredo para uma forma de interação simbólica de dominação no ambiente escolar.

Em uma de suas análises sobre o castigo escolar, em seu livro a educação moral, Emile Durkheim (2018) traz uma observação sobre uma pintura encontrada em Pompeia cujo contexto pode nos aparentar algum dúvida, entre um castigo proposto pelo professor, assim como também, há possibilidade de este seja um episódio de bullying cometido por seus colegas, dado a situação transmitida pelo autor da pintura

Uma pintura em um mural encontrado em Pompeia (cf. BOISSIER, *Revue des Deux Mondes*, 15 de março de 1884) mostra-nos uma cena da vida escolar daquele tempo: um estudante, despido de suas vestimentas, está içado sobre as costas de um de seus colegas que aperta suas mãos, enquanto um outro segura seus pés e um terceiro personagem levanta a vara e se prepara para bater. P.163.

Ainda antes da década de 1970, havia um personagem bastante conhecido pelos leitores de histórias em quadrinhos, principalmente daqueles ou daquelas que liam o homem aranha. Um dos personagens coadjuvantes que apareceu na história em quadrinho *Amazing Fantasy* (fantasia espetacular) número 15 (FIAUX, 2022) era o valentão chamado Flash Thompson, este praticava bullying com o personagem Peter Parker, a identidade secreta de homem aranha. Esse tipo de comportamento apareceu nos quadrinhos em agosto de 1962, bem antes dos estudos de Dan Olweus sobre bullying, o que caracteriza a atuação de dominação do bullying algo bem popular e mais antigo.

Dadas as circunstâncias do bullying como um fato social, vamos apresentar os atores envolvidos. Primeiramente vamos abordar o papel da vítima nesse processo. A vítima geralmente apresenta pouquíssima habilidade de socialização, o que faz com que não possua amigos ou amigas que por ventura interfiram em seu sofrimento, esta é caracterizada por Randall Collins como uma vítima isolada, “não sociáveis, não agressivas, não apaziguadoras” (COLLINS, 2008, p.158). Esses atores normalmente se apresentam de uma forma frágil, não conseguem impor uma fachada que possa afastar os demais desviantes, sua identidade social é caracterizada como um exemplo a não seguir, um ponto fraco na rede.

Esses atores são estigmatizados pelos demais como os esquisitos, os gordos, os magros, os feios, os nerds, os geek, os que usam óculos, os que possuem cicatrizes, os que não possuem uma estabilidade socioeconômica, os negros, os homossexuais, os que se vestem com roupas diferentes, os que possuem problemas psicológicos ou

psiquiátricos, os que são de um outro estado, município ou país que não estão em uma região de prestígio socialmente falando “exemplos incluem alunos negros na maioria das escolas atacando minorias asiáticas com melhor desempenho acadêmico (por exemplo, em escolas de segundo grau da Filadélfia em 2009-10)” (COLLINS, 2011), ou como o inverso são estigmatizados por virem de uma região geográfica de privilégio socioeconômico, geralmente “estampam facilmente as suas inseguranças na forma de extrema sensibilidade, passividade, submissão, falta de coordenação motora, baixa autoestima, ansiedade excessiva e dificuldades para se expressar” (SILVA, 2015, p.26), sejam estes adolescentes, crianças, ou até mesmo universitários dadas as ocorrências como o público calouro, outro estigma a ser abordado, mas não nesse trabalho.

Como ilustração do caso de vítima Ana Beatriz D. Silva (2015) trouxe o caso de Fernanda:

Fernanda, desde muito nova, apresentava problemas relacionados a seu peso corporal. No colégio, ela sempre recebia apelidos pejorativos do tipo “baleia”, “balofa”, “bola” e “elefante”. Tanto os meninos quanto as meninas a discriminavam por ser diferente do modelo imposto pelo grupo e evitavam um contato mais estreito. Sua autoestima já estava bastante abalada em função das constantes humilhações, o que a fazia travar verdadeiras batalhas contra a balança. Aos catorze anos, Fernanda não suportou a pressão e, para sua própria sobrevivência emocional, decidiu emagrecer a qualquer custo. Ela descobriu na internet sites de relacionamento que ensinam fórmulas mágicas para perder peso rapidamente e tornar-se um modelo de beleza feminina. P.26

Outro caso também interessante se deu a um estudante com o nome fictício de Gabriel, que fora diagnosticado com transtorno obsessivo compulsivo, dessa vez o bullying não foi o causador do transtorno, no entanto assumiu o papel de principal estigma de Gabriel, quando aos treze anos foi levado ao consultório da autora do livro Ana Beatriz D. Silva, *Bullying, mentes perigosas na escola* (2015), devido a ações estranhas que seus pais perceberam, a exemplo de contar quantos azulejos havia em uma parede da cozinha de sua casa, apresentava medo ao dormir sozinho, conferia incansáveis vezes abaixo da cama se havia algo como traz a seguinte citação:

Afinal, quem é portador de TOC tem dificuldades de controlar suas aflições e atos compulsivos em qualquer ambiente. Por meio de relatório médico, informei a direção escolar sobre o quadro clínico do meu paciente e a necessidade de medicamentos e de terapias dali para a frente. A instituição teria de tomar certos cuidados para que ele não se sentisse deslocado ou desmoralizado. Enquanto Gabriel entendia cada vez mais o que se passava com sua mente, empenhando-se em sua melhora, seus parceiros de classe passaram

a chamá-lo de “maluco”, “esquisito”, “doido”, “debiloide” e “tarja preta”. Um garoto inteligente, estudioso e, até então, considerado um cara legal era agora alvo de chacotas, deboches e motivo para conversas maldosas por todo o ambiente da escola. Como se não bastasse, exigiam que Gabriel, na frente de todos, mostrasse algumas de suas “manias”. Lógico que isso tudo exacerbava o problema do garoto e dificultava a sua recuperação. (p.27)

Esses casos de vítima acompanhados acima pela autora, se dão a uma atuação passiva diante do ritual do bullying, esses atores não esboçam provocações aos seus agressores, são vítimas graças a seus estigmas, cuja principal manutenção se dá aos agressores por meio de apelidos, provocações verbais, caricaturas, humilhações em público. O que se dará deforma bem diferente com o novo papel de vítima que estará adiante.

### **Vítima provocadora**

Esse é um grupo que apresenta adolescentes ou crianças hiperativas, a e sua principal característica é revidar as agressões ou provoca-las por meio verbal ou física, e acabam criando um ambiente de conflito mesmo sem a intenção. “É aquela capaz de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesma. No entanto, não consegue responder aos revides de forma satisfatória” (SILVA, 2015, p. 27). E como resultado acaba atraindo para si mesma agressões das mais variadas, pois não apresenta um controle eficaz sobre a situação e tornam-se alvos preferidos dos agressores genuínos. Nesse papel há uma reação ineficaz a rede de interação, o papel destina-se a alimentar e manter as correntes de violência entre os causadores e os reagentes vítimas (a autora chama de vítimas provocadoras), fortificando um ciclo de agressões e provocações. E isso se dá a falta de controle de que essa característica de vítima possui, geralmente, esta apresenta também um transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, como no exemplo de Marcos trazido pela autora Ana Beatriz B. Silva (2015):

Marcos, esse garotinho considerado problemático e “pestinha” por todos da turma, criava, sem querer, situações embaraçosas. Bastava ser frustrado em alguma coisa, que partia para uma resposta malcriada aqui ou um empurrão ali. É claro que essas provocações totalmente desastradas geravam conflitos e reações por parte dos agredidos. O tempo “fechava” e Marquinhos, absolutamente despreparado, perdia a disputa, além de deixar os professores de cabelo em pé. E lá estava ele, cabisbaixo e arrependido pelos problemas que causara: “Eu não presto pra nada, mesmo. Não devia ter feito isso. Eu sou um mané!”, pensava o garoto. No entanto, lá no fundo da sala, os encrenqueiros verdadeiros, com um quê de maldade, tiravam proveito da sua fragilidade. Entravam no páreo e faziam ataques covardes, numa luta desigual. Quem

levava a culpa? Marquinhos. Quem passou a ser o bode expiatório da turma? Marquinhos. Para onde iam as reclamações? Para os pais de Marquinhos. Quando estes procuraram ajuda profissional, a autoestima do menino já se encontrava no fundo do poço. (p.28)

### **Vítimas agressoras**

Ao contrário das demais vítimas, essa se transforma no ator que revida as agressões da mesma forma que recebeu, no entanto dessa vez em um outro ator, ao seu papel se faz valer um comportamento vingativo, reagente que não deixa por menos tudo que passou, seja em humilhação, agressão, ou em qualquer outra das formas psicológicas ou físicas de bullying, “reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação” (SILVA, 2015, p.28), procurando um membro da rede ainda mais fraco que possa se tornar sua vítima, abrindo uma outra rede de violência como forma de compensação de seu sofrimento. Como remete o comportamento de Sergio rapaz de dezessete anos de idade, trazido por Ana Beatriz D. Silva:

Eu sempre quis ser engenheiro, e, dentro de um colégio conceituado, tudo ficaria mais fácil. Que sonho, que nada! Estudar ali se tornou um pesadelo. Meus colegas chegavam e voltavam de carrões, com seus pais ou motoristas. Eu ficava no ponto de ônibus ou voltava a pé pra casa. Eles passavam por mim e faziam gestos obscenos, mostravam a língua ou me mandavam “uma banana”. Na sala de aula, ninguém queria conversar comigo. Eles me isolavam, faziam desenhos de mendigos e escreviam meu nome embaixo. Isso rolava de mão em mão por todos os alunos da classe. Até hoje ouço aquelas gargalhadas ecoando na minha cabeça e os insultos: “Cai fora, seu pangaré! Vai procurar sua turma!”. Eles se divertiam à minha custa e me evitavam como se eu tivesse uma doença contagiosa.

Até que um dia não aguentei mais; eu estava com tanta raiva que passei a agredir os garotos e as meninas de outras turmas bem mais jovens do que eu. Eu perseguia, ameaçava, fazia um montão de coisas que sei que não eram legais, mas foi a única forma que encontrei para me vingar. Quanto mais eles me maltratavam, mais eu descontava nas crianças. Certa vez, fiz uma bomba caseira bem grande e a coloquei no banheiro masculino. Não havia ninguém por lá: todos estavam em sala de aula. Acendi o fósforo e saí rapidamente, esperando o que iria acontecer. Ouvi um estrondo maior do que imaginava: uma porta estourou, e um dos vasos sanitários foi pros ares. Voltei pra ver o estrago e, afinal, até eu me assustei. O diretor e os inspetores entraram e me pegaram no flagra. Fui expulso, e meus sonhos foram por água abaixo. Eu só queria me impor, mostrar que não era um babaca qualquer. (p.29)

A reprodução da atitude aparece como forma de sanar o sofrimento que Sergio

passou, isso se dava porque ele não sabia lidar com os momentos de bullying e ao invés de uma vingança contra seus agressores, ele assumia o papel de brigão e se tornava agressor de outras crianças, sendo que seu sofrimento não se tornava necessário para o desenvolvimento de uma empatia por outras vítimas, e sim um estímulo para que de estigmatizado ele se tornasse um desviante para reproduzir a forma de opressão em que sofria.

### **O agressor ou agressora**

Embora haja poucos casos conhecidos sobre agressoras, esse papel na rede não é exclusividade do sexo masculino, “Eles podem ser de ambos os sexos” (SILVA, 2015, p.29). Esse lugar da rede de interação é ocupado por alguém seja sozinho ou em grupo, que tem a violência em si “passa por um filtro de ritualização para ser um dispositivo eficaz para a dominação situacional” (COLLINS, 2003, P. 32). Embora essa interação não possua o respeito ou admiração como algo a ser proposto como status do agressor, pois é muito comum que esses agressores só possuam “seguidores” graças ao medo destes ou destas em se torna uma possível vítima, pois esses agressores ou essas agressoras “possuem, em sua personalidade, traços de desrespeito e maldade” (SILVA, 2015, p.29), o que acaba desenvolvendo um poder de eficácia que se transforma em liderança e que subsequentemente é legitimado “por meio da força física ou de intenso assédio psicológico” (SILVA, 2015, p.29), que gera maior poder do agressor, quanto mais seguidores esse agressor possuir, maior será o seu território de domínio e poder de fazer mais vítimas.

O status de ser valentão ou valentona dificilmente reflete uma pessoa que possui um bom desempenho dentro da sala de aula, “na verdade, os valentões compensam as habilidades sociais não muito boas, escolhendo aqueles que são ainda piores” (COLLINS, 2011). E isso pode ser uma forma de caracterização de um panorama dessa rede, onde que possui violência ocupa um extremo da rede e quem possui baixa sociabilidade e possível facilidade em adquirir conhecimento está na outra extremidade, já que quando falamos em agressores ou agressoras, “o desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário; no entanto, em hipótese alguma, isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles” (SILVA, 2015, p. 30).

É perceptível no comportamento dos agressores ou agressoras desde cedo, de acordo com Ana Beatriz D Silva (2015), “aversão às normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em pequenos delitos, como furtos, roubos ou

vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado” (p.30), isso pode ser caracterizado de acordo com Howard Becker como um comportamento desviante, onde o indivíduo agressor se torna um outsider, “aquele que se desvia das regras do grupo” (BECKER, 2021, p. 19), nesse caso o grupo escolar, onde seu domínio ritual visa impor novas regras de convívio onde o seu poder passa a ser criador destas, de onde micro situacionalmente é desenvolvida uma interação baseada em violência por meio do bullying.

Caso Alberto, trazido no livro de Ana Beatriz Silva (2015) traz uma amostra do que pode ser esse comportamento agressivo e qual possibilidade de socialização que o indivíduo terá caso siga os passos do personagem que teve seu nome

Alberto sempre foi um menino difícil e diferente das outras crianças. Desde muito cedo, seus pais perceberam que ele era muito mais levado do que uma criança normal. Extremamente desafiador, bastava ser contrariado que partia para travessuras perigosas. Certo dia, ao ser repreendido pela mãe, não vacilou: enquanto ela estava distraída, chamou o irmão mais novo e, na frente dele, ligou a torradeira e colocou a pata do cachorrinho da família ali dentro.

Enquanto o animalzinho gemia de dor e o irmão chorava diante da cena, Alberto ria e caçoava: “Deixa de ser babaca, seu imbecil! Tá parecendo uma menininha mimada!”. Seus pais gritaram com Alberto e deixaram-no de castigo no quarto pelo resto do dia. Calculadamente, o garoto desmontou um apontador de lápis e fez da lâmina uma navalha improvisada. Retalhou o colchão do irmão mais novo durante o período de castigo. Naquela época, Alberto ainda não havia completado onze anos, e essas atitudes tão requintadas eram, no mínimo, preocupantes.

Inteligente, sem dúvida, nos colégios, Alberto nunca apresentou problemas de repetência, mas era briguento, irrequeto, indisciplinado e displicente. Sentava-se no fundo da sala e contava com uma turminha que o admirava e fazia o que o mestre mandava: xingava, batia e intimidava os mais frágeis, de forma sistemática, dentro da sala de aula, no pátio ou nos corredores do colégio. Com dezesseis anos, o adolescente já fazia arruaças nas ruas, em companhia de sua gangue, para se divertir: aterrorizava as pessoas, chutava as portas das lojas, agredia os mendigos que dormiam debaixo das marquises. Tudo isso, é claro, regado a doses de bebida e drogas. Suas notas na escola caíram, as faltas eram constantes e os transtornos causados ali dentro eram de arrepiar qualquer um. Certo dia, disse para os pais: “Cansei de ‘brincar’ de estudar; não tô(sic) mais a fim”.

Alberto tornara-se um delinquente, e ninguém mais tinha controle sobre os seus atos. (p.30)

Boa parte dessa revolta apresentada pelos agressores pode ser reflexos de um ambiente violento em sua casa ou no bairro em que vive, fazendo com que estes ou estas sejam incapazes de demonstrar empatia, compaixão ou até mesmo preocupação com os outros. Torna-se um hábito não possuir preocupação com os demais, a não ser para que sirvam de instrumentos de manipulação para seus desejos pessoais. “Nesse caso, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos contra os outros podem ser observadas desde muito cedo (por volta dos cinco ou seis anos)” (SILVA, 2015, p.30). E a partir daí “o indivíduo busca uma maneira ilegítima de resolver os problemas que sua posição lhe apresenta” (BECKER, 2021, p. 39).

Por fim há uma observação importante sobre os agressores “os agressores têm uma posição reconhecida na hierarquia de status de uma comunidade: eles não fazem parte da elite, mas ocupam uma posição intermediária ou ambígua” (COLLINS, 2008, p.158-159). Seu poder sobre os demais membros está aquém de uma deferência, já que o medo impera em sua interação com os demais atores da microssituação, algo curioso, já que não há ganhos importantes, apenas um status micro situacional que talvez tenha seu tempo de existência enquanto durar o ritual de violência.

### **Os Espectadores e espectadoras**

Por fim, apresenta-se a última parte pertencente ao ambiente de interação, nesse caso o ambiente escolar, com os estudantes se apresentando como atores e atrizes sociais, aqueles que compõem a audiência e que por muitas vezes se tornam a plateia que de certa forma contribui para o status do valentão ou valentona. Aquele fragmento do fato social importante que testemunha, às vezes, o ritual simbólico de violência que se mostra na forma de legitimar o poder do agressor ou agressora. “Estes fazem parte da situação” (COLLINS, 2017, p.237). Como o próprio nome já diz, essa parte presente na micro situação só terá valor se o bullying estiver em ambiente aberto, como no caso dos intervalos entre as aulas no ensino fundamental e médio, ou em um momento de término das aulas quando todos os estudantes estão indo a suas casas, caso a violência aconteça em um ambiente fechado, banheiros, lugares sem movimentos, será uma parte a menos no ritual de violência.

Esse grupo será dividido em três, os espectadores passivos, que não interferem diretamente na situação, os espectadores ativos, que participam e legitimam o ato e finalmente os neutros quando não há “sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam” (SILVA, 2015, p.32). Esses três tipos de espectadores e ou espectadoras legitimam a prática, pois o “silêncio ou as risadas dos que estão em volta reforçam, ainda que sem intenção, ataques físicos ou verbais. Muitas vezes, essa conduta é fruto do medo de se tornar o próximo alvo” (BERGAMO, 2018). No entanto esse tipo de interação oferece algo que nem sempre é apenas a observação “o clima de insegurança também é prejudicial para quem está na plateia. Por outro lado, seu suporte ajuda a frustrar o bullying e coibir ações semelhantes” (BERGAMO, 2018).

A primeira parte da divisão, espectadores passivos, se dá aos que “assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima” (SILVA, 2015, p.31). Embora não concordem e até tenham repulsa pela atitude dos agressores, preferem ficar de fora do fenômeno por não apresentarem formas de resistência ou formas de auxiliar a vítima, pois se vem incapazes, impotentes diante da injustiça presenciada. No entanto, esse grupo pode se tornar também vítima desse fato social devido ao desenvolvimento de traumas futuros dada a sensação de injustiça que carrega por não ter evitado o ato violento.

Os espectadores ativos são compostos pelos agentes que tanto presenciam quanto se divertem com a microssituação onde há um ator sendo violento com outro membro dessa rede. A participação desses atores se assemelha aos grandes eventos que aconteciam no coliseu da antiga Roma, ou nas punições em praça pública, como as citadas por Michel Foucault (2014) em seu capítulo O corpo dos condenados. No entanto, “apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo” (SILVA, 2015, p. 32), que de certa forma se tornam um papel importante para o agressor ou agressora, que se sentem estimulados e ganham força para que a agressão seja um espetáculo para sua cativa plateia. Esses espectadores ou espectadoras “tramam tudo e ficam observando e se divertindo” (SILVA, 2015, p.32). Eles preenchem o papel muito retratado em filmes e desenhos onde em coro gritam “briga, briga, briga,” e estão sempre dispostos a presenciar um espetáculo.

Por fim, e não menos importante, a última característica pertencente ao terceiro componente da interação social cujo bullying é o principal ritual. Os espectadores, ou espectadoras, neutros correspondem a aqueles que, “por uma questão sociocultural (originários de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do

cotidiano), não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam” (SILVA, 2015, p. 32). Por se tratar de uma situação corriqueira, esses atores demonstram uma certa naturalização quanto a micro situação, estes não demonstram maior interesse pelo ato graças a sua presença no cotidiano. No entanto essa omissão também corresponde a uma certa negligência, já que “alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de bullying” (SILVA, 2015, p. 32), gerando uma continuidade em que apenas os atores serão modificados, a peça do bullying será encenada nos ambientes em que houver essa omissão, um pai ou mãe pode ter sofrido bullying, embora não saibam graças a naturalização desse fenômeno em sua época de escola, e seu filho e ou filha pode passar pela mesma situação, já que esse fato social se demonstra muito presente no cotidiano escolar, desde o imaginário artístico a vivência de alguns estudantes, já que de acordo com a ONU cerca de 01 a cada 03 estudantes sofreu de bullying<sup>6</sup>.

Durante uma entrevista divulgada pelo portal Outras Palavras, Charles Deber e Yale Magrass, dois sociólogos estadunidenses, definiram que “o bullying é uma forma de controlar as pessoas, colocando-as em “seu lugar”, talvez desde que os seres humanos existem” (DEBER & MAGRASS, 2018). E seu sentido se tornou muito mais significativa para o que compreendemos como um simples rito de passagem que nos afasta da infância e adolescência para a fase adulta, como percebido há 20 anos atrás. E estes oferecem um contraponto ao campo da psicologia pois compreendem que é muito além de “um problema para indivíduos que precisam de terapia” (DEBER & MAGRASS, 2018). Já que tudo ao nosso redor oferece um reflexo dos padrões de domínio proposto pelo sistema socio cultura que estamos inseridos, “vivemos no capitalismo militarizado. O capitalismo pressupõe competição – vencedores e perdedores. O militarismo requer violência, agressão e submissão à autoridade” (DEBER & MAGRASS, 2018).

Para os autores a questão de entender o bullying não se torna satisfatória pela óptica apresentada pela psicologia. Para eles é necessário que vejamos esse comportamento como de fato um produto de um “capitalismo militarizado”, que oferece ferramentas de opressão legitimadas socio culturalmente e não apenas uma conduta individual. Como visto nessa parte da entrevista de DEBER & MAGRASS, 2018:

---

<sup>6</sup> Um a cada três alunos no mundo foi vítima de bullying. Disponível em < <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/05/um-em-cada-tres-alunos-em-todo-o-mundo-foi-vitima-de-bullying.htm>> Acessado em 20 de agosto de 2021

A psicologia é inadequada para entender sua causa e o seu poder. De fato, seu cerne é o poder e a psicologia praticamente não tem esse conceito; ela lida com indivíduos mudando suas atitudes. A sociologia e a política são muito melhores para compreender o poder. C. Wright Mills, sociólogo dos anos 1950, falava da “imaginação sociológica”. Argumentava que não podemos separar “problemas pessoais” de “questões públicas”.

Randall Collins apresenta em seu artigo feito em 2011, as ferramentas do bullying foram oferecidas previamente por estruturas, anteriormente formadas, micro socialmente, dentro das instituições nas quais o bullying se mostra vigente. Já Charles Deber e Yale Magrass apontam o bullying se forma de forma macro social por meio de incentivos oriundos do militarismo, já que este “é inerentemente uma força de bullying e, de forma independente, o capitalismo é, em muitos sentidos, um sistema de intimidação. Portanto, todos os Estados militarizados, mesmo os não capitalistas, são intimidadores” (DEBER & MAGRASS, 2018).

Tamanha é a importância que Charles Deber e Yale Magrass dão a formação macrosociológica do bullying que estes apresentaram um livro, ainda sem tradução para o português, pelo menos até o momento da conclusão dessa dissertação, intitulado *How the American Establishment Creates a Bullying Society* (como o establishment americano cria uma sociedade do bullying). Para esses sociólogos, o bullying faz tamanha parte da cultura dominante que é praticamente falível uma tentativa de separá-lo de seu sistema socio econômico, como afirmam em um conceito de bullying capital:

O termo “bullying do capital” – que é o título do capítulo 2 – refere-se ao bullying inerente ao capitalismo. O bullying do capital remete ao bullying realizado pelas elites capitalistas mesmo nas sociedades não militarizadas. A classe capitalista (que inclui as corporações) intimida os trabalhadores, consumidores, fornecedores, os rivais e abastecedores corporativos. Obviamente, Marx construiu toda sua teoria da exploração capitalista como uma relação de bullying entre a classe capitalista e a classe trabalhadora. Como ele desenvolveu essa ideia em sua obra *O Capital*, consideramos que seria apropriado chamar esse tipo de “bullying do capital”.

A incorporação de valores, através do *ethos* vigente na sociedade, acaba por legitimar um sistema de opressão onde o bullying se torna sua principal ferramenta de dominação, “o capitalismo é bullying; é competição – vencedores e perdedores. A desigualdade social está no cerne do capitalismo. Os fracos merecem seu destino. Qualquer um que seja intimidado fez por merecer” (DEBER & MAGRASS, 2018). Pois

em um paralelo os autores durante a entrevista falam sobre o porquê que figuras como Donald Trump e Adolf Hitler conseguiram ascender ao poder já que “ainda que sejam brutais e cruéis, os intimidadores normalmente são admirados” (DEBER & MAGRASS, 2018), e isso se dá graças a ideia dominante de suas épocas.

Ainda em termos de macro estrutura, os autores Charles Deber e Yale Magrass trazem uma nova significação quanto ao bullying, a racial. Essa é uma forma em que os europeus se viram como portadores de direitos de explorar as terras na América e na África, como apontam na entrevista de 2018:

Os Estados Unidos começaram quando os europeus cruzaram o Atlântico para tomar as terras dos índios e aniquilá-los. Eles tinham a liberdade para fazer isso porque os índios foram definidos pelos europeus como inferiores e não civilizados, inaptos para ser livres, ter sua própria cultura e sua própria terra, talvez até mesmo inaptos para estar vivos. Os europeus foram escolhidos por uma força superior. Eles tinham “destino manifesto” para intimidar, dominar e prevalecer.

Com a falta de sucesso com a escravidão de índios, pois esses quando não morriam em combate contra a escravidão fugiam para as terras que conheciam, a classe dominante europeia se viu diante de uma nova procura de outros povos para servir de escravos, e “recorreram aos africanos, que, novamente, foram definidos como criaturas inferiores aos humanos, incapazes de cuidar de si mesmos, que necessitavam do processo civilizatório e da proteção da Europa” (DEBER & MAGRASS, 2018), intensificando a união de três possíveis bullyings, o de classe, o de raça e o de etnia), cerca de 20 milhões de africanos, de acordo com Charles Deber e Yale Magrass (2018), foram coagidos à atravessar o oceano Atlântico para serem violentados e servirem ao capital. A ferida permanece aberta nos dias atuais. Ainda que não vivamos em um regime escravocrata “o bullying racial contra os negros continuou na forma de segregação e, mesmo depois dessa época, subsiste em evidências como a brutalidade da polícia contra os negros” (DEBER & MAGRASS, 2018).

Por fim os autores Charles Deber e Yale Magrass apontam mais um tipo de violência sistemática, o bullying ambiental. “Na vida cotidiana, obviamente, a maioria sabe que algumas pessoas fazem bullying com seus cachorros ou outros animais domésticos” (DEBER & MAGRASS, 2018), isso é, o ser humano consegue levar sua dominação sistemática do limite do ambiente micro social para o ambiente social, passando por raças, classes, gênero, etnia, orientação, etc., agora apresenta seu domínio

nas mais variadas criaturas não humanas e em seu meio ambiente, “Em nossa era de aquecimento global catastrófico, é difícil não pensar em ‘bullying ambiental’ ” (DEBER & MAGRASS, 2018).

O bullying ambiental é intrínseco à exploração do capital. “A maioria das pessoas também tem consciência de que o agronegócio transforma o bullying de animais em uma engrenagem impiedosa de lucro” (DEBER & MAGRASS, 2018). As formas de vida, presentes no planeta, sucumbem aos interesses dominantes na escalada para a aquisição de poder econômico. e são transformadas em dispositivos de melhoramentos para a dominação. Como os autores defendem:

Porém, ainda que seja muito óbvio que os animais sofrem bullying, pode ser menos claro que as plantas e o solo ou as rochas também possam ser alvos. O bullying pressupõe que a vítima tem a capacidade de experimentar algum tipo de consciência. Embora muitas culturas indígenas acreditem que todas as formas de vida e da natureza têm espírito e consciência, as sociedades ocidentais construíram uma visão não senciente das plantas e de toda a natureza, permitindo assim que os humanos ataquem e destruam todas as formas de vida.

A ciência agora mostra que, na verdade, muitas plantas têm formas extraordinárias de consciência e comunicação. Estudos recentes sobre as árvores mostram que elas se comunicam por meio do entrelaçamento de suas raízes, sobrevivendo e prosperando através da construção de “comunidades”. Os cientistas que estudam as florestas agora falam de árvores “solitárias”, que ficam isoladas e acabam morrendo rapidamente.

Essa forma macro sociológica de entender o bullying, abordada no livro dos autores, *Bully Nation How the American Establishment Creates a Bullying Society*, (Nação bully, como o Establishment norte-americano cria uma sociedade de Bullying) se pretende, pois, a explora “a relação entre bullying ambiental e vandalismo ambiental – e mostra como o capitalismo militarizado alimenta ambos, ameaçando agora destruir não só os humanos mas também todas as espécies e, talvez, a própria natureza” (DEBER & MAGRAS, 2018), de forma que sua extensão está além dos limites de interação humana.

Percebe-se que a principal característica de perspectiva sociológica, apresentada por Charles Deber e Yale Magrass, é vista como uma extensão do termo bullying a qualquer relação em que haja dominação, seja esta interpessoal, nas suas mais variadas formas, racial, de gênero, étnica, de classe, de localidade, de orientação ou uma interação humano-ambiental seja animal ou vegetal. Refutando a abordagem da psicologia, que “a

abordagem terapêutica desconsidera a principal raiz do problema. Quando as crianças ou os adultos fazem bullying, eles estão reagindo às normas ou incentivos de suas empresas e de sua sociedade militarizada” (DEBER & MAGRASS, 2018).

Dadas as apresentações sobre o que é o bullying, recorrerei a qual sociologia utilizei como ferramenta de estudo de meu trabalho, a sociologia apresentada pela interação simbólica, e definirei quais pontos importantes foram oferecidos para a compreensão de um fenômeno tão importante e percebido por vários ramos das ciências, quer na psicologia, pedagogia, quer na sociologia.

As reflexões operadas até aqui indicam a possibilidade de circunscrevermos sociologicamente o bullying como um ritual de interação violento, mediado e impulsionado por símbolos/valores que estabelecem relação de poder entre os agressores ou agressoras e suas vítimas, podendo assumir dimensões mais violentas se o rito for legitimado pelas testemunhas que o apoiam. Seja no ambiente escolar ou nos mais variáveis cenários de atuação desses atores ou atrizes, desde de que se apresente como ritual de dominação contínuo.

## Capítulo 02

### **Corpo, raça, gênero, classe social, geração, qual é a identidade desses jovens atores e atrizes no bullying?**

Dada essa percepção sobre a juventude nesse novo ambiente de interações, por ser um lugar comum a maior parte dos jovens, a escola também apresenta atores e atrizes sociais que se interagem com as mais diversas redes e que por isso são frequentemente apresentados e apresentadas as mais diversas formas de relação, com base nessa observação resolvi trazer perspectivas sobre estudos dessas juventudes, desses grupos sociais que visem tentar entender o que venha a ser importante e determinante em suas vivências dentro do ambiente educacional considerando assim a “análise da produção de conhecimento sobre Juventude abarcam um elenco significativo de questões” (SPOSITO, 2002, p. 07) e através desses trabalhos, que envolvem autores como Antônio Groppo (2016) e Marília Sposito (2002), pretendo entender quais são e qual sua relevância para essa dissertação dos principais temas eleitos para essa investigação de grupos desses jovens e dessas jovens estudantes e “sua eventual presença nos estudos que constituem o campo da pesquisa educacional” (SPOSITO, 2002, p.07), respeitando sempre o direcionamento de estudos sociológicos propostos pela dissertação.

Antes de dar continuidade ao capítulo gostaria de trazer para o leitor ou leitora que as escolas selecionadas para a aplicação das pesquisas de campo foram primeiramente por serem escolas públicas e apresentarem realidades sociais distintas. A escola Municipal Manuel de Paula Menezes Lima situa-se em um bairro periférico chamado Ademar de Carvalho, é um bairro carente que apresenta problemas sociais tais quais violência, áreas de pouca infra estrutura, como saneamento básico, calçamento. Enquanto a Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza situa-se no centro, bairro que não enfrenta os mesmos problemas que a primeira escola citada, com exceção a violência, o que levaria a entender como alguns fatores externos poderiam exercer influência ou não sobre o fenômeno bullying. A escola Adelina Maria de Santana Souza possui 571 estudantes matriculados, enquanto a escola Manuel de Paula Menezes Lima possui cerca de 626 matrículas no ano de 2021.

Como objeto de estudo a juventude é de longa data, no campo da sociologia ela tem importância nos estudos desde sua formação como categoria social, em outras palavras, na sua “‘pré-história’, na segunda metade do século XVIII, mas principalmente a partir

do início do século XIX, quando os efeitos negativos da industrialização e urbanização aceleradas já produziam o fenômeno da ‘delinquência juvenil’” (FLINTER, 1968. Apud GROppo, 2016, p.08). Embora haja um problema de grande relevância, quando é trazida a perspectiva de Marília Sposito que em análise a um trabalho de Mauger (1994), em que a categoria social juventude carece de um consenso diante daqueles que a estudam pois é considerada “epistemologicamente imprecisa” (SPOSITO, 2002, p.07), podendo haver um pluralidade de percepções o que direcionaria a uma situação oriunda dos temas como “paradoxal e de difícil resolução” (SPOSITO, 2002, p.07), como pretendo estudar os jovens da faixa etária de 12 à 16 anos, já que em divergência com a CNPD (1998) o conjunto da sociedade do Brasil acaba por aceitar uma tendência majoritária “de antecipação do início da vida juvenil para antes dos 15 anos, uma vez que certas características de autonomia e inserção em atividades no mundo do trabalho” (SPOSITO, 2002, p.10), visto que nas classes menos favorecidas socioeconomicamente o labor se torna horizonte mais próximo.

Assim que são retirados de sua rede ritual de interações primárias, a chamada família, sua também primeira instituição social de pertencimento, “através do corpo o homem apropria-se da substância da vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha como os membros da comunidade” (BRETON, 2007, p. 07). Esse homem ou mulher, criança ou jovem se depara com novas rede de interação quando está fora de casa, nas mediações de seu bairro, e ainda uma rede mais nova quando ingressa no mundo socializador da escola, e com isso todas os símbolos construídos com sua rede de interação familiar são levados junto ao corpo pelo qual se expressa ao mundo.

Diante de todas as possibilidades de interação com o mundo exterior, a primeira se dá visualmente com todos que estão ao seu redor, e seu alvo “é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (BRETON, 2007, p.07), ou seja, com os demais corpos ali presentes, corpos estes dotados de significados, símbolos socialmente construídos que de imediato impactam, caso a identidade (raça, corpo, gênero classe social, etnia) destes “estranhos” seja distinta da sua criando-se assim uma alteridade a partir de sua identidade. Quando se depara com as mais diversas alteridades em seu convívio, o estudante ou a estudante pode construir laços de amizade com estas e assim aumentar a sua rede ou desenvolver conflitos com o diferente, com o que este ou esta determine que seja seu adversário ou adversária.

A identidade é “um conjunto de elementos que permitem saber quem uma pessoa é” (RAMALHO, 2008, p.18), então para que tragamos a juventude é necessário entender quem são e o que se declaram ser. Esses elementos acabam por construir um importante panorama do público ao qual essa dissertação alcançou, em sua cor/raça, seu gênero, sua idade, sua classe social. Uma colaboração também importante trazida por Nildo Viana é que esta “vai sendo formada através de sua experiência, observação e reflexão e todos estes fenômenos constituem um processo que também é social” (VIANA, 2009, p.146). No entanto precisamos ter em mente que, embora haja uma formação dessa identidade ela mesma é obliterada quando vista de perto, já que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 1992, p.13). Tanto as localidades quanto as situações e suas redes configuram esses jovens constantemente em suas realidades.

Para o público jovem o primeiro impacto quando entra na escola se dá em uma interação com diversos corpos diferentes, sejam estes afrodescendentes, euro descendentes, miscigenados, físicos diferentes, estudantes gordos, magros, características comportamentais distintas, preferências, aspectos estes que na maioria das vezes se afastam das comumente eram percebidos em seu seio familiar, e isso pode causar uma estranheza diante de todas essas formas de alteridades. Alguns estudantes amplificam e transformam essas diferenças em estigmas, estereótipos e as utilizam em caráter depreciativo através do bullying. Recorrendo a traços de identidade como uma forma de exercer poder situacional diante no ritual de interação.

Caso cerquemos o público que sofre violência nos atos de bullying e outras violências na escola, perceberemos que majoritariamente são os jovens o principal alvo. Contudo percebe-se com frequência que “alunos autores e os alunos vítimas se assemelham com bastante frequência, do ponto de vista estatístico” (CHARLOT, 2002). Em um de seus estudos, apontado em seu artigo de 2002, Bernard Charlot apontou que são oito tipos frequentes de violência nos estudantes, crianças e jovens, que merece atenção: “47,8% dos alunos se declaram vítimas de falta de respeito (da parte de outros alunos ou de professores); 27,7%, vítimas de casos de pertences pessoais danificados; 23,7%, de furtos; 15,8%, de chantagem; 15,65 %, de golpes; 9,7%, de racismo; 4,35 %, de extorsão; 2,85 %, de agressão ou de assédio sexuais” (CHARLOT, 2002).

O que muitas vezes é levado à o centro de mecanismo de poder em um conflito está a diferença, ou um conjunto de diferenças que seja tomado como um possível ameaçador

do que venha a ser “normal” para o agressor ou agressora. Isso é perceptível dentro tanto dos discursos apresentados pelos estudantes entrevistados tanto nos grupos focais e nas entrevistas face a face, quanto pelos que responderam aos questionários. Pois é comum que o bullying tenha como principal ato de violência o corpo, a raça e o comportamento e formando assim seu campo central para a execução do fenômeno: o corpo.

Quando também se leva em conta o corpo desses atores e atrizes vemos o quão determinante é esse corpo e seus elementos. Para a uma das lentes trazidas pela sociologia esse objeto de estudo é indeclinável, tendo como argumento que “a sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginário” (BRETON, 2007, p. 07), algo que estou certo de que irá auxiliar na compreensão do bullying, já que os aspectos pertencentes neste objeto de estudos também se apresentam no centro do objeto de estudo dessa dissertação. Já que para o bullying esse corpo “é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator” (BRETON, 2007, p. 07).

Embora o comportamento também seja notado pelas interações sociais dentro da escola, quando os estudantes e as estudantes se interagem seus corpos se transformam em “um lugar de contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes” (BRETON, 2007, p.10) seu cabelo, sua cor, seu sexo, etc., há uma forte ligação, durante as formações de grupos focais, como exemplo, se tornou nítida a aproximação dos estudantes e das estudantes primeiramente por conta de seu sexo, as interações primária nos grupos focais apresentavam este aspecto, tanto que quando havia um estudante do sexo masculino durante os grupos focais este se expressava em menor quantidade, ao contrário das meninas que se sentiam mais seguras em contribuir com a pesquisa por sua quantidade maior.

O jovem acaba por se ver mais visível ao meio em que interagem graças a sua mobilização pelas redes situacionais, “na medida em que se ampliam os laços sociais e as teias simbólicas provedoras de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator” (BRETON, 2007, p. 10). Tal teia social é construída dentro de um determinado espaço-tempo, uma geração, em que são forjados rituais de interação que por si geram outros rituais de interação formando então redes que são as principais ferramentas de construção da realidade situacional e social.

Redes de rituais de interação anteriores preparam o campo atuação para os atores e atrizes vindouros e vindouras. Isso demonstra que “ao nascer a criança é constituída pela soma infinita de disposições antropológicas que só a imersão no campo simbólico, isto é a relação com os outros, poderá permitir o desenvolvimento” (BRETON, 2007, p.08). O que determina que os atores e atrizes sociais são construídos pelas redes situacionais nas quais estão imersos e imersas, contudo, a cada atuação essa juventude se torna em futuros e importantes construtores construtoras de realidades sociais.

Por fim durante, nesse contato automaticamente são percebidas diferenças e representações que fundamentam as interações, dado que “do corpo nascem e se propagam os significados que fundamentam a existência individual e coletiva” (BRETON, 2007, p. 07). E nesses ambientes micro situacionais são formadas modalidades de interações, amizade, compatibilidades, que por si formam identidades e alteridades que a cada microssituação fluem, se transformam em poeira ou se solidificam de formas variadas. Entretanto essa não se dá de forma esporádica e sim situacional e permanente, “a expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo” (BRETON, 2007, p.09), na adolescência está de uma forma que varia de acordo com o microambiente em que se está interagindo, seja esse corpo frágil a ponto de assumir o papel de vítima no bullying, seja como mais forte para assumir o papel de agressor ou agressora em um outro ritual de interação.

A segunda característica importante que determina o que é a juventude, nesse caso o público componente desta dissertação, se dá no fato de possuir idade menor que as pessoas que estão em posição hierárquica maior na escola, no caso os professores e professoras e demais funcionários. Essa característica atribui um papel importante para esse ator ou atriz social, na instituição escolar ele ou ela se apresenta como um indivíduo a ser socializado, pois como definiu Durkheim (2011)

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos pela sociedade política quanto pelo meio específico ao qual a criança está destinada em particular. (p.53-54)

Posto que para a doutora em psicologia Cleusa Sakamoto, “os jovens de nossa realidade social globalizada e tecnológica são indivíduos situados na extensa faixa etária entre 12 e 32 anos” (SAKAMOTO, 2018) e nesse período são formados seus valores que

produzem relações sociais em grupos, seus laços afetivos, direcionamentos existenciais e princípios éticos, fatores importantes na visão do que é o jovem. Assim como os conflitos que surgem em uma micro escala quando as identidades entram em choque, tais atuações dessa juventude encontram respaldo por estarem também em um período de auto afirmação característico desse período, mas assim como uma reprodução de outras rede de interação cuja naturalização do bullying está presente.

Um dos motivos de escolher o público jovem para serem o público estudado por essa dissertação se dá pela presença majoritária no micro ambiente escolar e pela vulnerabilidade desse mesmo público ao bullying. De acordo com uma reportagem do canal G1 publicada em primeiro de abril de 2014, o bullying é um tipo de violência escolar que afeta cerca de 13% das crianças e adolescentes, público componente da faixa etária estudada pela dissertação.

Com base também em uma outra reportagem do G1, desta vez publicada em 11 de abril de 2011, o artigo da reportagem trouxe um dado presente em um levantamento feito com jovens dos Estados unidos bastante preocupante, quanto aos jovens dos Estados Unido, este por sua vez “apontou que naquele país 160 mil alunos faltam diariamente no colégio por medo de sofrer humilhações, surras ou agressões verbais”. Além dessas estatísticas o Brasil ganha em ainda uma outra, enquanto a média trazida pela OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, é de 16%, a “solidão é maior entre adolescentes brasileiros. Cerca de 23% dos alunos do Brasil concordam ou concordam fortemente que eles se sentem sozinhos na escola” (OLIVEIRA, 2019), como apresentado pelo artigo presente no site El País, Brasil.

Outra forma de entender essa juventude, se dá na percepção desse corpo como dotado de traços diferentes que constituem sua cor, sua cultura e comunidade e sua outras partes corpóreas (olhos, lábios, cabelos, etc.): a sua raça. Esse é um dos pontos, formadores de identidade, assim como de conflito. Presente ainda nos dias atuais, quando observados pela pesquisa de campo em escala micro, esses elementos identitários preencheram as formas de dominação presentes no bullying estudado.

E quando o corpo não agrada? E quando o corpo é motivo de discriminação e vergonha? Um dos transtornos mais comuns se dá devido a insatisfação com o próprio corpo. “Esses transtornos já são considerados uma epidemia nas sociedades ocidentais, acometendo especialmente mulheres (em 90% dos casos), sobretudo as adolescentes e as jovens adultas” (SILVA, 2015, p. 20) e essa inconformidade com o próprio corpo quanto

ao peso e a forma por conta de não ser aceita ou aceito em um determinado grupo já que a portadora ou portador daquele corpo estigmatizado não corresponde aos “padrões exigidos pelo seu meio sociocultural” (SILVA, 2015, p. 20), e essa insatisfação, em não ser aceita ou aceito, levam ao desenvolvimento de anorexia ou bulimia, a primeira se caracteriza por uma obsessão incontrolável por regimes agressivos e irracionais, e que podem “levar à morte por desnutrição, desidratação e outras complicações clínicas (SILVA, 2015, p.20).

O outro transtorno também ligado a alimentação e aceitação por padrões corpóreos é a bulimia, esta doença se caracteriza por uma enorme vontade de ingerir alimentos totalmente calóricos, e após um enorme sentimento de culpa a pessoa se envolve em “rituais purgativos” (SILVA, 2015, p. 20), nos quais são utilizados como instrumentos sagrados todos os remédios que sejam diuréticos, laxantes, além de uma frequente autoindução de vômitos, a fim de expelir todas as fontes calóricas ingeridas, tudo isso simultaneamente usados a uma excessiva prática de exercícios físicos, que ao longo do tempo vão se tornando incontroláveis para a praticante ou o praticante.

Aqui se tem a raça como reflexo desse corpo. Percebe-se que essa juventude já entende o seu corpo assim como o do outro também pela ótica da raça, isso fora percebido graças a uma quantidade de bullying que levam essa marca como característica (o leitor poderá conferir nos tipos de bullying mais adiante). “O racismo repousa entre outras coisas sobre uma relação imaginária do corpo” (BRETON, 2007, p. 72), isto é para que haja dominação quanto ao outro corpo por questão de raça/cor tem-se que se apresentar por meio da interação um conjunto de característica que exponha valores desiguais que determinem por meio de falácias o quanto uma raça seja inferior a outra.

Quando se pratica racismo o outro é envolto de um manto simbólico que anula totalmente seu campo de significação individual, dando lugar à uma identidade social virtual muito aquém das vivências de suas redes de interação preexistentes, “a história individual, a cultura, a diferença são neutralizadas, apagadas em prol do imaginário corpo coletivo, subsumido sob o nome de raça” (BRETON, 2007, p.72). Aquele corpo torna-se alienado à sua significação natural e assume um papel de totem reverso onde lhe são atribuídos aspectos depreciativos e inferiores. Levando irracionalmente à uma má representatividade, visto que “os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos” (BRETON, 2007, p. 07), nesse caso símbolos negativos, que impelem uma raça por conta de um imaginário preconceituoso.

Historicamente, a marca do negativo sobre o corpo afrodescendente pode estar associada ao estigma carregado desde o período de escravidão, ao mesmo tempo em que durante o término do regime escravocrata e após, não houve cuidados para com as vidas dos afrodescendentes, “os senhores foram eximidos da responsabilidade de manutenção e segurança dos libertos, sem que o estado, a igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais” (FERNANDES, 2008, p.29). Em um momento onde o Brasil enfrentava um rompimento com o regime escravocrata e uma imersão na nova etapa da sociedade capitalista, as classes dominantes da época viam a “abolição era uma dádiva: livram-se das obrigações onerosas ou incômodas que os prendiam aos remanescentes da escravidão” (FERNANDES, 2008, p. 31). Algo que acabou empurrando a grande massa de trabalhadores afrodescendentes para a margem social, visto que sua especialização constituía em um tendo em vista que “os ex-escravos tinha que concorrer com os chamados ‘trabalhadores nacionais’ que constituíam um verdadeiro exército de reserva [...] e com a mão-de-obra importada da Europa” (FERNANDES, 2008, p.31).

A transformação em um totem<sup>7</sup> negativo se faz diante de todas as caracterizações que transformam o corpo afrodescendente unicamente em um estigma do escravo do marginal já que desde as travessias da África ao Brasil, por meio dos navios negreiros, o afrodescendente tem sua identidade social e vivências baseados no sofrimento e nos estereótipos que no conjunto simbólico, “nada mais é que um artefato da aparência física do corpo imaginário ao qual a raça dá nome” (BRETON, 2007, p. 73).

Situações de conflito e dominação pertencentes ao bullying foram bastante percebidas tendo como ponto de partida a raça. Já que a cor se possuía as vezes um “Capital aparência” (BRETON, 2007, p. 78) com valorização mais baixa e por tal assumia uma significação pejorativa para que a situação de dominação se mostrasse eficaz ao ritual do bullying escolar.

Também nesse corpo jovem, se encontra o outro sexo, o outro gênero que se constitui de experiências cotidianas individuais, mas também é resultado de uma condição socio culturalmente construída. “A condição do homem e da mulher não se inscreve em seu estado corporal, ela é construída socialmente” (BRETON, 2007, p.66).

---

<sup>7</sup> Termo apropriado do Totem como símbolo de prestígio familiar e transferido como especial de representação de símbolos de valor, no entanto com é dito como negativo assume-se como totem que representa estigmas e identidades sociais virtuais depreciativas.

Pois a construção do que venha a ser o corpo feminino é passado por um conjunto de conceitos, que por muitas vezes é conflitante, e se apresenta também em seu primeiro momento no ritual de interação, quer seja pela fachada ou pela identidade social virtual que temos do feminino, modificando-se posteriormente com as nuances da interação e suas situações.

A percepção desse outro corpo, que é o feminino, está carregada de um campo simbólico. Concepções que por muitas vezes se debruçam em noções de dominação, objetificação e apagamento do que realmente esse corpo se constitui, anulando) assim o que Le Breton (2007) trouxe para designar o que venha a ser o corpo negro, eu peço licença e transmito tal percepção ao que venha a ser o corpo feminino) sua individualidade, sua história, sua vivência. Isto é essa mulher apresentada é apresentada por um conjunto de conceitos exteriores a ela formadas em circunstâncias alheias a sua concepção de si mesma. O que acaba por reforçar que “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhe damos e as normas de comportamento implicadas” (BRETON, 2007, p. 68).

Percebe-se que nesse corpo feminino, no caso da dissertação o corpo feminino jovem que está atuando em um ambiente situacional de ressocialização, suas percepções incorporam elementos, símbolos e valores que lhes são externos, “o corpo também é preso no espelho do social, objeto concreto, de investimento coletivo, suporte de ações e de significados, motivos de reunião e de distinção práticas de discursos que suscita” (BRETON, 2007, p. 77). Pois é impreterível que na construção da identidade feminina desse corpo levemos em questão as influências e “sanções” do meio em que vive.

Agora que esse corpo foi percebido ele se mostra como identidade diante do local onde se apresenta e também nas representações simbólicas em suas interações, uma das questões de percepção desse corpo está no feminismo e nas suas variadas formas de percebê-lo, para Heleith Saffioti, (2011) há uma disparidade quanto a atuação desse corpo diante de suas interações que tenham a sexualidade como tema:

Como o homem foi educado para ir à caça, para, na condição de macho, tomar sempre a iniciativa, tende a não ver com bons olhos a atitude de mulheres desinibidas, quer para tomar a dianteira no início do namoro, quer para provocar o homem na cama, visando a com ele manter uma relação sexual, salvo no seio de tribos da juventude, pelo menos das grandes cidades, em que isto é uma prática corrente. (p.27)

Sendo assim as concepções de identidade apresentam proselitismos diante do gênero em suas interações, algo que permeia uma sociedade calcada na desigualdade, “o par da diferença é a identidade. Já a igualdade, conceito de ordem política, faz par com a desigualdade. As identidades, como também as diferenças, são bem-vindas” (SAFFIOTI, 2011, p.37). Se temos em mente uma sociedade tão diversificada em vários setores, pelo menos em maioria, é algo possivelmente deduzível que poderíamos aceitar as diferenças, no entanto os conflitos, dramas e discriminações apresentados no cotidiano nos mostram tristemente que a sociedade é também relacionada por símbolos de dominação, opressão e exclusão, abandonando veementemente uma possibilidade de respeito as alteridades, o que “numa sociedade multicultural, nem deveria ser de outra forma” (SAFFIOTI, 2011, p.37).

O ritual de interação muitas vezes acaba por oferecer em sua escala micro elementos constituintes de uma escala macro, quando tratamos de misoginia e misandria, em outras palavras o sexismo, é possível que os estudantes ou as estudantes, que ali estejam atuando, encontrem respaldo em ideias sexistas de gênero que tenham absorvidos de outras redes de interações sociais, cuja fonte de percepção é encontrada em uma sociedade “com clivagens de gênero, de distintas raças/etnias em interação e de classes sociais, o pensamento, refletindo estas subestruturas antagônicas, é sempre parcial” (SAFFIOTI, 2011, p. 37-38).

A ideia de gênero trazida à perspectiva interacionista apresentada como principal lente desse projeto, também nos ajuda a entender um pouco da identidade desses atores e atrizes sociais. Opto pela ideia de gênero porque “esta, teoricamente, engloba tanto a violência de homens contra mulheres quanto a de mulheres contra homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto” (SAFFIOTI, 2011, p.44). Pois durante a pesquisa encontrei em escala micro exemplos contundentes quanto ao fenômeno:

(eu) e quando a menina bate no menino?!

Fabiana (GFI201FP) Aí está certo.

(GFI202FN) Porque ele é errado.

Assim como em situação contrária:

Tamirez (GFI202FN) Um menino levantou a chinela para mim eu dei um murro na cara....

(eu) como foi?!

Tamirez (GFI202FN) O menino levantou uma chinela para mim eu meti um murro na cara, no pé do ouvido ... hahahahahaaha.

(eu) Ele levantou uma chinela?

Tamirez (GFI202FN) Sim uma kenner®

Posteriormente melhor abordado no item que apresenta a tipificação dos bullyings.

Quanto aos debates de gênero, não há um consenso, como exemplo algo que venha a ser um fato agressivo em uma situação de interação, em uma observação de um fenômeno, “o mesmo fato pode ser considerado normal por uma mulher e agressivo por outra. Eis por que a autora deste livro raramente adota o conceito de violência como ruptura de integridades: física, psicológica, sexual, moral” (SAFFIOTI, 2011, p. 47), pois os valores simbólicos de uma mulher podem ser distintos de uma outra, pois talvez nos rituais de interação por elas vivenciados possuam aspectos distintos, o que é percebido por Randall Collins (2003) quando fala sobre situações, embora isso não exclua a dominação que “reside exatamente no controle da sexualidade feminina” (SAFFIOTI, 2011, p.49), nas mais variadas interações.

É sempre bom lembrar que quando nos deparamos também com conflito micro situacional é possível entender que “o gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2011, p. 45). Dessa forma podemos perceber elementos que foram trazidos de outras redes de rituais de interação se transformem em símbolos presentes nos bullyings em que o sexismo toma-se por fulcro da atual interação. Pois aos estudantes portadores ou as estudantes portadoras desses símbolos não se é percebida a alteridade como algo a ser respeitado e compreendido e sim como alvo de poder, ainda que em escala micro sociológica.

Ainda de acordo com a perspectiva trazida pela autora feminista Saffioti (2011, p.53) “a dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição,” isto é, a ideia de que um gênero pode se sobrepujar a outro encontrou legitimidade em uma espécie de código de dominação acordada em uma ideia de regulação social, explicando o porquê alguns membros da família se mostram dominantes e violentos com os demais, e por assimilar que para uma interação entre os deva haver violência ou imposição, muitas vezes reproduzidas por quem sofre e acredita estar promovendo equilíbrio ou regulação do

espaço micro situacional.

A presente dissertação se dispõe a estudar o ritual de interação presente na juventude da escola pública, levando-nos a entender que a maioria dos jovens, que se situam nas escolas públicas provém de uma classe trabalhadora, e isto também é um fator determinante na construção de sua identidade. E quando se traça a identidade dessa juventude por meio de faixa etária, corpo, raça, gênero, nada mais justo que trazer um recorte da classe social cujo o jovem ou a jovem pertence.

Assim o sendo, esse traço de identidade pertencente à classe social do qual o estudante ou a estudante faz parte como sua rede de rituais de interação estabelecida com seus familiares, também se torna alvo das práticas de bullying, percebemos através das práticas em que envolve. Durante as tipificações do bullying se tornará mais evidente o porquê de transferir essa característica identitária para a análise do que vem a ser essa juventude e o quanto é de importante para a constituição das ferramentas de dominação situacional trazidas pelo bullying.

Para Nildo Viana a definição que servirá de base para a presente análise é a que considera a juventude um “grupo etário composto pelos ‘jovens’, isto é, indivíduos inseridos no processo de ressocialização” (VIANA, 2004. Idem, 2009, p. 147), ou socialização secundário como propõem o autor. Por isso caracteriza-se um dos itens importantes contido no título dessa dissertação e o recorte etária de 12 à 17 anos e um de seus ambientes de ressocialização a escola.

Quando direcionamos os olhares “para os jovens da classe trabalhadora a passagem pela escola pode ser mais breve e no caso dos setores mais empobrecidos pode até mesmo ser inexistente” (VIANA, 2009, p. 147-148), já que devido a condição socioeconômica o estudante ou a estudante é obrigado ou obrigada compulsoriamente a ingressar no mercado de trabalho, nas mais variadas condições, sejam estes justas ou injustas (condições insalubres, salário abaixo do mínimo, direitos trabalhistas inexistentes, etc.) para que se torne uma alternativa de entrada de recursos para sua família. O que traz muitas vezes a impossibilidade de assimilar o capó de estudos com o campo de trabalho.

O processo que forma a identidade juventude está em um ambiente exterior a esse grupo, a construção “da identidade da juventude é um processo social e, por conseguinte, sua formação é determina da, num primeiro momento, pelo adulto, pelo ‘Outro’” (VIANA, 2009, p.148), sendo que sua auto construção de identidade se caracteriza a partir de um segundo momento quando este grupo social quando assume seu lugar no mundo,

com “suas relações sociais concretas e da ação cotidiana sobre ele dos adultos, das instituições, etc., e do sentimento de pertencimento a um grupo que possui, segundo a ideologia dominante e as representações cotidianas, uma mesma ‘natureza’” (VIANA, 2009, p.152-153). Tamanha força de resistência geralmente é atribuído de rebeldia, já que devido à uma relativa distancia de valores entre estas gerações aparece o conflito, mais um traço dessa juventude: a rebeldia com ou “sem causa,” dado que “a rebeldia e ambiguidade são reinterpretadas como sendo um produto natural da idade, do desenvolvimento biológico, etc” (VIANA, 2009, p.152).

O acesso que temos ao conceito de juventude é trazido pelo público que se forma como seu “antagonista”, um público que possui vivências distintas e que, por possuírem uma gama maior de experiências, se identificam como mais maduros e como um outro ponto do *continuum* de experiências que será alcançado pela juventude, “a imagem da juventude produzida pelo mundo adulto é aquela produzida pelas diversas ciências, pelos meios de comunicação de massas, pelas representações cotidianas, etc” (VIANA, 2009, p.149). Formando assim uma classe jovem e outra classe adulta, como também os embates, desajustes provocados por estas.

Mas não se pode apenas absorver a juventude como uma classe pronta e perfeitamente detectada assim como a identidade que esta apresenta, esta “constituição da imagem da juventude feita pelas ciências modernas, pela legislação, pelos meios de comunicação de massas, pelas representações cotidianas, é necessário realizar uma análise crítica dela” (VIANA, 2009, p. 150). Pois é nesse ambiente construído ao redor do jovem e da jovem, surgindo uma divisão dentro desse grupo onde uma parte da “juventude cria sua autoimagem através da influência das pressões sociais (ciências modernas, meios de comunicação, Estado, família, representações cotidianas, etc.)”, assimilando essas pressões e incorporando a sua identidade, no entanto outra parte se apresenta com propostas mais distintas e conseqüentemente, se “recusa esta produção externa de identidade e assim se lança à contestação, criando uma identidade diferenciada fundada na rebeldia, na irreverência” (VIANA, 2009, p.152).

No debate sociológico, há uma grande gama de percepções do que se define a juventude, e tal caminho encontra-se povoado com as mais diversas nuances o que se justifica pelo conjunto de estudos da sociologia da juventude, como fora trazido resumidamente por Nildo Viana (2009):

Vários pesquisadores já colocaram que a juventude é uma “construção social” ou da “modernidade” (GROPPO, 2000; MUUSS, 1974; AVANZINI, 1980) ou, então, que é “apenas uma palavra” (BOURDIEU, 1983) e notaram a inexistência da juventude em sociedades pré-capitalistas (ÁRIES, 1986) e, a partir dos dados etnográficos (MEAD, 1978), é possível questionar sua existência nas sociedades pré-classistas e indígenas. (p.146)

No entanto, o objetivo maior dessa dissertação está em observar o quanto dessas identidades formam os atores que atuam no ambiente micro social do bullying na escola. Esses conceitos acima trazidos servem para definir a composição desses corpos jovens e sua identidade, e o quão decisiva é a escolha de particularidades, singularidades desses corpos como ferramenta de dominação situacional. Já que “a identidade é a autoimagem do indivíduo produzida por ele e para ele, mas também pelos outros e para os outros” (VIANA, 2009, p. 146), e tanto este indivíduo quanto os outros são fatores importantes nos rituais de interação do bullying, pois podem haver interações de solidariedade e respeito, como também “uma intolerância muito grande em relação às diferenças” (SAFFIOTI, 2011, p. 37), resultando no ritual de dominação bastante conhecido como bullying.

Para falar de jovens, Randall Collins (2003) trouxe características muito importantes quanto a sua atuação diante da sociedade, uma delas pode ser o seu grau de antagonismo. Quando se mostra como grupo com sua própria identidade na forma de rituais em relação aos adultos, visto que “a estrutura local dos grupos juvenis é formada no contexto de uma exclusão categórica maior” (COLLINS, 2003, p.276), logo toda sua idiocrasia se forma primeiramente em um ambiente criado antes de sua participação no mundo, o que leva este grupo à criar constantemente mecanismos que o leve a lutar por seu lugar no mundo, já que esse grupo se depara com diversas restrições de participação em rituais e ambientes sociais.

Quando se considera essa perspectiva, os jovens se veem como um grupo segregado, em um mundo onde sua atuação está limitada. Dentre os palcos onde sua atuação é proibida estão os ambientes que apresentam sociabilidades recreativas por de diversão, bebidas ou jogos, como consta no Art. 80. Do Estatuto da Criança e do Adolescente “estabelecimentos que explorem comercialmente bilhar, sinuca, ou congêneres ou por casas de jogos[...] não seja permitida a entrada e permanência de crianças e adolescentes no local.” (BRASIL, 1990) e também em “locais de entretenimento onde as formas mais intensas de excitação sociável — atividade sexual

— são retratadas; o efeito é dramatizar uma hierarquia de intensidade ritual reservada aos adultos” (COLLINS, 2003, p.276). O que por si se apresenta como uma dramatização na forma de hierarquização quanto a participação ritual reservada para os não jovens menores de 18, tendo como base a legalidade brasileira, anos.

Ainda em relação a restrição de participação em ambientes, também está proibida a participação desses mesmos jovens, menores de dezoito anos, ao consumo de produtos e serviços, como se apresenta no art. 81. do Estatuto da Criança e do Adolescente:

- I – Armas, munições e explosivos;
- II – Bebidas alcoólicas;
- III– Produtos cujo componentes podem causar dependência física ou psíquica ainda que por utilização indevida;
- IV– Fogos estampidos e de artifício, exceto aqueles que pelo seu reduzido potencial sejam incapazes de provocar qualquer dano físico 2- em caso de utilização indevida;
- V – Revistas e publicações que alude o art. 78;
- VI – Bilhetes lotéricos e equivalentes. (BRASIL, 1990)

Isso apresenta uma retornança “social” que se apresenta tanto como uma defesa, como uma reação ao mundo e a estigmatização de sua atuação social, criando então um fenômeno social interessante, a contracultura juvenil, com símbolos e significados próprios dadas as circunstâncias presentes, esta está “ancorada no exclusões decretadas e legalmente impostas praticadas contra adolescentes que dão ao grupo uma identidade corporativa estigmatizada” (COLLINS, 2003, p.277).

Um dos pilares que embasam esse mundo excludente, se dá como forma de prevenção de males que por ventura possam trazer consequências desnecessárias e perigosas aos cidadãos mais novos, tendo também como aliada argumentativa a falta de experiência destes recém-chegados atores sociais, conceitos defendidos com muita veemência por políticos em seus discursos públicos, Tal mundo criado tem como principal subterfúgio o fato de que tal limitação “racionaliza essas exclusões como proteção aos jovens dos males, atitude que agudiza ainda mais a divisão moral entre os mundos subjetivos dos adultos em seu modo oficial e da experiência dos jovens” (COLLINS, 2003, p. 276). Isso acaba proporcionando uma constante exigência, muitas

vezes por registro gerais ou demais documentos com foto, por provar que, após o período de 18 anos de vida, e que tornam profissionais, tanto “funcionários subalternos quanto de bilheteiros, porteiros e balconistas que se transformam em funcionários que podem exigir subserviência e exercer exclusão” (COLLINS, 2003, p.276). O que é uma forma legitimada de agudizar a linha divisória moral entre o palco subjetivo adulto e seu conjunto simbólico, experiente e oficial de atuações da vivência minguada inerente ao elenco jovem.

Tal limitação no prestígio desse elenco social torna-se uma característica semelhante à de outros grupos sociais, dentre estes os grupos formados por afrodescendentes, isto é, dentro de uma sociedade como a nossa que é formada por um histórico de lutas entre afrodescendentes, pobres, escravizadas e escravizados e os eurodescendentes caucasianos, caucasianas e abastados, abastadas economicamente, escravizadores, a sensação de não pertencimento ao ambiente social e totalidade de seus privilégios é uma das características que, embora não haja totalidade, pois não quero trazer uma simetria absoluta entre escravidão e juventude, algo incogitável em razão das enormes discrepâncias e particularidades, que aproxima os grupos jovens do grupos afrodescendentes “que são submetidos oficiosamente a testes semelhantes; ambos os grupos são considerados desonrosos até prova em contrário” (COLLINS, 2003, p.277), isso favorece uma percepção cotidiana de que ambos os grupos buscam direito de se expressar suas existências através de atos socio políticos ou rituais próprios de identidade.

Com a contribuição dos estudos de Elijah Anderson (1999, p.112), Randall Collins (2003) traz observações importantes quanto as atuações dos grupos de jovens, os estilos de comportamentos destes “são moldados diretamente em oposição aos estilos dos adultos: usar chapéus para trás porque o estilo normal é para frente; vestindo calças largas, roupas rasgadas porque são contra estíloas” (COLLINS, 2003, p.277), tanto nas músicas, nos gestos, nos modos de pensar, quanto nos modos de perceber o mundo ao redor, a construção social juvenil apresenta dois seguimentos importantes, um “as formas mais extremas de cultura contra adulta ocupam um tipo de nicho” (COLLINS, 2003, p.277), nesse os adultos são proibidos de circular, pois apresentam uma ‘ameaça’ para o público jovem, já que são responsáveis por construir uma barreira que cinde as atuações sociais, “enquanto outras (atletas, preparadores, *grinds*, evangélicos) fazem concessões ou mesmo compromissos positivos com o respeitável mundo adulto que esperam ingressar” (COLLINS, 2003, p.277). Nichos que se tornam uma espécie de acesso entre os espaços antagônicos. Contudo essa contra cultura anti adulta parece ocupar um lugar

especial seja de uma forma ou de outra, nos mais variados graus, aparente ser mais espargida, “podemos esperar que cada escalada de cruzadas morais adultas que rebaixam ritualmente a juventude seja acompanhada por um grau correspondente de polarização na contracultura juvenil” (COLLINS, 2003, p. 277).

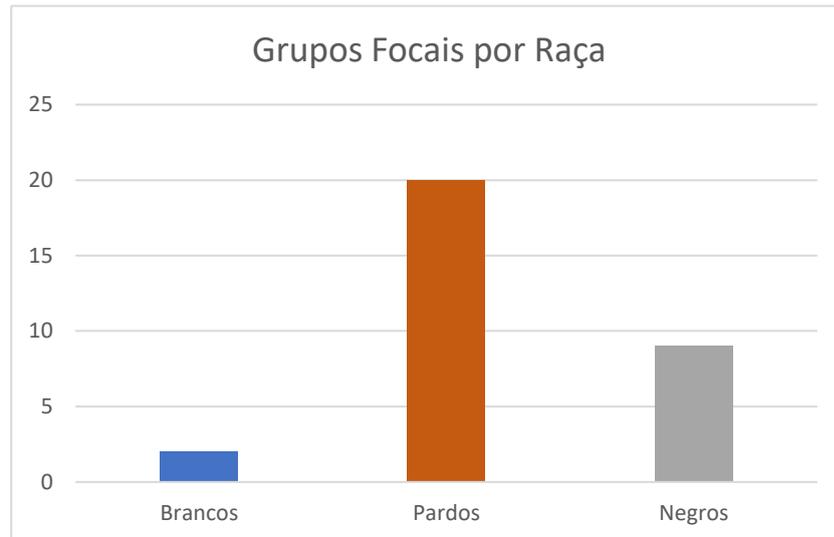
Antes de concluir essa seção, gostaria de apresentar as identidades encontradas na pesquisa de campo. Forma entrevistadas cerca de 31 pessoas por grupos focais. Quanto ao questionário cerca de 71 pessoas foram os respondentes, totalizando 102 pessoas entre grupos focais e questionários. As entrevistas face a face compõem um campo a parte na questão etária, já que a maioria das pessoas que foram entrevistadas possuíam mais de 18 anos, contudo este dado também é de grande valia porque colabora para a percepção do enredo do bullying, ainda que apresente uma diferença etária, preenchem o campo de atuação similarmente aos que são mais novos, e o intuito é analisar o bullying de suas épocas e fazer um paralelo com a atual e perceber se as atuações situacionais possuem relevância quanto aos ingredientes desse ritual de interação.

Manuel de Paula Menezes Lima, houve a aplicação de, também, 3 grupos focais, com 4 estudantes no primeiro, destes 3 eram meninas e 1 menino, das meninas, 1 se declarava branca, as demais se declaravam pardas e o menino se declarou pardo. No segundo grupo, houve 4 estudantes, dentre estes, 3 meninas que se declaravam pardas, que apenas uma destas participou ativamente nas respostas das perguntas e um menino que se declarou pardo. E por fim o terceiro grupo onde a presença feminina mais uma vez foi majoritária, com três meninas e 1 menino, dessas duas se declaravam negras e uma branca, e o menino se declarava negro.

### **Grupos Focais**

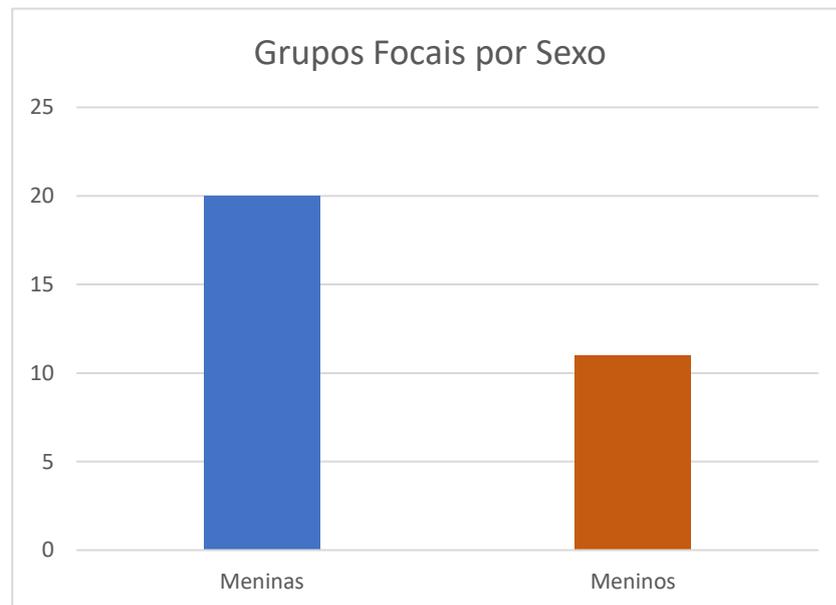
No grupo focal 1 da Escola municipal Adelina Maria Santana de Souza, continha 4 meninas, dentre estas 3 pardas e uma negra, e dois meninos, um negro e outro pardo. No grupo focal 2 da mesma instituição, dos 6 estudantes, 4 eram mulheres e 2 meninos, dessas mulheres 3 eram pardas e 1 negra, dos meninos 2 negros. No terceiro grupo focal, havia 3 meninas e 4 meninos, dentre estes apenas uma menina se declarou negra, os demais se declararam pardos.

A partir de agora apresentarei alguns gráficos que auxiliam a perceber como se configuram as identidades nas salas, isto é seu público. Esses são locais que em grande medida acabam por refletirem uma boa parte do palco de vivências desses estudantes e dessas estudantes.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

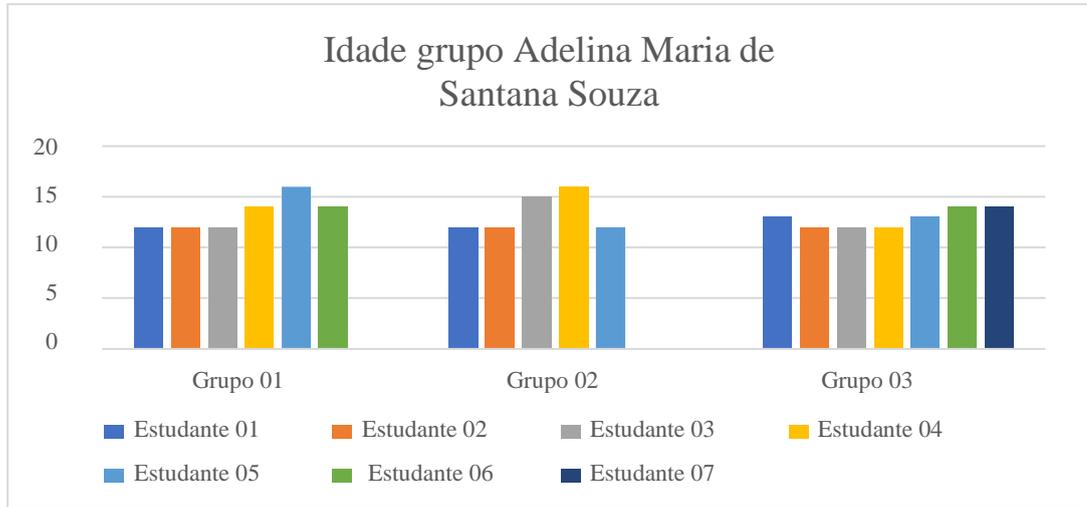
Cerca de 2 estudantes se declararam brancos e brancas, 9 se declararam negros e negras e 20 se auto declararam pardos e pardas sendo uma porcentagem de 64,5% pardo, 29,1% negros e 6,4 brancos.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

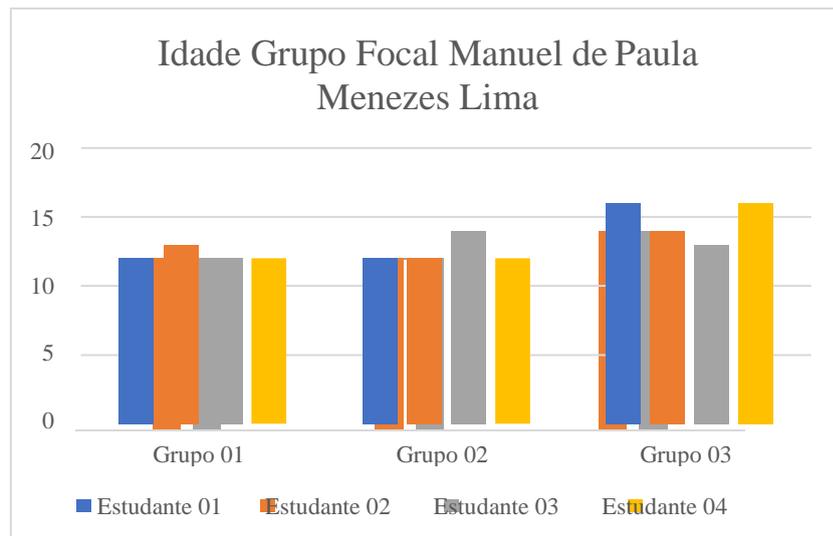
Quanto ao sexo dos participantes no grupo focal, foi perceptível a quantidade majoritária de meninas, chegando a ocupar 66% (20 meninas) dos grupos focais como um todo. Enquanto os meninos ocuparam 34% (11 meninos). Na primeira escola compunham cerca de 75% (9 meninas) o grupo feminino enquanto havia 3 meninos (25%). Na segunda escola cerca de 57,8% (11 estudantes) eram meninas, enquanto 42,2% eram meninos.

Quanto a idade dos participantes e das participantes na escola Adelina Maria de Santana, 09 estudantes possuíam 12 anos, dois possuíam 13 anos, 3 possuíam 14 anos, 01 estudante possuíam 15 anos e dois de 16 anos.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

Quanto aos grupos focais pertencentes a escola Manuel de Paula Menezes Lima, cerca de 6 estudantes possuíam 12 anos de idade, dois possuíam 13 anos de idade, dois tinha 14 anos de idade e por fim dois tinham 16 anos.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

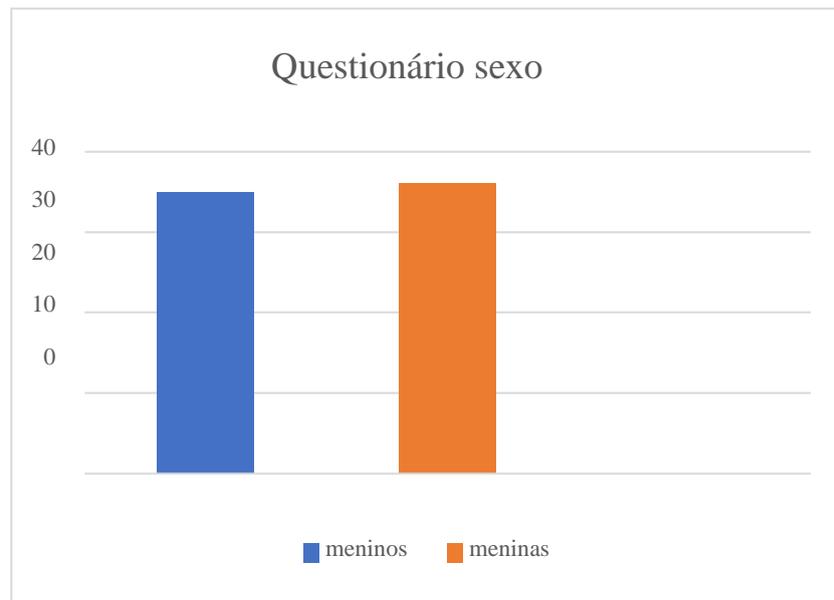
Percebe-se que houve uma grande presença de estudantes na faixa etária de 12 anos dos 31 estudantes que compunham os grupos focais nas duas escolas municipais,

chegando a preencher a importância de 48,3% dos entrevistados, enquanto todas as demais idades de 13 a 16 constam a 51,7%.

Agora vou me ater ao público que preencheu o questionário. Este é composto de 71 estudantes de 10 a 19 anos. A aplicação desse questionário foi auxiliada pelo professor e grande amigo Murilo Silveira Santos, da disciplina educação física, que disponibilizou seu tempo de aula e cordialmente ofereceu sua contribuição, já que a pesquisa de campo se mostrava complicada devido as adversidades bem conhecidas da pandemia de Covid-19.

### Questionários

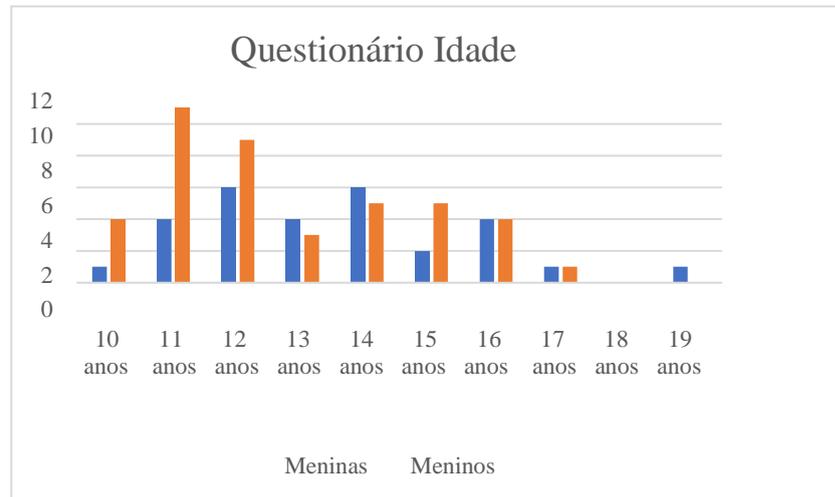
Uma outra forma de aquisição de dados foi selecionada, o questionário. Para que houvesse uma maior profundidade no conhecimento e na vivência dos estudantes que ali estavam decidi desenvolver um questionário a fim de mensurar o quão profundo era o conhecimento sobre bullying por parte dos estudantes e das estudantes. Estou convencido que o questionário além de preservar a intimidade dos estudantes e das estudantes, é uma ferramenta de auxílio na construção da dissertação, tendo em mente o quanto a vivência é importante e em quais mecanismos de preconceito o bullying se apresenta.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

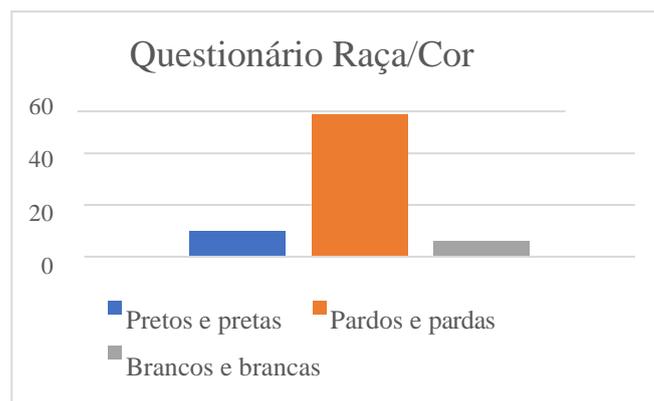
Em torno de 50,7% eram estudantes do sexo feminino, em um total de 36 respondentes,

49,3% era composto pelo público masculino. Percebeu-se que na faixa etária de 10 a 19 anos a prevalência de público de 11 a 12 anos, com 15 representantes de 11 anos, compondo 21,1% dos que preencheram o questionário, e 15 representantes de 12 anos compondo 21,1%. Juntos chegam à quantidade de 42,2% dos respondentes.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

Quanto à raça e cor dos participantes do questionário mais uma vez a raça e cor parda ganhou destaque.



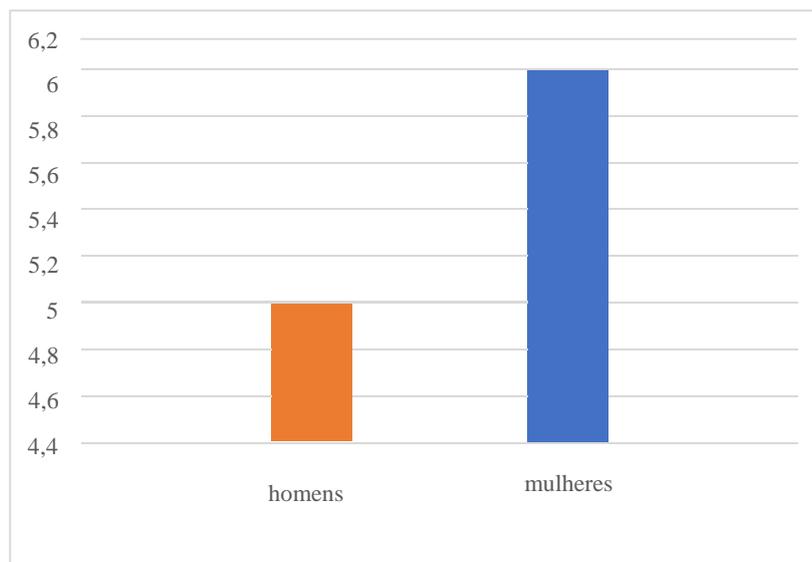
Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

Cerca de 55 estudantes que preencheram o questionário se identificaram como pardos, compondo 77,5% dos respondentes. 10 destes se autodeclararam negros cerca de 14,1%, enquanto 06 se autodeclararam brancos em torno de 8,4%

### Entrevistas face a face

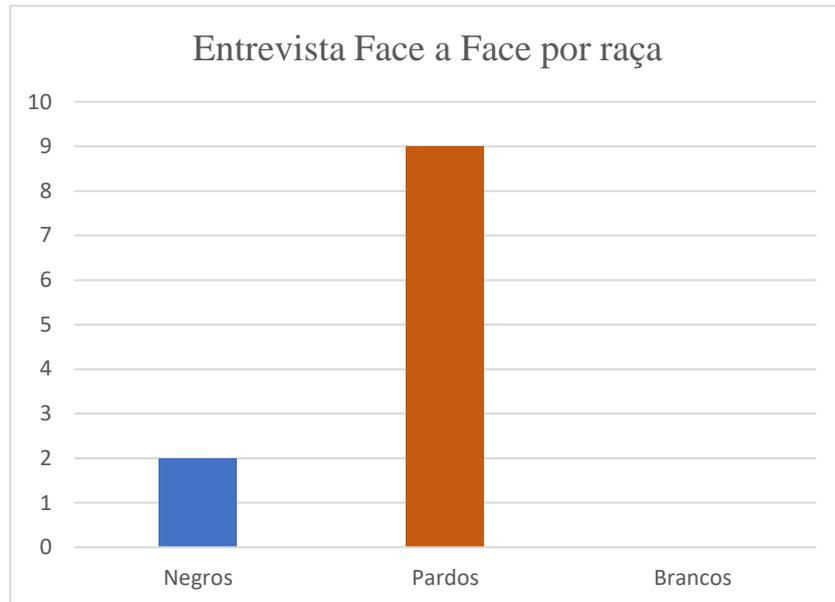
Quanto ao pessoal que compôs a categoria de entrevistados e entrevistadas face a face, percebe-se uma reprodução do que havia sido percebido quanto a raça/cor, sexo. Houve uma maioria no público feminino e no público pardo. Embora o critério de convocação tenha sido aleatório para dar mais naturalidade a pesquisa e aos dados, com a exigência de que os entrevistados e entrevistadas fosse estudantes da década de 1990, infelizmente devido às questões referentes a pandemia e a conturbada vida laboral dos entrevistados e das entrevistas, a quantidade foi diminuindo a cada adversidade, por fim resultaram em 11 pessoas, que conseguiram encaixar um tempo de folga para as entrevistas, com exceção a última entrevistada, que tinha 13 anos de idade, que configurou-se como especialidade devida sua experiência com o cyberbullying, bullying atual que refletiu perfeitamente os dramas também vividos nos ambientes virtuais.

#### Entrevista face a face por sexo



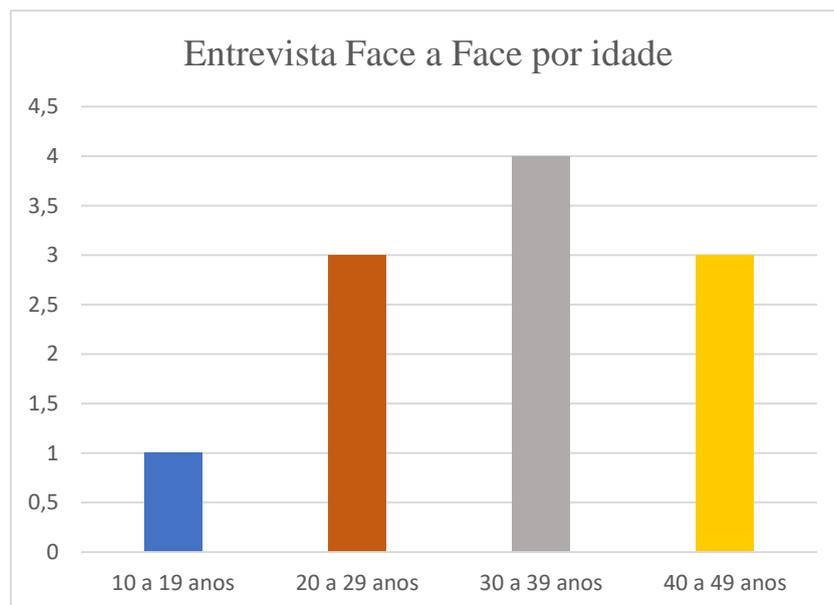
Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

O sexo feminino compôs cerca de 54,5% sendo entrevistadas 06 mulheres, os homens representaram 45,5% do total de entrevistados, correspondendo ao número de 05. Mais uma vez reforço que a escolha inicialmente era direcionada a refletir os índices gerais da população do município de Lagarto Sergipe, contudo as adversidades trazidas pela pandemia impulsionaram de forma determinante à aquisição de entrevistas que foram proporcionadas pela disponibilidade dos entrevistados e entrevistadas, o que acarretou em mais desafios para a escolha dos entrevistados.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

Quanto a raça e cor dos entrevistados *vice a vice*, repetiu-se a frequência dos grupos focais e do questionário, mais uma vez a raça/cor parda se sobressaiu das demais, tendo 9 representantes, em um total de 88,8%. Quanto as pessoas que se autodeclararam negras correspondeu à 2, o que trouxe 18,2% na quantia geral. Nenhum dos entrevistados ou entrevistadas se autodeclarou branco.



Fonte: BONFIM, Rodrigo 2022

Por fim, cada um desses traços de identidade contido nesse item, será utilizado

como forma de bullying diante da situação em que o agressor ou agressora os veja como ferramenta de poder sobre a vítima. Caso o agressor seja intolerante ao sexo feminino da vítima, será portador de uma ferramenta sexista misógina em sua atuação, caso a agressora não tolere que a vítima seja um homem, se apropriará de uma ferramenta sexista misândrica, caso seja homofóbico, utilizará uma ferramenta que tenha como violação a orientação sexual da vítima, caso seja racista, a raça de quem estiver sendo a vítima estará no foco de suas ações, etnocentrista, o lugar de nascimento e assim por diante, como será abordado no item seguinte na tipificação de cada bullying. Pois a depender das atuações dessas redes de rituais de interação, novos símbolos serão criados e recriados em suas significações, já que “o corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo” (BRETON, 2007, p.70).

## 2.1 Tipos de bullying

### **Tipos de Bullying, aspectos do ritual simbólico de dominação situacional**

Além dos tipos de atores e atrizes sociais que estão presentes na micro situação do bullying trazidos por Ana Beatriz D. Silva no texto anterior, neste haverá uma imersão no universo dos tipos de bullying, texto ancorado pela contribuição de Pedro Menezes, presente em um artigo publicado no site Diferença, intitulado 10 tipos de bullying, assim como a colaboração do livro de Deborah Carpenter e Christopher Ferguson chamado: Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies<sup>1</sup> lançado em 2012, que está contribuindo para o enriquecimento e aprofundamento da percepção dos tipos do fenômeno nas pesquisas.

O artigo acabou revelando que o bullying está mais próximo do cotidiano escolar do que se imagina. São eles: Bullying Físico; Bullying Moral; Bullying Psicológico; Bullying Material; Bullying Verbal; Bullying Social; Bullying Sexual; Bullying Preconceituoso; Bullying Familiar e o Cyberbullying. Este último nos mostra que a concepção de que bullying não é um assunto que mereça mais estudos e atenção, é uma afirmação contraditória, visto que o bullying por ainda ser um ritual nocivo presente nas interações na sociedade, se mostra objeto de estudo das ciências.

Abaixo descritos estarão os possíveis tipos de bullying conceitualizados e percebidos durante a pesquisa. Optei por definir de acordo com alguns autores e algumas autoras e anexar como exemplos, caso estes fossem detectáveis na pesquisa de campo. Algo que se concretizou diante das entrevistas face a face, dos grupos focais e do questionário e por fim confirma as definições presentes dos autores e autoras.

**Bullying Físico:** Este se apresenta como um dos mais passíveis de observação, já que a violência física é um fenômeno extremamente percebido pela população e divulgado em todos os setores sociais. (Na literatura, nos escritos acadêmicos, nos noticiários, etc.) Quando se adentra o ambiente escolar, podemos perceber também esse tipo de violência entre os estudantes. “Aproximadamente 3% dos mais jovens pelo mundo passam por ele” (BERGAMO, 2018). Seja esta motivada pelas mais diversas situações. E como bullying, a violência, mas passível de aferição está a violência física. “É comum que algumas pessoas compreendidas como sendo mais fortes fisicamente, utilizem dessa

---

<sup>1</sup> Termo provindo do inglês para designar agressores ou agressoras no ambiente situacional do bullying

força para humilhar e constranger pessoas mais fracas” (MENEZES, 2021).

São caracterizados como bullying físico as práticas de agressão que determinadas pela imposição de força física (MENEZES, 2021), são elas: socos, tapas, chutes, empurrões, enforcamento, imobilização, puxões de cabelo, mordidas, unhaços, cotoveladas, joelhadas. Todas ações que demonstram dominação pelo poder físico do agressor ou da agressora durante uma disputa de contato corpo a corpo. Durante a pesquisa esse tipo de bullying foi percebido durante as entrevistas nos grupos focais e entrevistas face a face percebido no exemplo abaixo:

E aí quando entrei no colégio já foi com 12 anos de idade e sofrendo esse tipo de coisa. Tinha um tal de corredor mesmo que apagava a luz chamava apagar a luz tinha vinte ou trinta pessoas e você passava pelo meio e tome-lhe tapa na cabeça quando você passava tinha que passar correndo pra ir embora e acontecia muito isso aqui. Elias (VV02MNHT)

Algo muito comum quando havia uma divergência não resolvida, como discussões, discordâncias, e que os atores ou atrizes sociais recorriam à agressões físicas, “eu chegar assim minha mãozinha era magrinha assim, mas eu tinha um caderno de doze matérias parceiro. pra que melhor do que mão?! Já quebrei muito nariz ali naquele polivalente né?! Chegava: Oi parceiro bom dia chegava na cadernada (sic)...” Ronaldo (VV09MPHT).

Bullying Moral<sup>8</sup>, esse tipo de bullying está caracterizado por “agressões que envolvem questões morais sociais ou particulares” (MENEZES, 2021). O alvo dos ataques deixa de ser o corpo físico e se dá no campo da honra, da integridade social do estudante ou da estudante vítima, são ataques que possuem como mecanismo a degradação moral da vítima perante o espaço escolar, para que esta seja impossibilitada de se reunir com outras pessoas, de conversar ou demonstrar opiniões, sem que uma mancha na sua “honra” não seja um assunto que se leve em conta antes de que essa vítima possa se expressar. “Ser excluída de um grupo social abala a autoconfiança até da criança mais segura. Isso ocorre porque boa parte da sua autoconfiança vem do apoio e do estímulo que recebe dos amigos” (CARPENTER & FERGUSON, 2012, p. 126-127). Dentre os bullyings morais estão os cancelamentos, difamações, calúnias, falsas acusações, exposição a conteúdos inadequados ou indesejados.

---

<sup>8</sup> MENEZES, Pedro. Licenciado em filosofia e mestre em educação. Nesse caso, o termo não corresponde em completude à percepção sociológica, de um conjunto de costumes e comportamento determinados por um grupo, mas sim a honra em que o estudante ou a estudante tem, que se mostra deteriorada graças a calúnias e difamações.

Esse tipo fora percebido na pesquisa através da entrevistada Rosa (VV06FPHT) “porque eu nunca fui feia então a maioria das meninas gostavam de meninos que queriam ficar comigo entendeu?! Que gostavam de mim, aí acabava criando assim vamos dizer que entregando a professora coisas, tentando fazer minha reputação ficar ruim né?!”, revelando que também sofria bullying moral por conta das meninas de sua sala, mesmo quando em uma outra micro situação ela assumisse a atuação da agressora nesta ela se apresentava como vítima. Algo também presente na fachada produzida por Ronaldo (VV09MPHT):

Tem aquele adolescente autoafirmado que é visto como gabola, é visto como boçal, aí aquele dali que está oprimido que o pai... eu não vou julgar só que o cara é um babaca, que o guri era um babaca, às vezes ele era filho de um babaca por exemplo, que tinha... o cara doido para se autoafirmar.

Bullying Psicológico, esse tipo de bullying pode também estar associado aos demais tipos de bullying, pois quaisquer que forem as situações de coerção o lado psicológico será sempre um lado afetado, é muito comum que este seja consequência dos demais bullings. No entanto há caracterizações que podem se apresentar em bullying psicológico como não adjacente aos demais tipos. As intimidações, ameaças, chantagens configuram o campo da violência psicológica, já que essas são “agressões que visam intervir ou controlar o modo de ser e estar das vítimas” (MENEZES, 2021). Essa é uma característica também apresentada como “todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (coagir, constranger, torturar, brutalizar” (CHAUÍ, 2011, p. 379). Algo vivido constantemente em seus tempos de escola por Elias (VV02MNHT) “eu passei por umas que eu tinha que sair correndo do colégio os mais velhos botavam pra correr não sei, se era para bater, mas faziam um jeito de amedrontar mesmo terrorizava.”

Como outro exemplo de bullying psicológico está o de Bruno (VV08MPHT) em que devido a sua preferência em ficar quieto na sala e esboçar poucas expressões uma professora começou a atribuir-lhe possibilidade de problemas mentais, com o tempo o estudante que participava pouco foi ficando cada vez mais quieto e a professora continuava a agredi-lo psicologicamente, a tal ponto que Bruno ficou com um bloqueio que o impediu de interagir com os demais estudantes:

(eu) Você chegou a sofrer bullying por conta de quê?

Por conta de uma professora. Que no caso ela dizia... segundo minha mãe que eu não me lembro muito ela dizia que eu sofria por não conversar muito na aula não desenvolver como os outros alunos.

(eu) Você, quando estudante, era isolado, tinha poucos amigos ou não falava com as outras pessoas?

Era isolado. Pela questão de... acredito que era vergonha.... não sei... era algo particular meu mesmo eu não conseguia desenvolver com os alunos, não conseguia conversar com os alunos eu não tinha. por mim que era uma vergonha. não sei não sei explicar direito.

(eu) Você acha que o fato de você sofrer bullying acabou influenciando a sua vida adulta, atrapalhando em alguma relação, em alguma interação com outra pessoa?

Sim. Acho que mudou muito muita coisa porque pela questão minha... eu sou gêmeos.... o ciclo das amizades de meu irmão ficou diferente do meu... ficou... fiquei mais distante dele..... para tudo...o ciclo de amizade para desenvolver fiquei... criei trauma. desenvolvi menos que ele na escola.

O impacto psicológico foi tamanho na vida de Bruno que durante a entrevista, o mesmo parecia não ter segurança para responder com segurança e clareza o que eu estava a inquiri. Amiúde procurava um apoio nas expressões da mãe que estava presente a cada resposta, sendo que na generalidade cada resposta era um aguardo ao adjutório materno. Chegou um momento em que sua mãe, Josefa (VV08FPHT), começou a auxiliar no desenvolvimento da entrevista e começou a responder juntamente a Bruno:

O bullying para mim é. (o rapaz apresenta sentimento insegurança e olha para a mãe, como forma de pedir apoio para que não responda algo que possa ser considerado errado, ainda que anteriormente a gravação eu explicara que não havia respostas certas ou erradas e sim apresentação de informação, como forma de manter o entrevistado mais calmo e a vontade quanto sua participação na pesquisa) sofrer com.... brincadeiras. de mau gosto que afeta o psicológico da outra pessoa. Qualquer coisa que afete o psicológico.

No decorrer da entrevista, um drama foi apresentado por Josefa (VV08FPHT) quando narrou os acontecimentos de sua visita a escola e à professora no final de ano:

(eu) A senhora, que é mãe dele, pode narrar como foi o bullying cometido pela professora?

Josefa (VV08FPHT) Foi em uma prova que ele iria fazer e ela disse que ele não era capaz de fazer porque ele era DOENTE, e ele não é doente, isso para uma criança é uma morte.

(eu) Isso acabou interferindo significativamente durante todo aquele ano? Você chegou a reprovar?

Bruno (VV08MPHT) Reprovei com ela. [celular toca de novo] acabou criando é trauma. Para o resto de minha vida. Até agora.

(eu) Como foi que se tornou o comportamento dele depois desse ato?

Josefa (VV08FPHT) Triste. Ele ficou muito triste, muito depressivo. Ele ficou em casa sem querer ter amizade com ninguém... como ele não era capaz de pegar amizade com ninguém... ficou isolado...muito triste para trabalhar na mente dele ficávamos falando só tirando que ele não era doente, era uma pessoa normal. Ele não é doente. Nunca foi.

Bullying Material, esse é um bullying muito mais comum do que se imagina. O furto está presente também no ambiente escolar, ele se caracteriza com a subtração de pequenas coisas como canetas, lápis, borracha, bolsas, revistas, etc., em um artigo intitulado “Escola é condenada a pagar celular furtado na sala de aula” publicado no site Consultor jurídico, no dia 14 de março de 2006, uma instituição escolar foi condenada a pagar 699R\$ ao pai da estudante, que teve seu celular furtado durante o intervalo das aulas. Este caso exemplifica que pode haver o furto de objetos na escola, no entanto para se caracterizar como bullying o estudante ou a estudante precisa ter seus pertences furtados continuamente, ou até mesmo ser intimidada a dar seu material para o agressor ou agressora. “ocorre quando a vítima tem, constantemente, bens destruídos, furtados e roubados” (MENEZES, 2021).

Em desenhos, séries, filmes essa modalidade de bullying aparece frequentemente, quando o lanche ou dinheiro para o lanche dos estudantes são roubados para o valentão da escola. “Violência contra o patrimônio das vítimas com o objetivo de diminuí-las ou humilhá-las” (MENEZES, 2021). Destruição, ocultação, furto ou roubo de patrimônio são os tipos de violência do bullying material, o que é “rotina de cerca de 5% das vítimas.” (BERGAMO, 2018)

Na escola esse tipo de bullying é quase tão comum quanto os demais, no entanto esse tipo de bullying, quando relacionado à furto, é algo que quase imperceptível, geralmente a vítima só percebe quando o praticante não está mais ao sumiço de bens

materiais, dentre eles canetas, como relatou Mateus (GFI3044MP) “Aí começou no fundo a briga por uma caneta, e o outro que roubo a caneta dele.” Assim como de objetos de valor maior como relatado no segundo grupo focal do primeiro colégio

Cristiana (GFI203FB) Oxe já roubaram poucos celulares aqui?

Fabiana (GFI201FP) Já...

Cristiana (GFI203FB) Oxe teve uma vez que a menina tinha um iPhone® roubaram...o menino levou, lembra?!

Fabiana) Lembro, aí...

Cristiana (GFI203FB) Como o iPhone® tem rastreador aí chamar as polícias achou com quem estava aí o menino já tinha ido pra casa...

**Bullying Verbal.** Esse tipo de bullying é o “mais comum: relatado por 13% dos estudantes” (BERGAMO, 2018), advém geralmente de discussões acaloradas, de discriminações ou de uma forma de exercer poder sobre a vítima com o intuito de demonstrar-se mais hábil com as palavras, por modos que visam “agressões através de palavras (oral ou escrita)” (MENEZES, 2021). Com o intento de magoar ou diminuir a vítima. Nessa categoria estão os xingamentos, os bilhetes que rodam a sala de aula, as escritas no quadro, nas mesas, nas paredes, em lugares comuns às reuniões de grupo, que trazem xingamentos, apelidos, características físicas retratadas de forma depreciativa.

No projeto foram percebidos alguns diante de grupos focais e das entrevistas face a face, tais quais: “Pobre!!! Pobre!!!! Pobre!!!!” Ronaldo (VV09MPHT), assim como os apelidos que recebia Eduardo (VV01MPHT):

Eu lembro que estava em um namoro de escola tal e aquilo ali me deixava muito triste por que tinha uns colegas tal que quando me via com ela começava a me chamar de zé gaguinho tal. Aí como você está namorando com esse zé gaguinho. Aquilo ali me deixava morto cara ficava chateado para caramba com isso com vergonha claro e cara...

**Bullying Social.** Esse bullying também é percebido extrínseco ao ambiente escolar, mas as características são semelhantes. É caracterizada pela “agressão através da alienação total ou parcial do convívio social” (MENEZES, 2021). Uma forma de exclusão que é imposta por um grupo ou um indivíduo que possui prestígio, uma espécie de poder-

D, como trazido por Randall Collins (2003), sobre os demais estudante, seja por esse poder ou por intimidação. Se assemelham também ao bullying moral, sendo percebido concomitantemente ou em decorrência deste. São típicos desse bullying o cancelamento, a exclusão, a subestimação, o apagamento, o esquecimento, que tem como principal finalidade a situação em que a “vítima tem negada a sua participação em grupos de trabalho, tarefas ou eventos sociais, desenvolvendo uma percepção de inadequação ou isolamento (MENEZES, 2021).

Ainda diante desse tipo de bullying a vítima pode assumir uma postura de isolamento por conta própria, já que não se sente parte do ambiente de interação dos atores que estão presentes. Quando sofre constantes constrangimentos, a vítima desenvolve o isolamento como uma ferramenta de proteção. Algo que acaba reforçando a dimensão do bullying social transformando o estudante ou a estudante em vítima isolada daqueles ou daquelas que o circunda.

Marta (VV03FPBI)

Presenciei inclusive de questão de comportamento né que nem(sic) foi falado assim eeeee não participar de um grupo que era comum ou então essa questão mais de isolamento quando essas pessoas eram mais isoladas geralmente eram o foco das pessoas que praticavam bullying. Que não se comunicavam tanto com as outras e tipo pode dizer não popular, mas foi mais o que eu vi mesmo e de violência(física) eu vi poucas vezes, mas também aconteceu... e relacionado a isso.

Elias (VV02MNHT) “Já presenciei sim porque a pessoa não quer muito contato e se isola e as pessoas ficam de longe só olhando e falando mal sem aquela pessoa estar percebendo, já percebi isso sim já.”

GFI3

(eu) Algum estudante na sala de vocês, [...] vocês já perceberam que ele era um pouco isolado, não tem muita

Juliana (GFI302) Eu já

Matheus (GFI304) O caladão da turma

(GFI301) Eu

(eu) Exatamente

Juliana (GFI302) Tipo depressivo, eu já vi um que era assim...

(

### GFI3

(eu) A próxima questão é o seguinte, vocês acham que a pessoa por ela ter um comportamento diferente, tipo ela ser um pouco mais isolada mais quieta ela pode sofrer preconceito?

Rubens (GFII301MN) Marcela (GFII304FP) Coraline (GFII305FN)  
sim!!!

Maria (GFII303FP) chama da... como é o nome... me esqueci

Marcela (GFII304FP) psicopata na maioria das vezes, doída

Caroline (GFII305FN) Metida

Maria (GFII303FP) esquisita, ninguém lembra.

Caroline (GFII305FN) Metido por ser tímido e querer ficar sozinho

Marcela (GFII304FP) entojada de...

Coraline (GFII305FN) esse povo a gente chama de... como é o nome?  
de nerd...

Lucas (GFII302MN) você é considerado estranho

Assim como também foi testemunhado por Iara (VV10FPHT) quanto ao tratamento que os demais estudantes dão quando há um estudante ou uma estudante que se mantém isolado da turma:

porque podem começar a chamar de esquisito, arrumar um motivo para deixar ele(sic) triste e para fazer com que ninguém realmente comece a falar com essa pessoa entendeu?! Só desprezar ela. E aí eu acho que a gente deveria fazer diferente, chegar lá e tentar fazer amizade com essa pessoa.

Bullying Sexual; “Agressão de caráter sexual ou que envolvam a sexualidade” (MENEZES, 2021). Discriminação por ser mulher, por ser homem, por não se identificar como nenhum outro gênero ou sexo, discriminação por sua orientação sexual, por ser LGBTQI+, por ser hetero, trans, cis. “Nesses casos, são comuns os episódios de assédio, nos quais as vítimas, por diversos fatores, podem estar sendo submetidas a esse tipo de

agressão” (MENEZES, 2021). Assim como a forma mais agressiva e vil desse bullying que é o estupro. Esse tipo de bullying também pode ser caracterizado por intersecção como bullying preconceituoso, por discriminação de gênero.

Em um dos casos Iara (VV10FPHT) relatou que um menino, colega de classe, chegou e “sentou do meu lado e pegou na minha coxa. Eu pedi para ele para só que depois ele ficou batendo na minha bunda e ficou querendo encostar ne outros lugares e eu falando para ele parar e ele foi continuando.” Tipo de bullying igualmente trazido por Ronaldo (VV09MPHT) onde a violência já estava sendo levada a um abuso mais grave, “porque eu tenho testemunha do que estou falando em escola eu já vi caso que eu tinha que entrar no banheiro eu e outros amigos de entrar no banheiro para evitar que a guria fosse estuprada.”

**Bullying Preconceituoso.** Eu poderia caracterizar este como uma forma de bullying também identitário, por utilizar de depreciação baseada na questão identitária, como “agressões pautadas em preconceitos (gênero, crença, raça, cor, etnia, classe social, sexualidade, nacionalidade, região, etc.)” (MENEZES, 2021). São ações que visam transformar uma característica normal da identidade do estudante ou da estudante para uma tipificação negativa, depreciativa, em seu sentido mais pejorativo.

Quando se trata de sexualidade o bullying preconceituoso também pode apresentar características semelhantes quando o campo em estudo carrega os caracteres de misoginia, o que por ventura faz com que o autor acabe repetindo a caracterização do bullying anterior, (Bullying Sexual) já que a discriminação também assume um caráter sexista. Assim como podem serem retratadas às pessoas portadoras de algum tipo de deficiência, seja ela física, mental, de dicção, etc., apenas com a intenção de humilhar ou insultar a vítima. Seu principal predicado “é um comportamento de radicalização de uma série de preconceitos existentes na sociedade. Esses eventos são fundamentados na intolerância e o desrespeito às diferenças” (MENEZES, 2021).

Com um depoimento de uma entrevistada de 14 anos Iara (VV11FPHT), pudemos perceber o que se caracteriza como discriminação de classe, ou uma aversão ao pobre como é trazido por Adela Cortina em seu livro *Aporofobia* (2020) traduzido recentemente para o português. No depoimento Iara fala que:

Em um espaço da escola tinha um pé de acerola, e eu ia catar acerola para mim(sic) comer já que eu não iria brincar com elas lá no negócio, na brincadeira, e aí ela me chamava de morta ade fome porque eu ia lá catar e

parecia que eu não comia em casa, foi o que elas diziam. Aí com o tempo eu parei de catar esses negócios, não brincava com elas se eu pegasse o lanche da escola eu era pobre, não comia em casa que eu comia o lanche da escola e com o tempo eu parei de pegar o lanche da escola.

Ronaldo (VV09MPHT) “vi em questão a agora tudo é moda estar tudo rasgado a calça com o joelho rasgado, pobre!!! Pobre!!!! Pobre!!!! Tá ligado?! Já já já passei por essa situação.”

Assim como um caso que foi presenciado pelos estudantes e pelas estudantes do terceiro grupo focal da segunda escola, Adelina Maria de Santana, cuja principal motivação do bullying era a homofobia:

Maria (GFII303FP) De vez em quando sim, tem umas pessoas que quando vê um trans lá no quinto no nono ano é um homem só que como uma mulher diz que não é coisa de deus diz que é várias outras coisas chamando de diabo e isso daí

Lucas (GFII302MN) Tem muita gente que não apoia, eu acho isso triste

Maria (GFII303FP) Tem gente que quer bater xingar e outras coisas

Rubens (GFII301MN) Teve uma pessoa aqui em Lagarto que levou um murro por conta que ele era viado e o cara tipo não gostou

No questionário aplicado para os 71 estudantes, cerca de 8 dos 71 disseram que foram vítimas de bullying quanto a sua orientação sexual, um total de 11,27% dos respondentes. Quanto a essa modalidade de bullying, não houve caso diante dos dados colhidos nos grupos focais e as entrevistas face a face, que pudessem endossar o bullying com motivos diretamente baseados na homofobia, embora tenha aparecido o termo “viado” no sentido pejorativo em algumas fala da estudante Camila (GFI301FP) “É viado, é? É covarde?” para designar o menino que comete agressão contra uma menina, e também no terceiro grupo focal da segunda escola quando fora questionado o que poderia ser caracterizado por bullying (Citado acima)

Dentre os entrevistados e entrevistadas, apenas Marta (VV03FPBI) se declarou bissexual, no entanto o bullying relatado em seu depoimento não se caracterizava nos requisitos de preconceito por questão de gênero, sexo ou orientação sexual. Na pesquisa de campo não houve nenhum representante do público LGBTQIA+ (além de Marta), algo

que não permitiu um melhor alcance a esse tipo de discriminação por parte dos entrevistados. Tal situação pode ser derivada de uma escolha dos entrevistados ou entrevistadas de omitirem sua opção de gênero ou não acharem relevante para o caso de bullying contado, algo que em momento algum foi censurado, obrigado ou induzido aos entrevistados e entrevistadas.

Como forma de compensação à ausência de caso diretos na pesquisa de campo, resolvi trazer casos presentes no relatório de Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2016: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais, publicada em 2016 pela ABGLT Secretaria de Educação de Curitiba/PR, que conta relatos de bullyings com o principais preconceitos relacionados a orientação sexual, relatório este oferecido pelo orientador dessa pesquisa, Drº Ivan Fontes Barbosa, cuja significância e auxílio foram inestimáveis diante de tal intempere, a fim de ilustrar e evidenciar exemplos desse tipo de violência.

Em um primeiro relato, temos um caso de uma estudante lésbica de 16 anos, que declarou o tormento que foi o sofrimento causa pelo bullying preconceituoso de orientação sexual:

Me fizeram sentir uma aberração. Diziam que ser lésbica não é normal, e sim resultado de criação, influências e/ou bloqueios mentais. Me chamavam no masculino, não deixavam eu usar o banheiro feminino e diziam que eu devia ser transexual. Desejaram em redes sociais que eu e minha namorada tivéssemos aids e que eu morresse. Me senti isolada e excluída de todas as possibilidades afetivas, uma pária no ambiente educacional. (REIS, 2016, p.23).

Também presente no relatório um depoimento de um estudante gay de 17 anos que estudou em uma escola no estado de São Paulo, “meu professor de história foi demitido por ter me ajudado quando sofria muito bullying. Os outros pais e estudantes fizeram abaixo assinado contra ele porque ele começou a propor trabalhos com temas lgbt”(qia+) (REIS, 2016, p.23).

Na pesquisa em que estão presentes esses depoimentos, percebeu-se que cerca de 60,2% dos entrevistados e entrevistadas sofreram bullying por conta de sua orientação sexual, essa sendo a maior causa de bullying apontada pela pesquisa, seguindo de 42,8% por questão da forma em que expressão seu gênero, e por terceiro 29,4% por conta de peso ou tamanho relacionado ao corpo dos entrevistados e entrevistadas. Tamanha é a

perseguição que cerca de 19,3% dos entrevistados e entrevistadas não se sentem seguros quanto estarem na instituição educacional.

Quanto a discriminação racial, percebe-se no depoimento de Osmário (GFI201MP) “Mexe assim, se os cabelos estiverem feios aí diz assim: ave que cabelo feio, aí que cabelo isso e aquilo, aí se fica lá na frente a menina é nerd, se ela estiver com os óculos é nerd, essas coisas assim.” Assim como em diversos outros depoimentos como um dos que mais se destaca durante as entrevistas, grupos focais

Ronaldo (VV09MPHT):

vi professores com isso praticando bullying tá entendendo?! De entrar aluno negro com tênis branco e dizer: olhe pra isso que contrate!!!

(eu) poxa´...

Éééé olhe que contrate ô preto e branco.....

Em outra parte do depoimento de Ronaldo (VV09MPHT) traz como era a situação em que os estudantes e as estudantes afrodescendentes se deparavam na época:

.... Que piada de negro rolava todo,... ou muçum, ou tição.... Não olhe...nega do cabelo Nera?! Nera?! Heim?! Quantas vezes quem não já viu uma situação dessa, de passar uma menina de passar com seu cabelo massa... para ela um blackzão pá tal uma atitudezona porque foi com aquilo que ela nasceu pá ela se identificava pá botava um black pá “nega do cabelo duro não gosta de pentear”[ Música do artista de axé Luiz Caldas que era popular nos anos 80 e 90]... você acha que ela gostava?! Hã. eu tenho irmão que estudava aí nessa geração já vi minha irmã muitas vezes. eu e meu irmão muitas vezes chegava já apanhou em casa por brigar na escola por estar defendendo minha irmã, ela com o cabelo de Luiz Caldas, tá ligado, chegava na escola era dito de pixaim, nem sei que peste é pixaim, sei que é ruim seja lá o que for esse nome era de cabelo duro. Ela chegava(chorando):

- O que foi?Um menino me chamou de pixaim.

Eu tinha que ir no outro dia para quebrar os meninos na escola, para não chamar, não mexer de novo como minha irmã, senão a gente apanhava de meu pai, se não batesse nos outros na escola. tá ligado?! Era uma sinuca de bico.

Há também, um tipo bastante comum que se dá a partes do corpo, por exemplo a questão do peso, do formato de alguns membros, traços étnicos, movimentos, “cabeção”

Elias (VV02MNHT), etc., - o que Erving Goffman (2021) caracterizou como estigma -o que pretendo chamar de Bullying Corpóreo. Esse tipo de bullying eu resolvi trazer em separado apenas para especificar qual o objeto de bullying que se tem em preferência. No entanto é perceptível que as ofensas apresentam intersecções com outros tipos de bullying tais quais bullying moral, bullying social e bullying discriminatório, já que há uma intersecção presente entre as características dos xingamentos e ações que levam o corpo como alvo do agressor ou agressora:

Marcela (GFII304FP) quem é gordo, magro demais

Caroline (GFII305FN) viado

Rubens (GFII301MN) preto

Caroline (GFII305FN) branco que é branco demais chama de branquela

Marcela (GFII304FP) Que tem a pele amarelada chama de amarelo

Maria (GFII303FP) Quem tem o cabelo cacheado, que é meio cresgado assim igual ao seu chama de cabelo de tuim.

Caroline (GFII305FN) ruim, cabelo de bombriil

Algo também muito presente no bullying corpóreo se dá na formação de algumas partes do corpo como relatado em um artigo do portal G1 escrito por Fernanda Nogueira e Alex Araújo em 2011 em que contém o depoimento de Diogo Sarraf relatando o seguinte, “tenho assimetria crânio facial e eu havia mudado de escola. Sofri e muito com os meus colegas de classe, sendo caçoado. Muitas vezes pegavam o meu celular, desmontavam e dividiam entre eles” (ARAÚJO & NOGUEIRA, 2011). Assim como também pertencente ao artigo de Fernanda Nogueira e Alex Araújo o depoimento de Carolina Barroso Ahmed, “aos 8 anos me mudei para uma nova cidade. Acho que por não conhecer ninguém. Ficava sozinha e engordei. Aí, começaram apelidos de baleia, bicho, dragão” (ARAÚJO & NOGUEIRA, 2011).

Este tipo de bullying pode interferir diretamente na saúde do estudante ou da estudante que seja vítima. Essa situação se dá quanto de sofrimento psicológico a vítima apresenta, chegando a tal ponto que sua saúde sofrerá danos como é o caso do depoimento de Fabiana (GFI201FP) “Porque o outros ficam fazendo bullying porque eu uso óculos.” [...] “sempre pegava meus óculos e ficava botando na cara e ficava me chamando de quatro olhos isso e aquilo.... [...] Só que eu parei de usar.” Ou, ainda, de danos maiores

como consta no relato de Maria (GFII303FP), algo também descrito no grupo focal do qual ela participou:

Maria (GFII303FP) Eu sofri por causa de um menino e não foi aqui foi em casa, que me chamava de gorda, de baleia, olho de sapo de marraia [nome relacionado à uma jogada ou até mesma às bolinhas de gude] olho de gude, de deixe eu ver mais...

Marcela (GFII304FP) olho de pitomba

Maria (GFII303FP) Olho de pitomba, e mais um monte ele chamava, porque meu olho é grande, mas eu acho lindo maravilhosa, mas também eu era mais gordinha. Só que eu emagreci foi por causa deles mesmos, que eu parei de comer, eu bebia remédio escondido de minha mãe eeeee teve uns dias que desmaiei muitas vezes no colégio porque eu não comia e bebia vários remédios aí a professora percebeu isso eu parei na uti, eu fiquei internada, aí a professora conversou comigo sobre isso, perguntou quem era os meninos, aí eu falei quem era a diretora deu suspensão, teve uns que foram expulsos e eu fiquei... quer saber não vou por opinião de ninguém é melhor para mim mesmo.

Como relatado igualmente por Elias (VV02MNHT) “já entrei no colégio com 12 anos e quando entrei já sofri muito bullying por ser gordo uma pessoa gordinha era chamado(sic) de baleia, os mais velhos gostava(sic) de aprontar dar cascudo”.

Bullying Familiar “as agressões tendem a ser comuns a outros tipos de bullying, mas vítimas e agressores fazem parte do mesmo núcleo familiar.” (MENEZES, 2021) São pertencentes a esse tipo de bullying a desaprovação, constrangimentos, inadequação, comparações, apagamento, esquecimento. Como peculiaridade se dá em procedência no ambiente familiar transpassando-o e reverberando no ambiente escolar. Nesse caso, o estudante é comparado ao desempenho de um irmão, irmão ou parente no ambiente escolar que ambos estudam. Comparações em caso com os irmão ou irmãs, ou as mais diversas formas de parentescos, que concomitantemente frequentem a escola. Ou que o parente ou a parente mais velho ou velha participe dos bullyings na forma de dominação, ou até mesmo quando o pai, a mãe ou algum parente mais próximo do estudante ou da estudante, estiver na escola e exerça humilhação contínua. Ronaldo (VV06MPHT) o “cara doido para se autoafirmar e não conseguia, era oprimido em casa e chegava na escola e já com aquela sequela da opressão, me via ali todo autoafirmado olha, vou dar um pau nele.”

### Também captado pelo segundo grupo focal na primeira escola:

Tamirez (GFI202FP) Porque não desabafo com minha mãe não, porque ela não me entende.

(eu) Não adianta falar porque ela não...ela fala o que, quando você fala? você já chegou a falar com ela sobre isso alguma coisa assim? [sobre bullying, outros desabafos]

Tamirez (GFI202FB) Tipo o quê?

Fabiana (GFI201FP) Já, mas ela também uma vez ela me chamou de 4 olhos

(eu) Sua mãe?!

Fabiana (GFI201FP) Sim, minha própria mãe.

### Mais uma vez relatado por Ronaldo (VV06MPHT)

eu e meu irmão muitas vezes chegava já apanhou em casa por brigar na escola por estar defendendo minha irmã, ela com o cabelo de Luiz Caldas, tá ligado, chegava na escola era dito de pixaim, nem sei que peste é pixaim, sei que é ruim... seja lá o que for esse nome era de cabelo duro. Ela chegava(chorando):

- O que foi?

- Um menino me chamou de pixaim.

Eu tinha que ir no outro dia para quebrar os meninos na escola, para não chamar, não mexer de novo como minha irmã, senão a gente apanhava de meu pai, se não batesse nos outros na escola. tá ligado?! Era uma sinuca de bico.

Outro exemplo de bullying familiar foi apresentado por Kauã (VV05MNHT) cometido “por meu pai eu não estudava mais ele sempre reclamava: pra quê estudar isso não leva ninguém a nada nunca vi filho de pobre conseguir um emprego que preste bom só filho de rico mesmo.” Que sofria constantemente de perseguição verbal e agressão física por conta da desaprovação paterna de permanecer em seus estudos para que servisse de mão de obra, para seu pai, nos serviços de alvenaria.

Cyberbullying, esta é a mais nova forma de bullying, ela reflete a atual sociedade virtual da qual fazemos parte, esta é uma nova plataforma de ação, de reação, de comunicação, de comercialização, etc., um campo onde a sociedade física reverbera todas as suas características, sejam estas boas, neutras ou más. Como uma nova sociedade se apresenta, a sociedade virtual. No entanto, essa mesma sociedade virtual apresenta

características da sociedade física, e assim com esta, apresenta reflexos de formas de discriminação que constituem o mundo concreto, material.

Logo, nessa nova situação virtual, nesse novo campo, as agressões são “equivalentes a outros tipos de bullying, mas realizadas através de redes sociais ou em ambiente virtual” (MENEZES, 2021). De maneira sucinta, todos os demais bullying, que não envolvam o contato físico, podem ser outorgados ao ambiente virtual e se caracterizarem então como cyberbullying. Tal modalidade deve assumir um lugar especial na preocupação com o bullying, pois “Segundo outro informativo, apresentado pela Save the Children, um em cada 10 estudantes entre 12 e 16 anos sofreu assédio escolar nos últimos meses, dos quais 6,9% se consideram vítima do Cyberbullying” (MEDINA, 2017).

Devido as circunstâncias espaciais, grande parte dos agressores ou agressoras possuem uma vantagem física ainda maior para com as vítimas, isto é, no campo virtual a reação pode ser apenas verbal, caso seja em vídeos, ou textual, na forma de textos e frases, estas ferramentas permitem que os agressores ou agressoras se mantenham protegidos e se sintam seguros para a atuação do bullying da forma que queira. De acordo com um artigo publicado pelo UNICEF Brasil, o campo de bullying possui preferência dos agressores e das agressoras, “falando anonimamente por meio da ferramenta de engajamento de jovens U-Report, quase três quartos dos jovens também disseram que as redes sociais, incluindo Facebook, Instagram, Snapchat e Twitter” (UNICEF, 2019).

Como por exemplo eu trouxe o caso de Iara (VV10FPHT) que sofreu perseguições e alegou diversos constrangimentos diante do ambiente virtual (ultimamente principal comportamento virtual em relação a opiniões divergentes aos contrários) grande parte em relação ao seu corpo, aos seus movimentos e formas, como aponta o depoimento a seguir:

Como essa menina, assim, tinha mais seguidores na época do que eu, ela tinha fãs clubes, até hoje ela tem, aí os fãs clubes começaram a fazer uns edit [utilizar imagens e vídeos da pessoa com edições, a fim de passar uma mensagem, símbolo ou significado de grupo ou geral] bem zoados meus, vídeos meus e áudios de vários palavrões ééééé fizeram uns edit [edição anterior ao subir um arquivo para a internet] derrubando a minha conta denunciando até o Instagram® pegar e tirar você do ar, e varais outras coisas, eu comecei a receber haters [pessoas especializadas em depreciar a imagem da pessoa ou o conteúdo produzido pela pessoa com o intuito depreciativo] no direct, várias pessoas me ameaçando de encontrar a minha família, de pegar meu número e manda trava zap [Mensagem codificada na rede social

Whatsapp® que tem a função de sobrecarregar o aparelho celular a fim de atrapalhar o funcionamento correto e deixar o desenvolvimento do aparelho lento ou parado por um tempo, algo que atrapalha nas atividades de que é digital influencer] e um bocado de coisa.

No entanto, quando se estuda o bullying como um ritual de interação social presente na escola, em uma perspectiva de pesquisa campo através de pesquisas, questionários e formações de grupos focais, percebe-se que há muitas vezes a aglutinação de diversos tipos de bullying em uma única interação, há como por exemplo o do caso do estudante Elias (VV02MNHT), dados adquiridos por meio de uma entrevista, que houve a presença dos bullyings físico, preconceito de raça, de classe e de corpo, isto é a possibilidade de ocorrer um conjunto de tipos de bullyings diferentes é válida, assim como apenas de um tipo.

Tudo dependente de sua situação específica e das redes de rituais de interação previamente vivenciadas, que se caracteriza por não ser popular. Sendo alvo do que os alguns pais e mães anteriormente acreditavam ser “uma boa preparação para a vida futura” (DUFFELL, 2000, p. 186, 188. Apud COLLINS. 2008, p. 159), já que tal ritual permitia aos estudantes e as estudantes se prepararem para o mundo “adulto” onde dias difíceis seriam constantes em suas jornadas.

## 2.2 Atores na microssituação

Como já entendemos o bullying como ritual, precisamos perceber agora quem serão seus principais atores ou atrizes sociais, pois todo ritual, de acordo com a microssociologia, dispõe de criação em escala micro e depende exclusivamente de seus criadores, de seus “sacerdotes”, e seus demais membros sociais para sua manutenção e sua existência, pois quando a solidariedade entre seus membros é quebrada o ritual não encontra forças para se manter e termina por se extinguir, o que pode levar a entender o caráter situacional do bullying já que se nenhum de seus atores e atrizes desempenharem o seu papel o ritual se tornará nulo, pois sem a reunião desses atores e atrizes sociais, nenhuma instituição social poderia se manter, tendo em vista que a existência dessa só tem importância a “medida que as pessoas realmente se reúnem em determinadas situações.” (COLLINS, 2009, p.231) Esse capítulo pretende aprofundar-se mais no que venha a ser esses papéis, embora já abordados conceitualmente no capítulo 01, neste vamos trazer o resultado referente a pesquisa de campo.

Esses atores nem sempre estão presos em um único papel para suas ações, “as pessoas nem sempre adotam papéis já prontos. Elas os criam e recriam de uma situação para outra.” (COLLINS, 2009, p.231) Já que a mudança de papel social dentro de um ambiente micro situacional está único exclusivamente ligado às circunstâncias provenientes desse espaço tempo. Tomemos por exemplo uma transição de papéis em que um ator agressivo dominado reage ou reproduz. Graças às vezes em que sofreu bullying, este agressivo dominado incorpora as ferramentas de domínio e sente-se apto a exercer bullying com outras vítimas e até mesmo contra seus agressores, e como consequência se torna um agressor, emulando todas as formas de sofrimento e aplicando-as como forma de “um laço social contínuo de dominação e subordinação repetitivas” (COLLINS, 2008, p. 158).

Já definida a importância dos atores e atrizes sociais no ritual do bullying, vamos dissecar cada característica presente tanto nesses atores, que são agressores dominantes competitivos e sociáveis ou agressivos dominantes competitivos, na parte das vítimas agressivas/dominadas, vítimas isoladas, vítimas temerosas ou sociáveis e apaziguadoras, quanto nos papéis sociais adotados e desempenhados por estes, que serão agressores/agressoras, vítimas e espectadores e espectadoras.

## **Papéis no bullying**

Entendendo-se papel social nessa dissertação como algo que é caracterizado como uma responsabilidade ou função de um ator ou atriz social esperada dentro do micro ambiente situacional vou trazer três possibilidades de ação micro situacional no ritual do bullying, são elas: 1) agressão; 2) Vitima e 3) observação. Esses foram os principais papéis desempenhados pelos atores e atrizes sociais e foram percebidos pelas pesquisas de campo. No entanto essas posições podem ser preenchidas por atores que migram conforme a situação, como Randall Collins denomina de “flutuantes” (2008, p.158).

No entanto como afirmado acima, esses não são papéis que se prendem a atores e atrizes de forma invariável, muitos dos atores e atrizes migram conforme situação para um ou outro papel, proporcionando uma dinâmica dentro do ritual do bullying, algo percebido durante a formação do terceiro grupo focal na escola municipal Adelina Maria de Santana, quando um dos estudantes que relatara casos de bullying sofrido por si mesmo e por outrem, foi surpreendido por um colega e uma colega de classe que também se declaravam vítimas de bullying do depoente Rubens (GFII301MN):

- Tem um menino aqui também sofre bullying por causa que o nome dele é ratazana”, e imediatamente o estudante que estava no grupo focal responde ao depoente:

-Seu r\*\*\*. [...] Tem ninguém me chamando de ratazana, é a louca.

Lucas (GFII302MN)

O que por si só acabou ratificando que nem sempre os atores não possuem papéis sólidos diante do bullying, mas sim em cada situação, o que permite para cada ator e atriz social poder se apresentar diferentemente em cada situação, o que confirma o que foi apresentado por Randall Collins “situação ao invés de indivíduo como ponto de partida” (2003, p.03) sendo essa a principal análise proposta pelos estudos apresentados nessa dissertação, e um ator ou atriz poderá se apresentar tanto como agressor ou agressora quanto como vítima ou espectador ou espectadora.

## 1. Agressor e Agressora

Na perspectiva de uma hierarquia, presente durante o fenômeno do bullying, o agressor ou a agressora encontra-se no topo. Esse papel social se dá como o que proporciona ao mecanismo micro interacional sua existência, o agressor ou agressora “é quem ‘dá o primeiro passo’. Ele é que decide quando, onde e como tudo irá acontecer...” (CARPENTER & FERGUSON, 2012, p. 63). O agressor ou agressora se porta como dominante da situação, às vezes está acompanhado de outros indivíduos que legitimam seu poder de ação, seja na forma verbal, física, moral, do bullying ele ou ela se apresenta como responsável pela ação.

O agressor ou agressora detém a principal ferramenta de ação da situação: a violência, graças a esse dispositivo este ou esta assume para si a condução do fenômeno. Também podemos entender essa como um espécime de mecanismo micro interacional que “também envolve o prazer do agressor em assustar a vítima, mantê-la em suspense, desfrutar da humilhação palpável da vítima, na verdade mais disso do que violência real” (COLLINS, 2008, p. 158). Uma boa contribuição sobre como são esses agressores ou agressoras também pode ser encontrada em um livro de Deborah Carpenter e Christopher Ferguson chamado: Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies (2012), onde há uma importação do termo Bully em sua tradução, já que é de origem inglesa (que também por extensão denomina o fato social estudado, o bullying) que se manteve no livro para se referir aos agressores e agressoras.

Diante do comportamento do agressor ou da agressora são percebidas características muito comuns (CARPENTER et al, 2012, p.58). Têm necessidade de se sentir poderoso ou poderosa e de dominar; tem necessidade em alguns casos de se tornarem o centro das atenções; Necessidade de se sentir superior diante daquelas que são submetidos ou submetidas ao seu poder de deferência (COLLINS, 2003, p.284) não sentem remorso diante de suas atitudes; o que conseqüentemente a acompanha o fato de que não carregam empatia; são mais propícios a assumirem papéis agressivos com maior facilidade; e por fim gostam de maltratar e de fazer outras pessoas sofrerem. De acordo com Deborah Carpenter e Christopher Ferguson (2012, p. 58) para o agressor ou agressora “todos o aprovam[...] ou simplesmente não o julgam por seus atos.”

Deborah & Christopher apresentam três observações importantes de acordo com a experiência de cada agressor e agressora, isto é, este ou esta apresenta características de

acordo com sua vivência como praticante de bullying, são elas agressor ou agressora iniciantes; agressor ou agressora experiente e por fim agressor ou agressora convicto. No primeiro nível o agressor ou agressora ainda é iniciante, mesmo ainda jovem essa ou esse “pode ser muito cruel. [...] Adora a sensação de fazer alguém sofrer. [...] Faz questão de excluir alguns colegas” (CARPENTER et al, 2012, p. 64), o que pode ser apresentado adjunto comportamentos de desequilíbrio de poder, intenção de atacar seus colegas de sala e ameaças de atacar estes em situações futuras. No segundo nível, este ou esta praticante já apresenta experiências importantes em sua trajetória, e se caracteriza como experiente. Por fim está no seu nível convicto, como afirma o praticante de bullying Ronaldo (VV09MPHT):

Tomou gosto. Todo bicho que quando prova sangue gosta isso é animal eu acho não sei isso tipo todo bicho que prova o sangue... acho que você prefere bater do que apanha... e eu acho que pra que já apanhou muito quando dá um soquinho que: olha!!! Que gostoso voltei para casa e não tomei um murrão... e eu vou bater agora está entendendo?! está entendendo?! O contexto é esse mesmo pô... tem bicho que... ou tem cara que é obrigado a virar um bicho maior que o bicho que te morde.

Dentre os estudantes entrevistados e entrevistadas pela pesquisa desse projeto o índice que assumia ser agressor foi bem pouco, das 10 entrevistas vis a vis feitas, apenas dois se declararam agressores, um homem e uma mulher. Enquanto no questionário foram cerca de 36 estudantes de 71 assumiram cometer algum tipo de bullying. Aqui surge uma percepção muito relevante à pesquisa dessa dissertação, durante o questionário, devido a discricção proporcionada pelo método, os estudantes e as estudantes que praticavam algum tipo de bullying, sentiram-se mais seguros em assumir o papel de agressor ou agressora, algo não encontrado facilmente nos demais métodos, o grupo focal demonstra a questão agressiva em algumas meninas de forma indireta durante suas falas que de forma natural demonstram que elas batiam nos meninos, como justificam as meninas do primeiro grupo focal, na terceira reunião:

“(eu) e quando a menina bate no menino?!”

Camila (GFI301FP) Aí está certo

Juliana (GFI302FB) Porque ele é errado

Andréia (GFI303FP) Porque tem um colega que eu bato todo dia”

De acordo com o depoimento de um agressor, trazido pelas entrevistas, o ato de cometer violência por meio do bullying é uma resposta à algum tipo de violência já sofrida. Ronaldo (VV09MPHT) “tem cara que se revolta, começa vítima e depois se torna um novo agressor.” Nesse caso, o bullying se tornou uma ferramenta de resistência, reação ao ambiente, uma espécie de conduta que garantia. Como conta Rosa (VV06FPHT), “com o tempo que a gente vai sofrendo assim, foi quando eu resolvi fazer também achando que isso iria me aliviar e pra ver se eu descobria o porquê daquilo...”. Essa transformação também incorpora, além também de uma auto afirmação, uma espécie de proposta de solução diante do ambiente e sua circunstancia, “você começa a assumir uma outra posição, a sociedade começa a te ver de outro jeito, porque se ninguém resolve por mim, eu resolvo,” Ronaldo.

No *continuum* do fenômeno, pode ocorrer uma transição de local de atuação na rede de interação, isso acontece quando se sai de uma posição agressiva dominada para um posição de agressivo dominante (COLLINS, 2008, p.157), o agressor já apresenta um comportamento semelhante ao seu agressor que exercia domínio quando era vítima, pois ambos se encontram em um papel semelhante de suas atuações, como Ronaldo (VV09MPHT) diz, “com o tempo a justificativa vai ficar lá atrás e você nem lembra mais o porquê é agressor,” dada a sensação de que agora já está do outro lado do ritual, já exerce um papel diferente, a vítima se transforma em um novo agressor ou agressora, o motivo pelo qual se utilizava a violência já não é mais o condutor do ato de dominação e sim uma lembrança, e quando se percebe que “para não ser mais devorado você luta tanto contra aquilo que em uma hora você vai se tornar aquilo que você tanto lutou contra,” Ronaldo (VV09MPHT).

Agressivo(a) Dominado(a)  $\longrightarrow$  Agressivo(a) Dominante e competitivo(a)

Embora o agressor ou agressora seja um ponto de prestígio fora do status convencional, onde ele ou ela é muito mais temido ou temida do que ser possuidor ou possuidora de um poder de deferência (COLLINS, 2003, p.), não necessariamente este ou esta precisa ser um dos estudantes de baixo rendimento escolar, inclusive pode haver uma elaboração de uma espécie de estratégia para que a laço do ritual do bullying não sejam avariados:

Para o estudo era bem fácil... eu vim de escola salesiana, eu vim de escola com média 7,0 quando cheguei aqui em Lagarto a média 5,0. Eu fazia 3 provas e meia tirava três 10 tudo mais uma nota certinha, o outro semestre eu perturbava pô. (Ronaldo)

Essa naturalização do bullying se torna a primeira característica importante para que a vítima, seja ela isolada ou agressiva dominada se torne um agressor ou agressora dominante como relata Rosa, (VV06FPHT) “às vezes a gente fica magoada, mas acaba fazendo acho que por ver as outras pessoas fazendo,” e acaba percebendo uma vantagem em ser o agressor ou agressora como reitera Ronaldo, (VV09MPHT) “nisso que eu comecei a fazer bullying porque eu preferia ser o cara que machucou do que ser o machucado.” Já que no jogo micro interacional de dominação do bullying a integridade física e moral está em questão, entendido por esses papéis flutuantes de vítimas a novos agressores e agressoras. Em vez de ser o humilhado ou humilhada, o assustado ou assustada.

De acordo com a perspectiva das vítimas, o agressor apresenta satisfação quando está praticando o bullying, “eu acho que pelo prazer da diversão, que eles se divertem.” Comentou Osmário (GFI101MP), um dos estudantes que preencheram o grupo focal da primeira escola selecionada para o projeto. Ainda com o primeiro grupo focal para Bianca, 13 anos, (GFI102FP) o comportamento dos agressores ou das agressoras é oriundo do reflexo de situações vividas em seus domicílios, “acho que a mãe não deu respeito aí vai praticar com os outros,” o que coincide com o depoimento de trazido por Ronaldo (VV09MPHT) “cheguei em Lagarto já cheguei revoltado pelo contexto familiar também” que atuou como agressor na situação do bullying.

Dentre os tipos de bullying cometidos pelas agressoras, está em maior parte destinado a aparência física das outras meninas, como confirma Bianca, (GFI102FP) “mexe assim, se os cabelos estiverem feios aí diz assim: ave que cabelo feio, aí que cabelo isso e aquilo, aí se fica lá na frente a menina é nerd, se ela estiver com os óculos é nerd.” Mas o bullying praticado por meninas não se resume às ocorrências não físicas, há momentos em que a agressão física se torna semelhante à praticadas por meninos, como trata de depor Tamirez (GFI202FN) “O menino levantou uma chinela para mim eu meti um murro na cara, no pé do ouvido...” A evidência de que a agressão física é comum como uma forma de interação de algumas estudantes com alguns meninos aparece durante a entrevista no segundo grupo focal formado na Escola Manuel de Paula, quando

perguntei se as meninas brigavam com os meninos, elas se entreolharam, riram e disseram:

Fabiana (GFI201FP) Só um pouquinho

Tamirez (GFI202FN) Bater os meninos?

Fabiana (GFI201FP) Sempre hahahahahaha

Cristiana (GFI203FB) Cala essa boca...

(eu) Repara... e os meninos...

Tamirez (GFI202FN) nós bate(sic) mesmo

Durante a entrevista, Fabiana (GFI201FP) assume uma postura agressiva quando está no intervalo, “porque eu sou quieta, mas no intervalo eu sou não,” para ela é uma hora em que agredir os meninos é algo natural, normal, comum, uma situação em que não há uma observação mais acurada de algum profissional da escola. Que em muitas vezes, sua agressividade é tida como algo engraçado, legal e banal, como apresentado por sua fala entrevista:

Fabiana (GFI201FP) Eu bato nos meninos

(eu) Por quê?

Fabiana (GFI201FP) Não sei hahahaha porque eles gostam hahahaha.

(eu) Eles gostam de apanhar?!

Fabiana (GFI201FP) Eles ficam sentados já chego batendo....

Quando questionada o porquê de suas ações ela se apresenta como uma justiceira diante do sexismo misógino da violência contra as mulheres, “mas no recreio eu bato mesmo para eles aprender não bater mulher” Fabiana (GFI201FP). para ela sua agressividade provém de uma forma de retribuir um comportamento agressivo que por ventura alguma menina possa sofrer diante dos meninos no intervalo, justificando seu comportamento.

E quanto ao bullying moral também foi percebido como ferramenta utilizada na situação de agressão durante a entrevista face a face, como foi trazido por Rosa (VV06FPHT) um exemplo:

Na escola não dava muita atenção a ele(vítima) ai juntava os bolinhos de areias, pegava aquelas pedrinhas assim e geralmente aquela areia que tem

um monte de pedrinha e botava ele para ficar de joelhos e mandava ele ficar lá e falava eu venho já e tocava eu ia embora e deixava ele lá aí era que ele via todo mundo indo embora e que levantava acho que era assim ou alguém via e botava ele para lamber o chão fazia um monte de coisa assim maltratava mesmo. Até que um dia a diretora da escola descobriu alguém contou não foi ele quem contou ele ficava calado ele fazia tudo que eu mandava se alguém jogasse um chiclete no chão e eu mandasse ele(sic) pegar e mastigar ele mastigava

Também apresentada por Ronaldo (VV09MPHT):

Vamos fazer assim: fique no canto, na hora do intervalo vou me bater no cara e quando ele vier me bater é hora de a gente bater ele no pátio e botar ele dentro do lixeiro... lembra dos lixeiros do polivalente?! Pergunte para a barreira [grupo, turma]? Quantos a gente já botou dentro do lixeiro? Naquela escola. Pergunte um que era inocente. Era só os metidos a vagabundão, quando via bora se juntar, né?! Bora se juntar, batia neles e depois eu já sabia quando vinha alguém, nunca veio um de maior para evitar a briga, vinha depois para me levar para a diretoria, eu, mais o que estava no lixeiro não ia.

Embora o agressor ou agressora esteja no topo da hierarquia de dominação da situação, não possui prestígio constantemente diante das demais posições no fenômeno, seu único poder está na no poder de deferência que possui mediante o medo que impõem aos demais, ainda que este agressor seja um contra agressor, que se especializou na arte do bullying contra agressores, ele não é bem quisto diante das outras interações escolares, “você acha que uma pessoa violenta... em um contexto escolar é acolhida em todo grupo? Não é acolhida em todo grupo.” Ronaldo (VV09MPHT). Pois diante das atividades que envolvia trabalho ou avaliação em grupo, apresentações, sempre se ouvia, como relatou Ronaldo (VV09MPHT) “R\*\*\*\*\* vem para meu grupo pô.. vixe... não, não, não, não.... o cara procura confusão, ali tem briga.”

Em contrapartida, embora não seja um papel de tanto prestígio diante do ambiente escolar, o agressor ou agressora, desde que ele ou ela não esteja na condição de agressor ou agressora dominante competitiva, nem sempre ele é visto apenas como um problema, com o tempo, a depender de qual seja o alcance de seu papel diante do ambiente do bullying, ele se torna uma ferramenta de proteção de outras vítimas. Nesse caso esse agressor ou agressora já possui um status ameaçador, sociável e dominante, já que sua interação com algumas vítimas temerosas e sociáveis se torna uma situacionalmente uma

espécie de interação mutualista<sup>9</sup>, onde todos os papéis se beneficiam da relação.

Eu estranhava logo o cara, se assustava até com bom dia.

- Oi meu brother vamos aqui vamos lanchar.

Eu pensava: rum essa alma quer perdão essa alma vai me pedir alguma coisa...passava uma semana...

- Ah estuo tendo um caso, você é meu brother. Um mano ali mexendo.

Hum....por isso que foram esses dias de pastel e coca cola. O dia todo.

Ronaldo (VV09MPHT)

A interação se torna natural dentro do espaço situacional e o agressor ou agressora se apresenta como um ator ou atriz que colhe benefícios da situação. Para Ronaldo, (VV09MPHT) “nos anos 90 (período também utilizado como comparativo dos casos de bullying por essa dissertação) eu mal paguei lanche os nerds pagavam lanche tudo para mim, olhe eu já praticando bullying olhe aí já enraizado... m\*\*\*\*\*, eu faço parte desse grupo de nerd tá ligado, só fui o nerd violento.” E com o tempo seu comportamento já apresenta similitudes ao comportamento do agressor dominante competitivo, naturalizando o poder situacional de deferência diante das vítimas em sua rede situacional:

Aí eu comecei a tomar prazer por ser assim, porque eu via que, poxa eu entrava na escola e ninguém mexia, se pudesse me bater ainda iria sair o prejuízo porque na hora que me batesse iria vim o resto da colmeia todinha, porque adolescente tem patotinha, tem grupo. Ronaldo (VV09MPHT)

Uma característica interessante se levarmos em conta o conceito de estigma proposto por Erving Goffman (2021) onde apresenta uma característica não situacionalmente apresentada, mas “da manipulação de informação sobre o defeito” (p.51). Isto é o agressor ou agressora se torna desacreditável diante do ambiente em que venha a participar, por possuir um conjunto de símbolos de estigma, violento/violenta, impiedoso/impiedosa, competitivo/competitiva, etc. e a partir do momento em que suas ações assumem o fenômeno do bullying este ator ou esta atriz se torna desacreditado ou desacreditada. Suas ações preenchem um conjunto de signos que serviram para a composição de sua identidade social real diante dos demais atores e atrizes diante dos pontos de interação, sejam estes ou estas vítimas ou espectadores e espectadoras.

---

<sup>9</sup> Estou tomando emprestado o termo da biologia quando se observa as relações simbióticas possuem três tipos mutualismo (ambos se beneficiam), comensalismo (não se beneficia, nem se prejudica) e parasitismo (um se beneficia e o outro é prejudicado).

Uma das observações interessantes que se pode acompanhar durante a realização da pesquisa se deu ao reflexo das interações sociais dos agressores e agressoras com suas famílias. Naquele ambiente domiciliar, se encontram comportamentos e valores que permitem que o comportamento agressivo e dominador desses atores e atrizes seja carregado de importância e normalização.

Um ritual de interação em que os agressores ou agressoras do bullying escolar atuam como vítimas temerosas no bullying familiar. Como foi apresentado por Fabiana (GFI201FP) quando comentou que a própria mãe praticava bullying com ela:

Tamirez (GFI303FN) Ah tá. Porque não desabafo com minha mãe não, porque ela não me entende.

(eu) Não adianta falar porque ela não...ela fala o quê quando você fala, você já chegou a falar com ela sobre isso alguma coisa assim?

Tamirez (GFI303FP) Tipo o quê?

Fabiana (GFI301FP) Já, mas ela também uma vez ela me chamou de 4 Olhos

Assim como aponta o relato de uma vítima agressiva também dentro do ambiente doméstico que se tornou um agressor sociável, o Ronaldo (VV09MPHT):

Teve uma hora que eu cansei parceiro, de apanhar, apanhava na escola e tenha regra em... olhe se chegar apanhado da escola você apanha de novo em casa, não sei se... acho que todo mundo nessa época na escola ouviu isso, chegava apanhado, pô eu ainda tinha um agressor dentro de casa tive que começar... éé pancada pior eu recebo em casa, então eu ... esses carinhas que me bateram na rua foi mamão com açúcar, ééééé eu morava com “Acelino Popó<sup>10</sup>” dentro de casa eu ia chorar com murrinho de guri em escola?

Fato também presente no depoimento de outra menina que cometia agressões com um colega de escola, para ela as práticas de bullying eram normais diante do seu convívio domiciliar e de vizinhança, “eu chamava minha vizinha de banguela também, mas por causa de incentivo das outras vizinhas, de fato falava e no automático a gente ia. as pessoas passavam e a gente as até falava por brincadeira.” Rosa (VV06MPHT)

Por fim, o papel do agressor ou agressora se divide em duas possibilidades, na primeira ele ou ela são apenas dominantes e competitivos/ competitivas, esse papel é representado pelo clássico brigão retratado das mais diversas formas no cinema, na televisão e na literatura específica, um estudante ou uma estudante que se apresenta como

dominante diante de micro situação específica do bullying, podendo ser percebido a partir da entrevistada Fabiana (GFI201FP). Seu principal papel na interação com a vítima é a parasítica<sup>11</sup>, onde se mantêm o “prazer do agressor em assustar a vítima, mantê-la em suspense, desfrutar da humilhação palpável da vítima, na verdade mais disso do que violência real” (COLLINS, 2008, p.158), como trouxe Osmário (GFI101MP) quando perguntado sobre o que uni os praticantes de bullying, “eu acho que pelo prazer da diversão, que eles se divertem,” e conseqüentemente os identifica.

E uma outra possibilidade, que é o dominante sociável/ apaziguador(a) e ameaçador(a) que geralmente é um ator ou atriz que já foram vítimas e flutuaram para o papel de agressor ou agressora, mas que ainda utilizam a violência como um mecanismo de interação em sua situação. Esse papel pode ser percebido pelo agressor Ronaldo e pela agressora Rosa, este ou esta é sociável porque mantém ligações com outras vítimas em uma forma de já que “também são mais amigáveis, e usam sua agressividade principalmente como um ritual de estabelecimento de filiação para aqueles que vão jogar com sua capacidade subordinada” (COLLINS, 2008, p. 158). Fechando assim o papel do agressor ou agressora com o ator ou atriz social dominante/sociável ameaçador(a)/apaziguador(a) e o clássico bastante retratado e conhecido pelo imaginário popular agressivo dominante competitivo(a).

## **. 2.Vítima**

Em um relatório feito pelo programa Internacional de Estudantes (PISA) aponta que “um em cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying” (CALDAS, 2017), e ainda fica pior, quando trazemos para o período em que estes passam pelo fenômeno, “cerca de que 17,5% dos alunos brasileiros, na faixa dos 15 anos, sofreram algum tipo de bullying ‘pelo menos algumas vezes no mês’” (CALDAS, 2017). Algo alarmante se levarmos em conta a quantidade de pessoas nessa faixa etária que passa pela escola. Tal Situação pode trazer conseqüências terríveis tanto para as presentes interações sociais das vítimas quanto para as futuras relações.

Similarmente aos agressores e agressoras, os papéis de vítima possuem atores e

---

<sup>10</sup> Pugilista brasileiro conhecido da Bahia que possuía o apelido de Popó

<sup>11</sup> Mais uma vez tomo de empréstimo o termo biológico de relação simbiótica, dessa vez como uma relação que somente um se beneficia da relação.

atrizes, no entanto esse papel é constituído por três posições na hierarquia de dominação: 1) a vítima sociável/ apaziguadora; 2) vítima temerosa, dominada podendo ser isolada e 3) a vítima agressiva/dominada, cuja transição pode ser para tanto a agressividade dominante competitiva, quanto a agressividade dominante/ ameaçadora e apaziguadora, limite geralmente quebrado quando o agressor ou agressora começa a sentir prazer por estar em um status em que colhe frutos de seu domínio sobre a interação.

Perceber uma vítima de bullying não é uma tarefa fácil quando se tem pouco contato com a mesma, no entanto há sinais que sempre estão expressos em grande ou pequena quantidade em seu comportamento. Geralmente, ao observarmos suas ações diante de outros atores, “vítimas de bullies costumam ter características em comum como ansiedade, insegurança, cautela em excesso, baixa autoestima, dificuldade em se defender ou de reagir ao serem atacadas e geralmente são mais jovens que seus agressores” (CARPENTER et al, 2012, p. 70), tais características à tornam alvos preferidos para que agressores ou agressoras demonstre seu domínio durante o ritual de interação.

Além da característica física e etária, a vítima geralmente possui sinais que são perseguidos como prêmio pelos agressores ou agressoras, esses traços acabam denominando um tipo de agressão que é caracterizado como um bullying moral, bullying preconceituoso que também pode ser caracterizado por minha escolha como um bullying corporal já que são a depreciação tem como ponto de partida um aspecto físico do corpo da vítima. Tais quais quatro olhos, pela necessidade de um auxílio de um instrumento para que haja uma melhor visão da vítima, cor de pele e alguns traços que determinam também um bullying discriminatório como no caso de traços de identidade tais quais forma do nariz, cor dos olhos, tipo de cabelo, tais quais cabelo de pixaim, cabelo de bombril®, etc. E dessa forma há uma caracterização que é percebida no primeiro momento interacional, e quando se passa pelo filtro do bullying se torna um termo “usado em referência a um atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 2021, p.13), denominado estigma por Erving Goffman, como também trabalhado na parte teórica deste trabalho.

Durante o fenômeno situacional, tanto o agressor ou agressora quanto as vítimas passam pela caracterização através do estigma, a vítima por possuir um traço físico, comportamento ou preferência, tem sua característica ampliada e depreciada mediante o bullying, e uma das suas possíveis ações se dá em “esconder um ‘defeito’ físico por recear que o seu estado físico seja desacreditado” (GOFFMAN, 2021, p.13), diante das pessoas que presenciam sua atuação no fenômeno. Já o agressor ou agressora por terem um comportamento violento, detentor de um ritual violento, tem uma identidade social

divulgada que o ou a torna um pária diante das relações escolares que são exigidas pela instituição, como fazer prova em grupo, fazer um trabalho em grupo, “Você acha que uma pessoa violenta... em um contexto escolar é acolhida em todo grupo? Não é acolhida em todo grupo.” Ronaldo (VV09MPHT) Resultado de uma identidade social estigmatizada diante do micro ambiente escolar.

Os dados captados pela pesquisa de campo mostram que cerca de 26, das 36 meninas que responderam ao questionário, relataram que foram vítimas de bullying em algum momento de sua vivência na escola. Os meninos por outro lado 18 dos 35 relataram que foram vítimas de algum tipo de bullying, dentre os motivos mais recorrentes estão: o corpo “ah eu lembro de um bullying que os meninos faziam, menino e menina, tanto faz(sic), fazia bullying com uma menina só porque ela cheinha,” Fabiana (GFI101FP) “os outros ficam chamando ela(sic) de boca torta,” Andréia (GFI303FP) e o comportamento, quanto ao corpo é muito comum estarem ligados elementos racistas como “cabelo de miojo,” Andréia (GFI303FP).

Como estratégia de proteção a vítima pode assumir um comportamento que substitua um dano por outro que ela julgue menor que o de sofrer bullying, como por exemplo chegar “atrasado à aula, deixar de sair na sala no intervalo, para comer, para não se expor aos colegas sem a presença do professor, deixar para usar o banheiro somente ao chegar em casa.” (CARPENTER & FERGUSON, 2012, p.126)

Na entrevista face a face feita com Eduardo houve a presença de dois tipos de bullying, o primeiro determinante se caracterizou em sua dificuldade em conversar graças à sua gagueira, “eu me tranquei muito por conta disso eu me tranquei muito perdi muitas oportunidades na minha vida... tipo não queria nada... cheguei até um tempo aí fiquei usando drogas...com uns amigos e tudo.” Eduardo (VV01MPHT). A segunda foi percebida a partir da perspectiva de espectador, nesta Eduardo presenciou quando era feita com seu amigo próximo, o bullying tinha como principal motivo, racismo a aporofobia e a gordofobia (que será melhor abordado na seção destinada a espectadores e espectadoras).

Na condição de vítima, o estudante ou a estudante tem problemas tanto em sua sua situação quanto em sua vida futura, a depender de quão grave possa ser o bullying, suas sequelas perdurarão até sua vida adulta. Uma estudante alegou que não iria mais utilizar um instrumento de correção ocular, auxílio necessário para sua saúde, por conta de episódios constante de bullying, “me chamava de quatro olhos, sempre pegava meus óculos e ficava botando na cara e ficava me chamando de quatro olhos isso e aquilo.”

[. ] “só que eu parei de usar.” Fabiana (GFI201FP).

Para algumas vítimas o bullying já era experimentado dentro do domicílio familiar. A escola era uma espécie de continuidade do sofrimento, contudo a peça era encenada com outros atores e atrizes do bullying. Algo que ainda acompanha as vítimas e reverbera em diversas áreas de sua vivência, de sua interação, de uma forma ainda limitante e traumática. Como aponta a entrevista:

Bernadete (VV07FPHT) Sim. Que... que. que eu sempre poderia ser baixinha não iria crescer não iria casar porque era baixinha demais que eu não crescia, eu vim desenvolver mais com 16... 17 anos porque eu era bem gordinha.

(eu) Quem falava esse tipo de coisas?

Bernadete (VV07FPHT) Era em relação a tudo nos colégios, de casa e também a família.

(eu) Então você sofria bullying por parte de ....

Bernadete (VV07FPHT) De tudo, mas a gente sempre tirava aquela coisa, mas sempre ficou no pensamento sempre.

Uma das características presentes no comportamento de algumas vítimas entrevistadas pelo projeto contribui para a continuidade do fenômeno e ela corresponde ao resultado do poder de deferência (COLLINS, 2003) que o agressor e agressora detêm, ou ainda essa continuidade está aliada a sensação de que não será resolvido o problema, já que a vítima tem consciência de que os demais profissionais presentes na instituição não estarão presentes por todo o tempo quando dentro da instituição e também fora da mesma. No segundo grupo focal da escola Adelina Maria de Jesus, uma das estudantes, Esmeralda (GFII102FP), entrevistadas responde que a melhor forma de se portar dentro da situação do bullying não é reagir ou procurar algum ou alguma profissional da instituição:

(eu) Vocês acham que quando a pessoa sofre algum tipo de bullying quais seriam as melhores atitudes de essa pessoa tomar: seria ela retribuir o bullying? Seria ela procurar alguém da escola alguém responsável legal? Ou ficar quieta?

Esmeralda (GFII202FP) Ficar quieta

Tal depoimento supracitado, da reflete um sentimento de que as autoridades da instituição parecem não trazer segurança para as vítimas. No questionário, cerca de 55 estudantes responderam que não procuram ajuda da instituição nos momentos em que

sofreram bullying, dos 13 que procuraram ajuda, 8 se sentiram acolhidos. A estudante Juliana (GFI302FP), durante a entrevista, relatou, “eu nem falava, ninguém vai resolver” insatisfação também presente no depoimento de Eduardo (VV01MPHT):

já cheguei a falar com os professores, mas eles não resolviam nada, mas enfim era um negócio que não tinha resultado nenhum eu procurava um professor que era quem poderia é amenizar essas coisa(sic) essa situação, mas ...não dava em nada... aí tinha vezes é que você era obrigado a partir para a violência pra... pra violência por conta disso você chegava a um nível tão... tão... é extremo que você queria ir pra a porrada logo... isso já aconteceu muito comigo...

(Eu) Como uma forma de reação?

É... eu mesmo já sofri muito com isso e falava com os professores procurava diretoria mais ninguém resolvia nada... ninguém resolvia nada... acredito que hoje seja da mesma maneira num sei... tem muito tempo que saí da escola... (Pausa quieto) Eu passei uns três anos na mesma série por causa disso eu e esse amigo que falei reprovava direto porque a gente... eu era um... eu tenho uma amizade imensa com ele ainda a gente conversa... tudo... mais tipo a gente sofria com isso e ninguém tinha interesse de estudar...

Esse foram alguns exemplos dos atores e atrizes, que compõem o papel de vítima, durante a micro situação interacional do bullying. Nesse próximo momento, vou trazer classificações de acordo com o comportamento, atuação dessas vítimas diante da situação. Pois, nesse momento, percebe-se que o papel da vítima se apresenta de forma variada, e a depender dessa atuação a vítima pode apresentar um nível diferente de interação como o outro papel, nesse caso o papel dominador do agressor ou da agressora, trazendo assim dois tipos de relação: um em que possui cumplicidade com o ritual estabelecendo uma relação o agressor ou agressora, e outro em que se torna isolada, relacionando-se como o dominador ou dominadora apenas durante o ritual de interação.

### **3. Vítima sociável e apaziguadora**

A primeira classificação do papel de dominada na situação do bullying está a vítima sociável e apaziguadora. Esta participa do bullying com seu papel de forma conivente, leniente. Sua ligação com o agressor sociável e dominante ou agressora sociável e dominante não é somente através do bullying é também fora da situação. Ela mantém laços de amizade com o agressor ou agressora a fim de se preservar, às vezes acompanhar as práticas de bullying com outras pessoas, e por fim se aproveitar da situação para que não seja uma vítima permanente. Dentre os tipos de vítima essa é a única que apresenta

traços de interação.

Em um dos exemplos capturados pela pesquisa de campo, durante a situação da formação do grupo focal, os próprios estudantes e as próprias estudantes reproduziram uma situação de bullying. Como o passar do tempo tanto as respostas às perguntas quanto a interação começaram a fluir de forma natural, como desenlace os estudantes e as estudantes começaram a se comportar semelhantemente ao período em que estavam em sala da aula ou no intervalo, e alguns estudantes e estudantes reproduziram o micro ambiente, e por meio deste percebi que havia práticas de bullying e nesta o estudante Lucas (GFII302MN) ocupava o papel de vítima sociável e apaziguadora, pois, embora sofresse o bullying de ser chamado de ratazana, inclusive durante a aplicação do grupo focal, Lucas continuava interagindo como os agressores e agressoras sociáveis e dominadores, mesmo depois da aplicação grupo focal. A naturalidade alcançou um grau satisfatório tamanho que ocorreu a prática do bullying e justificativa dos atores e atrizes praticantes:

Caroline (GFII305FN) Ah, mas eu chamo e ele sabe desculpa que é brincadeira e...

(Maria) (Rubens) (Caroline) hahahahahaha

Marcela (GFII304FP) ele faz o bullying

Rubens (GFII301MN) Foi eu que chamei

Maria (GFII303) Eu acho que não é desse jeito não hahahaha

(eu)...

Rubens (GFII301MN) Não foi uma pessoa aqui

Caroline (GFII305FN) Você começou a chamar

Rubens (GFII301MN) Não naquele dia foi brincando

Lucas (GFII302MN) Mas você criou ela(sic).... [Vítima apaziguadora e sociável]

Rubens (GFII301MN) Mentira

Lucas (GFII302MN) Ela... ela falou que estava...

Caroline (GFII305FN) não hahahahaha

Marcela (GFII304FP) Eu falei só uma vez, só uma

Maria (GFII303FP) psiiuuuu

[As três meninas riem mais o menino Rubens]

Marcela (GFII304FP) e ele não ficou como bicho ficou como todo mundo

De maneira oposta à vítima sociável e apaziguadora, uma característica importante presente nos aspectos de interação das próximas vítimas se dá o isolamento, embora as vítimas sociáveis e apaziguadora sofram bullying, não se apresentam como principal alvo dos agressores e agressoras, estes últimos ou estas últimas preferem as vítimas que possuam o isolamento como característica, no caso as vítimas temerosas e dominadas e as vítimas agressivas e dominadas, pois estas estão presentes no ponto isolado da linha de interação sendo que a vítima dominada e temerosa se apresenta como melhor presa graças a incapacidade de reagir.

Importante apresentar que o que distingue a vítima temerosa isolada e vítima agressiva isolada se dá nas reações diante do fenômeno, como a própria característica denomina, a vítima agressiva e dominada reage diante das formas de bullying, embora não esteja na maioria das vezes em condições de interromper o ritual de interação na qual é participante.

#### **4. Vítima isolada, dominada e temerosa**

A segunda forma de atuação está o estudante ou a estudante que prefere não participara de nenhum ritual de interação a fim de preservar-se das possibilidades de problemas, essa “pessoa que se auto isola, possivelmente torna-se desconfiada, deprimida, hostil ansiosa e confusa.” (GOFFMAN, 2021, p. 22) como percebido por alguns estudantes que não quiseram participar dos grupos focais e muitas vezes ficaram apenas observando, como afirmou Marta (VV03FPBI):

Meus colegas falavam pra mim, xingamentos e as vezes me excluir de todos os grupos de todas as coisas não querer fazer grupo comigo geralmente eeee isso sei lá acarretou em um sofrimento maior porque eu já me sentia muito estranha as pessoas já me chamavam de esquisita então pra mim isso foi ainda pior porque eu comecei a me isolar mais ainda e me senti sozinha.

Contudo embora haja resistência em participar dos demais rituais de interação presentes no ambiente escolar, a vítima isolada, dominada e temerosa se torna um alvo constante não apenas por sua aversão ao relacionamento social, mas também por conta de sua incapacidade de reação diante do bullying, já que possui desvantagens, sejam essas físicas, comportamentais (não possui um comportamento reativo, possui comportamento estranho, etc.), de redes de interação (já que é isolada, possui poucos amigos ou amigas que possam defendê-lo ou defendê-la). Situações que permitem sua pré disposição a se tornar alvo predileto da ferramenta de violência de outros atores ou atrizes presentes no outro espectro do ritual do bullying.

Algo interessante aconteceu durante a aplicação de vários grupos focais, dentre eles estava o primeiro da escola Adelina Maria de Santana, na qual uma sala era composta de estudantes que não se sentiam à vontade com a interação deste projeto, e que às custas de muitos esforços apenas poucos dados, fora a existência dessa turma em maioria, foram adquiridos. Na segunda turma, esse comportamento foi percebido por um estudante, que em virtude de sua personalidade, acabou por “justificar” a preferência por não participar da entrevista de grupo focal, no entanto preferiu ficar na sala e acompanhar o desenvolvimento da atividade, este foi denominado ficticiamente por Sidney (GFII502MP):

(eu) Por que você fica sentado aí? [o estudante senta em um lugar um pouco mais afastado dos demais, dando uma pré noção de que não estava se sentindo confortável próximo aos demais estudantes]

(Sidney) não entendi a pergunta

(eu) Por que você fica sentado assim nessa distância?

(Sidney) Porque aqui é bom.

(eu) Você é um pouco tímido?

(Sidney) sim [balança a cabeça e fala bem baixinho]

Dentro das possibilidades de bullying possíveis, a vítima temerosa, isolada e dominada se apresentar como o alvo sempre disponível para o agressor ou agressora, pois estas não possuem interações que possibilitem uma forma de resistência aos ataques físicos e verbais, e se encontram isoladas na rede de interação ritual. Aqui percebe-se a interação clássica entre o agressor ou agressora, o bully e as vítimas, bastante presente na literatura sobre o tema como em *Bullying, mentes perigosas na escola* de Ana Beatriz B. Silva (2015), *Cuidado proteja seus filhos dos Bullies* (2011) de Deborah Carpenter e

Christopher Ferguson, Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz (2005) de Cleo Fante.

Essa categoria de vítima, além das investidas dos agressores e agressoras, enfrenta as adversidades trazidas por outros grupos de vítimas, esporadicamente outras vítimas assumem o papel de agressor ou agressora, e também praticam bullying com o estudante ou a estudante que se encontra mais isolado ou mais isolada, como percebido no terceiro grupo focal formado na segunda escola em que os estudantes e as estudantes falaram sobre os principais estigmas que sofrem as vítimas temerosas, dominadas e isoladas:

(eu) A próxima questão é o seguinte, vocês acham que a pessoa por ela ter um comportamento diferente, tipo ela ser um pouco mais isolada mais quieta ela pode sofrer preconceito?

(Rubens) (Marcela) (Caroline) sim

Maria (GFII303FP) chama da... como é o nome. me esqueci

Marcela (GFII304FP) psicopata na maioria das vezes, doida

Carolina (GFII305FN) Metida

Maria (GFII303FP) esquisita, ninguém lembra.

Carolina (GFII305FN) Metido por ser tímido e querer ficar sozinho

Marcela (GFII304FP) entojada de...

Carolina (GFII305FN) esse povo a gente chama de....como é o nome? de nerd...

Lucas (GFII302MN) você é considerado estranho

Carolina (GFII305FN) Altamente vírgula

O campo de atuação da agressão não se restringe a rede de interação etária das vítimas, o ritual do bullying para com a vítima isolada, caso possua um comportamento diferente, este pode ser compreendido como um estigma, algo que os “normais” não possuem. Sendo um dos principais traços comportamentais presentes nas vítimas isoladas, sua percepção pode extrapolar os limites dos colegas de sala e atingir figuras de autoridade presentes na instituição escolar. No trecho a seguir, o papel de agressora não é representado por uma estudante da mesma faixa etária e sim por uma professora:

(eu) Então você era sempre a vítima?

Bruno (VV08MPHT) Isso

(eu) Quem mais praticava esses bullyings?

Bruno (VV08MPHT) Era minha professora, no segundo... na segunda série do ensino fundamental.

(eu) Você lembra mais ou menos como eram os atos de bullyings, você pode reportar esse bullying?

Bruno (VV08MPHT) Eu não consigo.... lembrar como é que era... na época eu até gostava dela porque ela era uma pessoa muito pra cima tinha uma... de qualquer forma ela era uma pessoa que cativava o aluno, mas depois que eu fui crescendo que eu fui entender o que ela acabou fazendo, mas durante o ato do bullying eu não tinha muita ciência do que estava acontecendo.

(eu) A senhora, que é mãe dele, pode narrar como foi o bullying cometido pela professora?

Josefa (VV08FPHT) (mãe do entrevistado) Foi em uma prova que ele iria fazer e ela disse que ele não era capaz de fazer porque ele era DOENTE, e ele não é doente, isso para uma criança é uma morte.

(eu) Isso acabou interferindo significativamente durante todo aquele ano? Você chegou a reprovar?

Bruno (VV08MPHT)(filho que já estava sendo entrevistado) Reprovei com ela. [celular toca de novo] Acabou criando é trauma. Para o resto de minha vida. Até agora.

(eu) Como foi que se tornou o comportamento dele depois desse ato?

Josefa (VV08FPHT) Triste. Ele ficou muito triste, muito depressivo. Ele ficou em casa sem querer ter amizade com ninguém... como ele não era capaz de pegar amizade com ninguém... ficou isolado...muito triste para trabalhar na mente dele ficávamos falando só tirando que ele não era doente, era uma pessoa normal. Ele não é doente. Nunca foi.

As consequências do isolamento da vítima podem ser percebidas no depoimento de alguns estudantes e algumas estudantes presentes na pesquisa de campo como no caso da vítima Marta (VV03FPBI) “na época da adolescência aí foi uma época assim meio conturbada tanto que assim eu já... já eu já apresentava início de depressão já tinha indícios disso né?!” Podendo ser imediato como relatou Marta ou ainda que se prolongue para a vida adulta e que demore ser sanado, assim como também o depoimento de Eduardo (VV01MPHT) trouxe como era a dificuldade em interagir com os demais estudantes:

Eu não queria ir pra escola, eu fazia de tudo para não ir pra escola, não ficava na sala de aula, sempre gazeava até com vergonha mesmo sempre... sempre tinha isso as vezes a... o... professor mandava eu ler... eu não queria... isso me atrapalhou muito está ligado atrapalhou... muito, mesmo minha vida

Assim também trazido por Marta (VV03FPBI):

questão de comportamento ném(sic) que nem foi falado assim eééé(sic) não participar de um grupo que era comum ou então essa questão mais de isolamento quando essas pessoas eram mais isoladas geralmente eram o foco das pessoas que praticavam bullying. Que não se comunicavam tanto com as outras e tipo pode dizer não popular, mas foi mais o que eu vi mesmo e de violência(física) eu vi poucas vezes, mas também aconteceu... e relacionado a isso.

Em um espaço exterior à escola, estudos sociológicos, especificamente o de Erving Goffman, apontaram para como alguns comportamentos, traços físicos e étnicos são utilizados como forma de poder situacional, até em escala macro, sobre o outro, “a manipulação do estigma é uma ramificação de algo básico na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o ‘perfil’ de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao caráter” (GOFFMAN, 2021, p.61). Com base nessa perspectiva consegui entender o quanto uma característica corpórea, um estigma, é utilizada como ferramenta de bullying por parte tanto dos agressores e das agressoras quanto das vítimas, no entanto a vítima se torna mais estigmatizada graças ao poder do agressor ou agressora na situação. O agressor ou agressora manipula esse estigma durante sua forma verbal, moral, social, preconceituosa, principalmente a corpórea pelo bullying.

Pois através dessa criação depreciativa de uma identidade social virtual criada pelos agressores ou agressoras, o bullying pode se tornar moral, social ou preconceituoso. Como apontado pelo depoimento de Juliana (GFI302FP) “Foi que ela inventou falando coisa que eu estava namorando que eu estava de namorado aqui na escola, aí minha mãe pegou e quis saber, eu joguei um prato de sopa no irmão dela e é isso.” Através de uma fofoca, se molda um comportamento ou um pensamento e através dessa criação de uma identidade social virtual depreciativa começam os cancelamentos, as discriminações, com o intuito de prejudicar alguém que não corresponde aos interesses de uma pessoa ou grupo. Como pode ser visto no tipo bullying moral no item anterior presente nesta

dissertação.

### **5. Vítimas agressivas e dominadas**

Aqui está uma classificação que oferece uma transposição de papéis em alguns casos, é possível que as vítimas presentes nessa classificação se tornem agressores ou agressoras dadas as condições situacionais. Por serem vítimas agressivas é bastante possível que se tornem agressores ou agressoras sociáveis e dominantes, como aconteceu com Ronaldo (VV09MPHT) e Rosa (VV06FPHT) caso disponham de força física ou outra espécie de poder sobre o outro ou outra.

Essa terceira classificação de vítima geralmente não é a escolhida em maioria pelos agressores e agressoras, pois sua resistência pode interromper o ritual de dominação e trazer consequências negativas aos agressores e agressoras, pois são vítimas que dispõem de ferramentas de resistência e usam-nas independentemente dos resultados vindouros. O que não é estranho é que as vítimas dessa categoria também se apresentam na categoria de agressor ou agressoras sociáveis, devido à sua alta tendência a utilizar a violência como ferramenta de interação. Como presente no depoimento:

(eu) Você poderia relatar algum caso de bullying, um ou dois o quanto você se sentir à vontade para relatar, esse é um espaço seu que você pode relatar sobre.

Beleza, que eu cheguei em Lagarto, morava em Salvador e lá eu sofria bullying por parte da minha cor, por ser pardo e eu sempre morei em bairros maioria negros então eu tinha aquele bullying para o meu lado a molecada, né? Quando cheguei em Lagarto já cheguei revoltado pelo contexto familiar também e eu comecei a ver bullying eu praticava bullying também mas eu comecei a ver bullying na escola de um grandinho, de um riquinho eu me incomodava mais com os grandinhos que achava que podia mexer com os nerds assim mexer com os meninos mais calados mexia com um cara que nem eu que era magrinho, então eu comecei a praticar bullying com os caras que praticavam bullying né?!

Uma das questões bastante levantada pelas vítimas agressivas se dá a falta de atenção dada pelas autoridades da instituição educacional, pois a falta de proteção acaba gerando atuações distintas do papel comum das vítimas temerosas, uma espécie de auto proteção situacional, quando a vítima se vê acoitada, não encontra outra alternativa senão

a utilização da violência como uma ferramenta de proteção e interação diante da micro situação, já que não há segurança quanto sua integridade física e moral, como afirma Ronaldo (VV09MPHT), “eu não acredito que exista essa cegueira intelectual que acontecia uma cegueira... acho que era descaso sei lá”.

Pois para que houvesse um sentimento de bem estar, para a vítima agressiva, deveria haver também uma conscientização e diálogo para com os estudantes e as estudantes quanto às práticas de bullying, pois o método de punição está aquém de promover um ambiente mais seguro para os estudantes e para as estudantes, já que o agressor ou agressora, “vai voltar pior ainda porque ninguém está dizendo não rapaz vamos pra cá...vire... evite certos tipos de atitude certos tipos de proceder... eu nunca vi isso daí na escola, só vi punição, punição, punição, punição,” Ronaldo (VV09MPHT) o que expõe que a estratégia punitiva não assegura que as vítimas não sejam violentadas nem interrompe o fenômeno em seus níveis.

A incoação da renitência ao papel de atuação começa quando a vítima agressiva encontra situações que permitam a retribuição de violência. Nesse momento a vítima deixa de ser passiva e começa a assumir a possibilidade de auto proteção baseada as regras do jogo situacional:

chacota com magro chacota com... eu sofri muito pô, eu magro?. Ah vai tomar banho?! Toma banho de braços abertos para não descer pelo ralo está entendendo?! Hoje, eu riu, mas você não imagina o tanto de palavrão que eu conseguia dizer... ninguém veio falar uma vez comigo ninguém veio, ah chamar você de magro, se você já for complexado com meu peso? Você está me ajudando para caramba me chamando de. né?! Chupa molho, forma de fazer cabrunco, e etcetera e tal, você vê altos apelidos rum e nisso que eu comecei a fazer bullying porque eu preferia ser o cara que machuco(sic) do que ser o machucado. Ronaldo (VV09MPHT)

Percebe-se no depoente um sentimento de que esta vítima não apresentará similitudes às demais categorias, e o primeiro passo é se auto afirmar como agressiva:

Para o predador ver que você também morde. Você começa a assumir uma outra posição a sociedade começa a te ver de outro jeito, porque se ninguém resolve por mim eu resolvo. Literalmente foi assim comigo tem altos contextos pode ter cara que vai ouvir aí e vai querer botar um sentido melhor... se esse cara tivesse feito assim P\*\*\* nenhuma po\*\*\* nenhuma quem sabe sou eu quem sentiu nas pregas tem uma hora que você começa a ter que....se

auto afirmar começa... pô... eu já sou ... tive que virar um bicho que comia bicho. Né?! Entende?! Entende? Ronaldo (VV09MPHT)

O espaço tempo também é um marco que determina as possibilidades de interação no espaço escolar. Ultimamente, o mundo virtual faz parte do convívio de uma grande parte dos estudantes e das estudantes do ensino fundamental e médio – escrevo grande parte porque, durante a execução dessa pesquisa, as ferramentas virtuais de captação de dados não surtiram efeito previsto devido a uma considerável parte dos estudantes e das estudantes não terem acesso – algo que é distinto do ambiente em que a vítima agressiva demonstra em seu depoimento:

Ali nos anos 90... não tinha negócio de filosofar Ah vou mandar uma mensagem de texto pra você xingando tua mãe compadre... não tinha isso não... olhe vou te pegar no final da aula...na hora da saída vou te quebrar....né?! Isso daí era o Whatsapp® da gente porrada no final da escola tinha negócio de grupinho para. negócio de se xingar. Ronaldo (VV09MPHT)

Ainda que a vítima agressiva esteja tomando para si comportamentos e atitudes que possuam a estigma de serem agressivos, durante os primeiros momentos do *continuum* de violência ela ainda não se sente parte do papel de agressor e apresenta justificativas que se tornam plausíveis para a formação desse papel, como mostrado no diálogo do terceiro grupo focal da primeira escola:

(eu) quantas pessoas chamam vocês de quatro olho?

Juliana (GFI302FB) Oxe ninguém, se me chamar de quatro olho eu nem sei o que é que eu faço

Andréia (GFI303FP) Deixe eu contar viu....

Matheus (GFI304MP) Então vamos testar...

Andréia (GFI303FP) Vá chame

Juliana (GFI302FB) Chame que na saída eu te acerto hahhahahahahaah

Matheus (GFI304MP) Olhe professor está vendo? Calminha...

Uma observação importante se dá em uma caracterização de vítima utilizada por Ana Beatriz Barbosa Silva (2015)<sup>12</sup> que é a vítima provocadora, esta se enquadra em uma resistência da vítima agressiva vinda antes de outros atos não verbais ou verbais mais incisivos, ou seja, através de provocações a vítima agressiva tenta apresentar uma

resistência, ainda que não seja párea para o agressor ou agressora, e esta classificação pode ser tratada como uma vítima agressiva nesse item abordada, a diferença é que esta vítima não oferece risco à situação de dominação, muito pelo contrário, essa atuação acaba por incentivar que o agressor ou agressora assuma uma posição mais violenta e que o ritual se direcione para a agressão física ou agressão verbal mais acerada se inicie mais brevemente.

Já que por não haver um acompanhamento que interfira diretamente nas ações dos agressores e agressoras, a situação mais admissível situacionalmente para a vítima é a reação:

Quer dizer que você é um valentão deixe estar que eu não era... eu era o co... assim, o medroso que cansou de apanhar e tomou gosto depois que começou a bater está entendendo?! Então teve muita reação muita reação mesmo né?! Das duas partes das partes de professores de quem devia dar conta de mim não deu, teve por parte dos alunos de se afastar, outros de usar né?!  
Ronaldo (VV09MPHT)

Assim se encerra as possibilidades de papéis apresentado pelas vítimas durante a realização dos grupos focais, entrevistas e aplicação de questionários. Podemos perceber à priori o ambiente situacional do bullying nos é apresentado apenas com a interação do agressor ou agressora com a vítima temerosa isolada, algo muito apresentado por toda a literatura e mídia.

No entanto quando adentramos no microuniverso do bullying entendemos que a dimensão interacional não possui apenas essas duas atuações, os rituais interação se apresenta de formas variadas, dentre elas as formas parasíticas, muito bem conhecida onde um agressor ou agressora coage uma vítima temerosa e isolada, mas também mutualística, onde o agressor ou agressora mantêm uma interação em que a vítima sociável e temerosa procura reduzir danos de situação do bullying e muitas vezes não é escolhida como vítima, enquanto o agressor ou agressora se beneficia com os demais bens, materiais, intelectuais, etc. Estabelecendo assim um ambiente de interações em que rituais e que a maior parte de seus pertencente são solidários.

## **6. Espectadores e espectadoras**

Esse terceiro papel presente no bullying se caracteriza como um papel complementar, sua participação é importante ao fenômeno por servir de manutenção e

---

<sup>12</sup> Conferir capítulo 1 Bullying dessa mesma dissertação.

um incentivo às ações do agressor ou da agressora, embora este não possa não estar presente quando a vítima e o agressor ou agressora estiverem em um ambiente afastado dos demais membros escolares, como por exemplo em um banheiro, em salas de aula quando os demais estudantes saíram para o intervalo ou quando há um outro evento em que propicia aos atores e atrizes sociais do bullying hajam sem a presença dos espectadores ou espectadoras.

Na pesquisa feita por questionário 27 das 36 meninas afirmaram testemunhar bullying de alguma espécie, seja ele físico, moral, verbal, etc. Já no grupo dos meninos o número alcançou uma marca próxima, 26 dos 35 meninos que responderam os questionários afirmaram ter testemunhado os casos de bullying, o que nos oferece informações importantes quanto ao terceiro papel social diante do ritual de interação por esta dissertação abordado.

De acordo com o artigo publicado por Ana Maria Logatto Tossito no site da Universidade de Araraquara, é percebido que o “espectador é um personagem fundamental no bullying” (TOSSITO, 2021), pois à este papel é dado a manutenção e o status da ação, e pode ser tornar decisivo quanto a gravidade ou atenuação da fenômeno. Pois a depender da atuação da plateia o ato pode ser interrompido, caso as testemunhas resolvam proteger a vítima da violência, ou legitimado, servindo de espetáculo para os presentes, como afirma com expressão de satisfação quando esteve no papel de plateia Camila (GFI301FP) “oxe? Vou ali comprar um refrigerante e uma pipoca para assistir tudo.”

Para Osmário (GFI101MP), “alguns gostam outros não, porque alguns se intrometem outros não, a maioria gosta ficam sorrindo, fica botando fogo [incentivando a pratica] fica gritando... ééééé.” Isto é, assumem então o papel de incentivo e manutenção quanto ao ritual do bullying, assim como afirmam com satisfação e sensação de estarem participando de algo grandioso, “nesse dia foi épico” (Andréia, GFI303FP) quando uma menina praticava bullying com a outra e culminou com uma grande briga que trouxe uma grande quantidade de estudantes durante o ato.

Para alguns espectadores ou espectadoras há apatia quanto ao fenômeno, nessa forma, estes ou estas se tornam apenas observadores ou observadoras do ritual de interação presente no bullying. No caso de Andréia (GFI303FP) e de Tamirez (GFI202FP) quando presenciaram o ato assumiram apenas o papel de espectadoras passivas, como contribuiu com a fala Andréia (GFI303FP) “Ei ela sofre porque os outros

ficam chamando ela(sic) de boca torta,” igualmente em sua contribuição valorosa, Tamirez (GFI202FP) “até hoje chamam as duas de quatro olho.” Algo que atribui o papel de espectador passivo ou espectadora passivas ainda muito presente em situações nos ambientes escolares.

Contudo nem todos ou todas que fazem parte do papel de testemunha ficam apenas observando, algumas dessas testemunhas apresentam um sistema espécie de sistema deregras, - muito parecido com um *código de luta*<sup>13</sup> apresentado quando alguns amigos pré-adolescentes ou até mesmo adolescentes se desentendem e brigam - cuja manutenção do ritual de interação pode ser ou não interrompida graças a infrações desse sistema. Em um dos grupos focais dos apareceu um tipo de *código de bullying*<sup>14</sup>, onde algumas regras aparecem como tipo corpóreo e merecimento da agressão, isto é, caso a vítima seja merecedora das agressões, o bullying pode dar continuidade com a manutenção e leniência dos espectadores e espectadoras. Como Trazido pelo III grupo focal da Escola Municipal Manuel de Paula Menezes Lima:

(Camila) Se ver uma pessoa assim eu não deixo não. Agora se ela merecer você pode apanhar minha filha

(Juliana) na minha ninguém vai se meter... eu vou me meter? mais menino...

(Camila) Não filha eu se(sic) meto mas se a pessoa for assim...

(Andréia) Se for do mesmo tamanho eu deixo agora se for um menor e um grandão eu entro.

(Camila) A menina pode estar errada, mas se um for grande e o outro for uma criança, minha filha ela leva uma surra

Em relação as interações do bullying, a rede apresentada pelos espectadores e espectadoras se dá de forma observacional, embora, como citado acima, algumas vezes haja interrupções diante de algumas regras apresentadas por alguém que esteja presente como espectador ou espectadora. No entanto grande parte do papel espectador pode estar

---

<sup>13</sup> Algo que preserve a ação de uma luta de rua justa, desde que seja por regras subjacentes, como mesmo top (tipo de massa corpórea e idade aproximada), um contra um, mãos limpas (sem o uso de objetos)

<sup>14</sup> Assim como o código de luta, é elaborado situacionalmente pelos atores envolvidos - excluindo a vítima -, na forma de apresentar uma disputa justa e “segura” do espetáculo.

constituído por vítimas temerosas ou vítimas sociáveis apaziguadoras, já que é uma oportunidade de não estar presente como vítima na situação do bullying, assim como pode haver a participação de agressores ou agressoras que por não praticarem o bullying, podem “saciar” sua vontade com o espetáculo o qual participam como coadjuvantes, evitando assim sofrerem as penas de uma participação ativa do bullying

No segundo grupo focal da Escola Manuel de Paula de Lima Menezes houve dois testemunhos interessantes que foram trazidos por uma estudante. No primeiro ela foi espectadora de bullying racista:

(Fabiana) Eu era criança, eu acho que tinha pelo menos 6 anos e eu tinha uma amiga negra e tinha um menino branco que chamava ela de macaca e isso tal coisa e ela ficou triste, e eu falei para a professora que eu estava cometendo racismo né?! Tipo falar qual era o menino para não fazer isso, ela também chamou a menina de macaca...

(eu) Vixe....

(Fabiana) E gritou na minha cara: ah, mas ela é negra mesmo.

No segundo foi testemunha de bullying de gênero, ou sexual, mas no segundo atuou como uma espectadora participante: “Fabiana (GFI101FP) Porque o menino puxou o cabelo da minha amiga aí eu taquei uma cadeira nele hahahahahahahahaha.” Fazendo com que uma mesma estudante, através de seus depoimentos, pudesse apresentar um papel diferente a cada situação, de agressora dominante competitiva, espectadora passiva e ativa, à vítima temerosa e dominada em ambiente domiciliar.

Para a vítima é possível de que durante o não sofrimento do ato, em um momento em que a micro situação não determina que a vítima será violentada, o ritual do bullying a capture de uma forma diferente, nesse caso a ação próxima mas com outro ator, no caso um amigo ou amiga, faça com que esta apresente um papel de espectadora ou espectador “um amigo, que é meu amigo até hoje, conheço desde a infância mais de dez anos, sofria muito com isso ele era muito gordo no tempo ele era obeso era bem pobre não passava perfume eu vi ele muitas vezes chorar, mesmo na escola por conta disso e tudo.” Eduardo (VV01MPHT)

Quando se acompanha de perto, a testemunha do ato de bullying pode desenvolver compadecimento, empatia quanto ao sofrimento presenciado. Tal experiência foi relatada pelo depoimento de Bernadete (VV07FPHT) sobre uma amiga sua que por ter uma parte

do corpo diferente das partes dos demais e das demais estudantes sofria bullying:

(eu) Alguma amiga sua sofria assim algum preconceito semelhante?

Bernadete (VV07FPHT) Sim, também, mas ela era aparência porque ela tinha assim a arcádia dentária alta aí chamava de besta que era um cavalo que tinha um queixão levantado, cabelo mais ruim. Ela ficou bem abatida mesmo.

Algo também percebido no terceiro grupo focal da segunda escola:

Caroline (GFII305FN) Dente feio demais separado, torto

Maria (GFII303FP) Pode citar o olho também?! Hahahahaaha

(eu) pode, pode, é porque assim também o olho o cabelo o nariz a boca tudo isso também é considerado

Caroline (GFII305FN) o dente

(eu) é o dente também pode ser considerado também a depender do dente das pessoas. Por questão de tipo de bullying o que mais vocês podem determinar que seja um?

Caroline (GFII305FN) Acho que mais o corpo

(eu) Sim o corpo

Lucas (GFII302MN) a forma né?!

Caroline (GFII305FN) tipo físico é o bullying....

Maria (GFII303FP) Se você acha tipo para você que ela é gorda e não comentasse beleza, mas fica comentando por aí

Sumarizando as definições e contribuições dos depoimentos, diante dos papéis de espectadores e espectadoras percebe-se três tipos de atuações, em uma microssituação a plateia se mantém apática, todo o ritual de interação do bullying decorre sem nenhuma interferência, como expressou Juliana (GFI302FB) “na minha ninguém vai se meter. eu vou me meter? mais menino...”. Em uma segunda micro situação a audiência desfere palavras de incentivo e participa com apreciação da peça. Na terceira a audiência interfere na realização do bullying, protegendo a vítima ou realizando bullying com o agressor ou agressora, “quando eu via alguém batendo em um nerd assim por exemplo chamava nerd que eu via mexendo com magrinho não sei o quê eu ia junto e batia no cara, era minha

forma de praticar, de revidar também” Ronaldo (VV09MPHT).

Por fim percebe-se que na interação ritual apresentada pelo bullying há uma rede de dependências que se torna essencial para a manutenção desse fenômeno violento presente no espaço escolar. Através das classificações desses atores e atrizes sociais envolvidos no fenômeno, se constrói uma percepção sociológica de grande valia para a observação micro interacionista desse micro ambiente, entender quais são os papéis sociais de cada ator e cada atriz nos auxilia a entender como se dão os símbolos presentes nas interações rituais e como estes são criados e como funcionam para a solidariedade presente no bullying. Fenômeno que embora possua grande acervo na literatura apresentando sua problemáticas, ainda se apresenta tão presente no cotidiano de alguns jovens, em sua passagem escolar.

## Considerações finais

Este estudo tratou de entender como o bullying ainda é normalizado dentro dos espaços escolares. Contudo a forma de se entender esse fenômeno foi direcionada pelas lentes do interacionismo, a fim de perceber nuances que são apresentadas somente em escala micro, já que o bullying foi percebido como algo dinâmico e construído continuamente em sua micro situação. Dadas as circunstâncias situacionais, dominar a vítima na interação, por meio de símbolos é algo presente em todos os casos, tornando-se a principal essência do fenômeno.

Diante das situações pela pesquisa de campo alcançadas, através de grupos focais, entrevistas e questionário, foi constatado que os rituais de bullying ainda estão presentes no universo escolar. Dos 12 entrevistados e entrevistas via face a face, do público discente presente nos grupos focais, 30 estudantes, e nos 71 respondentes do questionário, presenciaram ou estão presenciando o fenômeno bullying em suas vidas escolares. O ritual de dominação se mostra imperecível no cotidiano estudantil, embora se mostrem novos elementos, como no caso do campo virtual, demonstrando que ainda se torna relevante pesquisas sobre esse objeto de estudo.

A sociologia micro interacionista permitiu captar as micro nuances construtoras do ritual de interação do bullying. A maior parte dos tipos de dominação encontrados durante a pesquisa de campo foram legitimados pelos símbolos que seus agressores ou agressoras tinham como importante. Ao mesmo modo, foi percebido que os indivíduos assumiam papéis diante do fenômeno que traziam elementos presentes na taxonomia micro interacionista, cujas ferramentas permitiram a aferição dos principais dramas envolvendo estes atores e estas atrizes, desde agressões simbólicas, verbais às agressões físicas.

Essas interações violentas são movidas por símbolos que possuem significados para os agressores e agressoras. Símbolos contidos no ritual de dominação do bullying, presente nessa dissertação, são oriundos dos ambientes anteriores à micro situação examinada. Assim como uma leitura sobre o trabalho de Randall Collins (2003) apontou, as redes de rituais de interação continuam sendo importantes a construção social das interações. Nessa dissertação foi percebido que as interações domiciliares, medidas por valores individualistas, racistas, homofóbicos, sexistas, etc., constroem símbolos, e os agressores ou agressoras reforçam nos e os transformam em principais norteadores da

prática de violência na interação discente, tais símbolos são empreendidos graças ao poder de dominação dos agressores e pelas agressoras por meio do fenômeno bullying.

Os motivos são os mais variados, contudo a maior parte destes se dão no campo da depreciação da identidade das vítimas, seja esta corporal ou comportamental. Homofobia, sexismo, e traços corpóreos, como racismo, gordofobia, são os principais tipos de bullying percebidos pela dissertação. Isto é, a discriminação, por conta da identidade do público discente, foi o maior ingrediente presente nos valores dos agressores e das agressoras, estes valores funcionam como símbolos durante o ritual de dominação situacional. Confirmando então que a tipologia do bullying transita pelo corpo da vítima, quer seja em seu comportamento, quer seja em seus traços identitários.

E dentro destes, como estão presentes percepções sobre o que vem a ser a alteridade, o outro em choque com o eu, concepções construídas socialmente por meio de suas redes prévias, pois a infância e juventude são marcadas por mudanças no corpo, e por isso é comum o estranhamento do outro durante suas interações primárias. Assim como percepções preconceituosas sobre estes, e essa identidade torna-se palco das percepções de diferenças, também construída pela cultura e idade, culminando em características que concomitantemente formam a juventude e seus rituais de interação.

Tais valores reforçam a dominação das vítimas por meio de percepções errôneas sobre o corpo do outro ou da outra. Seus marcadores sociais são tidos como diferentes e passíveis de dominação, tornando-se principais estigmas a serem depreciados na situação de domínio. Valores ingredientes para a confecção de símbolos que são utilizados como ferramenta da dominação situacional dos mais vulneráveis pelos agressores ou agressoras. Símbolos estes que são compostos de construções sociais sobre o outro, quer sejam em escala micro, como uma percepção ao estranho situacionalmente construída, ou seja em escala macro como uma discriminação oriunda da estrutura social.

O estudo apontou para a compreensão de que o ritual bullying ainda se mantém forte nos espaços escolares, e que novos elementos são acrescentados à micro situação, como misandria e ambiente virtual por exemplo, atores, agressores ou agressoras, vítimas e espectadores ou espectadoras, ambiente escolar, micro situação em que autoridades da instituição não se encontram, pelo menos em sua maioria.

Outro ingrediente importante desse estudo foi perceber o bullying como um ritual. Embora uma das partes seja forçada a participar deste, há um corpo de valores e ideias

que unem os atores e atrizes em torno desse fenômeno, tais valores são caracterizados pelos símbolos sacralizados pelos papéis dos agressores e agressoras. Símbolos são os dogmas do ritual do bullying, e a ação são atitudes de dominação situacional. Embora esteja em uma escala micro situacional, é inerente ao bullying um sistema cultural de comunicação simbólica, seus papéis, seus dramas e enredo.

Foi percebido aos seus membros pertencentes, os estudantes, compartilhamentos de ação e consciência, assim como compartilhamento de emoções. Em uma parte desenvolve o medo enquanto em outra partes, o agressor ou agressora e espectadores, espectadoras a excitação com a provocação do medo, conquanto serem diferentes estas percepções quando se descortina uma polaridade, seus membros se comunicam, se reúnem e atribuem significados através do medo. Logo o medo, como forma de dominação, se torna o principal componente no drama desses atores e atrizes, em sua encenação.

Embora seja um tipo de ritual em que uma parte exerça violentamente uma participação, tal característica pode ser percebida por Randall Collins em seu livro redes de rituais de interação (2003, p.53) quando caracterizou como ritual forçado, os demais elementos constituintes de um ritual estão contidos, assim como o primeiro ingrediente de uma visão durkheimiana de rituais está presente, reunião física do grupo - embora na atualidade não precisemos de tal premissa, graças ao advento da tecnologia virtuais - , o segundo ingrediente: proibição de pessoas não pertencentes ao ritual, nesse caso as autoridades da escola que por ventura terão o poder de fragmentar e extinguir o ritual, terceiro ingrediente os estudantes mantêm o foco no sistema de dominação, embora forçadamente para as vítimas e por fim compartilham uma experiência emocional nesse caso o medo, o agressor ou agressora domina a vítima por ele.

Todos esses elementos foram percebidos durante a pesquisa de campo. O bullying no ambiente escolar ainda perdura. É um ritual de interação que se mostra pertinente, ainda que surjam novas formas de comunicação entre os estudantes e as estudantes, assim como vídeo aulas, elemento novo trazido pela pandemia de Covid-19 e os avanços tecnológicos da terceira revolução industrial, o bullying terá seus ingredientes rituais mantidos, abrindo espaço para atualizações em seu campo situacional, mas mantendo reunião, compartilhamento de símbolos, foco e proteção quanto a pessoas não aceitas. Nesse ritual se adiciona o elemento dominação.

E a naturalização, ou normalização, desse fenômeno se dá porque para os agressores ou agressoras, suas ferramentas de dominação são legitimadas pela importância que dão aos símbolos presentes em redes de rituais de interação que foram vivenciadas previamente em outras situações. Sejam estas normalizadas em interações com pais e mães e demais familiares, assim como em situações onde há interações com moradores próximos ao seu domicílio, como amigos, amigas, vizinhos, vizinhas.

Como relação a lente utilizada pela dissertação, houve durante todo o trabalho enfoque na questão micro da perspectiva sociológica, dado que Randall Collins (2003/2008) e Erving Goffman (2012/2021) preencheram grande parte dos conceitos nessa dissertação apresentado, por isso fatores ligados ao mundo macro sociológico não constaram em considerável parte do estudo, embora apareçam citações de Florestan Fernandes (2008), Heleieth Saffioti (2001) como fontes oriundas de determinados símbolos contidos nas redes de rituais de interação prévias ao fenômeno. Isso não quer, em momento algum, deslegitimar a importância da macro sociologia, apenas apresentar uma percepção diferente do fenômeno graças à sua ecologia.

Conclui-se que o bullying ainda faz parte do micro ambiente escolar de muitos e de muitas jovens das escolas de ensino públicas. Este se mostra como um ritual de interação com símbolos inerentes em muitas micro situações prévias ou também de origem macro sociológica. Embora haja novos elementos ao enredo - como o campo virtual provindo do novo padrão de sociedade que temos hoje, chamado por alguns pensadores e algumas pensadoras como a quarta revolução industrial – as premissas para a ocorrência do ritual permanecem intactas.

## Referências Bibliográficas e Eletrônicas

- ABRAMOVAY, Mirian. **Cotidiano das escolas entre violências**. Brasília. UNESCO. 2005
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelho ideológico do Estado**. Lisboa/Portugal. Ed Presença/ Martin Fontes. 1970
- ARAGUAIA, Mariana. O bullying na escola e o preconceito nosso de cada dia. **Brasil escola**, Canal do educador. S/D. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/comportamento/o-bullying-na-escola-preconceito-nosso-cada-dia.htm>> Acessado em 11 de maio de 2021.
- AS BRASILEIRAS. Direção de Daniel Filho. Brasil. Rede Globo 2012. (30 min episódio)
- AS 10 coisas de ódio em você. Direção de Gil Junger. EUA. Walt Disney pictures 1999. 1 DVD. (1h37min)
- Asteca Sacrificavam Humanos em Larga Escala Durante Rituais para Os Deuses. **TiltUOL**. 26 de junho de 2018. São Paulo/SP. Disponível em <<https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2018/06/25/civilizacao-asteca-sacrificava-humanos-em-larga-escala-em-rituais.htm>> Acessado em 01/11/2021
- BARBOSA, Ivan. Contribuições de Randall Collins à Sociologia do Conhecimento. **XVII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Porto Alegre/RS. 2015 20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)
- BARBOSA, Ivan. **Regulação social ou conhecimento poderoso?** Possibilidades do currículo em Thomas Popkewitz e Michael Young. 2012
- BARBOT, Janine. Conduzir uma entrevista de face a face. In PAUGAN, Serge. **A pesquisa Sociológica** .2015. p. 102 - 123
- BECKER. Howard. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Trad. Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro/RJ. Ed ZAHAR. 2008

BERGAMO, Karoline. Os oito tipos de bullying. **Abril**. 13 de abril de 2018. Disponível em < <https://saude.abril.com.br/bem-estar/os-8-tipos-de-bullying/>> Acessado em 20 de agosto de 2021

BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: um tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes. 1985

BETONI, Camila. Bullying na escola. **Info Escola**. S/D Disponível em < <https://www.infoescola.com/sociologia/bullying-na-escola/>> acessado em 10 de maio de 2021

BITTENCOURTA, Maria Romanio et al. **Variables involved in the management of school bullying: a bayesian network analysis**. Rev. paul. pediatr. vol.39. São Paulo 2021 Epub Aug 26, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2019079> > Acessado em 10 de Janeiro de 2021.

BLUMER, Herbert. **The symbolic interacionism**. Los Angeles Califirnia USA. Ed university of california press. 1969

BLUMER, Herbert. A natureza do Interacionismo Simbólico. In: MORTENSEN, David. **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980

BOEHM, Camila. Pesquisa mostra que discriminação contra homossexuais está presente em escolas. **Agencia Brasil**. 25 de março de 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/pesquisa-mostra-que-discriminacao-contra-homossexuais-esta-presente-em>> acessado em 11 de maio de 2021

BOURDIEU, Pierre. **Escrito da educação**. Petrópolis/RJ Ed Vozes. 2007

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **O ofício do sociólogo**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes. 2010

Brasil é o 2º país com mais casos de cyberbullying no mundo, segundo pesquisa. **Jornal Tribuna**. 24 de setembro de 2021. Disponível em <<https://jornaltribuna.com.br/2021/09/264453-brasil-e-o-2o-pais-com-mais-casos-de-cyberbullying-no-mundo-segundo-pesquisa/>> Acessado em 20 de março de 2022

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes. 2007

Briga entre estudantes de Sergipe são registradas e caem nas redes sociais. **G1**. Se. 06 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2014/08/brigas-de-estudantes-de-se-sao-registradas-e-caem-nas-redes-sociais.html>> Acessado 10/01/2021

Briga entre estudantes termina mal em Aracaju. **F5news**. 25 de agosto de 2015. Disponível em: <[https://www.f5news.com.br/cotidiano/briga-entre-estudantes-termina-mal-em-aracaju\\_23562/](https://www.f5news.com.br/cotidiano/briga-entre-estudantes-termina-mal-em-aracaju_23562/)>. Acessado 08/01/2021

Bullying, retrato de um sistema. **Outras palavras**. 13 do dezembro de 2018. Disponível em <<https://outraspalavras.net/sem-categoria/bullying-retrato-de-um-sistema/>> Acessado em 10 de maio de 2021

CARVALHO FILHO, Juarez Lopes. **Rituais de Interação na Vida Cotidiana**. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 15 - Nº 34 - Set./Dez. de 2016

Caso de Bullying nas escolas é tema do Bom dia Sergipe. **Globoplay**. 08 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6487735/>> Acessado em 10/01/2021

CHARLOT, Bernard. **Como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias. no.8 Porto Alegre July/Dec. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016> > Acessado em 09 de Janeiro de 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência no Brasil**. Revista Bioethikus - Centro Universitário São Camilo. São Camilo/SP - 2011;5(4):378-383.

COLLINS, Randall. A inflação do bullying: do bicha ao cyber efervescente bode expiatório. **The Sociological Eye**. Tradução BONFIM, Rodrigo. 07 Julho 2011. Disponível em <<http://sociological-eye.blogspot.com/2011/07/inflation-of-bullying-from-fagging-to.html>> Acessado em 02/01/2021

COLLINS, Randall. Estratificação Situacional: uma teoria micro-macro da desigualdade. **In Interaction Ritual Chains**. Tradução BANNEL, Ralph Igns. Nova Jersey. Princeton. 2003

COLLINS, Randall. **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes. 2017.

COLLINS, Randall. **Violence: a micro sociologic Theory**. Princeton University Press. 2008

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Tradução Ana Teixeira; prefácio Marília Pontes Sposito. São Paulo/SP. Ed Cortez. 2017. p.128 -178

COURA, Maria da Piedade Soares. **Violência Escolar: uma reflexão sobre o bullying no contexto escolar**. Trabalho conclusão de curso (graduação em Pedagogia – Modalidade à distância). João Pessoa/PB. UFPB. 2017

CRASH: no limite. Direção de Paul Haggis. EUA. Image Films. 2004. 1 DVD 1h47min

DADOUN, Roger. **A violência**. Ensaio acerca do homo violens. Trad. P. Ferreira, C. Carvalho. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DEBER, Charles. MAGRASS, Yale. Bullying, retrato de um sistema. **Outras Palavras**. 13 de dezembro de 2018. Disponível em < <https://outraspalavras.net/sem-categoria/bullying-retrato-de-um-sistema/>> Acessado em 20 de março de 2021

DIEHL, Fernando. **A Escola como espaço cotidiano de Interação e o uso do Interacionismo Simbólico como instrumento metodológico**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora/MG, n. 20 (2015) Jul/dez., p. 72 - 91.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo/SP. Ed Martins Fontes. 1996

DURKHEIM, Emile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo/SP. Ed Martin Claret. 2008

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes. 2014

DURKHEIM, Emile. **Educação Moral**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes. 2012

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro/RJ. Zahar. 1990

Escola é condenada a pagar celular furtado na sala de aula. Revista **Consultor Jurídico**, 14 de março de 2006, 13h22. Disponível em:

<[https://www.conjur.com.br/2006-mar-14/escola\\_responde\\_furto\\_dentro\\_sala\\_aula](https://www.conjur.com.br/2006-mar-14/escola_responde_furto_dentro_sala_aula)>

Acessado em 11 de agosto de 2021

Estudantes LGBT se sentem inseguros nas escolas aponta pesquisa. 18 outubro de 2017. **CAMARA LEGISLATIVA FEDERAL**. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/525534-estudantes-lgbt-se-sentem-inseguros-nas-escolas-aponta-pesquisa/>> acessado em 10 de maio de 2021

FANTE, Cléo. VENTURA, Alexandre. **Bullying: a intimidação no ambiente escolar e virtual**. Belo horizonte/MG. Ed Conexa. 2011

FARO, André. SILVA, Joilson. SOUZA, Jackeline. **Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas**. Psicol. Esc. Educ. vol.19 no.2 Maringá May/Aug. 2015. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837> > Acessado em: 10/11/2020.

FIAUX, Gus. Homem Aranha: Como Flash Thompson descobriu a identidade secreta de Peter Parker. **Legiao de heróis**. Janeiro de 2022 Disponível em < <https://www.legiaodosherois.com.br/2022/homem-aranha-flash-thompson-descobriu-identidade-peter-parker.html>> Acessado em 20 de maio de 2022

FERNANDES, Florestam. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo/SP. Ed Globo. 2008

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis/RJ. Ed. Vozes. 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/RJ. Ed. Paz e Terra. 1987

GARGES, Geisy. OLIVEIRA, Viviane. Levaram um pedaço de mim, diz pai de menina espancada por colegas. **Campo Grande News**. 06 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/-levaram-um-pedaco-de-mim-diz-pai-de-menina-espancada-por-colegas>> Acessado 14 de junho de 2021

GATTI, Bernadete. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília/DF. Ed Liber Livro. 2005. P. 07 – 41

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2018.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo. UNESP. 1991

GIL, Antonio Carlos. **Metodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo/ SP. Ed. Atlas. 2008

GLADIADOR. Direção de Ridley Scott. EUA. Columbia Pictures. 2000. 1 DVD (2h35min)

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Trad. Maria Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro/RJ. Ed LTC. 2008

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Trad. Maria Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro/RJ. Ed LTC. 2021

GOFFMAN, Erving. **Rituais de interação**. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis. Ed Vozes. 2011

GOLDENBERG, Mirian. **A arte da pesquisa**. Rio de Janeiro/RJ. Ed Record. 2004

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude, sociologia, cultura e Movimentos**. Alfnas MG. Ed. 2016

GROSSI, Patricia Krieger. SANTOS, Andréia Mendes. **Desvendando o fenômeno bullying nas escolas de Porto Alegre, RS**, Brazil. Revista Portuguesa de Educação, 2009, 22(2), pp. 249-267. Universidade Minho. Disponível em: <<https://doi.org/10.21814/rpe.13973>> Acessado dia 01/02/2021.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12. ed. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

Homem invade creche em SC com faca e mata três crianças e duas funcionárias. **G1**. 04 de maio de 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/04/homem-invade-creche-em-sc-com-faca-e-mata-tres-criancas-e-duas-funcionarias.ghtml>> acessado em 06/05/2021

JACKSON, Michael. Beat It. Michael Jackson. Epic. Estados Unidos. 1982. Vinil. 4min20

KUSER, Heitor. ONG Bullying, o bullying institucional. **Administradores.com**. 27 de novembro de 2011. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/ongbullying-o-bullying-institucional>> Acessado 10 de julho de 2021

LOUREIRO, A. M. L. **Violence: paradoxes, perplexities, and reflexes on daily school routines**, Interface \_Comunicação, Saúde, Educação, v.3 , n.5, 1999.

MACIEL, Carlos Alberto Batista. **Ritos Socialização e Poder**. Caderno de campo. Nº8. 2001

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo/SP. Ed Abril. 1978

MANACORDA, Mario. **A história da Educação**. São Paulo. Cortez. 2010

MEDINA, Vilma. As crianças de 11 anos são as mais propensas ao bullying escolar. **Guiainfantil.com**. 19 de setembro de 2016. Disponível em <<https://br.guiainfantil.com/blog/educacao/bullying/as-criancas-de-11-anos-sao-as-mais-propensas-ao-bullying-escolar/>> Acessado em 11/01/2022

MEIRELLES, Elisa. Caso Casey Heynes. **Nova Escola**. 01 de março de 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1454/caso-casey-heynes-o-bullying-e-a-omissao-da-escola>> Acessado em 20/01/2021

MENDES, Carla. **Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção**. Rev Esc Enferm USP 2011; 45(3):581-8

MENEZES, Pedro. Tipos de Bullying. **Diferença**. 27 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.diferenca.com/tipos-de-bullying/> Acessado em 10 de agosto de 2021

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro/RJ. Zahar. 1982

MONSMA, Karl. **Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica**. MÉTIS: história & cultura – Caxias do Sul/RS. v. 6, n. 11, p. 23-37, jan./jun. 2007 p.23-37

NASCIMENTO, Silva. Precisamos falar sobre a diferença entre bullying e racismo pelo bem dos jovens negros. **Mundo Negro**. 07 de setembro de 2018. Disponível em <<https://mundonegro.inf.br/precisamos-falar-sobre-diferenca-entre-bullying-e-racismo-pelo-bem-dos-jovens-negros/>> Acessado em 10 de maio de 2021

NASCIMENTO, Toni. Bullying, o que é? Características, exemplos e consequências. **Segredos do Mundo**. 2021 Disponível em <<https://segredosdomundo.r7.com/bullying/>> acessado em 20 de maio de 2021.

NAVARO, Fredson. FONTINELE, Mariana. Colégio é invadido pela sexta vez esse ano por criminosos. **G1 SE**. 2014. <<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2014/08/escola-e-invadida-pela-sexta-vez-neste-ano-em-aracaju-por-criminosos.html>> Acesso em 08/01/2021.

NESS, Patrick. **O Chamado do Monstro**. São Paulo. Tradução Antônio Xerxenesky. Ed Atica. 2011.

NOVAES, Ícaru. Casos de violência na escola tem precedentes culturais. Site **Infonet**. 2017 disponível em: <<https://infonet.com.br/noticias/educacao/casos-de-violencia-nas-escolas-tem-precedentes-culturais/>> Acesso em 08/01/2021.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência** (Primeiros Passos) Tatuapé/São Paulo. Brasiliense. 2017. Edição do Kindle.

OLIVEIRA, Maria Vitória. Com crianças mais tempo online na pandemia, famílias e escolas precisam ficar atentas ao cyberbullying. **Porvir**. 07 de maio de 2021. Disponível em <<https://porvir.org/com-criancas-mais-tempo-online-na-pandemia-familias-e-escolas-precisam-ficar-atentas-ao-cyberbullying/>> Acessado em 20/05/2022

OLWEUS, Dan. **Problema de Valentão/ Vítima na escola**. European Journal of Psychology of Education. 1997. Vol. XII. Nº 4, 495 – 510. © 1997, I.S.P.A.

OTTO, Isabela. Caso de bullying e racismo contra criança em aniversário revolta internet. **Capricho**. 27 de novembro de 2019. Disponível em <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/caso-de-bullying-e-racismo-contra-crianca-em-aniversario-revolta-internet/>> acessado em 10 de maio de 2021.

PADRINHOS MÁGICOS (THE FAIRLY ODD PARENTS) Criação de Butch Hartman. Direção de Butch Hartman. Estados Unidos, Canada. 2001. Son., Color. Série Animada exibida pelo canal SBT.

PARANÁ, Secretaria de estado de educação. Bullying, retrato de um sistema. Entrevista com DEBER, Charles. MAGRASS, Yale. 05 de dezembro 2017. Disponível em

<<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=628&tit=Bullying-retrato-de-um-sistema>> acessado em 10 de maio de 2021

PARIZOT, Izabele. A pesquisa por questionário. In PAUGAN, Serge. **A pesquisa Sociológica**. Petrópolis/RJ. Ed vozes. 2015 p. 85 - 101

Pesquisa da ONU mostra que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu bullying. **Nações Unidas Brasil**. 13 de janeiro de 2017. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/75467-pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-do-mundo-ja-sofreu-bullying>> Acessado em 10 de abril de 2022

Pesquisa do UNICEF: Mais de um terço dos jovens em 30 países relatam ser vítimas de bullying online. **UNICEF**. 04 de set 2019. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relatam-ser-vitimas-bullying-online>> Acessado em 20 de nov de 2021

Presidente leva menina com down afastada das aulas de volta para a escola na Macedônia. **Folha de São Paulo**. 12 de fevereiro de 2022. Disponível em <[https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/presidente-leva-menina-com-down-afastada-das-aulas-de-volta-para-a-escola-na-macedonia.shtml?pwgt=lcwn02wdohn23llbvw982e45b9f0hdo4z1sca8c40q1o3w8y&utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compwagift](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/presidente-leva-menina-com-down-afastada-das-aulas-de-volta-para-a-escola-na-macedonia.shtml?pwgt=lcwn02wdohn23llbvw982e45b9f0hdo4z1sca8c40q1o3w8y&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift)> Acessado 14/02/2022

QUANTO vale ou é por quilo. Direção e produção Sergio Biachi. Rio de Janeiro: Rio Filme. 2005. 1 DVD (1h 50 min)

Quase metade dos alunos relatam sofrer violência física ou verbal. **Folha Vitória**. 03 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.folhavitória.com.br/saude/noticia/02/2019/quase-metade-dos-alunos-de-escola-publica-relatam-sofrer-violencia-fisica-e-verbal>> Acessado em 02/01/2021

RAMALHO, Christina. O sujeito cultural híbrido: uma categoria para se repensar identidade. In GOMES, Carlos Magno. ENNES, Marcelo Alário. **Identidades: teoria e prática**. São Cristóvão/SE. Ed UFS. 2008

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo/SP. Ed brasiliense. 1988

RODRIGUEZ, Will. Maioria dos professores em Sergipe já presenciou violência nas escolas. **F5 News**. 22 de outubro de 2017. Disponível em: [https://www.f5news.com.br/cotidiano/maioria-dos-professores-de-sergipe-ja-presenciou-violencia-nas-escolas\\_42028/](https://www.f5news.com.br/cotidiano/maioria-dos-professores-de-sergipe-ja-presenciou-violencia-nas-escolas_42028/). Acessado em 16/10/2020

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 2011, 151p.

SAKAMOTO, Cleusa. A fase da juventude. **Vida Pastoral**. Julho-Agosto de 2018. Ano 59- Número 322. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/edicao/a-fase-da-juventude/>> Acessado em 20/01/2022

SANDSTROM, Kent. MARTINS, Daniel. FINE, Gary. **Símbolos, selves e realidade social**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes.

SANTOS JUNIOR, Jairo José dos. O conceito de Bullying escolar: um contraponto sociológico frente ao discurso hegemônico. 2017. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN. 2017

SCHÜTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social**. Uma introdução à sociologia compreensiva. Petrópolis/RJ. Ed Vozes. 2018

SETE minutos depois da meia noite (A monster calls). Direção de Juan Antonio Bayona. Reino Unido, Estados unidos, Espanha. Diamond Films. 2017. 1 DVD (1h48min)

SIEFERT, Alfredina. **Pelo teu direito de ter uma boa lembrança na escola...Bullying não!**. Orientadora Ione as Silva Jovino. 41p. Jaguariá/PR. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2008. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1547-6.pdf>> Acessado em 30 de maio de 2022.

SILVA, Ana Beatriz B. (Ana Beatriz Barbosa) **Bullying : mentes perigosas nas escolas** - [2. ed.] - São Paulo : Globo, 2015.

SILVA, Moura. Bullying: sua origem e evolução. **Mouracoaching.com**. 02 de setembro de 2015 Disponível em <<https://www.mouracoaching.com/origem-e-evolucao-do-bullying/>> Acessado em 10 de junho de 2020

SIMMEL, Georg. O âmbito da sociologia. IN\_ **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro. Ed Zahar.2006 P 07 – 38.

SOUSA, Jessé. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro/RJ. Ed Estação Brasil. 2018

SPOSITO, Marília Pontes. SOUZA, Raquel. SILVA, Fernanda Arantes e . **A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos**. Artigos • Educ. Pesqui. 44 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634201712170308>> Acessado dia 22 de junho de 2021

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e escolarização**. Brasília/DF. Ed. INEP/MEC/COMPED. 2002

TAMBIAH, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1985

TAVAREZ, Pricila. PIETROBOM, Francine. Estudos econômicos Violência na escola. São Paulo. 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612016000200471](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612016000200471)> Acessado em 08 de janeiro de 2021

TE PEGO LÁ FORA (THREE O' CLOCK HIGH). Direção Phil Joanou. Produção Universal Pictures. 1987 (97 min)

TODO MUNDO ODEIA O CHRIS (EVERYBODY HATES CHRIS) Criação de Chris Rock, Ali Leroi. Direção de Andrew Orenstein. Estados Unidos. 2005. Son., Color. Série exibida na rede Record. (22 min)

TOSSITO, Ana Maria Logatti. Bullying escolar na adolescência. **Uniara Universidade de Araraquara**. N/D Disponível em <<https://www.uniara.com.br/cop/artigos/bullying-escolar-na-adolescencia/>> Acessado em 12/12/2021

Um a cada três alunos em todo mundo foi vítima de bullying. Viva bem. **UOL**. 05 de novembro de 2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/05/um-em-cada-tres-alunos-em-todo-o-mundo-foi-vitima-de-bullying.htm>> Acessado em 09 de maio de 2021.

VIANA, Nildo. Violência e escola. In **Educação Cultura e Sociedade**. Goiás Goiânia. Ed Germinal. 2002. p.111- 138

VIANA, Nildo. **Juventude e Identidade**. Estudos, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 145-154, jan./fev. 2009. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.18224/est.v36i1.1022>> Acessado em 24/03/2022

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; trad. De Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc. de Gabriel Cohn, 4ª ed. 4ª reimpressão Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015

WEBER, M. “Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft.” In: *Wirtschaft und Gesellschaft*, 4ª edição, organizada e revisada por Johannes Winkelmann. Tübingen, J.C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1956. v. II, p.551-58. Trd. Por Gabriel Cohn. In WEBER, Max. **Sociologia**. Coleção grandes cientistas sociais, n. 13. São Paulo: Ática, 1979, 2003.

XAVIER, Constantina Filha. DUARTE, Juliana Cristina dos Santos. **Violência entre meninas: os dizeres de alunas do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campo Grande / MS**. *Perspectivas em Diálogo*, Naviraí, v. 7, n. 14, p. 5-30, jan./jun. 2020.

**Apêndices**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS Drº JOSÉ ALOÍSIO CAMPOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ORIENTADOR Drº IVAN FONTES BARBOSA

DISCENTE RODRIGO OLIVEIRA BONFIM

LINHA DE PESQUISA SOCIEDADE ESCOLA JUVENTUDE

ROTEIRO DE PESQUISA DE CAMPO - ANEXO

## Método do ambiente 01 Questionário

## AMBIENTE 1

### **Questionário**

#### **presencial**

#### **I Tipos de fontes:**

Estudantes de 13 a 15 anos da Escola Municipal Adelina Maria de Santanta que estejam matriculados no ano corrente (2021) que sejam possíveis praticantes de bullying, possíveis vítimas ou testemunhas.

#### **Período**

01/09 a 01/12

#### **Indicações de perguntas gerais**

Qual sua idade? Qual seu gênero? Já presenciou violência por um longo período na sua comunidade? Você já presenciou casos de discriminação com alguém nas mediações de sua escola? Se sim com qual frequência? Você já presenciou violência entre estudantes? Se sim, com qual frequência? Você sabe o que significa Bullying? Você acha importante conhecer sobre o bullying? Você acha importante falar sobre o bullying? Você acha que discriminação a estudantes diferentes, isolados, não participantes dos grupos dos demais estudantes, pode ser considerado bullying? Você já foi vítima de bullying? Você já cometeu Bullying? Você já testemunhou bullying? Caso testemunhasse alguém vítima de bullying, qual seria sua atitude? Você se sente seguro no ambiente escolar? 14. Você acha que caso houvesse a presença de policiais ou seguranças patrimoniais na escola poderia proporcionar segurança? Você já foi discriminado por conta de sua orientação sexual na escola? Você já foi discriminado por seu sexo na escola? Você já foi discriminado por sua religião na escola? Qual sua religião? Já foi discriminado por sua cor/raça? Você já foi discriminado por ser de outra cidade? Já foi discriminado pelo local de sua moradia (bairro/zona rural)? Você já foi discriminado por possuir gostos, comportamentos e ideias diferentes e se sentir não pertencente a grupo algum de estudantes da escola? Você já foi discriminado por não possuir um bom desempenho em sala de aula? Se sim, por quem? Já pensou em desistir de frequentar a escola? Se sim, qual a causa? Caso tenha sofrido bullying, procurou por ajuda? Se procurou, foi acolhido/acolhida? Você acha que a instituição escola é importante para seu futuro? Por qual razão? Você é a favor de campanhas para que todas as discriminações sejam combatidas? Você se engajaria (participaria ativamente de campanhas) para o combate

ao bullying? Você acha que é importante que a escola faça parcerias com outras instituições para combater quaisquer violências dentro da escola? Você vive em um ambiente doméstico violento? Você vive em um bairro violento? Caso queira, escreva algo que não apareceu no questionário e que é muito importante para o combate ao bullying ou outro tipo de violência na escola. Você já presenciou o bullying em algum desenho, filme, série ou jogos eletrônicos?

# **Método em ambiente 02 Entrevista Face a face**

## AMBIENTE 2

Entrevistas face a face, ou via virtual através de redes sociais, e-mail ou programas de vídeo conferência.

### **Tipos de fontes:**

Ex-estudantes de escolas públicas do município de Lagarto/SE que presenciaram, praticavam ou sofriam bullying.

### **Período:**

01/09 a 01/12

### **Indicações de perguntas gerais:**

Qual sua idade? Qual seu gênero? Já presenciou violência nas limitações da escola? Você já presenciou caso de discriminação com alguém no período em que esteve na escola? Você sabe o que significa bullying? Você acha importante conhecer sobre o bullying? Você já presenciou qual tipo de bullying? Se puder, faça algum relato sobre algum caso de bullying que você sofreu, praticou ou testemunhou.

### AMBIENTE 3

Grupo focal 01 seis estudantes do sexo masculino

Grupo focal 02 seis estudantes do sexo feminino

Grupo focal 03 seis estudantes de ambos os sexos

#### **Tipo de fontes:**

Estudantes de 13 a 15 anos da Escola Municipal Manuel de Paula Menezes Lima que estejam matriculados no ano corrente (2021) que sejam possíveis praticantes de bullying, possíveis vítimas ou testemunhas.

Estudantes de 13 a 15 anos da Escola Municipal Adelina Maria de Santana que estejam matriculados no ano corrente (2021) que sejam possíveis praticantes de bullying, possíveis vítimas ou testemunhas

#### **Período:**

01/09 a 01/12

#### **Indicações de perguntas gerais:**

Qual sua idade? (cada membro do grupo focal) Qual seu gênero? (Cada membro do grupo focal) Já presenciaram violência nas limitações da escola? Vocês já presenciaram caso de discriminação com alguém no período em que esteve na escola? O que vocês entendem por bullying? Vocês sabem o que significa bullying? Vocês acham importante conhecer sobre o bullying? Vocês já presenciaram qual tipo de bullying? Se puder, façam algum relato sobre algum caso de bullying que você sofreram, praticaram ou testemunharam.

### **METODOLOGIA**

Devido os intemperes provocados pela pandemia optei pelo questionário virtual e por entrevistas e pela formação de pequenos grupos focais. Esse conjunto de métodos se apresenta como forma de compensação a ideia inicial de observação sistemática, a orientação do doutor Ivan Fontes Barbosa colaborou para a decisão da escolha dos grupos focais como maior aproximação dos ambientes escolares e inquerir de uma forma mais

direta e prática sobre como esses estudantes e essas estudantes entendem o fenômeno bullying.

Para o uso do grupo focal utilizei o livro *Grupos Focais nas pesquisas sociais* da autora Bernadetti Gatti (2005). Como a pesquisa de mestrado se trata de uma percepção sociológica sobre o fenômeno bullying, “os grupos focais são particularmente úteis nos estudos em que há diferença de poder entre os participantes e decisores ou especialistas” (GATTI. 2005, p. 10), além disso dadas as circunstâncias pelas quais transitamos no momento, a aplicação de uma observação sistemática seria inviável, em contrapartida o “grupo focal permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informação em um período de tempo mais curto.” (GATTI. 2005, p.09)

Como método quantitativo, optei pelo questionário para que pudesse avaliar também o conhecimento sobre dos estudantes sobre o bullying e suas formas, para que assim pudesse traçar melhor as perguntas durante os grupos focais e alcançar maior confiabilidade nas respostas por parte do público discente estudado e que também eles pudessem se sentir mais confortáveis quanto as perguntas e pudesse responder da forma mais natural possível, trazendo suas vivências nas micro situações de bullying e suas perspectivas do que vem a ser esse fenômeno. Para a elaboração do questionário utilizei a leitura de um artigo Isabelle Parizot no livro *a pesquisa sociológica* de Serge Paugan (2017) já que essa ferramenta de pesquisa sociológica autoriza, ainda que seja em ambiente virtual, “uma grande interação com o pesquisado,” (PARIZOT. 2015, p.87), de mais a mais, essa ferramenta auxilia “um conhecimento prévio do ‘terreno’, isto é, da população estudada e do domínio da pesquisa,” (PARIZOT, 2017, p. 89) o que será de enorme valia para as aplicações de grupos focais.

As entrevistas face a face, ou virtual via vídeo conferência, proporcionaram uma percepção de uma outra situação, estas entrevistas tem como objetivo tentar entender como eram as interações simbólicas presentes em uma outra época e situação, cujo relato será de suma importância para uma compreensão de como o bullying era na época dos ex-estudantes e das ex-estudantes e quais são os ritos, presentes nesse ritual de interação entre os estudantes, Janine Barbot (2017, p. 107) afirma que “a entrevista sociológica é uma forma de investigação inabitual, e é no intercâmbio com o pesquisado que o pesquisador poderá precisar melhor sua natureza.” Embora que esta seja virtual, ela possibilitará uma compreensão mais acurada das questões que formaram as práticas de bullying, já que parte de um ponto de vista de um dos atores envolvidos na situação, a

vítima, o agressor ou agressora e ainda o espectador ou espectadora. “A entrevista é uma interação social na qual, como em qualquer outra interação social, entre em cena um conjunto de elementos heteróclitos suscetíveis de orientar seu curso,” (BARBOT, 2017, p.116) sendo assim esta permitirá a obtenção de características decisivas na compreensão do fenômeno situacional.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOT, Janine. Conduzir uma entrevista de face a face. In PAUGAN, Serge. **A pesquisa Sociológica** .2015. p. 102 - 123

GATTI, Bernadete. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília/DF. Ed Liber Livro. 2005. P. 07 - 41

PARIZOT, Izabele. A pesquisa por questionário. In PAUGAN, Serge. **A pesquisa Sociológica**. Petrópolis/RJ. Ed vozes. 2015 p. 85 - 101

Entrevistas *Vis à Vis*

## Transcrição Entrevista 01

Homem hetero pardo com gagueira, Nome fictício Eduardo

31 ano tatuador

(Eu) Você já presenciou violência na escola por meio do bullying?

Muito muito isso aí aconteceu muito, tipo eu... eu sofro de gagueira e isso aí me prejudicou muito, muito muito mesmo... você sabe escola tal... sempre tinha um que queria tirar uma graça, tudo eu tenha vergonha eu tinha dificuldade de ler, por conta disso ficava muito tímido e até hoje, como estou adulto tal estou levando de outra maneira. Eu aprendi a lidar com essa situação e hoje eu já estou me soltando mais. Entendeu eu era tímido pra caramba na escola, já por conta disso que o pessoal ficava mangando (sic) bullying tal essas coisas, e eu não queria ir pra escola, eu fazia de tudo para não ir pra escola, não ficava na sala de aula, sempre gazeava até com vergonha mesmo sempre... sempre tinha isso as vezes a... o... professor mandava eu ler... eu não queria... isso me atrapalhou muito está ligado atrapalhou... muito, mesmo minha vida.

(Eu) a principal

Ai... hoje estou mais, estou mais tan... tranquilo porque aprendi a lidar a lidar com isso né?! É, mas eu sempre fui tímido a... a respeito disso mesmo por conta disso mesmo, sempre me tranquei entendeu eu evitava conversar com as pessoas e tal... isso foi horrível velho pra mim horrível....

(Eu) você presenciou outra violência presente na sala

Rapaz... é... é... diretamente pra mim... não... mas eu já vi outras coisas... outras coisas né?! Outros amigos violentados tal... por conta disso é porque.... sei lá. ...por ter um **cabelo ruim**... que tem uma **pele escura** coisa desse tipo isso aí eu vi muito na escola eu acredito que até hoje tem isso aí na escola....

(Eu)

(Eu) Você acha importante conhecer sobre o bullying?

Sim... com certeza... com certeza porque... isso daí faz com que você aprenda a lidar com essa situação.... você aprende... quando você sofrer o bullying. tiver ciente do que da situação... você vai aprender a lidar com. isso melhor a respeito disso isso ai vai ser como uma auto defesa sua né

(Eu) isolados

Sim muito muito inclusive eu tenho um amigo que é meu amigo até hoje conheço desde a infância mais de dez anos sofria muito com isso ele era muito gordo no tempo ele era obeso era BEM POBRE não passava perfume eu vi ele muitas vezes chorar mesmo na escola por conta disso e tudo. muito por isso e fez com que ele abandonasse os estudos entendeu ele criou um trauma e acabou cismando não ia pra escola mais é tanto que acho que ele estudou até a 6ª série é 6ª... 7ª série por aí..

(Eu) e quanto aos professores chegava a perceber esse tipo de bullying?

Rapaz eu não sei como é que está hoje né mais. antigamente não ajudava muito eu já cheguei um tempo a já cheguei a falar com os professores mais eles não resolviam nada mas enfim era um negocio que não tinha resultado nenhum eu procurava um professor que era quem poderia é amenizar essas coisa essa situação mas ...NÃO DAVA EM NADA... aí tinha vezes é que você era obrigado a partir para a violência pra pra violência por conta disso você chegava a um nível tão... tão. é extreme que você queria ir pra a porrada logo... isso já aconteceu muito comigo...

(Eu) Como uma forma de reação?

É... eu mesmo já sofri muito com isso e falava com os professores procurava diretoria mais ninguém resolvia nada... ninguém resolvia nada acredito que hoje seja da mesma maneira num sei... tem muito tempo que saí da escola. (Pausa quieto) Eu passei uns três anos na mesma série por causa disso eu e esse amigo que falei reprovava direto porque a gente... eu era um... eu tenho uma amizade imensa com ele ainda a gente conversa... tudo... mais tipo a gente sofria com isso e ninguém tinha interesse de estudar... gazeava aula... ia porque era obrigado....porque o meu pai obrigava à ir... tinha que ir...mas tipo não era porque eu não queria é estudar é por conta de isso tudo né que vinha acontecendo e você vai ficando triste... com as coisas... vai abrindo de mão de tudo. e isso aconteceu muito comigo...né... eu... eu...

(Eu) O que você dizer dessa relação de bullying que esteve muito presente durante o seu período de estudos...ela acabou influenciando no seu mundo profissional no seu mundo de relações no futuro tipo quando você era se você não estivesse sido exposto a esse fenômeno. você poderia ter um futuro diferente

Rapaz.. eu acredito que sim é como eu citei antes, eu me tranquei muito por conta disso eu me tranquei muito perdi muitas oportunidades na minha vida. ..tipo não queria nada... cheguei até um tempo aí fiquei usando drogas...com uns amigos e tudo... isso aí interferiu muito... hoje que eu tô... que penso de outra maneira e ai estou conseguindo me soltar né?! No caso.. de um certo tempo pra cá, mas isso ai atrapalhou muito minha vida.

(eu) No período em que você esteve na escola você não encontrou certo acolhimento, certa ajuda perante a instituição.

Eu chegava na minha casa falava pra o meu pai para minha vó o que estava acontecendo... e eles falavam é assim mesmo é assim mesmo ninguém tomava uma atitude e eu estava sofrendo demais com aquilo eu sofri muito com isso e eu sempre fui um cara tímido né sempre fui um cara tímido e quando sofria com isso aí eu me trancava mais ainda ai eu perdi a vontade de estudar não estava nem aí eu cheguei um tempo que não estava nem ai para nada... foi quando conheci uns amigos tal ai comecei tomar cachaça... uma coisa e outra e hoje eu vejo diferente. só que tipo eu passei por isso e acredito que se não tivesse passado por isso tudo estaria em outra situação melhor pra mim claro

(eu) você chegou a procurar algum psicólogo depois

Não não... tipo assim até por falta de informação mesmo para ir procurar um profissional mesmo que iria me ajudar com isso aí por conte de família também minha mãe nunca fez com que eu procurasse eu vim procurar um psicólogo tem pouco tempo eu vim procurar que eu fui entender melhor né?! Como funciona as coisas. até hoje eu vou eu vou com frequência....

(eu) isso é muito bom...infelizmente a gente vive em uma sociedade em que é muito calcada na pressão e isso acaba deixando a gente com o psicológico muito abalado. E a convivência?! Você ainda convive com alguém daquela época?

Não. Só o menino que eu estudei a vida inteira com ele. Tipo, mas eu vejo o pessoal, me cumprimenta... até que já fez bullying comigo... mas não tenho amizade não...

(eu)Qual foi o período que você estudou? Você lembra mais ou menos?

Quando estava na oitava série, aí eu era maior eu já era adulto né?! eu já sabia me defender e as pessoas nem chegava(sic) a fazer nada comigo...

(eu)E o ano ?

Que eu comecei a perceber isso mesmo que eu estava sofrendo bullying foi em 1997 ou era segunda ou era terceira série. E isso aí foi uma fase que ficou gravada eu só lembro disso na escola, eu não lembro de momentos bons que tive com amigo tal com paquera com namorada quando lembro da escola só puxa pra esse lado... e tipo só não foi um ano, e tipo assim aconteceu tal... um menino tava tirando... eu tava(sic) sofrendo bullying mais foi com uma certa frequência né?!

(eu) exatamente isso é que caracteriza o bullying...é um fenômeno uma interação um ritual que se pendura... até muito tempo as pessoas não entendiam bem o que era um bullying.

Chegou um... eu tive um tempo chegou um tempo eu tive uma fase da minha vida que até pra entrar no super no mercadinho eu tinha vergonha... extremo, extremo entendeu foi quando eu conheci o pessoal comecei a beber comecei a me soltar... eu tinha vergonha de tudo de tirar uma foto tinha vergonha de comprar qualquer coisa isso aí cara foi foda na minha vida

(eu) a sensação de que você poderia ser agredido verbalmente ou moralmente era presente muito...

Isso hoje em dia me sinto super bem... trabalho com o público, recebo um monte de gente, tal dou atenção, converso isso hoje eu to liberto disso aí mas até um certo tempo atrás não eu tinha dificuldade de conversar com as pessoas timidez mas só que agora ...

(eu) no caso uma das coisas que você encarou como consequência desse bullying sofrido durante o tempo em escola foi a falta de oportunidades oferecida pelos estudos... que é uma coisa que poderia qualificar o seu trabalho tal

Sim... sim...

(eu) Uma estabilidade social

Isso...isso

(eu) você chegou a conversar com seu filho sobre bullying?

Sim... simmm eu tenho um filho que é...tem nove anos...eu sempre tou dando atenção a ele o máximo que eu posso estou orientando sobre isso e se chagar a acontecer... porque ninguém está livre disso.... se chegar a acontecer com ele ele já ter uma certa defesa... que é... é normal para ele automaticamente saber se defender procurar ajuda, conversar comigo ou qualquer maneira de não se prender a isso né?! E achar uma coisa pra ... pra... se defender... eu converso bastante com meu filho a respeito disso e ele já entende.... e ele estuda com um menino que tem autismo né?! Ele falou para mim que tinha uns colegazinhos dele que ficava imitando e aquilo ali ele já entende até por tipo orientação minha ele já entende isso ele já entende e chegou para mim e falou que ele fica triste quando vê isso e tipo é a mesma situação os professores ou faz pouco caso na minha opinião... meu ponto de vista né?! Ou não conseguem achar uma solução para isso.. por que isso ai já aconteceu não só uma vez e acredito que continua acontecendo...

(Eu) Se você pudesse eu gostaria que você narrasse algo, um episódio ou dois desses episódios, um que você acabou reagindo como foi esse episódio e um outro que você não reagiu... se puder se você se sentir a vontade.

Eu lembro que estava em um namoro de escola tal e aquilo ali me deixava muito triste por que tinha uns colegas tal que quando me via com ela começava a me chamar de zé gaguinho tal. aí como você está namorando com esse zé gaguinho. Aquilo ali me deixava morto cara...ficava chateado para caramba com isso com vergonha claro e cara... não sei... tsc foi complicado demais velho essas fases da minha vida. atrapalhou muito e teve uma outra que tinha um cara que sempre ééééé ficava tipo. ele chegava na escola e ficava tirava brincadeira pesada e aí zé gaguinho ai ficava imitando a gagueira só que teve um dia que chegou tão no extremo que eu parti para a agressão com ele eu peguei na traição... ele estava sentado na cadeira eu cheguei por trás ai comecei a agredir ele eu lembro que eu fui suspenso por conta disso... e teve outras e outras que a gente acaba esquecendo.

(eu) desde já agradeço pela contribuição....entender como foram os rituais de bullying da velha guarda mas como você falou até hoje existe e seu filho presenciou caso de bullying. e mais uma vez as autoridades presentes na sala de aula não dão tanta atenção a isso

É tanto que... tem pouco tempo isso que meu filho me falou que tinha um menino estava chamado ele de negro negro ah nego nego nego tal aí ele falou pra mim e beleza eu relevei conversei com ele apesar de que meu filho não é nem negro pra você ver a situação ... o pessoal ééééé as pessoas querem arrumar um jeito de atingir o outro de qualquer maneira....

(eu) eles tratam isso como se o negro fosse algo ruim....

Isso. isso

(eu) algo pejorativo

Aí brinquei com meu filho veja aqui quem são os negros e mostrei a história da humanidade entendeu. ai procurei a professora dele procurei falei com ela ai ela falou: é eu não vi isso acontecer. mas eu só estou te orientando para que você fique esperta caso aconteça pra que você fique esperta né e passou um certo tempo e ele chegou falou de novo ao respeito desse menino que ficava falando isso.. aí e procurei a professora mais uma vez, ela não resolveu eu tive que procurar a diretoria e eu expliquei o que estava acontecendo né.

(eu) isso é um caso grave de racismo...tipo é uma interação. infelizmente o racismo ainda esta encrustado em nossa sociedade

Isso aí eu acredito tipo os pais tem que estar muito atento a isso. Sempre vai ter isso... sempre vai ter. se você orientar a eles vai ser melhor. Porque eu tenho certeza uma pessoa que sofre bullying isso interfere muito na vida da pessoa. Com certeza interfere eu senti isso a vida toda.

Desde já muito obrigado por conceder entrevista.

fim

Grupos focais Adelina Maria de Santana.

Transcrição Grupo Focal I

Transcrição Adelina povo calmo

(1) Menino pardo, 12, Nome fictício Carlos

(2) menina negra, 12, Nome fictício Amélia

(3) menina parda, 12, Nome fictício Samara

(4) menina parda, 14, Nome fictício Anastácia

(5) menina parda, 16, Nome fictício Fátima

(6) menino negro, 14, Nome fictício Antônio

(eu) Para vocês o que vem a ser o bullying?

(1) É que maltrata os amigos, alguma coisa sobre os negros... ah é isso aí

(5) Quando as pessoas ficam mangando das pessoas que tem alguma coisa especial

(3)..... [A estudante se mostra insegura como se a questão fosse algo muito difícil de se responder. ...]

(eu) Pode falar qualquer coisa que você tem em mente, se você já viu em algum desenho, algum filme, algo assim....

(3) Eu já vi na vida real..

(eu) ótimo a gente vai trabalhar com isso e você?

(4) Já vi..... prejudicar os outros prejudicar o próximo.

(eu) Dos casos que vocês presenciaram, algum ou alguma de vocês tem como relatar um bullying, como foi, quem foi que sofreu. . poderiam relatar como vocês viram?

(5) estudante fica em silencio....

(eu) Oxe, mulher deu um apagão foi?!

[estudante riem envergonhada e ainda com receio de responder]

(eu) Chegou a presenciar algum tipo de bullying....

(5) Eu realmente não lembro.

(eu) Algum de vocês chegou a sofrer bullying? Acho que estou com o ouvido ruim... estou ouvindo tudo baixinho...

[meninos e meninas da sala esboçam um pequeno sorriso tímido]

(eu) e você já chegou a sofrer bullying algo assim?

(6) Não.

(eu) Mas já viu alguém praticando?

(6) Que eu me lembre não.

(6) Vocês já chegaram a assistir algum desenho, alguma série, algum filme assim, alguma novela, que passa alguma cena de bullying, de violência na escola, você chegou...

(6) Dos escravos...

(eu) Dos escravos?

(6) Sim

(eu) Como assim?

(6) Dos brancos que ficavam...

(eu) Você está falando das novelas de época assim?

(6) [Balança a cabeça afirmando]

(eu) E de alguma série nova, você chegou a assistir assim alguma que tenha?

(6) Não

(eu) e você

(5) Não

(eu) e você palmeirense?

(1) Não.

(eu) Eu gostaria de saber se algum ou alguma de vocês já assistiu Todo Mundo Odeia o Chris®?

(1) sim

(2) sim

(3) sim

(4) sim

(5) (6) [ficam quietos]

(eu) Então vou perguntar a vocês, o que Caruso [personagem antagonista que era interpretado por um menino ruivo que praticava bullying com o protagonista chamado Chris, cujo nome está no título da série] fazia com Chris? O Que era?

(1) Brigava com ele, derrubava ele, os livros.... éééééé..... machucava...

(eu) Exato, e aí o que é que Caruso fazia com Chris?

(4) ele praticava racismo, ele batia... só...

(2) ele batia chamava ele de várias coisas.... ruins e só...

(eu) você gostava do que Caruso fazia com Chris?

(3) [balança a cabeça em negação]

(eu) Você lembra de alguma outra coisa que Caruso fazia com Chris?

(5) .....

(eu) lembra de nada assim não

(5) [a estudante balança a cabeça em negativa]

[Devido a insegurança dos estudantes e das estudantes eu resolvi falar mais um pouco sobre o que viria a ser bullying e levando em consideração a série de TV Todo Mundo odeia o Chris a fim de trazer uma familiaridade com o fenômeno e dar mais segurança para que os estudantes e as estudantes pudessem colaborar de forma mais

ativa, já que este grupo focal estava com uma colaboração bem pequena comparada aos demais que foram feitos anteriormente]

(eu) Bom, o que o Caruso fazia com o Chris é um do tipo de bullying, só que o bullying que ele praticava, ele tem diversas formas né?! Dentre elas tem o racismo, tem a questão de que ele praticava a violência contra uma pessoa mais fraca e isso é uma das coisas que caracterizam o bullying, no entanto, o bullying vem a ser o seguinte: ele é um tipo de violência que é caracterizado por ser permanente, ele não é apenas uma vez, por exemplo quando uma pessoa tem a confusão com alguém e depois se separaram, ali é também um tipo de violência, mas só esse não se caracteriza como um bullying, o bullying vem a ser uma violência contínua, como por exemplo um determinado grupo da escola ou uma pessoa certos atos de violência com um estudante ou uma estudante e aquilo se faz de forma contínua, então o porquê que Chris sofria era bullying? Porque ali era o mesmo agressor e ele praticava aquilo durante toda uma vida escolar dele. É isso que se caracteriza como bullying. Agora o bullying, ele apresenta três formas. Como se perceber essas três formas? A principal é a ativa, principal não, uma das, uma pessoa pratica o bullying, a outra seria a pessoa que recebe o bullying e outra seria o pessoal que observa o bullying, no caso são os espectadores.

(eu) Vocês presenciaram, no caso vocês participavam como testemunha, ou vocês sofreram ou chegaram a praticar? Algum de vocês presenciaram na vida real algum bullying? Agora assim, caso vocês tenham presenciado seria importante vocês não mencionarem o nome, mas só o que aconteceu. Pode ser?!

(eu) Não existe nada de certo e errado aqui, é só para vocês falarem sobre o que vem a ser... [melhor dizendo] como foi o bullying que vocês vivenciaram.

(eu) Além do Chris tem algum desenho que vocês viram que tem algo parecido com isso? E em novela

(5) Já...

(eu) e como foi esse caso que você presenciou em novela

(5) Faz muito tempo....

(eu) Lembra como foi a novela?

(5) não.....

(eu) Bom já que vocês lembraram de uma série, e de um filme? Chegaram a lembrar de algum filme que continha cenas de bullying?

[todos e todas se entre olha e balançam a cabeça em um gesto de que não conhecem]

(eu) Bom... Vocês chegaram a presenciar éééé racismo? Vocês conhecem o que é racismo, não é?! Vocês presenciaram alguma prática de racismo dentro da escola?

(1) (2) (3) (4) (5) (6) [balançam negativamente a cabeça]

(eu) E uma pessoa ser discriminada por ela ser mulher, por ela ser homem, por ela ser homossexual, chegaram a presenciar alguma coisa assim?

[todos e todas] não [com o volume de forma bem baixa, quase incapaz de ser captado pelo aparelho celular]

(eu) Vocês sempre estudaram aqui no A\*\*\*\*\* M\*\*\*\*\*?

(6) Primeira vez

(1) Primeira vez

(4) (3) (5) [balançam a cabeça em concordância com os dois primeiros estudantes a ser expressarem]

(eu) Você antes estudava onde?

(1) Colégio Noruega

(eu) Você chegou a presenciar casos de violência lá?

(1) Não...

(eu) ninguém brigava lá?

(1) Brigava

(eu) E você lembra como eram essas brigas?

(1) Lembro não

(eu) E você, estudava antes onde?

(6) Leite Neto

(Eu) Você chegou a presenciar algo violento lá?

(6) não

(eu) Quais foram os filmes que envolvem escola que vocês chegaram a assistir?

(5) Sim [bem baixinho]

(eu) Você chegou a lembrar o nome?

(5) Não... não...

(eu) Vocês gostam mais de série, de filme ....

(2) Gosto mais de filme

(eu) Qual foi o filme que você assistiu nesses últimos meses, no caso desses últimos (dois) anos que teve como tema a escola?

(2) eu não lembro....

(eu) E você, qual foi o filme que você assistiu com temática de escola?

(3) Lembro não....

(eu) Alguém de vocês gosta de anime?

(3) (4) (6) O quê?

(eu) Anime, animê, desenho japonês?

(2) eu gosto

(eu) De qual você gosta mais?

(2) De todos

(eu) Você chegou a assistir Deathnote®?

(2) Sim

(eu) Vocês chegaram a assistir Naruto®, Dragon Ball®?

(2) Dragon Ball, Naruto, Dragon Ball, Death Note e outros que eu esqueci

(eu) O que é que o personagem sofria no colégio?

(2) Eu não lembro de muita coisa.

(eu) Antes de ele pegar o caderno para anotar os nomes, você lembra o que faziam com ele?

(2) Faz um pouco de tempo que eu assisti

(eu) e você?!

(5) Eu não gosto de desenho japonês

(eu) E você?

(4) Tem muito tempo que eu assisti o desenho

(eu) Quando vocês estavam de férias vocês assistiam mais o quê?

(3) Hã?!

(eu) Melhor dizendo, quando vocês estavam na pandemia?

(3) éééé eu assistia Todo Mundo Odeia o Chris®

(eu) Qual mais outra série você assistia?

(3) [menina fica em silêncio]

(eu) Lembrando para vocês que não tem questão de certo e errado aqui, só precisa falar o que vocês entendem. Não tem problema nenhum não. Isso aqui no caso, nenhum professor vai saber o que vocês falaram aqui, isso aqui só estou pegando para estudar e saber o quanto vocês entendem o que é bullying. Vocês podem falar o que vocês quiserem não tem problema nenhum não.

(eu) Você o que você fazia durante a pandemia?

(1) Eu jogava

(eu) Qual jogo?

(1) Free Fire®

(4) Eu jogava também.

(eu) E você jogava qual jogo na pandemia?

(6) outro jogo

(eu) Se eu fizesse uma pergunta a vocês de o que viria a ser o bullying o que vocês poderiam dizer?

[grande silêncio]

(eu) Para vocês o que viria a ser o bullying depois do que eu falei?

(5) Julgar uma pessoa pelo que ela não é

(eu) O bullying é uma prática de violência sendo verbal, física, moral, o que vem a ser moral é quando uma pessoa faz uma fofoca da outra, a pessoa fala uma coisa de uma pessoa que não cometeu e assim começa a espalhar para cada colega, professor e um dia acaba de certa forma, como o pessoal diz “queimando o filme” [expressão que denota uma depreciação moral a fim de isolar a pessoa de interações sociais, ou criando uma identidade virtual negativa de outrem] falando uma coisa que a pessoa não cometeu, então o bullying se caracteriza como agressão física, como desrespeito também, pode ser uma agressão verbal, diz respeito ao apelido quando pega uma característica importante [ou diferente de seu corpo] e trata aquela característica de uma forma pejorativa, como uma forma de prejudicar vocês. No entanto o bullying, além disso, ele precisa que a pessoa sofra durante um tempo, ele precisa ser contínuo, se a pessoa sofrer em um determinado momento e a partir dali não sofrer mais não é bullying, o bullying significa esse período em que a pessoa sofre por exemplo você estudou com um rapaz no quarto ou quinto ano e ele vivia provocando você, vivia apelidando você, isso é um bullying. Você estudou com uma pessoa que gostava de você ela falava por seu modo de se comportar por seu jeito, falava isso de uma forma ruim. Isso é caracterizado como bullying. Então... vou fazer as últimas perguntas aqui viu?!

(eu) Vocês são sempre calados assim?

(2) sempre

(eu) É tudo estudioso mesmo?

(1) um pouco

(eu) A menor nota de vocês é a qual?

[silêncio por um período e logo após, os estudantes e as estudantes começam a falar]

(4) sete

(2) sete

(5) sete

(eu) Vocês sempre uma determinada nota, por exemplo 10, 9, 8. .5. Então quero saber a sua menor nota na disciplina que você tem mais dificuldades, que vocês

(6) a minha menor nota é 9 ou 8...

(1) Seis

(eu) Rapaz vocês estão estudando bastante, a minha menor nota era 5 e a maior 6 ou 7 não era um bom estudante não. Vocês gostam de estudar? Fale a verdade...

hahahaha

(5) é nossa obrigação...

(eu) Então vocês não gostam de estudar?!

(6) Gostar... gostar... não.

(eu) Faz porque é o jeito?

(2) Só mais porque melhor para meu futuro.

(eu) No caso você estuda para ter um futuro melhor?

(2) Sim.

(eu) Você acha que uma pessoa que está procurando um futuro melhor e se depara com algumas situações de bullying ele tem esse futuro prejudicado porque acaba atrapalhando o desenvolvimento daquela pessoa?

(2) Sim

(eu) Então esse bullying acarreta em um problema no futuro na hora de procurar um emprego melhor?

(2) É isso

(eu) E o que mais assim vocês podem que vocês tem em mente que pode causar.

(3) Pode ser um abuso psicológico.

(eu) Perfeito, perfeito

(3) E também a pessoa por exemplo você pode ter do bullying. ...você pode ter várias coisas odo aqueles abusos e gera tudo isso. Imagina você estar procurando tipo... estudando... e vem uma pessoa com o bullying aí você vem ansiedade, depressão e junto tudo.

(eu) perfeito

(3) tira a concentração e a pessoa fica desfocada.

(eu) perfeito, perfeito, perfeito. Você acabou de caracterizar uma das consequências uma das que acontece quando uma pessoa acaba sofrendo bullying, e por incrível que pareça até quem pratica ele acaba desenvolvendo alguns problemas psicológicos

(3) Porque varias pessoas que éééé tem pessoas que como sofrem bullying elas faz(sic) bullying também.

(eu) perfeito, perfeito. Então no caso elas recebem bullying e acabam entendendo que aquilo é uma situação necessária, né?!

(3) sim

(eu) para a relação que ela tem com as outras pessoas e acaba reproduzindo o bullying. Perfeito. E vocês disseram que não sabiam nada de bullying, estão vendo aí?! Vocês já viram e sabem o que é bullying, está vendo?! Então são coisas assim que parecem que a gente não percebe, só a gente parar para dar uma olhada e a pessoa começa a falar e observar, como por exemplo no Chris®(Todo mundo odeia o Chris®) todo mundo sabe o que Caruso faz com ele então aquilo é um dos bullyings clássicos, que aparece ....não sei se vocês assistiram uma série chamada 13 razões Porque®

(3) Não.

(eu) É uma série que muita coisa acontece, assim é um pouco mais violenta que retrata coisas que o bullying de uma forma mais....

(5) Avançada

(eu) Isso, só que assim as consequências são mais perigosas, elas entram na criminalidade se tornam ações muito graves. Então, o bullying não é tão distante assim.

Não sei se vocês assistiram aquele desenho que tem aquelas duas fadinhas ... como é o nome... que o menino fica fazendo pedido.... que tem a irmã mais velha dele...

(2) Padrinhos Mágicos®

(eu) como? [eu estava um pouco longe do aparelho de gravação e não ouvi o que a menina falara]

(2) Padrinhos Mágicos®

(eu) Esse mesmo. Tem Wanda que é uma das fadas e me esqueci o nome do companheiro dela, o que a irmã mais velha dele faz com ele é um bullying. No caso o que um estudante do colégio faz com ele também é bullying, agora só que são em ambientes diferentes, né?! Um é um ambiente doméstico e o outro é um ambiente educacional, que elas são caracterizadas... que elas são trazidas...acaba percebendo que ele apresenta quanto mais de alguma forma vocês conheçam sobre o bullying. Você já recebeu algum apelido?

(3) Não nunca

[Então eu pergunto aos demais estudantes se eles também possuíam apelidos]

(1) Não

(2) Nunca

(3) não

(4) não

(5) não

(6) não

(eu) Nenhum de vocês tem apelido? Que bom...Isso já é bem diferente da minha geração, isso é coisa muito boa. Apesar de que vocês ficaram bastante tempo calados, isso já deu um bom texto para analisar. O bullying ainda, infelizmente está no espaço escolar. Eu percebi que nessa turma quase nenhum de vocês chegou a sofrer, praticar ou até mesmo presenciar o bullying, no entanto vocês têm um conhecimento quanto o assédio presente no caso em Todos Mundo Odeia Chris® e em relação ao desenhos Padrinhos Mágicos que aparecem algumas formas de bullying e você [falei em relação a estudante 3] colaborou com uma das consequências [trazidas pelo fenômeno] do que

vem a ser o bullying, Então de certa forma o bullying ainda está presente em nosso imaginário, então as suas consequências, como a gente pode perceber, são gravíssimas algumas pessoas conseguem ainda relevar durante sua vida adulta, no entanto outras acabam se prejudicando não tem um emprego bom, por conta disso acabam não tendo relações com outras pessoas a amizade fica difícil, por ela acaba não confiando em certas interações, entenderam?! Bom desde já vou agradecer a vocês pela colaboração.

Fim

## Transcrição Grupo Focal II

Grupo Focal II Adelina Maria

Turma de faixa etária de 12 à 16

(1) menino pardo, 12 Nome fictício Bernardo

(2) menina parda, 12 Nome fictício Esmeralda

(3) menino pardo, 15 Nome fictício, Gabriel

(4) menina parda, 16 Nome fictício Luciana

(5) menino pardo, 12 Nome fictício Sidney

(6) menina negra, 14 Nome fictício Vitória

(eu) Algum de vocês chegou a presenciar o bullying?

[pessoal fica tímido em responder até que o primeiro a responder a questão sobre idade se manifesta]

(1) já

[Os demais se entreolham]

(eu) Se eu perguntar a vocês sobre o que vem a ser o bullying vocês saberiam responder?

(1) (2) (6) [balançam a cabeça em confirmação, enquanto os demais ficam apenas se entre olhando]

(eu) Quem se habilita a responder primeiro?

(1) um tipo de ofensa com a pessoa que a pessoa não gosta, quando chama uma pessoa mais forte de gorda, de hipopótamo, baleia, a pessoa não gosta, quando chama a pessoa magra de palito, vou escovar os dentes com você, entendeu? Tem muitos tipos ainda.

(eu) Perfeito, vocês concordam com a definição dele ou alguém tem algo a acrescentar?

(2) Concordo

(3) Concordo

(4) concordo

(5) concordo

(6) concordo

(eu) Vocês chegaram a presenciar, esse ano, algum caso de bullying na sala de vocês?

[todos e todas] não

(eu) Vocês chegaram a presenciar no colégio?

[todos e todas] não

[Nessa hora percebo que o estudante 05 senta-se afastado dos demais]

(eu) Por que você fica sentado aí? [o estudante senta em um lugar um pouco mais afastado dos demais, dando uma pré noção de que não estava se sentindo confortável próximo aos demais estudantes]

(5) não entendi a pergunta

(eu) Por que você fica sentado assim nessa distância?

(5) Porque aqui é bom.

(eu) Você é um pouco tímido?

(5) sim [balança a cabeça e fala bem baixinho]

(eu) Percebi que você tomou um certo distanciamento... Vocês não chegaram a presenciar na sala de aula, nem no colégio, vou perguntar se vocês chegaram a presenciar em algum desenho cenas de bullying?

(2) Sim... são vários, mas eu não lembro.

(eu) E como eram essas cenas?

(2) tipo era mais ou menos como ele explicou, mas o que eu lembro era ao contrário, a pessoa era um pouquinho abaixo do peso, aí eles faziam ofensa, chamavam

de palito, esqueleto, e eu era pequena e eu ficava triste pelo personagem entendeu?!  
Mas...hoje eu entendo mais ou menos, com é.

(eu) E em alguma série, vocês presenciaram algum caso de bullying que passa na TV?

[todos e todas balançam negativamente a cabeça]

(eu) e em alguma novela?

(5) eu só vivo no celular...

(eu) O quê? [não escutar devido a voz baixa na resposta]

(5) Eu vivo no celular, assisto nada não....

(eu) Vou fazer uma pergunta que talvez eu posso até apostar que vocês já presenciaram cenas de bullying em uma série.....mas vou fazer uma pergunta simples: Algum de vocês já assistiu a série chamada Todo mundo Odeia Chris®?

[todos e todas] levantam as mãos para confirmar que assistiram

(eu) O que Caruso fazia com o Chris era certo?

(4) [Balança a cabeça em negação]

(eu) Então aquilo era um tipo de bullying, em uma série vocês perceber uma cena de bullying acontecendo... O que vem a ser o bullying? Se eu perguntasse a vocês definiriam como uma agressão, não é?! Então o bullying ele pode ser tanto verbal, quanto físico, quanto social, o que vem a ser o físico, o físico se dá na forma de uma imposição física, através do bater, beliscar, puxar cabelo, e no verbal se dá na questão do apelidar, tratar mal uma pessoa porque ela é diferente, tratar mal por conta do comportamento dela isso também gera um tipo de bullying, além do Todo Mundo Odeia Chris® vocês viram em algum outro lugar?

[o pessoal não responde de uma forma tímida com o receio]

(eu) Quem de vocês aqui recebeu um apelido?

(6) eu

(eu) Qual era o seu apelido?

(6) O pessoal me chamava de girafa por ser muito alta

(eu) Quem era as pessoas que....

(6) Meus colegas de turma

(eu) Eram meninas. ..meninos?

(6) meninos...

(eu) Alguém aqui já recebeu algum apelido por conta de sua cor?

[todos e todas] não.

(eu) Vocês podem falar, aqui não tem o certo e errado não, só estou fazendo isso por questão de conhecimento para tentar entender se nessa sala, nessa turma teve. Alguém aqui já foi discriminado por ser homem, por ser mulher, por ser gordo, por ser magra? E você chegou a receber um tratamento diferente por você

(2) Que eu me lembre não

(eu) E você guerreiro chegou a ter algum tipo de exclusão por você ser diferente, por você gostar de alguma coisa diferente?

(3) Eu não.

(eu) Então pessoal, quando a gente fala de bullying a gente observa que durante o acontecimento, durante o fenômeno ele apresenta três partes, quais são essas três partes? Tendo como base a série Todo Mundo Odeia o Chris®, quanto tipos de pessoas a gente pode observar que está envolvida no bullying? Tem o Chris, tem o Caruso e quem mais?

(eu) Bom caso você não tenha percebido tem um fator muito importante, algumas vezes o Caruso aparecia acompanhado, não é?! O Chris só tinha o Gregory. Além desses dois grupos no caso do Chris e do Caruso tinha mais alguém envolvido no bullying?

(eu) Quando aconteciam as cenas de violência do Caruso contra o Chris, tinha alguém que observava?

[Silêncio]

(eu) Tinha alguém que ficava: Briga! Briga! Briga!?

(3) Tinha.

(1) Os alunos

(eu) Exato, você acabou de descobrir o terceiro participante, nesse caso para uma visão da sociologia a gente vai chamar de ator. Essa parte da sociologia que eu trabalho ela trabalha com atores. O que vem a ser atores? são atores sociais e atrizes sociais aqueles ou aquelas que praticam ou sofrem a ação, nessa situação de bullying tem o Chris que sofrem o bullying que é a vítima, tem o Caruso que pratica e tem os espectadores que são as pessoas que observam, no caso as pessoas que falam: briga! Briga! Briga! Então se a gente tiver uma observação como se fosse uma peça teatral, um filme então a gente vai perceber que tem os espectadores e os atores. Por fim já terminando essa apresentação... essa apresentação [A motivo de descontração para que a turma pudesse ficar um pouco mais relaxada e engajar na entrevista de uma forma mais contribuinte] não, essa pesquisa, de questionar à algum de vocês se vocês podem falar o que vem a ser o bullying, além de vocês dois aqui que já responderam.

(4) Um tipo de agressão psicológica talvez é algum tipo de brincadeira de mau gosto, acho que é isso

(eu) Vocês acham que quando a pessoa sofre algum tipo de bullying quais seriam as melhores atitudes de essa pessoa tomar: seria ela retribuir o bullying? Seria ela procurar alguém da escola alguém responsável legal? Ou ficar quieta?

(2) Ficar quieta

(6) Procurar responsável

(4) Procurar ajuda com o responsável.

(eu) Procura ajuda com o responsável. Mas alguém concorda? Com ela?

(1) Eu.

(eu) E uma das coisas importantes, de fato, se dá na procura de um responsável. Se tratando de vítimas de bullying, vocês acham que o problema ele termina durante o bullying ou ele se prolonga para a vida das pessoas?

(1) Sofre para a vida né?! Você fica magoado e tudo

[Mais uma vez devido ao barulho externo e a voz baixa eu perguntei novamente]

(1) Sofre para a vida né?! Você fica magoado e tudo e fica com isso na cabeça.

(eu) Perfeitamente

(1) Complicação e tudo.

(eu) O que a escola é para vocês? Pode responder qualquer coisa

(2) uma forma de aprendizagem

(3) Uma forma de virar uma pessoa melhor

(1) A escola não, mas o estudo para mim é uma forma da pessoa ser alguém na vida ter um emprego bom, condições de sustentar sua família, não é muito a escola não mas o aprendizado que os professores passa...

(6) Lugar que tem que exigir respeito

(eu) Mais alguém gostaria de falar sobre o que vem a ser a importância da escola?

(eu) Dadas as importâncias que vocês falaram da escola, no caso você falou da educação, a pessoa que sofrer bullying vocês acham que atrapalha ou não a relação dela com o conhecimento na escola?

(2) Atrapalha e muito.

(eu) Atrapalhando no aprendizado e na relação com outras pessoas, esse problema vá atrapalhar o que mais?

(3) Atrapalhar o psicológico das pessoas.

(5) O lado social da pessoa.

(eu) Perfeito, você estava lendo minha mente. Se atrapalha o lado social da pessoa, é o modo como a gente se relaciona com as pessoas que foi o que falei no início com vocês. Se o bullying impossibilita a pessoa de estudar futuramente pode gerar problemas, falando como o nosso colega falou, falando em relação ao social a pessoa vai ter problemas no trabalho, problema em se relacionar com outras pessoas então ela vai entender que aquilo ali, seja um método de violência presente por toda a sociedade, e vai atrapalhar a pessoa.

(eu) Além das pessoas que são vítimas quem mais pode ser prejudicado pelo bullying? O que vocês acham? Só as vítimas que podem sofrer com as consequências do bullying?

[Mais uma vez o pessoal ficou calado]

(eu) Deixe eu perguntar a essa colega aqui. Além da série do Chris, você chegou a ver esse tipo de conduta em outra mídia, novela?

(4) não

(eu) A pessoa que tem um comportamento diferente, pessoa que fica mais quieta que presta atenção em outras coisas ela pode ser vítima de bullying?

(2) Pode.

(eu) Vocês conhecem algum apelido para as pessoas que são assim?

(1) Nerd

(6) Nerd mesmo

(4) Nerd

(eu) Tem nerd e outro apelido que no momento eu não me lembro...

(4) Se for na escola, a queridinha dos professores porque presta atenção e tals (sic).

[fim]

## Transcrição Grupo Focal III

- (1) menino negro 13 anos, Nome fictício Rubens
- (2) Menino negro 12 anos, Nome fictício Lucas
- (3) menina parda 12 anos, Nome fictício Maria
- (4) menina parda 12 anos, Nome fictício Marcela
- (5) menina negra 13 anos, Nome fictício Coraline
- (6) Menino que se recusava a responder as questões
- (7) Menino que se recusava a responder as questões

(eu) Algum de vocês já sofreu bullying?

(3) eu já

(4) já

(5) sim

(eu) Como foi a experiência com o bullying? Como vítima?

(5) sim

(4) sim

(eu) Alguma de vocês apenas presenciou?

(1) Eu presenciei

(eu) Então aqui teremos duas perspectivas a de quem sofreu e a de quem presenciou, vocês acham que a discriminação por questões de orientação sexual pode ser caracterizada como bullying?

(1) (4) (5) (2) Sim

(3) De vez em quando sim, tem umas pessoas que quando vê um trans lá no quinto no nono ano é um homem só que como uma mulher diz que não é coisa de deus diz que é várias outras coisas chamando de diabo e isso daí

(2) Tem muita gente que não apoia, eu acho isso triste

(3) Tem gente que quer bater xingar e outras coisas

(1) Teve uma pessoa aqui em Lagarto que levou um murro por conta que ele era viado e o cara tipo não gostou

(eu) Você acham que a discriminação contra mulher ou contra o homem pode ser caracterizado como bullying?

(3) Sim

(2) (4) (5) Sim

(eu) Qual das discriminações vocês acham que pode ser enquadrada como bullying, tem alguma discriminação específica?

(4) Quem é gordo, magro demais

(5) Viado

(1) preto

(5) branco que é branco demais chama de branquela

(4) Que tem a pele amarelada chama de amarelo

(3) Quem tem o cabelo cacheado, que é meio cresgado assim igual ao seu chama de cabelo de tuim

(5) ruim, cabelo de bombril

(3) e outras coisas isso eu acho muito feio porque cada quem tem o seu jeito

(4) eu acho assim que também justamente por parte de alguma coisa que vai chamar a atenção

(5) Como o meu chama meu cabelo de cabelo de pedra é isso porque... ele é bom ele é crespo, mas chama ele de cabelo de pedra não sei o porquê.

(3) não liga para a opinião dos outros você tem a sua opinião

(1) tem um menino aqui também sofre bullying por causa que o nome dele é ratazana [nesse caso aqui houve bullying dentro do grupo focal por parte desse estudante que fala e de algumas estudantes que riram]

(2) seu r\*\*\*

(3) hahahaha

(2) Tem ninguém me chamando de ratazana, e a louca

(eu) Podem ficar à vontade pode falar o que quiser

(5) Ah, mas eu chamo e ele sabe desculpa que é brincadeira e...

(3) (1) (5) hahahahaha

(4) ele faz o bullying

(1) Foi eu que chamei

(3) Eu acho que não é desse jeito não hahahaha

(eu)....

(1) Não foi uma pessoa aqui

(5) Você começou a chamar

(1) Não naquele dia foi brincando

(2) Mas você criou ela....

(1) Mentira

(2) Ela... ela falou que estava...

(5) não hahahahaha

(4) Eu falei só uma vez, só uma

(3) gente está bom...

(4) eu falei só uma vez para ele

(3) psiiiiuuuu

[As três meninas riem mais o menino 1]

(4) E ele não ficou como bicho ficou como todo mundo

(eu) então, no caso, vamos fazer o seguinte...

(3) hahahahaha

(eu) A próxima questão é o seguinte, vocês acham que a pessoa por ela ter um comportamento diferente, tipo ela ser um pouco mais isolada mais quieta ela pode sofrer preconceito?

(1) (4) (5) sim

(3) chama da... como é o nome. ..me esqueci

(4) psicopata na maioria das vezes, doida

(5) Metida

(3) esquisita, ninguém lembra.

(5) Metido por ser tímido e querer ficar sozinho

(4) entojada de...

(5) esse povo a gente chama de... como é o nome? de nerd...

(2) você é considerado estranho

(5) Altamente vírgula

(eu) O que vocês acham que vem a ser o bullying

(3) Tipo preconceito contra um colega

(eu) então no caso para você...

(1) Para mim é crime o bullying

(4) sim

(3) é

(5) Para mim também

(4) Para mim não é só pra colega

(5) é

(4) Eu também porque sofri e entrei ansiedade por causa de bullying

(3) Minha irmã é entrou em depressão

(4) Quase depressão

(3) Eu também me cortei

(5) Também já entrei e já me cortei

(4) porém eu fiz isso, mas não foi por causa disso, foi outra coisa,

(3) porque eu me olhava no espelho e me xingava

(5) Eu quebrei um espelho olhando para mim mesma

(4) é até ruim de lembrar... deixe pra lá

(eu) No caso, para vocês a questão do corpo, a beleza, ela também pode ser um dos alvos do bullying?

(5) Com certeza na maioria das vezes

(3) Sim

(eu) Quais exemplos?

(4) Porque uma pessoa tenta, mas não tem o corpo perfeito

(1) sim

(5) Porque é um pouco mais gordo um pouco mais magro

(3) Tem um cabelo diferente do outro

(4) Tem uma característica que você não nasceu com ela, mas por causa de algumas coisas acaba ficando assim, a pessoa faz também faz muita discriminação por isso.

(5) Tem gente que toma remédio para emagrecer.

(3) Tem pessoa que até aceita o próprio corpo mas com a opinião do outro a pessoa..

(1) Tem pessoa que tem depressão por causa disso, desses bullyings e quer mudar o corpo dela, por conta disso

(3) Tipo eu, eu era bem gordinha, aí hoje hahahahaah agora eu sou bem magra...hahahah fiz de tudo para isso. É isso aí.

(eu) Eu percebi que aqui nessa turma você já presenciaram bullying através da forma do corpo e a questão comportamental que no caso identifica um como meio esquisitão a questão do cabelo da forma do cabelo...

(4) Aqui tem muito da cor também...

(5) Dente feio demais separado, torto

(3) Pode citar o olho também?! Hahahahaaha

(eu) pode pode é porque assim também o olho o cabelo o nariz a boca tudo isso também é considerado

(5) o dente

(eu) é o dente também pode ser considerado também a depender do dente das pessoas. Por questão de tipo de bullying o que mais vocês podem determinar que seja um?

(5) Acho que mais o corpo

(eu) Sim o corpo

(2) a forma né?!

(5) tipo físico é o bullying....

(3) Se você acha tipo para você que ela é gorda e não comentasse beleza, mas fica comentando por aí

(eu) Vocês acham que o bullying pode interferir na vida adulta da pessoa?

(1) (3) (2) sim

(4) Ela fica muito insegura

(eu) pra vocês... essa é uma das últimas questões. .. pra vocês, a escola ela tem um papel importante na vida de vocês?

(2) sim

(1) (3) (4) (5) sim

(eu) Por quê?

(3) Porque ensina é... ensinar o futuro para nós valorizar, estudar para ser alguém no futuro e também a educação e o respeito.

(1) Tem gente que não tem respeito um com o outro.

(4) Gentileza gera gentileza

(5) Como está na blusa da professora e da diretora e o novo lê, mas é a mesma coisa que nada finge que ninguém é ninguém finge que é um bicho, um animal.

(4) A escola é um lugar muito importante, mas tem gente que não vai por medo de ser discriminado por sua... pelo seu jeito.

(1) Como uma vez...

(4) Pelo se rosto pelo seu corpo

(1) Meu irmão ele não veio para a escola porque ele estava sofrendo bullying, foi nessa escola aqui mesmo

(4) Eu cheguei a me esconder por causa disso...

(1) O nome dele é... não posso falar o nome dele...mas... o que aconteceu com ele foi por causa da cor dele, ele foi chamado de preto, ele foi chamado de saci, ele só sentava na cadeira e ficava assim para o quadro, chamava ele de

(5) Quatro olho, cego?

(1) Zanolho, ceguinho éééé´como é o nome meu deus... é ficava dizendo: Ah nunca vi um preto cego, eu nunca vi um saci cego eu sabia que o saci era sem perna não era cego... ficava assim falando isso com ele né?! E ele chegou um tempo que ele disse que ele chegou em casa e disse que não iria vim mais para a escola por causa disso porque já ficava querendo bater nele foi quando minha mãe veio aqui com ele e foi perguntar isso e saiu falando os alunos.

(eu) Como vocês presenciaram alguns casos de bullying, o que mais vocês vêem?  
Meninos ou meninas?

(4) (5) (1) (3) (2) meninos

(1) eu sofro muito porque me chamam de dentão, me chamam de viado, um bocado de coisa

(eu) Vocês já chegaram a presenciar algum bullying praticado por meninas?

(4) sim

(5) (2) Já

(4) Por menina metida, assim metidas que quer sem melhor que os outros

(3) Sim eu estava no grupo dela no ano passado estava no grupo

(5) tipo vê uma pessoa de óculos tipo como ela com ela tem os olhos meio tipo assim zarolha, ai fala não sei o quê não sei o quê... zarolha quatro olhos. Já é metida e fica chamando os outros de zarolhos, e quatro olhos o resto nem lembro, também tem o cabelo que é cacheado que a maioria das meninas tem ...

(4) Eu já vi tantos porque, eu não sofria tanto bullying com meninos eu entrei em ansiedade e insegurança porque por causa de uma menina.

(eu) Por causa de uma menina?

(4) é por causa de uma menina, ela era bonita não vou dizer que ela era feia porque ela não é ....

(3) Você já superou?!

(4) Aí ela se achava, por ela ser bonita se gabava por isso e as pessoas que tinham defeito ela ia e falava esse defeito...

(3) ela julgava o próximo, entendeu?!

(4) como uma piada, e é uma pessoa que você conhece [a menina se direciona a colega, a menina 3, que estava intervindo durante o depoimento] entende...

(3) Eu acho que até já sei quem é...

(eu) Então você sofreu por causa de uma menina...

(3) Eu sofri por causa de um menino e não foi aqui foi em casa, que me chamava de gorda, de baleia, olho de sapo de marraia [nome relacionado à uma jogada ou até mesma às bolinhas de gude] olho de gude, de deixe eu ver mais...

(4) olho de pitomba

(3) Olho de pitomba, e mais um monte ele chamava, porque meu olho é grande, mas eu acho lindo maravilhosa, mas também eu era mais gordinha. Só que eu emagreci foi por causa deles mesmos, que eu parei de comer, eu bebia remédio escondido de minha mãe eeeee teve uns dias que desmaiei muitas vezes no colégio porque eu não comia e bebia vários remédios aí a professora percebeu isso eu parei na uti, eu fiquei internada, aí a professora conversou comigo sobre isso, perguntou quem era os meninos, aí eu falei quem era a diretora deu suspensão, teve uns que foram expulsos e eu fiquei... quer saber não vou por opinião de ninguém é melhor para mim mesmo. Aí eu melhorei por causa disso.

(eu) Já falaram esses dois casos então fale um caso que você chegou a presenciar. Vou fazer o seguinte, vou deixar o celular mais próximo de quem for fazer um relato de como foi esse bullying, aí no caso você podem fazer um ou dois relatos, no caso elas duas já fizeram um, então se vocês sofreram, praticaram ou chegaram a presenciar um outro caso, vou deixar esse celular mais próximo para caso você falar algum caso.

(5) Pronto

(4) Eu também tenho...

(eu) Se você puder, com uma boa quantidade de detalhes desses.

(5) Tipo quando eu estava na escola como eu era gorda eles me chamaram de baleia... é de baleia eu usava óculos meus óculos eram muito estranhos me chamava de quatro olho, essas coisas hahahahaha

(eu) E você chegou a presenciar?

(4) tipo eu não morava aqui não. Aí tinha um que na escola tem aqueles negócios de vice líder e líder, aí ele estava do interior, aí não gostava desse outro menino, eu lembro que ele trouxe uma faca para cortar o outro, aí um ficava na frente dele viu a faca e foi lá contar para a diretora, a diretora abafou o caso.

(eu) Vamos fazer o seguinte: quem for falar para tirar a máscara um pouco, pode ser?! [Solicitei essa proposta porque os estudantes e as estudantes estavam em uma distância segura e poderiam falar no celular, que logo após o relato recebia borrifações de álcool e imediatamente o estudante recolocaria a máscara, em similitude ao ato das refeições em restaurantes ou lanchonete. Como sempre com total preocupação com as medidas sanitárias, já que estávamos (e que ainda estamos, dado o espaço tempo em que

essas transcrição é feita) em uma das piores pandemias, nesse caso a do COVID-19. Algo que eu combinara antes da formação do grupo focal com os estudantes e as estudantes] Por aqui acho que está tendo um eco e não está captando o som direito.

(4) muita voz é porque a máscara atrapalha um pouco, abafa falando como eu estava fazendo...

(eu) aí no caso....

(4) Agora que eu falei foi sem a máscara hahahahaahaha [menina ri olhando para a colega que está na outra fila de cadeiras]

(eu) Certo que você chegou à sim terminou o depoimento.

(4) sim, com certeza.

(eu) pode colocar a máscara. Fali aí o que você sofreu, o que você chegou a ver.

(2) No quinto ano tinha dois meninos que eram gordos ficavam chamando eles de baleia, ficavam dizendo que baleia, que lugar de baleia era no oceano e não em uma sala de aula, e ficavam. foi até o ano todo até que eles disseram não quero mais isso, e falaram a professora os [meninos] que ficavam chamando eles de baleia e tomou suspensão também.

(eu) Pronto. E você tem mais algum outro caso para falar?

(1) Tenho.

(eu) Então pode falar...

(1) Quando eu estudava na \*\*\*\*\* eu tinha uma prima que estudava lá e no caso ela. ela era gorda, e ela era gorda e tinha o cabelo crespo, e também ela era morena né?! Porque aí ficavam chamando ela de baleia, nisso de chamar ela de baleia ela pegava ia para o banheiro ela levava uma Gillette® e ficava se cortando no banheiro e levava uma Acetona® ficava jogando Acetona® aí depois pegava e levava uma camisa de manga vestia, para ninguém ver, para depois vestir a farda, aí nisso teve um dia que ela pegou e se cortou ela jogou a Acetona® para o Acetona® parar, aí na hora que parou ela pegou e vestiu a blusa e foi para a sala de aula, quando ela foi para a sala a professora chegou na mesa dela e quando a professora chegou na mesa dela e pegou o braço dela estava cheio de sangue, que o Acetona® não fez para dessa vez, e quando a professora foi olhar ela

tinha cortado uma veia, foi quando ligaram para a mãe dela e a mãe dela foi até a escola e foi para o hospital, aí teve que costurar, costurou chegou a costurar ainda porque foi um corte muito fundo e... aí ela ficou um tempo internada porque foi uma veia, foi uma veia bem grave.

(3) As veias do coração [falou ao fundo]

(1) E quando ela voltou para a escola um ano depois ela voltou para escola, ela ela já tinha emagrecido por causa desse hospital assim, o bullying não era mais com isso o bullying começou pelo cabelo aí chamava ela pelo cabelo de tuim, arapuca, e nisso ela foi para o banheiro e começou a se cortar aqui [estudante aponta para uma parte mais próxima ao peito] no peito, ela se cortava, se cortava, se cortava, e colocava fita, ficava colocando fita, e isso a mãe dela chegou foi a tempo de que ela cortasse muito mais fundo, aí ela parou com isso porque ela parou de estudar um ano para se tratar. E hoje ela está estudando e está bem, ela deu selagem no cabelo dela, e hoje em dia ela gosta muito do cabelo dela, o corpo dela melhorou porque chamavam ela de gorda e é isso. Isso aconteceu com minha prima.

(eu) No caso você vai falar. quem é que se cortava?

(3) Minha irmã.

(eu) Pronto fale um pouco dela

(3) Sim foi onde a gente morava, na Bahia, é ela fez assim... no colégio, como ela está magra agora, ela era mais magra ainda, era muito muito muito mais magra, o povo chamava ela de tripa de amarrar os ossos, ah é o esqueleto, ah não sei o quê, não sei o quê aí via minha irmã ouvindo isso, ela se olhava no espelho e se achava esquisita, via os vídeos de se cortar, aí pensou vou tentar em mim mesmo, aí pegou a Gillette® e começou a se cortar, nisso foi começando, quando ela entrou no colégio conversava com todo mundo, aí começou a se fechar, começou a entrar em depressão, os meninos chamando de um monte de bullying, continuou as coisas que ela fazia, continuou mais ainda quanto mais ela se cortava, mais entrava em depressão, quanto mais entrava em depressão mais ela não queria sair de casa, não queria ir para o colégio, minha mãe ficou percebendo que os braços dela estavam saindo sangue, quando ela viu isso ela pegou e chamou para conversar, perguntou: - O que é isso menina? Por que está se cortando? Aí ela não queria falar, aí minha pegou e foi no colégio falou com a diretora e perguntou o que foi,

ninguém queria falar o que aconteceu chegou uma amiga dela e disse para mainha que era uns meninos botando bullying e racismo nela aí pegaram conversaram com esses meninos, mainha disse que iria.... iria como é o nome...

(1) Psicólogo ou psicologa

(3) Falar com os pais deles, como começou a falar com os pais deles mainha pediu para ficar pagando as consultas porque mainha não tinha condições aí os pais começaram a pagar as consultas e ela graças a deus melhorou parou de se cortar e está até agora no colégio, tudo legal... está bem graças a deus...

(eu) Então agora você vai entrar em um ambiente bem profundo e vai falar um pouco como você se cortava

(4) Eu não foi por causa de bullying, foi por minha mãe não deixar eu estar saindo.

(eu) Você estar saindo?

(4) Tipo minha mãe é daquelas mães que pegam muito no pé, porém ela é desse jeito que não quer me ver com meninos, porém e acho uma coisa super normal intimidade com meninos além de você não ter uma outra opção, tipo eu com meus colegas que não tem nenhuma intenção, aí ela não quer que eu tenha número de nenhum menino no celular, porém ela pegou uma conversa minha com meu amigo e não tinha nada demais, de boa, uma conversa normal aí me deixou de castigo, me deixou sem o celular e tal e me proibiu de sair. Aí eu comecei a me trancar no meu quarto, sem falar com minhas amigas elas mandavam mensagem eu não respondia como estava aqui eu botava em modo avião e pronto aí eu comecei a ouvir música depressiva, se cortar e chorar e aí foi quando eu cheguei no meu pai para conversar com ele e ele conversou comigo e falou que ia tenta falar com minha mãe para ver se resolvia. Acabou resolvendo, ela deixou e eu estou saindo de boa, porém ela não deixa esse negócio de amigo no celular tipo não aceita, mas esse negócio de sair ela aceita e aí eu comecei a me cortar, e nesses dias ele falou pra ela que eu estava me cortando ela chegou perguntando para mim porque eu estava se cortando porque eu não cheguei a falar com ela por conta de que tipo, eu não sou de se abrir com ela porque ela é qualquer coisinha já é bater aí eu sou mais de conversar mais com meu pai e ele não é meu pai verdadeiro ele é meu padrasto ele me pegou com quatro anos de idade, e meu pai já faleceu eu tinha oito meses de nascida aí eu sempre me abri mais com ele porém ela fala que ele só me defende por conta de que eu não sou filha dele de sangue,

porém eu não acho isso eu acho ele uma ótima pessoa e tudo que eu falo com ele sempre resolve aí eu acho melhor falar com ele, mas porém eu tenho vontade de se abrir com a minha mãe mas eu não se abro por causa disso, por causa de que ela não é de boa e ela não aceita. Entendeu?!

(eu) Pronto pessoal, no caso do bullying, quando vocês presenciaram quando vocês foram vítimas, vocês chegaram a procurar ajuda com alguém da escola?

(1) Não

(3) (4) (5) sim

(2) Sim

(5) Cheguei a conversar com a diretora

(3) Já cheguei a falar para minha mãe ela veio para a escola.

(4) Eu tive uma aula que o professor estava falando o mesmo caso aí eu peguei falei para o professor sobre o bullying do menino, aí em uma aula o professor perguntou quem queria que o menino saísse da sala, todo mundo levantou a mão menos eu, eu disse assim: - Professor tudo que vem volta. Eu não quero o mal dele ele quer meu mal eu não estou nem aí eu não quero o mal dele deixe ele aí na sala não tem problema, o professor falou: - Tem certeza \*\*\*\*\* - Tenho. – Então está. Aí eu perguntei quantos tempos ele iria ficar fora iria passar um ano aí então podia reprovar, aí então eu disse deixe ele aí mesmo. Aí ele ficou, eu não gosto disso, de lidar o mal com o mal, eu gosto de dar o mal com o bem, não sei, eu não gosto de receber tipo eu vou dar uma coisa para ela sem eu gostar, eu quero dar uma coisa para ela que eu gosto que venha com a mesma coisa, se eu rogar uma praga na menina sendo que na menina não tem nada, é por isso que eu fiz isso com ele, nem eu quero que ninguém tenha mal de mim. É só isso.

(eu) Aí então no caso, ultimamente vocês acham que a escola chega a ser um ambiente seguro?

(3) Assim seria...

(4) (1) Mais ou menos

(3) Se tivesse consideração com o colega poderia ser mais... um local mais seguro.

(5) Eu acho que nem sempre

(eu) O porquê você acha que...

(4) Não por cause de bullying, mas por causa de drogas ilícitas que tiveram aqui...

(3) sim, porém aqui não é muito por conta de que é uma escola fechada

(eu) Vocês chegaram a presenciar algum tipo de arma de fogo, arma branca?

(4) Não

(5) No colégio?!

(1) Já, no colégio \*\*\*\*\* uma menina tinha raiva da outra, e nisso elas tinham marcado para brigar na hora da saída, mas isso não deu certo porque uma foi antes, no outro dia a que foi antes, levou uma tesoura, levou uma tesoura e na hora da saída marcaram de novo para brigar e a menina que levou a tesoura saiu primeiro e ficou esperando, quando a outra saiu ela pegou a tesoura da pasta e colocou na cintura, e pegou e chegou na menina e disse: - Eu não tenho medo de você não, pode vim para a briga, a menina derrubou a pasta e começou a brigar Pow!! Pow!!! Pow!! Pow!!! E nisso ela derrubou a menina que estava segurando a tesoura, a outra derrubou ela no chão, a outra deu um tapa por cima e a outra pegou a tesoura e fez assim [o menino 1 encenou um movimento de corte] e pegou de raspão e pegou assim e fez um cortezão, na hora que a menina fez isso aí tomaram a tesoura, a menina que levou a tesourada começou a bater nela sem parar. pow pow pow pow foi tanto murro, aí incharam os olhos dela e a boca ficou toda sangrando o nariz saiu sangue ainda e isso é feio porque as meninas estavam brigando por causa de um menino. [Aqui na parte desse depoimento, o menino narra uma briga que coincide com uma outra briga que fora narrada em outro grupo focal do colégio que coincidentemente é o mesmo que presente nessa narração.] Que não só ia ter esse menino no mundo elas brigaram por causa disso, e isso é feio porque também ficava fazendo bullying uma com a outra, por causa disso... xingava uma. e o menino não queria nenhuma das duas, por isso causou essa briga, não pode brigar por causa de ninguém, porque se elas tivessem que brigar, brigaria por uma pessoa que gostasse, nem se fosse por uma pessoa que gostasse poderia brigar, deveriam conversar. É isso.

(eu) E você está muito calado o que houve? [Nota-se que esse menino foi o mesmo que fora chamado de ratazana pelo menino no 1 e algumas das estudantes ali presente riram dele. Possivelmente algo que o deixou constrangido de participar mais ativamente do grupo focal]

(2) não tenho muito o que falar

(eu) Vocês não se sentem à vontade ou não tem o que falar.

(2) Não me sinto à vontade

(eu) no caso se fosse falar alguma coisa, seria sozinho ou não tem jeito mesmo?

(2) Não tem jeito. Sou muito tímido.

(eu) Ah por conta de que você é muito tímido. Está certo está certo. Meu trabalho seria direcionado para o pessoal que era tímido, mas aí eu vi que tem diversos outros casos

[Sirene toca e os estudantes e as estudantes riem e começam a arrumar as coisas para irem embora]

(eu) É só um instantinho, só um instantinho só vou agradecer pela colaboração de vocês. Muito obrigado

(4) E a rifa?!

(eu) A rifa eu vou tirar já, já deixe eu encerrar aqui. Espere aí menina...

[Fim]

Grupos focais Manuel de Paula Menezes Lima

Transcrição Grupo Focal I

Transcrição Grupo Focal 01 (GFI1)

Os perturbados Manuel

(1) Menino Pardo, 12 anos, Nome fictício Osmário

(2) Menina Parda, 13 anos, Nome fictício Bianca

(3) Menina Parda, 12 anos, Nome fictício Lina

(4) Menina Parda, 12 anos, Nome fictício Jéssica

II parte do grupo focal Manuel

(eu) Para vocês, o que é que pode unir os praticantes de bullying?

(1) Eu acho que pelo prazer da diversão, que eles se divertem.

(2) Não tem o respeito de casa porque o respeito vem de casa né?! Acho que a mãe não deu respeito aí vai praticar com os outros.

(eu) O que ela não entendeu na família ela vai praticar com os outros, não é?!

(eu) Quais são os tipos que você pode considerar de bullying?

(1) Pelo fato de excluir a aquela pessoa dos seus grupos sociais ééééé que ficar zoando aquela pessoa é as vezes também até. ... até xingando aquele aluno querendo arrumar confusão, éééé sem aquela pessoa ter feito nada. Eu acho que isso de algum tipo é bullying. E também tem o lado o bullying que você realmente apanha das pessoas, tipo não vão realmente com nada em sua cara e vão lá e te batem, eu já apanhei também de bullying já.

(eu) Vocês acham que bullying é realmente coisa só de meninos?

(1) Dos dois (2) Dos dois

(2) Mas os dos meninos é mais pesado, os meninos já querem partir para a briga as meninas não, as meninas só ficam mais com pirracinha, os menino ficam com pirracinha mas que ir pra cima.

(eu) Para você o bullying masculino é um pouco mais violento, não é?!

(2) É

(eu) quais as características mais presentes nos bullyings femininos?

(2) Das meninas? Eita pé... aí complica viu.....

(eu) Assim você diz o que elas fazem na maior parte das vezes

(2) Mexe assim, se os cabelos estiverem feios aí diz assim: ave que cabelo feio, aí que cabelo isso e aquilo, aí se fica lá na frente a menina é nerd, se ela estiver com os óculos é nerd, essas coisas assim.

(eu) Então é mais, em primeiro lugar, a questão da beleza?

(2) É.

[Alguns trabalhadores na escola estavam utilizando maquinas de serrar e algumas vezes o barulho estava atrapalhando a captação do áudio do grupo focal]

(eu) Em segundo lugar a questão comportamental. Porque tipo fato de ser nerd é algo estranho. E você se declara como o quê dentro da sala de aula?

(2) Eu sou perturbada.

(eu) E você?

(1)Eu me considero perturbado

(eu) Considera mesmo?! Fale a verdade.

(1)E também como uma pessoa hiperativa, porque eu realmente... eu não presto atenção em nada... em nada ...eu tenho que anotar, se eu não anotar eu não presto atenção. Eu fico sempre conversando e ninguém puxa assunto comigo, todo mundo quer prestar atenção eu. ..eu puxo assunto com alguém aiiiiii invento assunto lá só para conversar com aquela pessoa. Souuuu ....

(eu) Pronto. Para vocês qual é o principal alvo das pessoas que praticam bullying?

(2) Tem esses meninos que tem esse negócio de doença, os meninos mais moreninhos, entendeu?!

(eu) E as meninas?!

(2) As Meninas..... a mesma coisa, eu acho também....

(eu) Então a discriminação que você vê através do bullying, ela é idêntica tanto nos meninos quanto nas meninas?

(2) É

(eu) Imaginando a situação do bullying, temos o agressor ou agressora, as vítimas e os espectadores e espectadoras. O que você acha sobre dos espectadores e das espectadoras, eles gostam de presenciar? Qual o comportamento dos espectadores e das espectadoras quando isso acontece?

(2) Alguns gostam outros não, porque alguns se intrometem outros não, a maioria gosta ficam sorrindo, fica botando fogo [incentivando a prática] fica gritando... ééééé

(eu) Para você?

(1) Para mim a diferença da minha com a dela é que espectadores estão ali porque eles gostam de ver, ninguém está ali assim vendo a pessoa praticar bullying porque não gosta não, geralmente a maioria que está ali, eles estão para porque eles gostam de ver, também eles ficam rindo, é geralmente eles estão rindo fica gritando e até quando ocorria a briga, todo mundo fica gritando o nome do agressor, ninguém iria separar, geralmente só separa quando o professor está chegando. ..só. Porque eles realmente gostavam de ver...de ver ééééé o alvo, o alvo sendo humilhado, apanhando, na maioria das vezes eles sempre gostavam, quando era em relação a mim, eles sempre gostavam de me ver sendo humilhado.

(eu) Seria como se eles reforçassem. E você tem uma opinião semelhante? Você dividiu o pessoal que não gostava e tinha o pessoal que achava legal.

(2) sim [A estudante balança a cabeça e volta a olhar o celular]

(eu) Quando em uma situação em que ocorre bullying, qual a principal forma de evitar isso?

(1) Eu ééééé geralmente eu comecei a evitar o bullying a partir do momento que comecei a ignorar provocações, a ignorar brigas... finalmente eles me provocavam, provocavam e como eu não gostava e eu começava a retrucar e retrucava e geralmente era uma briga uma zoação até apelidos mas geralmente só ignoro ou quando eu caiu assim assim, muitas vezes eu estou correndo aí eu caiu aí eles começam a rir aí eu ri junto, eu fico de cabeça baixa e tudo, eu sempre tento participar e maioria das vezes quando é provocação eu ignoro.

(2) Isso aí menino. Rsrrsrsrsrsrsrsrs

(eu) E você?

(2) A mesma coisa dele ..... é a mesma coisa

(eu) se caso você sofresse bullying qual seria sua reação?

(2) Eu passava a revidar mas se mexesse muito eu iria para cima. Oxe eu iria ficar muito ouvindo.

(eu) Está vendo disse que concordava com ele rrsrsrsrsrsrs. Para vocês, depois desse dialogo o que vem realmente a ser um bullying?

(1) O que eu acho que é o bullying...

(eu) Deixe ela dizer senão ela vai ficar calada e dizer que concorda com você hahahaha

(2) O quê? Tem bullying... como é que se fala. ..agressão. De palavras, de atitudes. né?!

(eu) Isso

(2) Maioria é mais palavras umas por agressão.

(eu) E você?

(1) Eu... é é é.. concordo em alguns pontos com ela, sendo que ela aceitou, ela aceitou também no quesito de palavras de palavras e também e também agressão ééééé no quesito de bullying varia de pessoa para pessoa tem gente que como é sem paciência sem paciência mesmo, parte logo para a agressão. Se você for retrucar assim chama logo: Ei filho do nome brabo... aí você responde com mesmo xingamento, a pessoa se irrita e vai para cima, geralmente... geralmente é assim. Depende de cada ...ou tem gente

que prefere ficar xingando você... éééé na maioria das vezes éééé alguns gostam de evitar problema....

(2) Exato menino. Rsrrsrsrsrs

(eu) Está vendo?! Ela espera você responder para ela não responder, será que ela é esperta?! Fica só ali ...Para vocês um dos principais comportamentos que tem o pessoal que assiste? Qual comportamento determinante da maioria?

(2) Não liga.

(eu) Para a maioria tanto fez tanto faz. Deixa acontecer?

(2) Éééé [a menina aponta para o menino que está respondendo e ele fica rindo]

(eu) A maioria gosta de ver então. Ela joga para o menino responder. rrrrsrsrsr

(1) É eu vou bater na mesma tecla, de novo, outra vez igual a dela, que também geralmente eles não ficam ligando para você não, você está no grupo mas eles vê errado, eles vê aquela coisa errada eles realmente não liga assim, mesmo sabendo, ô aquele cara está errado, aquele ali está sofrendo coitado, mas eles não liga só ignora e deixa tudo acontecer.

(eu) Vocês já chegaram a conversar com alguém sobre o bullying?

(2) Não.

(1) Já Sobre o bullying eu converso com meus amigos minhas amigas, realmente, mas porque eu praticamente sofria e (eles/elas) sofrem bullying eu, e eu converso, converso com elas assim sobre aquele [algo não decifrável devido à uma gagueira, infelizmente, às vezes que eu pedia para o estudante repetir ele ficava meio constrangido e tentei ao máximo não deixa-lo desconfortável] elas formam algumas poucas vezes, com quem eu conversei com questão do bullying, como eu realmente me sentia, sobre o bullying o que eu sofri...

(eu) Agora, vou perguntar a ela, ela está esperta para não responder [menina ainda continua olhando sempre no celular e aguardando que o menino responda tudo] você chegou a ver em algum filme, série desenho algum caso de bullying?

(2) Não.

(eu) E você em algum desenho, filme série?

(1) Pessoas praticando bullying com as outras?

(eu) Sim.

(1) Já, já, já. Eu vejo vários animes [Desenhos animados de origem nipônica] em anime a maioria dos protagonistas é, sofrem bullying quando o anime se trata de adolescente que vão à escola, sempre o protagonista sofre bullying.

(eu) Vocês já assistiram aquele filme 10 coisas que eu mais odeio em você?

(2) Não. [Responde balançando a cabeça]

(1) Também não.

(eu) Então cite aí esses um desses animes...

(2) É de agora esse filme?

(eu) Não, ele é dos anos 1990.

(2) Ah então eu não sou velha dos anos noventa não

(eu) Olha para ela. ... É porque as vezes passa repetido na Sessão da Tarde®.

(2) Não. Lá em casa a gente só assiste Netflix® Que é de agora esses negócios de filmes, série.

(1) Eu assisto esse pirata. Rsrrsrsrsrsr

(eu) Diga aí como são os bullying nesses animes, desenhos o que você vê nisso.

(1) Éééé eu vejo um anime chamado Toragura® que passa éééé são dois adolescentes, né?! aí dois amigos adolescentes que os dois sofrem bullying por um ser nerd e o outro ter realmente uma aparência estranha, ele não é feio mais é estranho aí eles geralmente sofrem bullying aí o que tinha uma aparência estranha conheceu uma menina que também sofria bullying aí... o anime ainda não acabo... os dois lutam para vencer os preconceitos em questão do bullying, o outro anime que eu esqueci o nome, que eu esqueci o nome é um filme que é uma menina que ela é que ela é... ela é muda, aí... como ela era muda sofreu bullying de um menino, e ela não fazia nada, ela só sofre, só que com o tempo ela vai convivendo mais com o praticador(praticante) do bullying eles vão se sentindo cada vez mais até ele parar com o bullying, ele vê que está errado e começar.. ele tem amigo também praticavam bullying com outras pessoas, mas ele

como tinha se arrependido de ter praticado bullying com a menina, ele tenta convencer todos os amigos dele a parar também.

(eu) E para você... o bullying se restringe... como as aulas agora passaram a ser virtuais e outros só uma entrega de tarefa, nesse caso você não estão tendo aula virtual?

(2) Não.

(eu) Vocês têm computador, notebook em casa?

(2) Não

(1) Eu tenho.

[Trabalhadoras da escola começaram a sintonizar na rádio e deixaram um rádio próximo ao ambiente do grupo focal]

(eu) Um dos pontos que acabou não tendo aula a distância foi esse problema (De falta de micro computadores). Você já tentou ter aula com o celular?

(2) Nunca teve assim não aula assim. Nossa passa um monte de dever no prazo assim e ele manda todo mundo dia 08 entregar dia 08 aí depois para pegar dia 03 tem umas páginas que é assim da 29 a 46 aí eles querem que entreguem no mesmo dia que eles dizem, mas aí a gente pede para botar um prazo mais longo. Eu mesmo, já tem dois meses que era pra entregar.

(1) Misericórdia. Isso é praticamente impossível.

(eu)rsrsrsrsr

(1) É humanamente impossível. Da 29 a 46 não tem nem como. Humanamente impossível. Depende do horário, se for de noite aí realmente não dá, mas se for de manhã aí ainda dá.

(2) Para fazer isso tudo?!

(1) Se for de manhã dá

(2) Então meu filho você é uma fera porque eu não consigo não.

(1) se for de manhã dá

(2) Tenho nem paciência para fazer esse monte de página

(eu) É página demais. Até agora para mim essa reunião foi muito boa, porque eu percebi que vocês mesmo sem perceberem, você acabou trazendo muitos assuntos e você participou mais hoje, mas porque você trouxe muitas colaborações importantes, e você também trouxe contribuição importante, como o anime. Eu estava até procurando em relação ao bullying, pessoas que sofressem por terem um comportamento diferente, e você apareceu e para mim isso foi ótimo. Para Você...

(2) Para mim?

(eu) sim para você, o ambiente escola pode te auxiliar no futuro para quê?

(2) Como assim?

(eu) No futuro vai ser importante em quê para você a escola?

(2) Nesses negócios de faculdade, nessas coisas, que a pessoas já para assim, não vai saber tudo né?! Porque aí... mas vai ter noção de alguma coisa.

(eu) Para você o fato de existir o bullying na escola pode atrapalhar isso, pode atrapalhar o acesso de...

(2) Algumas pessoas não... que pratica sim porque que pratica né?! É. Vai ficar lá pra lá porque não presta atenção aí que prestam (atenção) vão ser alguma coisa na vida, tem algumas que praticam que vai ser mas tem algumas que não. Né?!

(eu) E você?! Você acha que o bullying atrapalha o desenvolvimento do estudante?

(1) É.. éééé.. no meu quesito atrapalhou... atrapalhou... um pouco mas nada que me atrapalhasse, que me atrapalhasse a ponto de reprovar... ou ter alguma nota ruim... um ponto mas acho que é prejudicial para o agressor que pratica porque ele perde tempo que ele poderia estar estudando, zuando, batendo outra pessoa.

(eu) Exato. bom muito obrigado pela participação de

(1) Lembrei agora...

(eu) Do quê?

(1) Lembrei de outro anime agora.

(eu) Então diga aí

(1) Bokunohiro®

(eu) Ele tem também questões de bullying?

(1) É o protagonista ele sofria muito... muito... muito bullying na escola, tinha o agressor principal, mas também os outros ficavam forçando a situação junto com o agressor principal ele, ele, ele era realmente zuado todo mundo ria da cara dele até que ele que realizou um sonho de entrar numa escola, é que o anime se passa em uma escola de que tem super poderes e ele queria ser um super herói mas ele era o único sem super poderes, aí sofria bullying, aí sofria bullying até que ele, que ele realizou o sonho dele, até que surgiu uma novidade e ele conseguiu.

(eu) Nesse anime, tem alguma menina que pratica bullying?

(1) Não

(eu) E no mundo real tem alguma menina que pratica bullying?

(1) Tem, tem, tem, [enfaticamente] com certeza, eu já vi e presenciei menina já.

[Nesse momento um dos parentes de um dos estudantes estava chamando no portão o que levou o fim do grupo focal]

FIM

## Transcrição Grupo Focal II

Transcrição do Manuel de Paula II (GFI2)

(1) Menina Parda, 12 anos, Nome fictício Fabiana

(2) Menina Negra, 12 anos, Nome fictício Tamirez

(3) Menina Branca, 14 anos, Nome fictício Cristiana

(4) Menino Pardo, 12 anos, Nome fictício Paulo

(eu) Vocês já presenciaram algum ato de violência dentro da escola?

(1) Não

(2) Já

(3) Já

(eu) vocês já chegaram a presenciar algum caso de discriminação por questão de cor de pele, por questão de sexo, se a pessoa é mulher, homem, por questão de orientação sexual, se é gay, lésbica?

(1) já, também

(2) Já

(3) Já

(eu) Como vocês já presenciaram, eles acontecem com qual frequência?

(2) Comigo nunca, mas com outras pessoas acontece muito, né?!

(1) Sim

(3) [A estudante balança a cabeça como forma de se expressar que não presenciou]

(eu) Qual o tipo que você mais presencia?

(1) Muita né?!

(eu) Agora qual tipo de discriminação você presencia?

(1) (2) De bullying

(eu) Como forma de quê assim cor de pele, de sexo. de orientação sex...

(3) De sexo....

(eu) de sexo?!

(3) uhum

(eu) E você o que você mais presencia?

(1) hahahahaha de gay

(eu) então você acha que ainda existe um certo preconceito com gay, questão de orientação sexual?

(3) Tem ambas as partes, tem os dois

(1) Sim

(2) Tem muita

(3) Acho que que sofre mais assim são pessoas negras, por conta de ... sei lá... tem. ..hora que tem gente não deixa não assim brincar

(eu) E na escola vocês chegaram a presenciar algum ato de violência por parte dos meninos das meninas?

(3) É o que mais acontece aqui

(1) Verdade

(eu) E você já viu

(1) Já....

(eu) Você podia narrar no caso o que você viu da violência entre meninas meninos?

(1) ..... [A menina fica olhando para as amigas e depois olha para mim e fica envergonhada por conta da timidez ou insegurança de falar sobre ..]

(eu) Você pode falar qualquer (coisa que viu), não se preocupe não

(1) hahahahah

(eu) Ela está com vergonha... repare....

(1) Sei não explicar. ...hahahahaha

(eu) Sabe explicar não?!

(1) Sei não hahahahaha

(2) Um menino levantou a chinela para mim eu dei um murro na cara....

(eu) como foi?!

(2) O menino levantou uma chinela para mim eu meti um murro na cara, no pé do ouvido... hahahahahaaha

(eu) Ele levantou uma chinela?

(2) Sim uma kenner®

(eu) Como assim?

(2) E o menino foi mais velho que eu....

[todas as meninas começam a dar risada, mas a menina número 3 esboça um sorriso pequeno no rosto]

(2) Um de 14

(eu) Oxe, ele fez por quê? Vocês estavam perturbando, ele? Ele perturbou você?

(2) Não hahaha porque eu fui perguntar um negócio... eu fui perguntar chamar a menina ...para professora aí ele pegou e botou o pé eu falei: tá cego?! Ele falou: aí levantou o chinelo quando eu olhei ele levantou eu estiquei o murro.

(3) olha...

(1) Eitha

[todas riem]

(1) eu quase foi assim, aí eu piquei uma cadeira

(2) [ela disse algo incompreensivo]

[todas rindo]

(eu) E como foi assim?!

(1) Porque o menino puxou o cabelo da minha amiga aí eu taquei uma cadeira nele hahahahahahahahahahaha

[todas riem]

(1) Ele começou a chorar hahahahahaha [menina fala rindo]

(3) Eu não faço isso não por causa de menina nenhuma nem menino nenhum. Quem quiser que morra.

[todas riem de novo]

(1) Eitha

(eu) Deixe eu ver aqui de novo...

(2) hahahahahaha

(eu) Vocês acham importante falar sobre o que vem a ser o bullying dentro do espaço escolar dentro da sala...?

(1) (3) sim

(3) Assim porque... necessita viu essa escola?! Porque é o que mais rola.

(1) Sim porque bullying... pode causa depressão.... ansiedade... e um bocado de coisa doenças... E vai ter que ir pro(sic) psicólogo

(eu) verdade

(2) Essa parada eu não sei explicar não

(eu) Assim, é para saber se você acha importante falar sobre o bullying na escola. Só isso se você acha importante... Bom para você o que é o bullying?

(2) Bullying?!... sei lá o que é isso... hahahahahahaha

[Todas riem de novo]

(2) O bullying no estudo?

(eu) sim... o bullying na sala de aula... no intervalo...

(2) Olhe tem umas horas que pouco bom tem umas horas que é pouco chato tem uns tempinho (sic) que a professora está irritada tem outras horas que não está....

(3) Oxe e o que tem a ver?

[duas riem]

(2) Só isso

(eu) Já teve algum caso que a professora chegou abrigar com vocês, brigava sempre com vocês?

(2) Só uma vez que mandava eu ficar calada....

[barulho de uma das meninas balançando uma perna e batendo no chão.. ]

(eu) E você não cala a boca não?

(3) Não calo não

(eu) Aí a professora fala o quê?

(1) Ela só manda calar a boca eu não calo não

(eu) hahahahahaha

(3) Ela fala que eu falo demais e ela que copia muito? Mas menino...

(eu) Mas você fala geralmente quando está onde? Com os colegas, com as colegas?

(3) Com tudo...

(eu) Então você gosta de conversar?

(3) Gosto.....é bom

(eu) tá certo. ..tá certo

(3) Ela não quer conversar com os alunos só quer passar dever parece que a pessoa é de gesso.

[todos riem]

(3) Até escrevendo a mão dói.. eu vou fazer um teste

(1) E não conversa, affff só escreve

(3) Ela fez um texto nesse quadro ela apagou umas cinco vezes o texto, parece que ela tava...

(eu) está com vontade de escrever hahahahahahaha

(3) Não e ela não esperava não. Era acabando um lado e já apagando do outro.

Meu Deus do céu, uma palhaçada....

(eu) Vocês gostam de vim para a escola?

(2) Gosto porque estou aqui hoje

(1) Sim

(eu) Assim... para as aulas normais

(3) Rapaz eu não sei porque eu vou para a escola...

(1) É pro meu futuro né?! Ter uma profissão.

(eu) Vocês se sentem bem na escola....

(1) Mais ou menos né?! Porque o outros ficam fazendo bullying porque eu uso óculos.

(eu) Ah o pessoal faz bullying...

(1) Só que eu parei de usar.

(eu) Mas não pode parar não menina...

(3) Se você pegar uma miopia forte igual a minha você vê?

(eu) Porque os óculos servem para ajudar você na visão.

(3) Quem estiver incomodado que se mude

(eu) Eu tenho um problema na visão se eu mais novo tivesse utilizado os óculos eu ficaria bom, mas não usei eu fiz o exame tarde, fiz com 30 anos aí não tinha mais jeito.

(2) Isso daqui você está gravando e mandando pra quem?

(eu) O quê

(2) Isso aqui você está gravando e mandando para quem?

(eu) Não, isso aqui é para eu guardar e depois eu estudar através do depoimento de vocês, como está tendo a pandemia infelizmente não poderei observar como são as

aulas. Porque são poucas aulas, são poucos estudantes, aí que tenho que gravar mais ou menos a visão de você sobre a escola para depois eu fazer o estudo, no finalzinho eu explico para não atrapalhar a entrevista de vocês, entendeu?!

(2) Sim

(eu) Aí porque o pessoal

(2) Se eu não eu saber eu vou fazer um bocado de perguntas hahahahah

(3) Eu gosto de vim para a escola porque estou com energia aí. Senão eu não gosto não porque estou com preguiça de vim.

(3) Mas minha mãe não deixa não eu falta...

(eu) Como foi que o pessoal mangava de vocês porá causa dos óculos?

(1) Me chamava de quatro olhos, sempre pegava meus óculos e ficava botando na cara e ficava me chamando de quatro olhos isso e aquilo....

(eu) No caso era quem? Menino, menina?

(1) Era mais meninos

(eu) Mas as meninas faziam?

(1) Faziam

(eu) Mas você lembra...

(3) Soltaram um pum

[todas riam]

(eu) Você lembra de um caso em específico de como eles isso? Se você lembra de algum caso direito...

(1) Não.....

(eu) E como foi que você falou se você não lembra mulher?

(1) Eu não entendi o que você falou não

(eu) Estou dizendo assim se você lembra de quando....

(2) O que ele fez nos seus óculos.

(eu) É como foi o dia em que pegaram seus óculos e mangaram de você...

(1) Não, uma vez quase que quebraram meus óculos

(2) Como foi a sua aventura né?!

(1) hahahahahahah

(3) hahahahahahahahaha

(eu) Então como foi?

(1) Então né pegaram meus óculos e quase quebraram duas vezes... E ficavam me chamando de isso e aquilo porque eu ficava usando óculos.

(2) Até hoje chamam as duas de quatro olho (sic)

(eu) E mais alguém chegou a falar alguma de você? Se chegaram a perturbar você, incomodar fora o menino que você deu um murro nele?

(2) Um teve um.. que estudava lá no.... foi expulso...

(eu) Foi expulso?! Eita poxa

(2) Sim. Ai ninguém não fez mais nada...

(3) Eu tenho uma prima que ela tem cara de anjinho, mas já foi expulsa de três escolas.

(eu) A menina?

(3) Já... Oxe ela não queria ir para escola ela pulava o muro

(eu) Ela pulava o muro para .... olha repare que negócio

(3) Eu não tenho essa coragem, eu sei que se eu chegar em casa eu vou apanhar de mainha vai ser pior. Eu vou levar bronca de painho. E é isso.

(eu) Para você a escola vai ser importante para seu futuro né?! Você que ela a pode ajudar como para o futuro, através dos estudos para se formar como professora?

(1) Como eu como?

[todos riem]

(eu) Perguntei assim... você acha que a escola é importante para seu futuro né?!]

(1) É

(eu) Ótimo. Agora como ela pode fazer isso?

(1) Nem eu sei dizer. Hahahahaha.

(eu) E você?

(1) Me deu um branco.

(eu) Mas pode responder qualquer coisa menina. Não é certo nem errado não, só para saber como você entende que ela vai ser importante para você. A escola?

(2) Sei lá....

[A menina foi surpreendida por estar olhando para fora da sala de aula na hora]

(1) A escola falava sobre bullying né?!

(eu) É algumas vezes fala sobre o bullying, mas aí no caso você...

(1) Eu acho que isso deve ser para socializar pessoas para não cometer discriminação, bullying...

(eu) Perfeito, perfeito. ..então estou aqui para recolher os depoimentos sobre esses tipos de discriminações entendeu?! O porquê tem essas discriminações eu quero entender como são essas discriminações. .. Aí é justamente sobre isso. Então mais um outro caso? Você lembra? Pode ser um caso em que você cometeu? Você praticou bullying, praticou alguma coisa, pode ser um caso que você sofreu...

(2) Sofreu de quê?

(eu) Assim.....

(3) Se praticou ou alguém praticou com você

(1) Eu sofri de nada hahahahaha

(eu) E pode ser também um que vocês viram, no caso vocês vira alguém praticando bullying.....

(1) Nos vimos uma professora praticando racismo

(eu) E como foi?

(1) Eu era criança, eu acho que tinha pelo menos 6 anos e eu tinha uma amiga negra e tinha um menino branco que chamava ela de macaca e isso tal coisa e ela ficou triste, e eu falei para a professora que eu estava cometendo racismo né?! Tipo falar qual era o menino para não fazer isso, ela também chamou a menina de macaca...

(eu) Vixe....

(1) E gritou na minha cara: ah mas ela é negra mesmo.

(eu) Poxa....

(3) Parabéns para ela...professora boa....

[Elas riem]

(eu) Que tipo de professora né?! Para você vem como são as coisas. ..Enfim, e por questão de .... Vocês brigam muito com os meninos?

[Elas se entreolham e sorriem]

(1) Só um pouquinho

(2) Bater os meninos?

(1) Sempre hahahahahaha

(3) Cala essa boca...

(eu) Repara... e os meninos...

(2) nós bate(sic) mesmo

[Todas riem]

(3) Eu não, eu sou certinha

(1) Porque eu sou quieta, mas no intervalo eu sou não

(eu) Mas você não é santinha não?

(1) Não, mas dentro da sala tipo eu fico quieta né?! Mas no recreio eu bato mesmo para eles aprender não bater mulher

(eu) Então no caso...

(1)E pior de tudo eu que já briguei com uma mulher por causa de uma cadeira.

(3) Não, o que mais tinha era isso brigar por causa de mesa

(1) Aí fui para a diretoria hahahahahahaah

(eu) E como foi isso você lembra tudo certinho?

(1) Mais ou menos...

(eu) E como foi? Você chegou lá e puxou ela do lugar? Como foi?

(1) hahahahahaha. Vou falar sobre isso não hahahahah

(eu) Oxe fale menina...

(1) É comprido....

(eu) E o que é que tem, não é possível a gente está aqui até 12h. É isso tudo não né?!

(1) É, É um bocado de coisa

(eu) Então fale o bocado de coisa

(1) burghhghghaahahaha [Menina tenta segurar a risada]

(3) Aproveite viu?! Não é todo dia que tem gente para escutar nós(sic) não

(eu) Você aproveita e fala...

(2) A professora não tem paciência de escutar nos respondendo as pesquisas... as perguntas, mas não tem paciência imagine...

(1) Mas o que importa por aqui é que a gente falou está desabafando né?!

(eu)É.

(2) Ah tá. Porque não desabafo com minha mãe não, porque ela não me entende.

(eu) Não adianta falar porque ela não...ela fala o quê quando você fala?Você já chegou a falar com ela sobre isso alguma coisa assim?

(2) Tipo o quê?

(1) Já, mas ela também uma vez ela me chamou de 4 olhos

(eu) Sua mãe?!

(1) Sim minha própria mãe.

(2) Quatro olho?

(3) Poxa.....

(eu) a própria mãe, imagine?! Teve o caso que você brigou com a menina pela cadeira, e o que é que você apronta no intervalo que você disse que não é santinha?

(3) Eu fico sentada

(1) Eu bato nos meninos

(eu) Por quê?

(1) Não sei hahahaha porque eles gostam hahahahaha.

(eu) Eles gostam de apanhar?!

(1) Eles ficam sentados já chega batendo....

(3) Como eu falei na aula anterior....

(1) (2) hahahahahahahahaha

(3) Como eu falei na aula anterior, M\*\*\*\* C\*\*\*\*\* ela briga muito com menino então se amava com o menino, era isso né?!

(1) Eu batia nos meninos e saia correndo e as meninas...

(3) Quando a pessoa fica com muito chameguinho brigando... já sabe viu?! Vai casar

(eu) Olhe... olhe

(1) Mas é um bocado de gente eu vou casar com um bocado de gente?!

Hahahahahahaha

[todas riem]

(1) Eles é(sic) tudo feio.

(eu) Eles eram todos feios?

(1) Era...

(3) Não tem menino não menino bonito aqui...

(2) Não tem menino não menino bonito aqui...

(eu) Os meninos pedem para brincar de bater é?!

(3) Só tem cara feio, velho... [não no sentido de idade, mas sim como algo pejorativo, depreciativo]

(2) Aí eles fazem os grupinhos dos meninos aí chega as meninas e fazem um grupinho aí as meninas escolhem a mais forte até as grandes elas chamam...

(1) Aí pega o chinelo e sai correndo pra bater neles e eles gostam viu?!

[todas riem menos a menina número 3]

(1) Mas eles gosta de apanhar, mas tem medo de menino bater...

(eu) Quem tem medo?

(2) uma vez eu iria xingar um menino, não tem?! E ele parecia com... quando eu xinguei aí eles pararam de brincar não chamou mais

(eu) Oxente

(2) Eu acho que eles já sabem que homem tem bem mais força que de mulher

(eu) Pode ser pode ser isso mesmo...

(2) Não... é bom bater e dar de murro!

(eu) Oxente.? E por que vocês gostam assim, heim?! É bom é?!

(3) Eu prefiro brigar com meu irmão.

(1) Todos os dias eu brigo com minha irmã, não tem nem um dia que eu não brigue com ela...

(3) Oxe, Meu irmão...

(1) Aí tem puxão de cabelo bate hahahahahaah, quando ela era pequena eu batia ela...

(3) Para você ver, meu irmão...

(1) ela me mordida....

(3) Você ver como meu irmão é insuportável...

(1) Eu saia correndo

(1) (2) hahahahahaah

(3) Ele cortou o dedo, um dia desse que ele trabalha coisando aí passo martelo no dedo dele, ontem eu estava sentada ao lado dele e ele já estava reclamando, aí eu bato mesmo... aí minha mãe chamou, aí tem dias que quando eu bato nele aí eu choro para minha ir lá e bater ele (sic)

(eu) Olha que ....

(3) Aí ela acredita

(1) Atriz profissional, contratada para globina

(eu) Rapaz vocês são um caso sério, viu?!.. Então deixe eu ver aqui algumas coisas.

(3) A gente veio né para falar tanto né?!

(1) (2) hahahahahaah

(eu) Isso quando vocês “brincam” de bater nos meninos é no intervalo é?!

(1) É

(2) No intervalo

(1) Mas também teve uma vez né?! Que eu e minhas amigas estávamos brincando de bater....

(3) No final sai abraçadinha....

(1) aí minha tia chegou bem na hora, e a gente ficou assim [Encena como se não estivesse acontecendo nada] e ri...

– Aí tia estou brincando com minhas amigas.... hahahahaha

– está brincando com os meninos é?!

– Não tia hahahahah

[todas riem]

(eu) Olhe para isso...

(1) Aí minha mãe entrou atrás dela

(eu) Aí ela dá risadas..

(1) Eu comecei a dar risada

(eu) Vocês vê como as outras meninas ou os outros meninos fazem a mesma coisa ou o que eles fazem?

(2) o quê? [Falando baixinho porque estava olhando o celular escondida]

[todas riem]

(eu) No caso vocês tem essa brincadeira no intervalo de bater nos meninos, elas também têm ou...

(2) Todas tem

(3) Olhe que mentira...

(1) Na minha idade até as crianças pequenas

(2) Até as meninas pequenas já quer entrar com...

(3) teve um colega que quando era pequenininha ele só não me batia porque eu era criança, mas ele me deu um murro no estomago que eu fiquei meia hora abaixadinha aí eu fui falar a diretora não fez nada é criança fiquei..... se fosse meus sobrinhos eu dava um ...

(1) uma vez eu lembro que eu joguei bosta de cavalo não tem?!

[todas riem]

(2) Essa menina tem cada estória...

(1) em uma menina, a E\*\*\*\*\* hahahahahahaha

(2) Ela é muito encrenqueira

(eu) Você jogou bosta de cavalo na menina?

(2) Em Es\*\*\*\*

(eu) Você viu também foi?!

(3) É pra ela crescer rápido

[todas riem]

(1) Sabe por que eu joguei, porque ela fazia careta feia para mim entendeu?! Só porque ela gostava de um menino e esse menino não gostava dela gostava de mim.

(2) E ele era meio coisado [gesto homofóbico de imitação do comportamento de um menino homossexual]

(eu) O menino?

(3) Então ele não gostava de você

(1) Mas acho que você conhece...

(3) Quem é?

(2) era um galeguinho...

(eu) não fale nome não pela mor de deus hahahahahah

(3) Eu não nunca nem vi

(eu) Mas você conhecia a E\*\*\*\*

(2) Só andava com aquelas roupas coladinhas...

(3) Não fia nem vem....

(1) Andava com calça toda rasgada hahahaha folgada parecia desleixado...

(3) É estilo

(1) Só que o cabelo dele era todo arrumado... lembro da roupa que era feia...

(eu) Você achava a roupa dele feia?

(1) É

(3) Isso é bullying sabia?!

(2) Mas a menina aí tem estilo. toda vez que ela ve uma roupa: Aí que roupa feia uma blusa que nem essa

(eu) Você acha roupa de homem feia?

(1) É

(2) Tem algumas que ela acha bonita roupa calça....

(1) Na loja só aparece blusa de love love® toda hora não tem outra blusa

(3) Eita roupinha ridícula prefiro minha camisa de time

(eu) Você gosta de que time? Você torce para o qual time?

(3) Flamengo é claro. Melhor time.

(eu) E você?

(1) Eu não tenho não

(2) Gosto não

(3) Mas uso tudo, oxe assisto todo dia

(1) Eu assisto do K-Pop [movimento musical de grupos feitos com conjunto de vocalistas que iniciou-se na Korea do Sul, semelhante a conjuntos como New Kid On the Block, que dançam coreografias e cantam]

(2) É japonês assim hahahaha A menina disse que ela gostava dos homens do coisa

[todas riem]

(3) Aqueles coreanos tão em....

(1) Aqueles koloni gatha [Ela não sabe como se escreve, só fala desse jeito] é muito lindo.....

(3) Tem uns koreanos que são bonitinhos...

(1) Ele é gato Mas tem outro que é gay...

(2) Ela tem um quadro viu?!

(3) E você torce para que time?

(eu) Corinthians. Aqui é Corinthians rapá.....

(3) Eitha povo convencido esse do Corinthians

(2) O povo só gosta do Corinthians, e mais daquele outros...

(3) Eu tenho um amigo

(2) que usa blusa verde

(eu) Palmeiras

(3) ô Palmeiras velho que meu deus do céu que não tem vergonha na cara

(1) Só o filho de J\*\*\*\* que ... quando ganho ele sai gritando: Gol!!!! Gol!!!!  
Gol!!!! Gol!!!!

(3) Ele é corinthiano mais o bicho é convencido viu?! Disse que o melhor jogo é o dele, então um enjoo do ca\*\*\*\*\*

(eu) Vocês chegaram a presenciar alguém sofrendo bullying?

(2) Você só tem vai ter essa pergunta é?!

(eu) É porque vocês só me enrolam nunca responde

(1) Eu não lembro entendeu?! Eu não lembro

(eu) E alguém da sala de vocês que é quietinho...

(1) Ah eu lembro de um bullying que os meninos faziam, menino e menina tanto faz(sic), fazia bullying com uma menina só porque ela cheinha, aí jogava areia nela água, e ela saia correndo, água só que era água de esgoto.

(eu) Eita pé. Agora fora da escola você já assistiram alguma série, desenho, filme onde tem....

(1) Série?!

(eu) sim

(2) já assistiu ou...

(1) Doce lar na Netflix® hahahahaahah

(eu) Então ..

(1) É de terror sei lá hahahah

(3) Rapaz eu nem sei... eu nem assisto filme mais

(1) Eu assistia bullying eu acho... o ator lindo professor... ou hahahaha

(3) Mulher é bullying o tema é bullying

(eu) No caso se vocês viam...

(1) Ele sofria bullying.

(eu) Como é que eles sofriam bullying?

(1) Não sei porque a mãe dele morreu hahahahahaha Mas também ele apanhava todo dia hahahahaha

(2) Eu já assistir..

(3) Eu assistir um que era dentro da escola...

(eu) Você lembra como era o nome da série do filme...

(3) Eu não lembro não...

(eu) Você já viu algum bullying dentro da escola assim em série, filme...

(3) Já que a menina era pobre e a escola era tudo de rico entendeu?! Aí ela tinha ganhado uma bolsa aí as meninas ficavam mangando tudo dela também porque ela era morena.....

(2) Tinha uma menina que a tia chamava a menina de piolhenta, ficava abrindo a cabeça da menina e ficava dizendo: Olhe gente está cheio de piolho a menina aí ficou chorando...

(eu) Isso foi dentro da sala? Você lembra como foi?

(2) aí depois, no outro dia a mãe apareceu e o irmão pediu para ela falar aí o irmão pediu pra sair e jogou uma faca dentro do banheiro.

(eu) jogou uma faca dentro do banheiro?!

(2) Sim, aí depois acabou batendo em I\*\*\*\*.

(eu) Esse menino que você falou também mangava dela?

(2) Mangava...

(eu) E outra série filmes vocês não lembram?

(1) Quando tem série só eu não lembro porque agora está me dando um branco....

(3) Morre gente nesse Brasil heim?! Misericórdia.... todo dia

[No momento passa um carro de som e começa a atrapalhar a captação da entrevista o que me levou a pausar esta para que pudesse reiniciá-la após a passagem]

(eu) Deixe eu pausar aqui.....

(3) Aí é só você ocupar sua mente com alguma coisa que você goste. Aí você melhora um pouquinho na disfarçada...

(eu) Pronto aí quando falar... pronto é isso que eu faço, pego esses assuntos aqui e ver o que vocês estão falando

(1) Quero começar.....

(eu) O quê? menina?

(1) Eu quero começar

(eu) Já começou hahahahah

(3) Já começou e nós falando de ansiedade. Olhe que feiura...

(2) Ei para eu está começando isso, heim?! Já bote que está terminando senão não dá...

(1) Né isso?!

[as meninas falam sobre comprar materiais para retornarem as aulas presenciais]

(1) Só tem uns que diz que está com saudade da escola... que saudade... está com saudade de bater os meninos...

(3) Estou com saudade de bater nos meninos...

(eu) Está com saudade de bater nos meninos?!

(3) A menina que disse...

(eu) Ah a menina que disse... repare... vocês estão com saudade de PERTURBAR o povo mas não faz isso hahahaha

(3) Não....eu nem pertubo...

(eu) vocês têm saudade de vim estudar ou...

(2) Você vai escrever é?

(eu) Não menina hahahaha, você tem saudade de estudar ou tem saudade de conversar com os amigos?

(2) os dois

(3) Conversar

(1) Estudar né?! Perturbar as professoras

(2) Tem vez que eu não faço o dever tem vez que eu deixo para a professora fazer, aí pare eu sempre saiu aí quando ela chega eu paro.

(3) Eu não estou com saudade não porque já estudei muito, eu faço banca depois.

(eu) Aí termina de estudar de um jeito aí termina e já faz outro.

(3) Eu estava fazendo um curso só que teve a pandemia.

(eu) estava fazendo qual curso?

(3) éééé tecnologia né que mexe com computador?

(eu) Informática...

(3) É, tecnologia sei lá

(eu) é um tipo de tecnologia. Então que dizer que vocês querem voltar para a escola por causa do professor?

(2) Era bom se a gente começasse...

(3) Só que assim eu não sei se vou voltar para o curso porque....

(2) Hoje é 22 mas começa no dia 29 né?

(3) É muito...

(1) mas esses povo hahahahaha

(eu) Você acha melhor vim para a escola ou ficar em casa mesmo?

(1) Vim para a escola

(3) Ei aquela mulher que esta com o menino parece que vai ser geografia de novo?

(1) Eu fico presa dentro daquela casa eu só estava cozinhando, lavando os pratos, lavando roupa, passando, e minha mãe nunca está satisfeita...

(3) E vocês esta toda lascada....

(eu) Ela sempre reclama?

(3) Todas....

(1) Toda hora

(2) Minha filha tem vez que ela sempre...

(1) e vem e piora parece aquelas mães doidas na rua....

(2) Ela xinga....

(3) Pois vocês estão tudo lascada viu?! Suas professoras de português...

(1) Ei professo R\*\*\*\*\* também é professor é?!

(eu) É, ele está trabalhando como coordenador, mas acho que ele é formado

(2) E porque ele não está como o mesmo professor que ele passa o dever?

(eu) É porque ele não está como professor

(2) Ele passa o dever difícil...

(eu) Vocês estão respondendo o dever direitinho?

(1) Não sei... Estou respondendo tudo aí não sei se está certo sóóóóóó que eu fiz o de inglês pela metade....

(2) E o de R\*\*\*\*\* é tudo

(1) AS tarefas muito difíceis que eu não sabia né?! Traduzia desse lado aqui e tinha que ter traduzido do outro, traduzia nos dois, aí do nada tinha que botar tudo de novo na outra página, aí tinha que colocar no papel... e não iria dar tempo. e eu já ficando nervosa aí eu fiz pela metade entreguei assim, pelo menos eu fiz outros.

(3) Oxe, eu peguei aí fui para a praia aí eu cheguei e tinha uns três dias que tinha passado para fazer o dever eu fiz em uma semana na carreira, por isso que eu nem vim sexta, que eu tive que ir para a banca.

(1) Pra banca?

(3) É...

(eu) Pra resolver tudo.

(3) Eu faço mas não tenho a capacidade de fazer sozinha não eu não tenho coragem.

(eu) Você gosta mas do qual professor?

(2) Hã?

(eu) Você gosta mais do qual professor?

(2) De Q\*\*\*\*\*

(eu) Era professora de quê?

(2) Sei lá ela ensinava tudo...

(eu) Ah você está no 6 ano

(2) Eu gostava dela e da mulher que era do convento.

(1) ensinou um tiquinho de nada só um mês né por causa da pandemia?![Conversa paralela com outra estudante]

(3) A de português é insuportável...

(1) Essa mulher aí é gente boa[aponta para uma professora que veio olhar a entrevista]

(eu) O que ela faz assim que te deixa injuriada? [com muita raiva]

(3) Tudo, tudo, tudo...

[todas riem]

(3) Ela por si é insuportável, só de olhar na cara dela eu já não me aguento.

(eu) Eita mulher ficou com raiva só de olhar...

(3) Não, não fiquei com raiva só de olhar. Eu fiquei com raiva...

(1) Porque ela pegou o doce dela...

(3) Não, estou dizendo que só de olhar para a cara dela é só de nojo, sabe?

(1) Tem professora que chega a desanimar, bora se sentem gente...

(2) e bate na mesa com o negócio de apagar... pahhhh

[todas riem]

(2) Parece aquelas doidas da rua que fica fumando [As usuárias de crack que ficam próximas as residências das estudantes no bairro da escola]

(3) Também tem um professor de matemática que é insuportável, ele não ia com minha cara não porque eu respondi ele (sic)... aí ficou só com raiva de mim... ele ficava só no celular e mandava as meninas escreverem no quadro, ficava parecendo que era empregada dele... falando não sei o quê sobre.... uns povo(sic) preguiçoso...

(eu) hahahahaha

(3) Falando que tinha levado galha, meu deus do céu...

(eu) Oxe

[todas riem]

(3) Falando no telefone: - Ela não presta não paguei viagem não sei o que lá e ela me botou galha. ...está um caso sério

(eu) E você não gosta de nenhum professor ou gosta de todos?

(1) Eu gostei foi a de português e de história.

(2) Eu gosto da de artes.

[. .]

(2) Eu não gosto de N\*\*\* ela era perturbada, zuadenta. A gente fica um instante conversando ela: - Cala a boca.

(3) Nojentinha também

(1) Uma moreninha do CABELO RUIM. Que está usando um negócio...

(3) Mulher o bullying....

(1) de reggae

(2) Muito chata.....

[...]

(3) Aí tinha uma professora que disse que se a gente desse um piu iria tudo para fora da sala aí se juntou mais 5 meninos e umas três menina e fizemos piu na mesma hora... aí ela ficou olhando assim para saber quem era assim ela nem percebeu quem foi.....ela ficou P\*\*\* de raiva a gente deu risada na cara dela...

(eu) Então vocês são perturbadas na sala de aula...

(3) Eu não

(eu) São quietinhas?

(1) Mais ou menos

(3) Eu sou um pouco

(2) hahahahah

(3) Vou me queimar é vai que mainha ouve esses áudios...

(eu) Não menina, ninguém vai ouvir esses áudios não além do pessoal da universidade... mesmo assim não são todos.

(1) Você vai escutar esse áudio todo?

(eu) Eu vou escutar e escrever, pense em um trabalho que vocês estão me dando, está vendo aí

(3) Escreva com carinho rapaz...

(2) Nós responde (sic) tudinho passei meia hora aqui olhe...

(1) Aí tem deixar...

(2) Ei bora botar ele de castigo para fazer os deveres todinhos e deixar nos tudo do lado de fora até ele terminar, só entra se ele terminar tudinho...

(eu) Aí não é hoje não

(1) depois de escutar vá lá pra minha casa e me diga o que eles falaram, quero saber tudo.

[todas riem]

(eu) Teve essa professora que vocês não gostavam, porque ela não deixava vocês conversarem, só por isso?

(1) Não né, porque ela não deixava eu dar risada né?! Hahahahaha

(eu) E você? o que é que você não gostava dela?

(3) Porque ela era insuportável...

(1) Eu também não gostava de outra que ele

(eu) Passava muito dever?

(1) Muito muito, só nos livros.

(3) A que eu falei

(2) Olhe tem um gordão que é...

(1) hahahahahahaah

(2) um professor quem é chato é ele.....

(1) Eu não vou mentir não, se algum menino falar mau de mim ou alguma menina tal eu vou xingar, aí teve uma mulher que veio me chamar a atenção porque eu xinguei, né?

(eu) uhum

(2) aí eu falei assim: - A boca é minha hahahahah e xingo na hora que eu quiser hahahaha

(eu) Oxe menina.... repara....

(3) Está precisando de um psicólogo você hahahahahah

(eu) Por que ele era chato?

(2) porque era chato mesmo

(eu) Ele fazia o que assim que você não gostava?

(2) Ninguém podia dar um piu que ela abre a boca

(1) hahahahahahahah

(2) Se ela escuta isso daí ela vai ver...

(3) Meu deus como é o cúmulo vocês

(1) Acho que pra ser professor tem que ter muita paciência

(3) Pronto, eu não tenho

(eu) Então vai ser professora não.

(2) Na hora que a professora está lá falando um bocado de coisa eu não tenho paciência de escutar não eu mando logo tomar... eu não tenho paciência de escutar,

(3) Eu só achei a professora chata porque ela passou um monte de dever, e também ela é muito debochada ela, ela quer debochar da minha cara só que eu não deixo

(1) Se eu fosse professora...

(eu) Ela quer debochar de sua cara, como assim?

(3) É assim uma cara de nojo olhando para pessoa eu faço também

(eu) ela faz cara de nojo?

(3) É eu faço também

(1) Deboche uauuuuuuu

(eu) Como é?

(1) MC Mirella é o lacre

(2) Tirar a foto dele olhe o deboche dele.

(eu) rapaz é muita coisa

(2) É muito louco

(eu) deixe eu ver aqui...

(1) Às vezes eu fico só imaginando que eu vi para a Terra só para sofrer

(eu) Você fica imaginando isso?

(1) é

(2) Não era mais fácil você pegar você falando e alguém escrevendo e respondendo

(1) Eu sou paranoica

(2) ia ser mais melhor do que ficar coisando...

(3) Paranoica?

(1) É sério

(2) porque você faz um dia e outro dia né?!

(eu) É, entendeu?!

(3) Paranoica? Como assim?

(1) Eu sou paranoica

(2) Está igualzinho os povos preguiçosos...

(1) Eu sou a ultima pessoa de casa a dormir, aí eu vou lá lavar os pratos isso e aquilo tudo depois vou dormir... aí eu fico assim na mente, será que eu fechei a porta?

(3) E no Tik tok® vendo o povo...

[uma pessoa entre na sala para perguntar sobre o diretor. ]

[Depois comecei a recapitular algumas observações e assuntos presentes na entrevista]

(eu) O que vocês acham que poderia melhorar em relação ao jeito que vocês se relacionam na escola, o que poderia melhorar?

(2) O que poderia melhorar....

(1) O ensino, porque o ensino não é muito bom, eu não acho muito bom não...

(eu) E a convivência?

(1) Convivência?! Só tem briga... daqui a pouco vai ter até bomba aqui vai virar a guerra mundial...

(3) Eu não acho não tão ruim aqui....

(2) Daqui a pouco morre tudo aqui

(1) hahahahaha

(3) eu estou passando de ano....

(eu) Para você está ótimo?

(3) Maravilhoso, e estou sabendo das algumas coisas, não é?! Só não aquelas contas que vem no alfabeto lá....

(1) Bota alfabeto na matemática quem nunca viu isso? Tem mais letra que o alfabeto...

(2) Bota alí olhe[aponta para o quadro com algumas expressões algébricas de assuntos antigos de matemática] daqui apouco que ele deixou riscado que ele não sabe o alfabeto....

(3) Ela são é preguiçosas...

(1) Tem uma professora que letra muito horrível dá pra entender nada, eu tenho que ficar perguntando:

- professora que letra é aquela ali?

Aí ela:

- É papelão...

Eu falei: papel? Está errado viu?!

A professora não sabe nem escrever papelão...

(eu) Você pretende ser o que quando crescer além de ser grande?

(2) Hã?

(eu) Aprender a trabalhar com o quê?

(1) Cardiologista

(eu) E precisa estudar o que pra ser?

(1) Não sei...

[todas riem]

(eu) Você acabou de responder uma pergunta, o estudo vai servir para que você, estude para fazer...

(1) ser melhor, ser independente

(eu) Também, e.....

(3) ser independente é a primeira coisa né?!

(eu) E você concorda com isso também?

(2) Não sei... eu só presto...fazer igual a minha irmã... só prefere trabalhar em mercearia para chupar doce

[todas e eu riem]

(3) Rapaz eu não sei se você

(2) E meu currículo....

(3) Eu queria ser engenheira

(2) Meu cunhado quer fazer alguma coisa para ser polícia

(1) Um amigo meu quer ser engenheiro....

(3) Não, assim ...polícia era meu sonho de gurizinha, porque eu tenho dois tios que são policiais, um é da militar outro é da civil, só que agora já não quero eu quero fazer outra coisa que me esqueci o nome...

(eu) E por que assim o que foi que houve que você se desencantou?

(2) Quero ser uma polícia militar

(3) Sei lá hahahaha passando o tempo já não quero...

(1) Quero ser delegada, ser cardiologista, psicóloga....

(eu) Estudar o coração... tratar o coração.. e você quer trabalhar no mercadinho pra chupar doce mesmo?

(3) Mercadinho é sem futuro..

(2) não hahahaha só ganha mixaria....

(3) Psicóloga você tem que ser né?! Porque você conversa demais

(2) Já está bom de cair fora... o ruim do mercadinho é que só ganha mixaria...

(eu) e um emprego que ganharia...

32) E um que é sem ser juíza que tem outro nome lá?.....

(eu) Advogada, promotora...

(3) É promotora...

(eu) E o que é que faz uma promotora?

[Telefone da estudante 2 toca]

(3) Tô ligada...Não lembro não mais eu queria ser...

(1) Ela promove... hahahaha não sei... brinvadeira não sei não...hahahah

(2) Olhe os professor....

(eu) Ela promove o quê?

(3) Eu só quero ser promotora por conta do salário também, que é bonzinho...

(1) salário das pessoas que está....

(3) Acho que aqui em Lagarto estuda muito né?!

(2) Queria também ser cirurgião...

(3) Aqui em Lagarto nem ganha esse salário todo...

(1) Ganha merreca, esmola... vai ganhar um real...

(eu) Vai ganhar o que rapaz?!

(1) Ganhar esmola hahahah

(2) Quando ve a policia fica fazendo pose, já quer tirar foto já quer postar...

(eu) Quando vê a polícia...

(2) éééé' duas menina já fez isso todo dia faz....

(1) Porque os povo(sic) tudo fofoqueiro. ... aí é Fifi [Personagem fictícia que representa a fofoca]

(eu) E dentro da escola tem fofoqueiro?

(1) Apois(sic) é o que mais tem hahahaha fofoqueiro

(eu) Quem que mais faz fofoca?

(3) As minhas amigas...

(1) É tudo fofoqueira... eu tinha gostado de um menino e elas foi logo contar pra ele...

(3) Rapaz eu prefiro amizade com menino porque os meninos não são fofoqueiro, agora as meninas ave maria...os meninos fala(sic) na cara....

(2) As meninas aqui fala(sic) de tudo, fala tudo da vida dos outros

(eu) Já as meninas falam nas costas?

(eu) Quando elas fazem fofoca elas falam de coisas boas ou ruins?

(2) Oxi. ..a maioria é tudo ruim

(eu) Mais ou menos o que é que elas falam que seja ruim?

(1) hahahahahaaha

(eu) O que é que elas falam?

(1) Se você gosta de um menino... não sei...porque eu. ..hahahaha só que sei que um menino me bateu puxou meus cabelos aí né eu não deixei passar não dei um murro nele. ..puxei os cabelos também e dei um murro no saco dele hahaha aí fui para a diretoria hahaha com ele...

(eu) Você acha que as meninas tem isso mesmo, gostar de falar....

(2) É igual a minha prima V\*\*\*\*\* ela estava brincando aí veio um menino empurrar ela aí pensou que era eu aí ela me empurrou assim aí peguei e piquei um murro na boca dela aí saiu sangue...

(eu) Eita

(2) aí depois veio e o menino bateu nela ela pegou a caneta e cortou a barriga dele todinha o menino foi para a casa chorando ela ficou na diretoria até a mãe dela chegar....

(1) Se arromb\*\*\*

(3) Agora aquelas policial tem uma marra viu?!

(eu) Marra ?

(1) Como você acha bonita a roupa?

(2) Essa menina N\*\*\*\*\* é venenosa ...venenosa mais que tudo

(eu) Venenosa como assim?

(2) Que nem aquela musica: “Venenosa êêêêê ”

(eu) E esse veneno é o quê?

[a menina número 2 ri mas não fala o que é]

(1) Veneno do pão quer?!

(eu) É porque ela fala muito mau dos outro pelas costas é?! Ela faz intriga

(2) Ela arruma briga com qualquer pessoa...

(3) Ela é barraqueira, né?!

(2) Ela arrumar briga com um menino maior ela vai levar um murro na boca...aí ela fica com a boca inchada e o olho roxo, aí ela vê o que é bom para tosse...

(1) hahahahahahaha

(3) Como é menina? Quem é a menina?

(2) N\*\*\*\*\* irmã de M\*\*\*\*\*

(3) Já é dez horas já....

(eu) Eita!!!!!! Falta poucos minutos para terminar aqui....

(2) Termina logo essa bosta

(1) aaaahhh hahahahaha

(2) Não termina não para eu ir para minha casa uma hora

(eu) É já menina é já.....

(1) Oxe só quero ir para minha casa uma hora....

(2) Só chegar lá e comer e tomar banho e assistir...

(eu) E não vai fazer as coisas, não é?! [Fiz essa pergunta a fim de descontrair]

(2) Deixar para as mães fazerem a minha parte eu já fiz....

(1) Eu tenho que cuidar da minha irmã... aquela menina só me dá... me poupe... não sabe nem limpar um fogão, ela vai tocar fogo. ela pega o isqueiro e minha mãe toma toda hora...

(2) Parece que ela é doidinha da cabeça...

(1) Só não posso...

(2) imagine se a mãe deixar ela sozinha?!

(1) Eu não posso falar o que aconteceu...

(3) Vocês estão falando do quê? Vocês são primas é?!

(2) Não.

(eu) São muito amigas né?! No caso...

(2) Nós se conhece(sic) desde pequenininha

(1) É

(eu) São quase irmãs...Bom por fim

(2) Hum

(eu) eu gostaria de perguntar coisas simples...

(1)Sobre....

(eu) são coisas simples...

(2) Se a gente vai ser modelo

(1) Hahahahahah

(eu) não menina....

(1) Vou ser atriz agora, modelo, menos cantora que eu não tenho vocal...

(3) Se eu for cantar eu passo fome...

(eu) Vocês acham a escola um ambiente seguro?

(1) não

(3) Oxe já roubaram poucos celulares aqui?

(1) Já...

(3) Oxe teve uma vez que a menina tinha um iPhone® roubaram...o menino levou, lembra?!

(1) Lembro, aí...

(3) Como o iPhone® tem rastreador aí chamar as polícias achou com quem estava aí o menino já tinha ido pra casa...

(eu) Olha

(3) Estava tendo festa esse dia... a menina retardada a menina parece, deus me perdoe... deixou em cima da mesa...

(1) Ela era prima do meu amigo

(3) Aí levaram... deixa assim à toa?!

(1) O menino ficou desesperado: - Eita roubou o celular de minha prima

(2) Ele só vai roubar pra pegar mesmo porque não tem como formatar

(eu) ah

(3) Tem para desbloquear e bloquear, eles usam assim... Eu já bloqueei assim...

(eu) De sua casa assim?

(3) Bloqueei do meu irmão...

(eu) Olha que menina malvada....

(3) Mas também eu apanhei esse dia muito chega tive pena de meu courinho.

(eu) Então você não acha a escola um lugar seguro...

(1) Não porque tem roubo tem porrada

(3) Aqui o que mais rouba é caneta

(eu) tem muito roubo de caneta?

(3) Tem todo dia

(1) Caneta, lápis, borracha...Tem uns meninos queria roubaram meu estojo, é espere ainda.... taquei um murro nele e eles nunca mais roubaram.... eles roubam até lanche....

(3) No recreio...

(1) Eles roubam até lanche, uma vez eu fui comprar... me esqueci o nome... daquele negócio... garrafinha.. o menino pegou assim e saiu correndo, eu só recuperei porque fui lá bater nele, dei uns tabefes....

(3) Aqui o povo é muito nojento, a pessoa está chupando um pirulito eles vem pegar da boca dos outros...

(1) Se roubar uma coisa só se....

(3) Tem que ficar assim olhe com as canetas [estudante faz um movimento que simula um abraço desconfiado]

(1) Aqui a porta tem que ficar fechada

(2) Um dia roubaram a minha no outro dia descobri quem foi e quebrei a cara e peguei de volta

(1) Só você dar as costas que quando pensa que não você olha: sumiu...

(eu) como foi que ele pegou menina?

(2) Ele pegou a caneta aí no outro dia eu descobri quem foi, aí no outro dia vim atrás aí tinha uma menina escrevendo, peguei a caneta e escondi, só peguei a caneta quando fui para casa

(1) Aqui na escola só vive roubando.. mexendo na bolsa

(3) Eita poxa.....

(2) Os povo ladrão...

(1) As bolsas para tudo roubar aqui hhahahahaha

(eu) então de tudo tem um pouco?

(1) Pouco não, tem muito.

(eu) As pessoas que brigam são sempre as mesmas?

(1) sempre as mesmas

(3) Porque é tudo barraqueiro.

(2) Mas não sei os meninos mas elas é até na frente dos pais

(3) Minha mãe sabe a cobra que tem dentro de casa mais menino... ficar escondendo...

[...]

(3) Quero ir para casa não agora

(2) Ei, deixe para acabar uma hora...

(1) é

(eu) Por que vocês não querem mais ir pra casa

(2) Porque não, as mães só presta pra botar pra fazer as coisas dentro de casa, oxente para limpar tudo e elas preguiçosas....

(1) Elas são as patroas e nós é(sic) as empregadas

(2) Fazendo a gente de empregada, e vai pagar o quê?! Pagar nada....

(1) Do jeito que a gente faz...eu cozinho lá em casa eu lavo roupa ..tudo lá em casa e tem que lavar...

(eu) Você joga lá na maquina ou lava na mão?

(2) Lavo na mão....

(1) Eu lavo tudo cueca calcinha...

(2) Já pensou nossas mães ouvirem isso?!

(eu) Não, pode mostrar não.... no caso vocês vem para a escola porque em casa só fica fazendo essa ruma de coisas?

[todas] É

(1) Só reclamação

(2) É porque as mães só manda fazer as coisas, e por que não faz também as grande de 14 anos?!

(1) Estou em casa pra quê? Para ajudar minha mãe

(3) Só pra comer tomar banho e lavar os pratos...

(1) Quando trabalha no lava jato eu entende, mas o resto[do tempo] ela só fica no celular.

(3) Eu não tenho o que reclamar não, eu não faço nada

(1) Apois.... se eu reclamar levo um tapão na boca...

(eu) As fofocas são sobre o que que vocês não falaram...

(1) Sobre falar mau da vida dos outros

[Nesse momento uma funcionária da escola interrompe a entrevista para perguntar que horas poderia pegar as meninas quando terminar a atividade, já que a mãe de uma das meninas estava perguntando que hora iria acabar porque a menina teria que ir para casa]

(2) Oxe, ela que espere.

(eu) Será que é...

(3) minha mãe não é não...

(eu) quais são os tipos de fofocas?!

(1) Acho que é a minha mãe, chegou para eu ir fazer as coisas

(3) Mulher você está falando muito alto e ela vai escutar, quando chegar você vai tomar uma surra...

(eu) A fofoca é sobre o que mais ou menos?

(1) há fulana é feia hahahaha que é falsa...

(3) Teve uma aluna coitada estava se beijando com um menino, a diretora parece que não pode ver que ela não deixa, aí a menina pegou e foi lá porque gostava do menino e o menino não gostava dela aí foi lá e disse a diretora, ai a diretora foi lá e cortou o clima do menino e da menina... bichinho...

(1) Falando mau dos outros... sempre...

(2) As meninas do quinto ano fala é dos meninos, a tenção e vai e topa na bunda.

(1) Aí uma vez eu fui no banheiro e o menino deu um tapa na minha bunda eu olhe e disse oxente...

(eu) Mas tem menina que dá tapa em bunda também?!

(1) Tem na dos meninos, porque os meninos gostam porque sempre ama apanhar das meninas.

(eu) Então a fofoca é mais...

(1) Se a pessoa é bonita aí fala mau porque tem inveja, se você é feia... ah é feia é horrível....

(3) Não estou nem aí pra quem me acha feia....

(1) Eu não tenho auto estima não... quando me olho no espelho me acho feia

(3) Minha fia tem que ter amor próprio...

(1) Exatamente ...Eu não tenho não

(3) nem sempre eu tenho, mas tem horas que me bate uma raiva aí vou lá tem que fazer alguma coisa....

(1) O que eu faço de bom é só dançar e cantar, e é isso.

(3) Eu me arrumo todo dia

[Devido a insistência da mãe de uma das meninas aliada a enorme digressão destas, o grupo focal foi desfeito]

[fim]

## Transcrição Grupo Focal III

Grupo futuro do Brasil (GFI3)

(1) Menina Parda, 16 anos, Nome fictício Camila

(2) Menina Branca, 14 anos, Nome fictício Juliana

(3) Menina Parda, 13 anos, Nome fictício Andréia

(4) Menino Pardo, 16 anos, Nome fictício Mateus

(eu) Vocês presenciaram algum tipo de violência na escola?

(3) Eu já nas ruas, na escola também

(1) Eu também na escola também, porque eu já fui ameaçada de faca

(4) Já

(2) Eu acho que não, acho que na escola só.

(3) Ei ela sofre porque os outros ficam chamando ela(sic) de boca torta [aponta para a menina 1]

(1) E feia essas coisas.

(2) Menina você não é feia é porque você não conhece os produtos da Jetiqui (a menina fala de forma errada uma marca de cosméticos chamada Jequiti®)

(3) Meu filho....

[sirene é tocada]

(3) Vai tocar logo agora que estou falando? De tanto chama ela(sic) de boca torta, a boca dos povo(sic) tá(sic) ficando torta.

(1) É isso mesmo ela é barraqueira

(3) Pois caneta de ouro [Menina olha para uma caneta que estou anotado algumas coisas da entrevista]

(eu) Não menina é só pintado

[meninas e o menino riem]

(2) Ele não é o vigia minha filha que deu 9.000(reais) em uma caneta

(eu) Vem para cá rapaz senão não vai captar sua voz, tem que falar também todo mundo tem que falar.

(3) Fale alto hahahahahahaha

[as meninas riem]

(eu) E você

(1) Rum e você... [Menina debocha do jeito que eu me referi a ela subitamente]

[as meninas tentam segurar o riso]

(eu) Você presenciou algum caso de violência particularmente com você?

(2) Como assim diga...

(eu) Se você já sofreu algum tipo de...

(3) Alguém já te bateu, alguém já fez bullying com você, maria falar tudo pra vocês é? Oxe...

[elas riem]

(2) Acho que bullying que já e violência acho que foi a um mês, a menina mexeu comigo aqui e foi isso....

(3) As duas caíram no tapa... só não sei quem ganhou

(eu) O que foi que originou essa briga?

(2) Ela

(eu) Ela mexeu com você como?

(3) Agarrando o macho dela

(2) Credo que feiura povo baixo sai para lá, éééééé acho que foi porque ela ficou inventando estória para minha mãe querendo me bater

(eu) Ela inventou o quê?

(3) Ele está perguntando inventou o quê?

(1) Ela inventou o quê?

[hahhahahahaha]

(3) Ei o povo vai mangar de nós hahahah

(2) Nada a ver. Foi que ela inventou falando coisa que eu estava namorando que eu estava de namorado aqui na escola, aí minha mãe pegou e quis saber eu joguei um prato de sopa no irmão dela e é isso

(3) Se tudo for verdade o que os povo(sic) fala a gente tá namorando, agente tá casado, a gente já tem é filho...

(1) Já já a gente está na Disney®

(2) Já estou morando em Paris

(1) É minha filha

(eu) E você rapaz?

(4) Eu?! Rapaz tô de boa

(2) Bullying? Ele já sofreu sim o povo chamava que ele tinha a bundona

(4) Eu?

(3) Bundona?

(2) O povo dizia

(4) ah, mas foi na traição não na minha frente fale alguém que falou isso?

(1) .....

(4) Não ninguém me falou não

(2) Prossegue

(eu) E você já passou por algum caso de bullying?

(3) se me chamar....

(2) Aí é barraqueira meu filho

(3) pico lo tapa....

(1) Já sofreu?

(3) Não

(1) Ela me chama de quatro olho sendo que ela também é

(2) Eu não sou não

(eu) Você estava falando bastante e de repente ficou quietinha...

(1) Já bateu alguém?

(2) já meu filho está vendo não a cara de barraqueira dela?

(3) Não não já bati não oxiiii. Eu sou quieta minha filha, está pensando o quê?

(1) Eu não sou não

(2) Está atacada. Hahahha

(eu) E você?! Diga o que você fez, você bateu em quem?

(1) Nela hahhahahahah

(3) Mas eu fui para o psicólogo porque ele queria enfiar uma faca em mim aí a zuada foi toda lá.

(2) Vá comece de novo.

(3) Não na outra escola

(eu) Era uma menina?

(1) Um menino sim, aqui. Na outra escola ele xingou minha mãe, aí eu fui para cima dele, aí ele veio para cima de mim aí foi um bolo.

(2) Mulher você só gosta de brigar com homem né?!

(1) A todos não....

[todas falam ao mesmo tempo fixa difícil entender o que falam]

(2) Misericórdia.

(eu) E você rapaz não aconteceu nada com você?

(2) Anjinho

(eu) Lanchinho?

(2) Anjinho hahahahahaha

(4) Tem nada não para falar...

(3) Ninguém fala assim: - Aí feio não fala não?!

(2) Assim por brincadeira?

(4) Por brincadeira... não....

(3) Você é o quê? É o padre que ninguém mexe com você? Não até o padre as pessoas mexem.

(4) Ainda não assim de mexer...

(eu) E você fale aí mulher...você tem muita história pra contar...

(3) Não eu nada nada na vida? O quê?

(eu) Você tem muita história para contar

(3) Olha eu?! não moço...

(2) Ela tem para contar...

(3) Não minha vida é só eu querida... olha...veja...

(2) Quase sua família toda é dançarina

(4) Só ela sabe que massa olhe....

(1) Pessoa falando da mulher ele vem com torta

(eu) Você o que você entende o que venha a ser o bullying?

(1) Eu não sei não

[as outras duas meninas riem]

(2) eu acho que .... hahahahahaha

(3) Eu e ela só dá risada hahahahahaha

(2) Eu não sei...

(1) Fale alguma coisa

(2) O que eu entendo sobre bullying hahahahaha

(3) O que entende sobre bullying é?

(eu) É

(2) Se você mexeu com outra pessoa é ... se você não é gorda e fica dizendo que as outras pessoas é gorda tipo assim. É magrela essas coisas assim

(3) Baleia, urubu.

(1) Aí moço ela já disse tudo, então não tem nem como nós(sic) dizer

(eu) Não, mas eu quero saber de vocês assim o que vocês entendem, não existe certo e errado não é só o que vocês entendem

(2) Assim também que tem um nariz grande aí as pessoas ficam mangando assim

(eu) Já mangaram de você pelo seu nariz?

(2) Não

(eu) Você já viu alguém mangando de outro por causa do nariz?

(2) Já. Falando que o nariz da pessoa era igual a panela de pressão, porque era muito grande, não é que eu achei o fato de ele chamar do nariz grande....só achei engraçado.

(1) Você já viu que se você mentir seu nariz cresce?!

(3) Pinóquio

(2) hhahahahahahhaah sem juízo....

(eu) E você?

(4) O quê? O bullying?

(eu) sim

(4) Para mim se alguém fizer eu quebro a cara.

(2) (3) hahahahahahahaha

(1) Menino

(4) Comigo não tem isso não

(2) menino não é isso não,

(4) Deixe eu pensar viu?!

(2) Vou repetir vou repetir

(3) Tem que dizer pra ele senão ele entende nada não

(1) hahahahaha. Você é quem mais entende A\*\*\*\*\*.

(2) hahahahahaha atacada o apelido dela.

(eu) Apelido de quem?

(2) A dela é atacadinha, porque ela mau chegou já está assim, toda desengonçada,

(3) Quero logo que acaba para eu ir pra casa.

(2) Vocês querem ir para casa para fazer as coisas?

(3) Para agora já está bom minha filha....

(1) Está bom não minha filha

(2) Está bom, pode fazer mais perguntas

(eu) E você o que você entende..

(2) Ei espere aí o senhor está escrevendo tudo que a gente está falando?

(eu) Não só algumas anotações

(1) Bater pessoa, dizer que a pessoa é condenada, ficar apelidando a pessoa.

(2) todas essas coisas leves...não é pesada.. [falou sussurrando]

(1) umas é pesadas(sic)

(2) Olhe tinha uma menina que o povo ficava falando dela que ela não comia que tinha faltado comida na casa dela...

(1) Aí oxe quando me chamam de gorda aí eu digo ainda bem que em minha casa não falta comida

[todas falam ao mesmo tempo]

(3) Aí eu olho para a mulher e digo assim: Você é magrinha para estar falando da vida dos outros, tribufu também me chamou de tribufu, pois então...ééééé.

(eu) assim não se preocupem com nada não podem falar o que vocês quiserem

(2) claro. Faça mais perguntas...

(eu) Para vocês a pessoa falar da cor de alguém é um bullying?

(3) Claro

(1) Eu acho um preconceito....

(2) Preconceito verdade

(3) Muito preconceito

(2) E também tem muitos negros que se acham, assim se acham porque sofrem mais do que os brancos e também tem...

(1) Tem deles que se acham mesmo...

(2) Porque tem brancos que sofrem também né porque ficam chamando de leite, não toma sol, essas coisas

(3) É

(2) Tipo é bullying para todo lado né?! Tanto quanto o branco quanto outro.

(eu) Então para você é preconceito há discriminação também para os...

(2) Isso para o dois

(3) Pro branco também, porque tem muitos brancos que sofrem né?! Não só preto, mas como preto sofre mais aí quer dizer que eles usam isso para só dizer que os brancos não sofrem né?! Só que nem sabe da missa metade...

(eu) E você?!

(1) Ela já falou tudo

(eu) Ela já falou tudo?! Não eu tenho que saber o que cada um de vocês estão pensando [falo como forma de entretenimento quanto a situação para que fique mais leve e os estudantes possam falar mais tranquilamente]

(1) Eu falei eu estou falando

(eu) E você em reação a homens, mulheres gays, lésbicas há também um certo preconceito...

(1) Não até porque eu moro com...

(3) Não comigo não. Nossa família é quase toda de gay e sapatona...

(1) Eu moro com uma entendeu?! Os povo(sic) sim os povo(sic) fala. Ah você vai estar no mundo perdido porque você mora com elas não sei o que,

(2) É sempre assim...

(1) Mas pra mim é a mesma coisa porque o povo tem muito preconceito por isso

(2) Eu não ligo não

(1) Pode falar o que for você só segue se você quiser... você não é obrigado

(2) Eu não ligo não porque eu tenho uma tia que é

(1) Eu tenho tia sapatão e tudo eu num.....

(eu) E vocês rapaz?!

(2) Fala meu filho fala

(4) Oi

(eu) Você é o único homem aqui então... quer dizer... eu também sou...

[as meninas riem]

(4) Falar sobre o quê?

(2) Sobre isso sei lá...

(4) Sei lá eu já disse muita coisa aqui já

(eu) Se você chegou a sofrer se chegou a praticar se chegou a presenciar...

(2) Praticar eu já pratiquei com que pratica comigo, entendeu?! Porque tipo assim a minha prima diz alguma coisa eu vou se falou outra para acabar com ela e é isso. Quando pensa em magoar a pessoa não pensa duas vezes, faz.

(3) É tem a menina...

(eu) E você?

(2) Vai minha filha o pirulito acabou e acabou o efeito foi?

(1) Vai menina você não falou nada até agora

(3) Porque eu só estou é. ..eu só estou mais falando aqui

(2) Mentira. Eu estou dando as respostas tudo.

(1) Fale logo A\*\*\*\*\* Você sabe muito bem...

(3) eu... eu nunca vi praticando não moço praticando....quer dizer eu vi todo dia.

(4) Todo dia?!

(3) Todo dia tem um bullying a gente passa no meio da rua a pessoa passa e vê

(1)É mesmo

(2) É verdade

(1) Onde nos mora(sic) então

(2) Isso já isso já é a maioria da sociedade usa isso

(3) ninguém liga mais se ofende ou não

(1) Eu não ligo não se a pessoa me chamar de qualquer coisa, eu só não gosto assim se eu passar e ver que está magoando ainda eu falo também porque se eu passar...

(3) Seu ver que passar com alguma criança ou qualquer coisa eu falo coisa eu não sei ficar calada não eu boto queixo

(2) Porque você vai botar seu queixo né?!

(3) Apôis eu boto queixo e boto tudo fia [bate na mesa]

(2) Meu deus....

(eu) no caso você via mais fora ou dentro da escola assim...

(4) Mais fora....

(3) Mais fora, fora.

(1) fora e dentro

(2) Fora tem mais pessoas que dentro

(1) porque aqui também

(2) Dentro da escola não tem mil pessoas, eu acho isso né na nossa parte....

(4) Tem não...

(2) Não tem cem pessoas aqui de manhã...

(4) Cada sala eu acho que tenha....

(3) Eita... tem sim

(2) Cem ou duzentos é isso na escola. Então eu acho que dentro tem também.

(3) Mas fora é quase todo dia, aqui dentro é de vez em quando porque tem vez que a gente olha tem vez que não...

(2) A maioria do povo dessa escola gosta muito de mangar dos outros, né?!

(4) Coisa é lá na rua....

(1) É pior se fosse lá fora que você leva pau

(2) Aí seria uma briga, porque...

(1) Então é bom você ficar calada....

(2) O povo daqui de baixo é barril. Mas a pessoa ficar calada

(1) Por isso que é melhor ficar calado e sair normal né?!

(2) Mas a pessoa ficar calada tem medo aí é barril também

(3) Aí manga também

(eu) Acontecendo com você, você faria o quê?

(1) O quê?! Bullying? Ah meu filho...eu pego um...

(3) Aí minha filha tenho paciência não

(1) Pode vim homem pode vim mulher

(3) Menina mesmo um dia desse a menina passou e a menina me olhou de ponta cabeça eu voltei e passei de novo para ver se ela olhava.... Aí ela olhou de novo... Eu falei minha filha perdeu foi?! Aí nós...

[meninas falam ao mesmo tempo impedindo a compreensão]

(3) Tomar conta com sal grosso, aí quando nos foi para o parque e ela estava com o namoradinho dela,

(1) Foi

(3) Aí nos perguntou: Não vai mexer com nos(sic) de novo não é não é mulher o suficiente?! Aí ela disse: - Não.

(1) Eu fico calada para ninguém fazer nada comigo, agora você ficar quieto a menina olho você de cima a baixo e ainda fala: Aí minha bunda é de silicone

(3) Aqui é bunda minha filha é bunda de carne mesmo

(1) Ela falou que a nossa era de silicone porque nós tinha a bundona e ela não

(4) Olha aí dá pra fazer uma novela...

[Diretor entra na sala e dá um recado]

(D) Pessoal obrigado

[Todas falam] Por nada

[Menino]Valeu

(D) vou até a SEMEC e volto, caso vocês não estejam aqui muito obrigado.

(1) Certo

(3) Certo

(4) Valeu

(3) Acho que ele está muito nervosinho está todo vermelho

(1) hahahahahahaha

(2) Acho que se a pessoa não falar nada comigo passo de boa para elas ficarem mais puta da né não?!

(3) Eu não eu não passo de boa não eu não consigo...

(2) Para ela perceber que não dei nem atenção a ela....

(1) Porque assim tem uma menina mesmo lá que eu falo fica olhando e eu já sei quem é

(2) Algumas coisas eu passo de boa mas se tocar em mim já é outra coisa

[O vigia da escola aparece e dá um recado à um dos estudantes]

(eu) Então a menina mexeu com você...

(1) É e ainda volta e ainda fala meu nome...

(2) Pois eu já passei por...

(1) Eu olhei para a cara dela assim e deixei ela falando

(2) Eu já percebi lá na rua de casa uma menina...porque é assim não falo muito com... nem todo mundo da rua eu falo e aí me chamam de metida porque eu não falo...

(1) Eu falo com tudo, pode ser homem gay tudo, eu falo com tudo.

(2) não se falar comigo eu falo agora se eu souber que a pessoa não fala comigo eu não falo não. .vai minha filha está doente é?!

(1) Não, só vocês duas que não querem porque eu e ela só fala aqui

(eu) E o que foi que teve assim que vocês ficaram calados....

(1) Ela está pensando em alguma coisa.... você não é calada

(2) Na morte da bezerra

(3) Vai querida olha... venha... oxe...

(1) Você está muito calada você não é...

(3) eu sou sim moço, eu sou calada sim...

(2) Na sala....

(4) o quê? essas duas aí não bagunça não

(3) As professoras até gosta do nosso comportamento...

(4) Aí só tira dez nove eu é de cinco para baixo

(3) na segunda unidade eu já estava passada oxe

(1) Eu tiro nota mais boa em matemática.

(2) Eu sou boa em matemática

[Mais uma vez todas falam concomitantemente e fica muito difícil entender]

(4) O que você entendeu do texto? aí meu deus.....

(1) Não, português sou boa

(3) Quando eles mandam um dever de casa qual é o parágrafo eu não gosto disso...

(2) Eu gosto é de ciências

(eu) Quando tem confusão, vocês já presenciaram confusão...

(4) Eu vi e passei correndo....

(2) Oxe?! todo dia

(4) Já e passei correndo não sou besta

(eu) Mas onde?

(1) Senão leva pau

(4) Aqui já teve briga aqui que eu já fui ver, aí tive que sair...

(eu) Mas aqui na escola?

(4) Já na escola....

(2) Aqui não se passa uma semana sem ter uma briga....

(3) Com benção de deus..

(1) Acho que é todo dia

(eu) Sempre tem briga?

(2) Quase sempre

(1) Quase não, tem todo dia, é melhor dizer todo dia do que quase

(2) Sim aí respondendo a pergunta dele né?! Eu acho que separaria ninguém não

(1) Se merecer, agora se eu ver que não é os povo(sic) baixo alguma coisa aí eu entro

(3) Tem pessoa que é ousada bate nos outro sem fazer nada

(1) Eu não deixo não

(3) Eu não deixo não também

(2) Apôis...

(1) Se ver uma pessoa assim eu não deixo não. Agora se ela merecer você pode apanhar minha filha

(2) na minha ninguém vai se meter... eu vou me meter? mais menino...

(1) Não filha eu se meto mas se a pessoa for assim....

(3) Se for do mesmo tamanho eu mexo agora se for um menor e um grandão eu entro.

(1) A menina pode estar errada mas se um for grande e o outro for uma criança, minha filha ela leva uma surra

[Aqui se nota uma regra implícita para as situações de violência, pois as próprias meninas têm um conjunto de dogmas que regulam o ritual do bullying ou de outras violências, nesse caso se que estiver brigando for merecedor dos atos violentos, por ser agressor ou agressora, por serem de tamanho justo para o embate, há leniência quanto a situação violenta.]

(2) não criança aí você falou certo

(3) Não criança não que a gente não vai deixar

(4) criança é do seu tamanho [Menino fala sobre a menina 2 por conta do tamanho menor dos presentes e as demais meninas riem]

(2) Poxa.

(1) Eu também não oxe

(2) Eu só tenho um metro e cinquenta

(3) bichinha..

(2) Bichinha [Fala no sentido de ser alguém que provoca pena, compaixão, carinho e não desafio] ... você é menor do que eu

(eu) E você?

(1) E você... [menina de novo faz uma voz grossa para me imitar]

(eu) Pode falar rapaz...

(2) Solte o verbo

(3) É porque ele é calado mesmo. Eu sou também

(1) Não é não

(2) Eu sou também

(3) Nós é... Eu sou moço hahahahah

(1) Eu sou calada agora você não

(2) É porque ele está fazendo perguntas entendeu?

(3) Você é calado coisinha?

(4) Sou...

(3) Eu sou calada, oxe na sala passa por mim nem fala

(eu) Assim quando você ve briga geralmente é de menino com menino menina com menina?

(4) Menino com menino

(1) É de tudo

(2) Menino com menina eu nunca vi não....

(3) O bom de menina com menina é que pega nos cabelos

[todas riem]

(3) Agora homem é só murro, murro.

(2) Aí é porque são burra.

(3) hei, lembra de uma briga que teve aqui das meninas? Que arrancou o cabelo da outra.

(2) Repare o motivo por causa de homem, sem motivo

(1) É

(3) Eu não brigo não por causa de homem

(1) É exclusivo eu brigar com ele pegar ele e dar de murro.

(2) Não sei para quê isso porque o homem vai se sentir gostosão, porque duas mulheres brigando por ele.

(3) Oxe? Sejam felizes

(2) Meu deus do céu que negócio babaca, viu?!

(2) Diga aí se você não se sentiria gostoso se duas mulheres brigando por você?

(1) Eu tenho um namorado se ele aprontar eu bato mesmo para cair e ainda levanto...

(eu) Sim como foi o dia da briga das meninas?

(3) Foi uma briga inesquecível

(2) Ah eu não estava aqui

(1) Ah eu estava

(3) Você estava sim querida que nós estava(sic) na sala

(2) Oxe terminei fui para casa

(3) Foi você quem me chamou

(2) olha

(3) Foi sim.

(4) Arruma a brigar aqui na escola e vai lá pra rua

(3) Mas o coordenador conseguiu pegar essa briga daqui, nesse dia foi épico.

(eu) e como foi?

(3) Encheu. A escola toda foi ver,

[todas e o menino começam a rir]

(2) Até os professores

(1) Oxe? Vou alí comprar um refrigerante e uma pipoca para assistir tudo.

[Todas riem]

(2) Aqui é assim aqui é assim o primeiro murro é um real

(4) Aqui dentro ira quebrar os ventilador aqui dentro

[Percebe-se que a turma encara uma briga da forma mais natural possível, afinal de contas até com humor elas e ele fala sobre o acontecido como se fosse algo legal e divertido. Aqui se dá a percepção da formação do terceiro componente de atores e atrizes da micro situação do bullying e de outro fenômeno de violência: os espectadores e as espectadoras]

(1) Deu hora nessa briga deu hora

(eu) E foi esse tempo todo e você sabe o qual foi o motivo?

(3) Macho

(2) Menino velho feio

(eu) As meninas brigaram por causa do rapaz?

(2) Que não se valoriza fica brigando por homem.

(3) Aí uma foi xingando a outra, foi xingando a outra aí terminou puxando o cabelo

(2) Ai depois ficaram amigas

(3) Uma chamou para a briga e a outra foi aí ficaram aqui, aí uma pegou no cabelo da outra a outra pegou no cabelo da outra na escola toda

(1) Aí meu cabelo aí eita agonia hahahahah

(3) Aí quando viu

(4) Quando dá banana na escola uma guerrinha é massa

(1) Hei!!! Aqui as vezes tem aquele negócio como é o nome da colher?! Que fica jogando um no outro...

(3) Ou então o negócio da caneta que fazem....

(2) Da bolinha

(3) é esse negócio é chato

(1) Chato demais avoa bolinha aqui

(2) Os meninos é(sic) ousado viu?!

(3) Por isso que é bom ficar no fundão

(1) não, sou mais na frente ... não enxergo lá no fundo não

(2) Você tem miopia?

(1) hã?!

(2) Você tem miopia?

(1) Tenho não, eu tenho não mas só enxergo aqui na frente

(eu) Como é a guerra das bananas?

(4) Ôôôô é massa, saudade daquela onda, guerra na escola todinha

(2) Oia é massa e ainda diz que é quietinho, é massas a guerra de banana?

(4) Oxe e não é não é?!

(2) Vai ao páia se melando todinho nojeira da po##@

(eu) Como é essa guerra de banana diga aí

(4) Rapaz é assim eu pego uma banana e sai jogando

(2) Parece meu primo

(4) Um dia meu amigo me jogou uma banana doeu por três dias hahahah

(1) Entendi nada o que ele disse

(2) Hahahahahahaha

(1) Você entendeu A\*\*\*\*\*

(2) Tem que ser leitura labial

(eu) Tragam ai mais outros caso abram a caixinha dos casos.

(eu) De bagaceira

(1) De bagaceira?!

(eu) de briga, de apelido, de discussão

(2) É minha filha você sabe demais disso

(1) Rapaz deixe eu ver....

(2) Faz tempo nós não está vindo para a escola...

(3) Só dos policial, foi bom viu os baculejos

(1) (2) hahahahaahah

(3) Minha mãe mesmo eu e minha mãe em frente o carro da polícia, tem baculejo nós vai logo para a esquina

(2) Credo

(1) Ei não mas lá em baixo é assim

(3) Lá é massa, lá é cena de filme

(1) A hora que o tiro acaba os povo (sic) já vai logo para a porta

(3) Para o meio dos tiros a pessoa vai

(1) É

(3) Lá é cena de filme

(2) Apois eu...

(3) Parece a favela

(1) Não fia onde você mora né filha?! Porque onde eu moro não é não favela

(3) E você mora onde?!

(1) Lá [Aponta para um direção bem próxima ao colégio]

(3) Eu moro para cá [uma localização em direção oposta]

(1) Você mora pra lá e nos mora pra cá

(4) Você mora lá na matinha [bairro próximo] eu acho...

(1) Eu não

(3) Eu moro alí na rua \*\*\*\*

(2) Eu moro alí no fundo da....

[As meninas e o menino ficam falando sobre as localidades onde moram]

(4) no inferninho [alcunha de um bairro próximo que é denominado assim pelo alto teor de periculosidade, que envolve drogas, roubo, assassinato, etc. ]

(1) No matador

(4) Tem um inferninho do lado de cá e tem um inferninho do lado de lá sabe não morar em \*\*\*\*\* é?!

[Mais um momento sobre a localidade e troca de depreciação leve com a localidade de moradia das outras estudantes]

(3) Oxe, já vai dar 11h é bom que a gente chega em casa e as coisas já estão feitas.

(1) Graças a deus nós vai(sic) pegar a comidinha feita

(3) Eu gostei desses negócios da gravação.

[todas e o menino riem]

(3) Pelo menos não estou em casa

(eu) Diga aí o quê mais, você está muito calado...

(4) Comeram minha língua...

(2) Olha rapaz quem comeu sua língua?

(3) Ele não é de falar então comeram a língua dele, entendeu?!

[todas riem]

(4) Sou muito de falar não

(3) Só quando estão com os amigos tagarelas. Hahahahahah Chama até os coordenador para ficar calado hahahaha

(2) Hahahaahah

(eu) E você?

(2) Você chamando o professor de fia é o melhor....

(3) ô é

(eu) Quais são os outros casos?

(1) Eita nós já falou de tantos já hahahahaha

(3) Pode ser de fora?

(eu) Não não tem que ser dentro da escola

(1) e nós falando de fora da escola hahahah

(eu) Mas quando começa aqui e vai lá para fora está incluso entendeu?

(3) não mais quando é de lá de fora é história hahahahah

[todas riem]

(3) É cena de filme

(eu) Geralmente quando tem essas brigas lá fora

(3) Não é dos povo(sic) lá de baixo

(4) Começa hoje aí quando volta....

(1) Aí quando a diretora não deixa elas brigarem aqui elas vão lá pra fora

(4) Aí traz faca

(3) Traz arma

(2) Está repreendido

(1) eita doidja é está louca é? De onde vocês tirou(sic) isso?!

(3) Traz sim minha filha, ela quer dar uma de santa...

(1) Santa não

(2) Minha filha trazer arma?

(eu) Como foi esse negócio de arma diga aí....

(4) Ela que falou aí de arma, eu falei de faca

(1) Aí mesmo que eu iria ver se...

(4) Eu estava em minha sala estudando de boa porque sou estudioso sempre[em tom de ironia]

(3) Não moço pelo amor de deus

(4) Aí começou no fundo a briga por uma caneta, e o outro que roubou a caneta dele.

(2) Aqui a briga é isso

(4) Aí foi lá para fora um cabra deu um murro aí separou, aí cada quem foi para sua casa. No outro dia de manhã os dois trouxeram faca.

(3) Eita C\*\*\*\*\*

(4) Aí também...

(eu) Quando tem essas brigas esses casos, pronto, vocês presenciaram...

[Celular da menina toca fazendo um grande barulho e os demais estudantes riem]

(eu) Dentro desses casos, começou com alguém, um menino ou uma menina, que perseguia, alguém, um menino ou uma menina, sempre o mesmo? Vamos supor assim, um menino ou uma menina que sempre procura confusão com os outros.

(2) Oxente aqui é cheio...

(eu) Exato, se esse menino ou essa menina procurava confusão se ela ficava muito tempo com a mesma pessoa

(4) Ficava perturbando..

(eu) isso...

(2) Tem umas que sim, tem outras que não...

(3) é

(2) Tem umas que todo dia arruma, todo dia quer uma, todo dia quer uma [confusão]

(1) Que quer ficar só como um...

(2) Que quer quebrar cara de um....

(3) Às vezes a bichinha é inocente e fica naquela coisa né ....As vezes ela nem quer que fica com medo de apanhar.... mais...

(1) Existe sim

(eu) E você mulher que está aí no celular

(4) No Tik Tok®

(eu) No Tik Tol® ganhando dinheiro...

(4) Ai se tiver oportunidade bote para mim

(eu) Fica aí o que você sofreu, o que você praticou ou o que você viu...

(3) não pratico não moço.

(eu) Fale a verdade

(3) É sério pratico não eu pratico \*\*\*\*\*?

(1) Não pratica não.. [balançou a cabeça de forma negativa]

(eu) E você pratica?

(3) Me chamou de quatro olho

(eu) Olhe...

(3) eu também chamo ela (sic)

(eu) Olhe aí

(3) Não primeira vez

(eu) no caso é quando você começa, né?!

(4) Mas aí as duas levam na esportiva.

(1) Eu levo agora se mexer comigo. Até porque não vou deixar né?!

(2) É porque é amizade, amizade.

(1) Mas aí né não tem outra saída, né?! Aí nós briga(sic)

(eu) Aí quando tem essas confusões o que vocês fazem?

(4) Eu fico vendo

(3) Eu fico vendo

(1) É fico vendo às vezes quando eu vejo que a bichinha é inocente alguma coisa eu vou e separo, além disso eu deixo de mão

(2) Oxente

(eu) Mas vocês chegam a procurar algum coordenador?

(2) Não, porque muitas das vezes a gente procurava alguma coisa e não fazia diferença.

(1) Eu acho que já deu o que tinha que dá o coordenador que tem, pelo amor de deus

(2) uma vez o menino mexeu comigo eu fui dizer a diretora ela disse viu depois eu vou lá, então não resolve nada é melhor nem falar. As meninas muitas das vezes brigam por causa disso, de raiva da maioria das coordenadoras daqui a gente chama elas: daqui a pouco eu vou.

(1) vai quando uma moleca estiver no chão porque é para acaba aqui hahaha, só se for porque meu filho você chama agora só chega depois, quando a guria estiver morta.

(2) E é isso e seguem plenas elas

(1) Aí das outras vezes nem fala porque falar é a mesma coisa de que nada. É melhor você ir para casa

(2) Relaxar a cabeça e dormir e amanhã é um novo dia.

(3) Porque...

(eu) E você menina [pergunto a menina 2 que está no celular desatenta]

(2) Faça aí professor umas trinta perguntas a ela

(3) Faça não professor

(eu) E vocês presenciam quase sempre uma briga e a frequência é mais ou menos uma vez por semana...

(1) Oxe, uma vez por semana? Todo dia, pode botar todo dia.

(eu) Todo dia tem uma

(1) Ah, quando nos estamos na escola é.

(2) Briga?

(3) Na rua meu filho a cada cinco minutos

(eu) não menina aqui dentro

(3) Assim bullying é todo dia, mas brigas é às vezes...

(2) a maioria da briga dos meninos é tudo um batendo no outro.

(3) Né? Ave...

(eu) Mas alguém perseguiu ou provocou você além de bater?

(3) Eita...

(4) Ou na esportiva é mais direto

(eu) E você mulher alguém me bateu não hahahaha.

(3) Esportiva não....

(2) Meu deus do céu, você é lerda viu?! eu sou lerda mas você....

(3) O quê, o quê, o quê?

(2) Você não disse que o cara....

(3) Ôôô assim de brincadeira já ela eu ficava batendo xingando não só chamava ela de cavala e jumenta

(eu) Cavala por quê assim?

(3) Hã?!

(2) Porque sou ignorante

(1) Bora, puxe por que você me chamava de cavala?

(3) Oxe fique na sua

(1) Ele quer escutar agora bora

[as outras duas riem]

(1) Ela me chama de anã...

(3) Mentira

(1) Chama

(2) Isso é Bullying, viu?!

(3) E ela que me chama de cavalona,

(1) Eu não

(3) é ela me chama da tudo, tudo que você imaginar ela me chama

(eu) No caso, o por que cavalona?

(3) Que eu sou grande

[todas riem]

(3) É porque nos tem que ir ao psicólogo

[todas riem]

(2) Ele eu acho que só fica no celular né?!

(4) Eu?!

(1) O coitado é santo

(3) É meu deus... porque para você ouvir alguma palavra desse menino só deus na causa

(4) Eu só fui para a secretaria só uma vez só

(3) Eu só fui quando era pequenininha que eu aprontava na hora da aula.

(2) eu só fui duas vezes

(1) Eu nunca fui

(2) uma vez por causa da briga que eu falei no início e outra vez foi porque mexeram comigo

(1) Eu fui uma vez porque mexeram com o menino lá xingou minha mãe que foi uma briga feia. Chamara até o conselho tutelar, trancaram o menino dentro de um negócio meu filho ainda, e eu lá normal porque foi ele quem começou, tenho que fazer nada

(2) Você seguiu plena né?! Como se nada tivesse acontecido.

(1) Eu só fui uma vez por causa dessa briga, depois não fui mais

(3) Eu entro lá só pra perturbar, tomara cafezinho com eles, eles me amam assim sempre me chama.

(4) Ah eu fui para a secretaria de guerra de corretivo

(eu) Como foi isso?

(4) Eu de boa né?! Era nessa sala mesmo eu de boa lá minha carteira, que eu sou estudioso né?! Aí o menino me melou de corretivo né?! Eu peguei meu corretivo só dei uma nele. Aí ele estava todo melado de corretivo a professora viu e mandou para a diretoria.

(eu) no caso esse rapaz melava você sempre ou foi só essa vez?

(4) Só uma vez. Chegou lá nos inventou uma estória que foi sem querer para a diretora.

(3) É um gesto de amizade

(2) Aí a diretora faz se abraçar né...

(4) Aí nos só foi embora não teve mais nada não

(2) Negocio paia

(3) Né?! Dos anos oitenta, oxe, que negócio brega

(eu) Ela faz se abraçar é?

(3) É meu filho

(4) Eu não abracei não só falei que nós estávamos brincando aí

(2) Mas tem diretora que faz se abraçar, negócio paia velho

(eu) Por que você acha paia?

(2) Porque se abraçar depois de ter acontecido algo que você não gostou, eu tenho o coração bom mas não é assim também não né?! Ser bom ao ponto de a pessoa mexer comigo mexer comigo e chegar na diretoria dar um abracinho depois na sala mexer de novo

(1) Nem abraço eu dou é mais fácil dar um empurrão

(2) Eu não dou não assim dá raiva mesmo

(1) Eu sou boa agora se mexer comigo já foi

(eu) Agora aqui tem mais confusão devido à quê? fofoca, provocação?

(4) Arruma treta....

(1) Fofoca

(3) Provocação e fofoca

(2) é tudo

(3) Qualquer besteirinha

(2) A maioria é as meninas porque quase toda menina é assim meu deus...Que gosta de um barraco.

(eu) E você o que tem a dizer sobre os meninos?

(4) Tudo feio nessa escola só tem eu que é bonito

(2) Olha

(3) Quando ela falou tudo feio eu concordei mas na parte que ele falou que só ele de bonito aí....

(2) coitado

(3) Acho que nunca se olhou no espelho não ele coitado. Ele se assombra quando ele se vê.

(eu) Quais são os apelidos que vocês mais ouvem?

(2) Quem tem cabelo de cacho é cabelo...

(3) Cabelo de miojo

(2) Eu ouvi isso viu?! Quando alguém tinha o cabelo cacheado.

(1) E cabelo de fogo quando o cabelo....

(eu) cabelo de fogo por quê?

(2) Porque é vermelho

(4) Porque o cabelo é todo vermelho

(1) é vermelho

(2) está todo vermelhinho

(1) Cabelo de fogo, anã, ave muita coisa

(2) Anã eu nem ligo para mim é um elogio tão grande...acho fofinho hahahahaha

(1) Para algumas coisas é bom ser pequena ai disfarça em alguma coisa, pra viajar...pra algumas coisas é bom hahahahahaah

(2) Mas...

(1) Para pegar alguma coisa no alto alguma coisa tem de botar a cadeira cabe no travesseiro hahahaha

(2) É verdade, imagine de quando o armário alto...

(1) Sofre.

(eu) Essas provocações geralmente vêm de qualquer pessoa ou tem sempre um grupo que provoca?

(2) Tem sempre um grupinho

(4) Do fundão

(3) Porque ninguém é homem ou então mulher suficiente de fazer sozinho sempre tem um par.

(1) Tem vários para não apanhar um só.

(2) Aí se mete também aqueles meio gay uns gayzinhos velho, não tenho preconceito mas tudo bem, tem aqueles gayzinho que é bem debochado mesmo que vem tirando da cara da pessoa aí se junta com três amiguinhas meia pá né?!

(3) Aí tem uns meninos que sempre se ajunta com as meninas...

(2) Tem uns meninos que se anda tem uns meninos que anda assim parecendo que está abanando a bunda, anda com o braço lá atrás parecendo... mas tudo bem.

(3) é. Bate um no portão outro na secretaria

(2) Aí se junta com umas meninas para defender porque gosta de alguma das meninas aí é o defensor no caso aí tem o defensor no caso tem um que é advogado outro defensor, outro um ah. é a vítima a que eles vão mexer, aí tem o errado que gosta de uma picuinha, aí é isso....

(3) É isso (debochando da menina 2)

[todas riem]

(eu) E o rapaz ali calado... diga aí rapaz

(3) É bom você conversar com ele agora

(2) Já cansei de falar

(eu) Diga aí brother como acontece o negócio dos meninos, porque as meninas falaram do universo delas agora quero ouvir do universo do nosso

(3) Os menino é tudo santo éééééé

(2) Mentira, tudo tudo

(eu) Diga aí é verdade isso?!

(4) não não não

(2) Tudo pagando de machão aí tem um menino

(3) Machão

(1) Eu dormindo disfarçando da professora

(3) Aqui fala assim na frente é uma coisa por detrás é outra aí filhinho de papai filhinho de mamãe,

(2) Muitos meninos daqui gostam de bater em menina viu?!

(eu) Por que assim?

(2) Dá uma de valentinho

(1) Quem bate em menina é o quê?

(2) Não sei

(1) É viado é?! Covarde?

(2) É alguma coisa do tipo..

(3) Lei Maria da Penha você vai preso

(eu) e quando a menina bate no menino?!

(1) Aí está certo

(2) Porque ele é errado

(3) Porque tem um colega que eu bato todo dia

(2) é Porque vocês se amam

(1) É o amor....

(3) Ele tem treze anos

(1) Tem nada a ver

(2) O senhor quando era criança ou adolescente o senhor sempre tinha uma menina que tinha alguma briguinha né?!

(eu) Como assim?

(2) De ficar toda hora brigando. Minha mãe disse que se fica brigando toda hora é porque se amam.

(3) É que se chama colada e que fica brigando toda hora?

(eu) na minha época eu andava muito mais com meninos

(3) Eu sou com menino só

(eu) Porque você bate esse rapaz todo dia?

(3) Porque ele mexe comigo

(2) Não é isso é porque ela...

(1) É o amor.....

(3) Você v\*\*\*\*\* fique na sua não

(1) Pode contar eu não tenho nada não para esconder

(eu) E o que é que ele faz?

(3) Me estressa hahahahah

(eu) Exemplo....

(3) hahahahahaha é só isso hahahahaha ele me estressa eu estresso ele e aí vai....um bate no outro, não ele não bate em mim não, eu bato nele.

(2) aí nisso tudo rola um clima né?!

(4) Aí rola, aí rola....

(3) não, não né não esse negócio de clima rola não

(2) tipo assim...

(eu) Você bate nele porque ele te “estressa” ?

(3) É isso.

(2) Até o V\*\*\*\* me estressa eu não vou bater o menino até porque...

(3) eu não gosto de ficar com amigo, que é muito amigo meu, porque perco a amizade então....

(2) hahahahahahahaha

(3) É sério, você já ficou de namorinho com seu amigo se f\*\*\*\* ôu hahahahahaha coisou e acabou

(2) Mulher você é cheia de palavrão

(3) a amizade acabou hahahahaha estou querendo falar de você vá fia

(1) A parte de que eu namorei esse menino todo mundo já sabe. eu nunca namorei escondido.

(4) Já pensou ela amostrar suas? Hahahahahaha

(eu) Quer dizer que todo dia você é estressada como o menino?

(3) Olhe eu se estresso com tudo é sério, ultimo dia da vacina minha mãe disse não filha a reação da sua vacina foi o estresse, deus benza, deus me livre eu sou estressada tenho paciência com nada não

(2) É mesmo. Eu acho que se botar nos duas...

(3) Eu gosto assim eu faço as coisas e ninguém passa, fica passando e eu fico estressada

(2) Eu varrer casa e a pessoa ficar passando

(3) Ou então meu quarto esta arrumado e alguém vem e bagunça eu xingo de ponta cabeça

(1) Xingar eu não xingo não, agora bater....

(3) Eu limpe e as pessoas ficam passando, olha venha filha...

(2) De menino mesmo eu só brigo com um primo meu

(1) Eu brigo com meu primo todo dia.

(2) Mas não é porque a gente se gosta não filha é porque a gente tem que está brigando porque se a gente não brigar é porque tem alguma coisa.

[Coordenador entra na sala e solicita para o estudante e as estudantes que assinem em uma folha de caderno os nomes para confirmar a presença]

(2) Mas rola um sentimento sim

(3) Se for assim eu fico com todo mundo

(eu) E você apanha das meninas?

(3) Ele tem namorada, ou né não eu pensei que era da banca.

[o estudante e as estudantes começaram a falar sobre coisas aleatórias graças]

(eu) Você bate no povo todo assim é menina?!

(3) Eu não

(1) Ela bate eu não vou mentir

(3) Eu não tenho paciência não oxe

(1) Eu também não tenho, mas na hora tem que arrumar

(eu) Vocês têm algum amigo ou amiga homossexual que sofre com bullying ou alguma provocação

(1) Como assim?!

(2) Como assim?

(4) Gay....

(eu) Colega gay ou lésbica?

(3) Se vocês têm alguma amiga sapatona ou então gay que sofre algum preconceito aqui na escola?

(2) hahahahahahahaah

(3) Na escola eu não tenho não, mas na rua tenho vários

(2) Não tenho nenhum amigo viado nem sapatona

(1) Eu não tenho nem amizade aqui eu entrei a pouco tempo

(3) Tem sim e o viado?

(1) Ele não é daqui

(3) Mas você estudava com ele...

(1) Lá. Agora aqui eu entrei a pouco tempo

(4) Eu não tenho não

(eu) E por que assim você não tem?

(4) Porque eu não tenho? Porque não conheço

(eu) E você?

(2) Eu não tenho não também

(3) Eu não conheço ninguém daqui

(4) Eu sei que o cara gosta da fruta e isso...

(1) Essa coca é fanta

(eu) Então....

(2) Eu conheço um menino que é meio...

(1) O ele é ou não é não tem meio ou ele é ou não é

(2) Ele se trata de um jeito meio que....

(1) Então ele é...

(2) Mas se for é da conta dele

(eu) E lésbica?

(3) eu tenho, aqui na escola não

(2) É aquela que fica com as duas pessoas é?

(eu) Não esse é bi, é uma menina com outra menina

(2) Que eu conheça aqui não

(3) Aqui na escola eu acho que não tem não

(2) Eu tenho medo de me aproximar de pessoas assim

(1) Por que menina está doida é? Normal

(3) Eu tenho não

(2) Mas... nada contra

(3) Aqui nessa escola não tem, tem mas não assume

(2) Tem mais é menina que fica com as duas mas é bi que fala?

(1) Fica com menino e menina

(eu) Tem alguma discriminação que vocês percebem na sala de aula ou na escola...

(1) O quê?

(eu) Discriminação assim quando você trata mau uma pessoa sem motivo algum, baseado em um preconceito que é uma verdade que não existe, que não é verdade aí você acaba tratando uma pessoa...

(3) Assim... a pessoa fica quieta que a outra pessoa diz que você fica zuadando mesmo a pessoa estando quieta? ou sua lerda.... ela quieta mesmo sem mexer com ninguém.

(3) Nunca vi não

[Nesse espaço de tempo comecei a explicar o que vinha a ser preconceitos para que as estudantes e o estudante tivessem uma perspectiva maior sobre o que vinha a perceber melhor as discriminações]

(eu) Já falamos aqui de diversos preconceitos até de uma menina que bate nos meninos aqui... Quem é?!

(1) Hã

(eu) Quem é aqui que bate nos meninos

(4) Ela

(3) Olha que mentira que calunia nunca nem bati em menino rapaz

(1) Eu já bati em menino

(2) Acho que eu só já dei um tapinha em algum.

[Após a explanação do que venha a ser preconceito as meninas ficaram na defensiva e não ostentavam mais que gostavam de bater nos meninos, creio que a explicação acabou alterando a naturalidade de duas delas]

(eu) E o menino que você vive batendo

(3) Ele nem estuda aqui

(2) Eu já bati em você?

(4) [Menino balança a cabeça em forma afirmativa]

(2) Eu não lembro disso.

(3) Ele é da mesma série só que a letra é diferente, sou B e ele é o A, a gente é separado, graças a deus não senão a professora não iria aguentar

(2) Ele está inventando uma mentira, falando que eu bati ele....

(4) só de lembrar. ..[Menino finge chorar para zoar a menina]

(3) Já tem umas duas horas ou três horas

(eu) Será?!

(1) Não tem não....

[duas meninas riem]

(2) Desde oito horas que estou na escola

(3) Eu cheguei quase nove horas

(2) Fiquei quase uma hora sentada mais... tudo bem assistindo série...

[Começam as conversas paralelas sobre uma série]

(eu) Desses filmes que vocês assistem, vocês percebem... às vezes quando passa no território da escola você percebem que dentro do filme ou da série tem uma certa discriminação de algum estudante...

(2) Da escola?!

(eu) No caso...

(3) Burrice... você já assistiu algum filme ou série na escola que tem alguma coisa de bullying?

(2) Eu não assisto não essas coisas de escola

(4) Eu acho que já assisti algum filme com uma parte lá que o cara colocou a cabeça do menino na privada hahahahahaha

(2) hahahahahahaaha

(1) Tem muitos filmes

(3) eu já assisti que um menino só olhou para o que e o outro deu de tapa no menino

(eu) Vocês já assistiram Todo Mundo Odeia o Chris®

(1) Eu já um que os meninos não queriam brincar com o outro porque ele era gordo e negro se eu não me engano.

(2) Eu assisti um que tinha duas meninas brigando.

(eu) Passou no cenário da escola e...

(2) É porque é assim esse filme tem uma parte na escola, só que é aquelas escolas que fica ....não sai de dentro, entendeu?!

(eu) um colégio interno

(1) Gouve [Pela pronuncia não consegui detectar o nome da série, logo digitei em uma forma aproximada para tentar buscar o nome correto] eu já assisti, como é o nome

(3) Que tem umas meninas patricinhas, que é na escola sempre dentro da escola.

(2) É massa, mas é dezoito anos

(1) Eu já assisti aí é uma série tem um filme

(eu) E Todo Mundo Odeia Chris®?

(4) Eu

(1) Eu já

(3) Ali tem muito bullying....

[O que percebi não só nesse grupo focal foi que a maior parte das informações sobre bullying os estudantes e as estudantes conhecem, no entanto nem sempre é espontâneo por parte das falas destes e destas, é preciso uma explicação ou um incentivo para que eles e elas possam trazer uma colaboração para o assunto. Isso é um dos sintomas que o Bullying não é um assunto tão longe assim da realidade destes e destas, no entanto eles não apresentam o conhecimento ou vivência sobre esse drama de forma rápida]

(2) É essa mesmo

(1) Eu já

(2) Ave é bom, todo domingo a gente assisti é bom, só que ele sofre muito bullying também

(3) um bullyingzinho assim

(1) Até a própria família dele hahahahaha

(2) É porque o bichinho...

(3) ele é broco, lerdo

(2) Só sabe fazer as coisas errado

(1) E às vezes nos assim que usa óculos...

(3) Chama de nerd

(1) aí nerd não sei o que aí fica tirando aquelas brincadeiras...Entendeu?!, pior coisa é se você sentar aqui assim por aqui assim [estudante aponta para as cadeiras da frente da sala]

(2) Também vocês só sentam...

(1) Eu sento aqui mesmo. Eu vou pelas ondas dos outras, se eu não enxergo de longe?!

(3) Teve um dia na escola que eu ela e C\*\*\*\* como é o nome daquela menina que aquela do cabelão que sentava no fundão?! Eu me esqueci o nome

(2) Não sei nunca sentei no fundão

(3) Sentou sim, nós três

(2) eu sento só que eu não sei mais não

(3) Qie até ela saiu da escola, nunca foi?! Me esqueci o nome dela...

(1) Não pode falar o nome não...

(3) Eita, mas ela já saiu da escola....

(2) O quê?

(eu) Mas não se preocupe não, tem problema não eu tiro o nome dela quando for preciso...

(3) Eu não lembro não sei não

(1) (2) hahahahahahaha

(eu) Tem algum momento na série

(3) Eita...

(eu) Todo Mundo Odeia Chris,<sup>®</sup> que você já viu na sala de aula?

(4) Deixe eu ver viu?!

(2) Já que tem muito das vezes tem sempre na sala que a gente estudava tem um menino que ele era bem inteligente, e todo mundo rejeitava ele, não é que rejeitava, era que não dava atenção a ele muito...

(3) Mas também ele era o mais inteligente da turma....

(2) Eu sentava do lado dele de boa porque a gente conversava um pouquinho e peguei intimidade entendeu

(4) Deixe eu pensar...

(3) Sua mente não funciona para nada querido

(1) (2) hahahahahaahahah

(3) Amigo eu falo

(4) Nem todo mundo fala

(eu) Então alguma coisa que teve lá na série que você viu na sala de aula....

(4) na sala de aula não...

(3) Eu acho que é porque agora....

(4) Na sala de aula não

(3) é porque agora a gente não está assistindo mais esse Chris não estamos assistindo outras novidades aí a gente esquece...

(2) Não sei não assisti agora esse Round 6®

(1) Você já assistiu?! É boa né?!

(2) Batacinha frita, eu queria fazer aquilo, acho que vou sem medo, mas eu quero fazer intercambio fazer outras coisas

[Falei que iria terminar em dez minutos e houve digressão novamente]

(eu) E por que você falou que o colégio \*\*\*\*\* está ruim agora

(3) Porque os alunos fazem o que quer lá dentro, estão levando coisa pra fumar lá dentro

(4) Mas aqui tem um povo que acende

(1) Não minha filha porque toda escola é assim

(3) Mas no...

(1) Eu quero ir para lá porque é mais perto

(2) Se você quer ir para uma escola que não tem esses trombadinhas que fuma essas coisas vá pra escola de rico

(1) Não, não é trombadinha não

[começam a falar concomitantemente e fica inaudível]

(3) porque lá no \*\*\*\*\* só chega casado porque agora é assim

(2) Olhe ele é professor de lá viu?!

(eu) Não menina eu já fui

(3) Mas antigamente era bom não era não lá?

(1) Antigamente era cada broa que dava vontade de estudar lá, era umas broas gostosas...

(2) Eu nunca estudei em outra escola....

(1) Eu vou estudar lá que é mais perto

(2) Só estudei aqui na R\*\*\*\*\*...

(3) Eu já estudei aqui e no B\*\*\*\*\*

(4) eu já estudei aqui na M\*\*\*\*\* e no lado de lá....

(eu) Agora as ultimas perguntas diga Graças a deus vá hahahha a pesquisa é assim mais um bate papo não tem assim....

(2) É melhor que fazer dever....

[o estudante e as estudantes começaram a desviar a atenção porque previamente o diretor convidara para a gravação de um vídeo para a prefeitura municipal de Lagarto, e como estes perceberam que estava uma movimentação no lado de fora da sala começaram a se preocuparem com a gravação e com suas roupas]

(eu) O que vocês mais gostam na escola?

(4) Ir para o tiro de guerra [espaço pertencente a um campo militar do exército (especializado em atiradores) que funciona também como um anexo de atividade físicas da escola onde este grupo focal foi realizado]

[Mais uma vez houve digressão desta vez com o tema das aulas de educação física]

(eu) E porque quando você vai para a educação física você vai para bater nas canelas dos meninos.

[todas riem]

(3) Não é o futebol que a gente joga...

[Mais uma digressão]

(eu) Vocês já perceberam algum professor já praticou bullying com algum de vocês.

(3) Já com ela, chamou de quê você V\*\*\*\*\* aquela daqui?

(4) E você estava lá?

(1) Não foi daqui

(3) Foi sim que você disse aqui a minha professora agora de matemática

(1) Ei eu me esqueci já

(2) Quando me magoa eu não esqueço não

(3) Eu também não eu levo para o resto da vida

(1) Eu vou fazer o quê se esqueci, vou dizer que é mentira?

[Mais uma vez há uma digressão]

(1) Não foi disso não que eu falei, não foi de bullying não foi que eu faltei aula

(3) Foi uma piada que ela te deu

(1) Foi uma piada não foi bullying não

(3) E como você disse?

(1) porque ela falou que eu faltei aula entendeu quando minha mãe morreu, aí falaram a ela que mãe morreu e tudo e ela disse assim: - Pode morrer um cachorro que eu nem ligo. Aí eu fui na secretaria aí falaram: o certo é tirar ela daqui

(2) No dia que sua mãe morreu?!

(1) Mas também eu odeio essa professora do fundo do meu coração

(3) Ah se ela falasse isso comigo eu jogo tudo que tenho na cara dela

(1) bem assim se você tirar ela daqui, eu falei.

(eu) E você?!

(3) Eu o quê?

(eu) Você já sofreu ou praticou?

(3) Todo mundo me chama de quatro olho só porque uso óculos

(4) Eu também

(eu) Cadê os óculos?

(3) Está em casa eu me esqueci de trazer

(2) Eu não esqueço...

(eu) no caso são os quatro que usam óculos?

(4) É

(3) Quando eu ir pra o... como é o nome do negócio? Para o médico de vista fraquinho eu mais nem uso óculos

(eu) quantas pessoas chamam vocês de quatro olho?

(2) Oxe ninguém, se me chamar de quatro olho eu nem sei o que é que eu faço

(3) Deixe eu contar viu....

(4) Então vamos testar

(3) Vá chame

(2) Chame que na saída eu te acerto hahhahahahahaah

(4) Olhe professor está vendo? Calminha...

(eu) está vendo aí uma ameaça.

[Mais uma vez digressão]

(eu) Algum estudante na sala de vocês, [...] vocês já perceberam que ele era um pouco isolado, não tem muita

(2) Eu já

(4) O caladão da turma

(1) Eu

(eu) Exatamente

(2) Tipo depressivo, eu já vi um que era assim...

(1) Que a pessoa pergunta o que é e ele não quer falar entendeu?!

(2) Está certo ele vai ficar falando para quê?

(1) Mas tem gente que quer desabafar, entendeu?! Falar alguma coisa. Mas...

(4) Mas ninguém vai sair falando....

(2) Eu não desabafo com ninguém não, mas menino....

(eu) Mas aí o pessoal apelidava ele?

(2) Sem necessidade de desabafar. Gosto não

(eu) O pessoal falava alguma coisa?

(2) Acho que ninguém mexia com ele, eu acho que quando eu vi....nunca, mas ele era meio que depressivo

(1) Mas pode ter algum problema em casa alguma coisa

[Essa estudante demonstra solidariedade com o estudante quieto. Algo diferente das demais da turma]

(2) Meio que depressivo não assim sabe, que ele é meio calado entendeu?!

(eu) Pronto e você?

(3) Eu o quê? Fale com ele também

(eu) Ele já falou falta...

(3) Quer saber o quê?

(eu) Não menina, do estudante que é caladão diferente

(1) Então pode ser que ele tenha algum problema em casa...

(eu) não. Ela se ela estudou com algum

(4) A frase do dia é: se você tiver algum problema se f\*\*\*\*\*

(3) olha escutou?!

(eu) O quê?

(3) A frase do dia é: se você tiver algum problema se f\*\*\*\*\*

[todas riem]

(2) Motivação do ca\*\*\*\*\* hahahahaha

(eu) Bom vou faer agora as considerações finais...

(2) Eu gostei foi divertido

(3) As coisas de manha é mais coisado que as coisas de de tarde

(2) De tarde é passar pano lavar os pratos....

[Estava com o intuito de terminar a entrevista e comecei a conversar coisas diferentes da proposta do grupo focal normalmente a fim de captar algo para complementar mas então elas retornaram ao assunto e resolvi continuar]

(eu) Então no caso quando vocês sofriam ou via casos de bullying vocês sempre comunicavam as autoridades da escola?

(2) Com assim?!

(eu) Quando tinha algum bullying ou vocês não comunicavam a ninguém?

(3) Eu comunicava às vezes

(2) eu nem falava ninguém vai resolver

(1) Eu comunicava

[Mas um parte de digressão]

(4) Nos não quer que separe nós que briga

(3) Só não quer com nós, mas...

(1) Eu não sei

(3) Porque se a pessoa dizer que não gosta a pessoa gosta, senão não sabia quem era quem.

[Encerrei a entrevista e falei um pouco sobre sociologia para os estudantes e as estudantes]

**Anexos**

Foto de uma das formações de grupo focal na Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza quando havíamos terminado e estávamos lanchando.